

MARCELO MOREIRA ANTUNES

**AS ARTES MARCIAIS CHINESAS PARA PESSOAS
COM DEFICIÊNCIA: CONTEXTOS, DILEMAS E
POSSIBILIDADES**

***CHINESE MARTIAL ARTS FOR PEOPLE WITH
DISABILITIES: CONTEXTS, DILEMMAS AND
POSSIBILITIES***

Campinas
2013

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

MARCELO MOREIRA ANTUNES

**AS ARTES MARCIAIS CHINESAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA:
CONTEXTOS, DILEMAS E POSSIBILIDADES**

Orientador: Professor Doutor José Júlio Gavião de Almeida

***CHINESE MARTIAL ARTS FOR PEOPLE WITH DISABILITIES:
CONTEXTS, DILEMMAS AND POSSIBILITIES***

Tese de doutorado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em educação física, na área de concentração Atividade Física Adaptada.

Doctorate thesis presented to the PostGraduation Programme of the School of Physical Education of University of Campinas to obtain the Ph.D grade in Physical Education. Concentration area: Adapted Physical Education

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE A VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELO ALUNO MARCELO MOREIRA ANTUNES E ORIENTADO PELO PROFESSOR JOSÉ JÚLIO GAVIÃO DE ALMEIDA.



Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida
Orientador

Campinas, 2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
DULCE INES LEOCÁDIO DOS SANTOS AUGUSTO – CRB8/4991
BIBLIOTECA “PROF. ASDRUBAL FERREIRA BATISTA” FEF - UNICAMP

An89a Antunes, Marcelo Moreira, 1965-
As artes marciais chinesas para pessoas com deficiência: contextos, dilemas e possibilidades / Marcelo Antunes. --Campinas, SP: [s.n], 2013.

Orientador: José Júlio Gavião de Almeida.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Artes marciais. 2. Wushu. 3. Esporte adaptado. 4. Wushu adaptado. I. Almeida, José Júlio Gavião de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Chinese martial arts for people with disabilities: contexts, dilemmas and possibilities.

Palavras-chave em inglês:

Martial arts

Wushu

Sports for disabled

Adapted Wushu

Área de Concentração: Atividade Física Adaptada

Titulação: Doutor em Educação Física

Banca Examinadora:

José Júlio Gavião de Almeida [Orientador]

Edison Duarte

Renato Francisco Rodrigues Marques

Roberto Rodrigues Paes

Samuel Mendonça

Varição acadêmica: Marcelo Antunes

Data da defesa: 15-01-2013

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

COMISSÃO EXAMINADORA

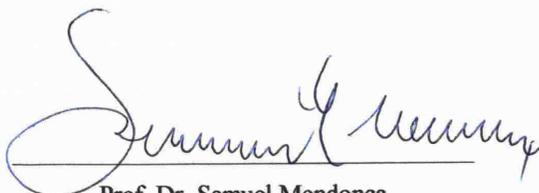
Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida
Orientador



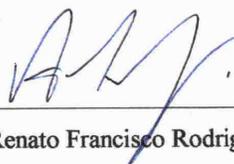
Prof. Dr. Edison Duarte



Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes



Prof. Dr. Samuel Mendonça



Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a meus pais, Almerindo Luiz Antunes e Maria da Penha Moreira Antunes. Responsáveis pela minha determinação em estudar, me dizendo sempre que “o conhecimento é um bem que não se perde e nem pode ser roubado, ele dura por toda a vida”.

AGRADECIMENTOS

Agradecer sempre é uma tarefa difícil. Difícil pelo medo de esquecer.

De esquecer aqueles que sempre estiveram ao seu lado, mesmo que sem parecer estar.

Esquecer aqueles que mesmo de longe torcem por você.

Assim, é difícil agradecer a todos, pois para chegar até aqui o caminho foi longo, e nele, em diferentes momentos, alguém me ajudou. De forma direta ou indireta, não importa.

Mas nem sempre a memória é suficiente para lembrar de todos.

Por isso é difícil. Então, pedindo desculpas antes das injustiças do meu esquecimento, agradeço a todos que de forma direta ou indireta, de perto ou de longe, física ou mentalmente, me ajudaram a trilhar esse caminho. E a conquistá-lo.

Obrigado!

ANTUNES, Marcelo Moreira. **As artes marciais chinesas para pessoas com deficiência: contextos, dilemas e possibilidades.** 2013. 214f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

RESUMO

As artes marciais sempre fizeram parte da cultura e da história do homem desde o início do mundo civilizado. Elas evoluíram e se transformaram a partir das necessidades contextuais do homem, entretanto, por muito tempo serviram enfaticamente para fins militares e políticos. Com o desenvolvimento das tecnologias bélicas, em especial no fim do século XVIII e início do século XIX, as artes marciais foram perdendo a sua importância militar, ganhando outros contornos e funcionalidades. Nesse contexto, o *wushu* destacou-se pelas novas perspectivas de prática voltadas para a saúde, esporte e lazer. É neste cenário de modificação das antigas tradições das artes marciais que o presente estudo estabeleceu como objetivo central a identificação de como as novas funcionalidades dessas tradições possibilitam a sua prática por pessoas com diferentes e peculiares condições e quais são as possíveis modalidades a serem praticadas, vinculadas às diferentes deficiências. Para a realização desse estudo, utilizou-se como técnica a aplicação de dois questionários distintos para mapear no Brasil, o número de praticantes e a prática do *wushu* por pessoas com deficiência, além da realização de entrevistas com professores da modalidade, vinculados direta ou indiretamente à Confederação Brasileira de Kungfu *Wushu* (CBKW), indicados por esse órgão, que possuem mais de 20 anos de prática. Também foram entrevistados alguns praticantes de *wushu* que possuem deficiência. A partir desses dados, são apresentadas modalidades do esporte vinculadas às diferentes deficiências, no sentido de sugerir possibilidades de prática. No Brasil, foi identificada a prática de *wushu* por pessoas com diferentes limitações, sendo que os mais recorrentes são os que apresentam deficiência física, seguidos pelos com problemas auditivos, intelectuais e visuais. Essa prática é realizada de modo não sistemático e sem um planejamento prévio, ocorrendo a partir da procura desse público pela modalidade. A atividade física e o esporte são entendidos como foco principal da prática, entretanto, os informantes consideram que a defesa pessoal seja também uma possibilidade. Foram identificados professores de *wushu* com deficiência atuando no ensino dessa modalidade, lecionando para alunos com e sem deficiência. As sugestões para a prática do *wushu* para esse público não contemplam todas as modalidades para qualquer deficiência. Algumas são indicadas, outras sugerem restrições e necessitam de adaptações, e outras, ainda, não são indicadas. Essas sugestões estão vinculadas às diferentes e peculiares condições apresentadas pela pessoa que pretende praticar o *wushu*. A partir da percepção dos informantes do estudo, todas as pessoas com diferentes tipos de impedimentos podem praticar o *wushu*, sempre dependendo do grau da deficiência, da adaptação dos conteúdos, dos métodos de ensino, e por último, da competência do professor envolvido.

Palavras-chave: Artes marciais. *Wushu*. Esporte adaptado. *Wushu* adaptado.

ANTUNES, Marcelo Moreira. **Chinese martial arts for people with disabilities: contexts, dilemmas and possibilities.** 2013. 214p. Thesis (Doctorate in Physical Education) - Faculty of Physical Education, State University of Campinas, Campinas, 2013.

ABSTRACT

Martial arts have been part of the culture and history of humankind since the beginning of the civilized world. They do not only evolved, but also adapted themselves for human necessities. However, martial arts were used for military and political purposes for a long time. With the development of weapons technologies, especially in the late eighteenth and early nineteenth century, the martial arts were losing their military importance, gaining contours and other features. In this context, wushu is highlighted by new perspectives of practice focused on health, sport and leisure. This study established as its objectives, under a changing scenario in ancient martial arts traditions, to identify how new features of these traditions allow its practice by people with different and peculiar conditions and what are the possible ways to be practiced, linked to various disabilities. In order to conduct this study, it was used as the technique to map in Brazil the number of practitioners and their practice wushu by people with disabilities, two separate questionnaires, including also interviews with people who teaches wushu, linked directly or indirectly to Brazilian Confederation of Kungfu Wushu (CBKW), given by that body, who possess over 20 years of practice. Wushu practitioners who have disabilities were also interviewed. From these data, it was presented the sport modalities linked to different disabilities, to suggest possibilities for practice. In Brazil, it was identified wushu practice by people with different limitations, and the most common were physically disabled people, followed by those with hearing, visual and mentally disabilities. This practice is carried out in a non-systematic and without prior planning, occurring due to the motivation of this public. Physical activity and sport are seen as the main focus of practice, however, the participants considered that self-defense is also a possibility. It was identified wushu teachers with disabilities working in teaching this modality for students with and without disabilities. The suggestions for practicing Wushu from this audience do not include all the arrangements for any deficiency. Some are indicated, others suggest some restrictions and require adjustments, and still others are not listed. These suggestions are linked to different and unique conditions presented by the person who intends to practice wushu. From informants' perspective of this study, everyone with different types of disabilities can practice wushu, always depending on the degree of disability, repurposing content, teaching methods, and at last, the competence of the teacher involved.

Keywords: Martial Arts. *Wushu*. adapted sports. adapted *Wushu*.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Ocorrência dos quatro tipos de deficiência no Brasil	67
Tabela 2 - Ocorrência das quatro deficiências por região do Brasil	68
Tabela 3 - Número de pessoas com alguma deficiência por região do Brasil	69
Tabela 4 - Praticantes de <i>wushu</i> com deficiência no Brasil segundo a filiação em federações estaduais	98
Tabela 5 - Distribuição de ocorrência de praticantes de <i>wushu</i> com deficiência de acordo com o gênero	98
Tabela 6 - Distribuição das ocorrências de praticantes de <i>wushu</i> com deficiência pelas unidades federativas do Brasil	99
Tabela 7 - Ocorrência de professores de <i>wushu</i> com alguma deficiência	100
Tabela 8 - Percepções dos informantes sobre o <i>wushu</i>	107
Tabela 9 - Percepção dos informantes sobre o <i>wushu</i> adaptado	108
Tabela 10 - Experiência no ensino do <i>wushu</i> para deficientes	109
Tabela 11 - Elementos necessários para o ensino do <i>wushu</i> para pessoas com deficiência	109
Tabela 12 - Possibilidade de prática do <i>wushu</i> relacionada ao tipo de deficiência	125
Tabela 13 - Relação entre o tipo de deficiência e a modalidade de prática possível no <i>wushu</i>	125

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Classificação funcional para deficiência física – amputações (membros superiores e inferiores)	89
Quadro 2 - Classificação funcional para deficiência física – lesão medular (classificação utilizada no basquetebol)	90
Quadro 3 - Classificação funcional para atletas com paralisia cerebral (PC) - baseado no manual da <i>Cerebral Palsy International Sports & Recreation Association</i> 1997-2000	90
Quadro 4 - Classificação esportiva do deficiente visual	91
Quadro 5 - Classificação de deficiência intelectual e síndrome de Down	91
Quadro 6 - Classificação de atletas para competições de esgrima em cadeiras de rodas	92
Quadro 7 - Classificação do nível de habilidade para atletas de Judô da <i>Special Olympics Games</i>	93
Quadro 8 - Número de praticantes de <i>wushu</i> no Brasil informado pelas federações estaduais	96
Quadro 9 - Indicação das modalidades para a prática do <i>wushu</i> para deficientes visuais	128
Quadro 10 - Indicação das modalidades para a prática do <i>wushu</i> para amputados	130
Quadro 11 - Indicação das modalidades para a prática do <i>wushu</i> para lesionados medulares	132
Quadro 12 - Indicação das modalidades para a prática do <i>wushu</i> para paralisados cerebrais	134
Quadro 13 - Indicação das modalidades para a prática do <i>wushu</i> para deficientes auditivos (surdos)	136
Quadro 14 - Indicação das modalidades para a prática do <i>wushu</i> para deficientes intelectuais	137

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO I METODOLOGIA.....	27
CAPÍTULO II WUSHU (KUNGFU): ORIGEM, DESENVOLVIMENTO E CARACTERÍSTICAS	33
2.1 O início	33
2.2 A origem do primeiro sistema de <i>wushu</i> com mãos desarmadas	34
2.3 O desenvolvimento do <i>wushu</i> na china	36
2.4 Funções, características e classificações do <i>wushu</i>	54
2.4.1 Funções do <i>wushu</i>	54
2.4.2 Características do <i>wushu</i>	57
2.4.3 Classificações do <i>wushu</i>	59
CAPÍTULO III DEFICIÊNCIA, ESPORTE ADAPTADO E CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL	65
3.1 Deficiência	65
3.1.1 Deficiência Visual	69
3.1.2 Deficiência Físico-Motora	73
3.1.3 Deficiência Auditiva (Surdez)	78
3.1.4 Deficiência Intelectual	81
3.2 Esporte para pessoas com deficiência	83
3.3 Sistemas de classificação para a prática esportiva	88
CAPÍTULO IV WUSHU ADAPTADO NO BRASIL: CONTEXTOS E DILEMAS.....	95
4.1 <i>Wushu</i> adaptado no Brasil: o contexto atual	95
4.2 Dilemas do <i>wushu</i> adaptado no Brasil: a perspectiva dos principais atores	101
4.2.1 Perfil dos informantes	101
4.2.2 A pessoa com deficiência nas antigas tradições do <i>wushu</i>	104
4.2.3 A pessoa com deficiência no <i>wushu</i> contemporâneo	105
4.2.4 As percepções do ensino do <i>wushu</i> adaptado pelos professores e mestres de <i>wushu</i>	106
4.2.5 As práticas inclusivas do <i>wushu</i> no Brasil	108
CAPÍTULO V SUGESTÕES PARA A PRÁTICA DO WUSHU ADAPTADO.....	117
5.1 A prática das pessoas com deficiência: as novas funcionalidades das artes marciais	117
5.2 Efeitos da prática das artes marciais: o que falam a literatura e os praticantes	121
5.3 Sugestões para a prática do <i>wushu</i> por pessoas com deficiência	124
5.3.1 Sugestões para a prática do <i>wushu</i> por pessoas com deficiência visual	128
5.3.2 Sugestões para a prática do <i>wushu</i> por pessoas com deficiência físico-motora	130
5.3.3 Sugestões para a prática do <i>wushu</i> por pessoas com deficiência auditiva (surdez)	136
5.3.4 Sugestões para a prática do <i>wushu</i> por pessoas com deficiência intelectual	137

5.3.5 Observações complementares sobre a prática do <i>wushu</i> por pessoas com diferentes e peculiares condições	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS	147
APÊNDICES	157
Apendice I: Termo de consentimento livre e esclarecido	158
Apendice II: Questionário sobre os praticantes de <i>wushu</i> nos estados filiados à Confederação Brasileira de Kungfu Wushu (CBKW)	160
Apendice III: Questionário para informações sobre deficientes praticantes de <i>wushu</i> no Brasil.....	161
Apendice IV: Roteiro de entrevista sobre as práticas adaptadas do <i>wushu</i> (kungu) no Brasil	163
Apendice V: Transcrições das entrevistas	164
Apendice VI: Quadro consolidado das sugestões para a prática do <i>wushu</i> para pessoas com deficiência	210
ANEXOS	211
Anexo I: Autorização para pesquisa com membros da Confederação Brasileira de Kungfu Wushu	212
Anexo II: Parecer de aprovação de pesquisa do Comitê de Ética da Unicamp	213

INTRODUÇÃO

As antigas tradições se estabeleceram, onde o tempo já não deixa suas marcas para se criar coesão social, de modo que o convívio fosse harmonioso entre todos e que se edificasse uma identidade única deste mesmo grupo. Essas tradições foram transmitidas de geração em geração em sua forma original, até o momento em que suas funções já não atendessem às configurações e demandas sociais. Desta forma, novas tradições foram criadas, ou como nas palavras de Hobsbawm e Ranger (2008), as tradições inventadas começam a surgir quando as antigas já não ocupam seu espaço original.

Essa dinâmica entre a criação e a invenção de novas tradições é aplicável a qualquer sociedade, desde que tradições existam. Portanto, também se aplicam às tradições da China e sua cultura. Um dos componentes que constituem fortemente a cultura chinesa são as artes marciais (*wushu*). Em sua história, o *wushu* foi construído a partir das experiências vividas pelos chineses no campo de batalha. Uma cultura repleta de histórias sobre conquistas, confrontos e invasões, que o cunhou como instrumento de defesa da nação, tomada de poder e conquista de territórios, onde o foco militarista era a tônica principal.

Essa perspectiva militar também moldava os corpos e determinava suas funções, e por isso a existência de um padrão de desempenho e estética era construída culturalmente. Deste modo, a padronização estabelecia uma barreira para o convívio da diferença e portanto, para a participação social ampla. Ao longo de sua história, a prática do *wushu*, assim como costumes de diversas culturas na antiguidade, era elitista e não permitia o acesso de pessoas com deficiências de qualquer espécie, pois esta era a prerrogativa dos mais fortes e mais aptos, segundo os padrões vigentes até o início do século XX. Essa tradição se enraizou profundamente nos ensinamentos do *wushu* na China.

Após a fundação da República Popular da China, em outubro de 1949, dois grandes movimentos sociais e políticos influenciaram as tradições do *wushu*. O primeiro foi a reestruturação do esporte, de suas funções sociais e de seu sistema organizacional. O segundo foi o êxodo de chineses, incluindo os mestres de *wushu*, que fugiram da guerra, da opressão e da instabilidade civil, em busca de novas oportunidades e de uma vida melhor em terras distantes. A China passava por grandes transformações e dificuldades no período subsequente à 2ª Grande Guerra.

Segundo Hong (2003) a partir de 1949, a China passou por intensas mudanças políticas, culturais e sociais, capitaneadas pela instauração do comunismo como ideologia política e pela fundação da República Popular da China. Essas mudanças, que atingiram profundamente o esporte, também influenciaram o *wushu*, que sofreu alterações no sentido de se tornar um esporte praticado amplamente pela população e também para se transformar em um esporte olímpico.

O êxodo de chineses que se espalharam pelo mundo, em especial pelas Américas, foi gerado por transformações vividas na China desde o fim do império Qing, em 1911, até a instalação completa do regime comunista de Mao Zedong, como afirma Roberts (1999). Essas mudanças se constitui como o segundo grande movimento que influenciou a modificação das tradições marciais da China. Essas tradições, que seguiram na bagagem dos chineses que se deslocavam pelo mundo, encontraram pela frente diversos obstáculos à sua manutenção, como novas culturas, novos hábitos e principalmente, novos idiomas, que foram fatores de modificação dessas antigas tradições marciais. Esse encontro de culturas diferentes promoveu o que Burke e Hsia (2009) chamam de tradução cultural, que é o que ocorre quando duas ou mais culturas distintas se deparam e se relacionam. Nesta ‘tradução’ a modificação de entendimentos e de costumes são alterados, pois as antigas tradições não encontram mais a sua plena funcionalidade, dada aos novos contextos que se apresentam.

Leite (1999) e Lesser (2001) afirmam que os primeiros imigrantes chineses que estiveram pelas terras brasileiras aportaram no Rio de Janeiro em 1810, para a implantação da cultura do chá. Entretanto, o contingente desses imigrantes para o Brasil teve um aumento significativo a partir da década de 1920, chegando ao número de 300, nessa época, como indica Fausto (2009).

Mas, foi no final da década de 1950 que os chineses vindos de Hong Kong iniciam um período significante para o *wushu* no Brasil. Ao chegarem a São Paulo após desembarcarem no porto de Santos, logo se uniram às suas comunidades, que se dividiam de acordo com a província, região ou vilarejo ao qual pertenciam originalmente. Desta forma, muitos grupos de chineses se organizaram em São Paulo, principalmente no bairro da Liberdade, reduto das comunidades asiáticas na cidade. Mas, era no seio de seu grupo social que as atividades culturais se realizavam nunca sendo abertas aos não chineses, mantendo assim suas tradições marciais preservadas.

No ano de 1960, um grupo de paulistanos modificou essa tradição. Insistindo

diariamente no convencimento de um chinês, que trabalhava na pastelaria da família no centro de São Paulo, para que este lhes ensinasse *wushu*, eles alcançaram seu intento. E nesse mesmo ano, a primeira turma de brasileiros iniciou seu aprendizado de *wushu* em uma marcenaria, sempre após o expediente de trabalho. Esse chinês que se chamava Chan Kwok Wai era um dos imigrantes vindos de Cantão e que aportara em São Paulo há um ano.

A iniciativa de Chan Kwok Wai de ensinar aos brasileiros pouco a pouco foi contagiando outros conterrâneos que iniciaram modestamente suas próprias turmas de alunos não chineses. Dentre eles estavam Moy Gin Ying (mestre Wong), Chiu Ping Lok (mestre Lop) e Lee Way Yin. Foi esse movimento de aproximação entre chineses e brasileiros em torno da prática do *wushu*, que permitiu que a modalidade se difundisse em outros lugares e, lentamente, fosse se disseminando para outras cidades no Brasil e que o contato entre culturas diferentes desse início a tradução da cultura e a modificações de antigas tradições.

Durante a década de 1970, outros chineses vieram ao Brasil e iniciaram o ensino do *wushu* em estados como o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Mato Grosso, dando continuidade ao processo de expansão do ensino em território nacional, como afirma DaCosta (2006). No final da década de 1980, em São Paulo, foi fundada a primeira federação estadual de *wushu*, dando início a outra fase desta modalidade no Brasil, a da organização institucional e da gestão do *wushu* como esporte de alto rendimento.

Todo esse processo de ensino, disseminação e esportivização do *wushu* no Brasil, seguiu em paralelo aos movimentos mundiais de transformação do esporte e da consolidação do esporte adaptado. A transformação do esporte em nível mundial foi influenciada por diversos fatores, como apontam Marques et al. (2009); dentre eles, está a ideia da inclusão social vinculada às práticas esportivas, com a inserção de pessoas com deficiência no mundo esportivo, através da adaptação das suas práticas.

Essa ideia, de acordo com Marques et al. (2009), indicam que:

O princípio da inclusão consiste na incorporação de corpos que se encontram fora dos padrões de normalidade (física, fisiológica, comportamental, social) estipulados por determinado grupo social, e que necessitam de superação e compreensão daqueles inseridos nos padrões de normalidade para serem aceitos (p.369).

Desta maneira, a adaptação das práticas surge como uma forma para a superação dessas diferenças impostas pelos padrões vigentes em um grupo social específico. Isso se opõe às perspectivas do esporte adaptado, que tem sua gênese apoiada no binômio: reabilitação e inclusão

social. Portanto, o esporte adaptado se consolida em um amplo espectro de possibilidades de prática, podendo atender tanto à dimensão do alto rendimento, quanto à do lazer e da educação, colocando-o em consonância com as ideias do esporte contemporâneo.

O *wushu* se aproxima da perspectiva da inclusão social quando os conceitos militaristas são distanciados pela dimensão da prática em uma concepção esportiva ou recreativa favorecida pelas mudanças das antigas tradições. Essas mudanças, tomando com base o pensamento de Hobsbawm e Ranger (2008) e de Burke e Hsia (2009), implicam em novas leituras das antigas tradições marciais chinesas que se colocam no mundo contemporâneo e especificamente no Brasil. A ideia do corpo perfeito e funcional se transforma em possibilidades de participação dos diferentes. É nesse contexto que surge o questionamento: quais os desafios para o ensino de *wushu* com pessoas com deficiência?

De modo a encontrar resposta ao questionamento apresentado na presente pesquisa, se faz necessário o estabelecimento de objetivos a serem alcançados ao final do trabalho. Esses objetivos estão descritos a seguir.

1. Analisar como a pessoa com deficiência era percebida nas antigas tradições das artes marciais chinesas;
2. Analisar as percepções pedagógicas dos mestres e professores de *wushu* na China acerca da modalidade adaptada;
3. Analisar as percepções pedagógicas dos mestres e professores de *wushu* no Brasil acerca da modalidade adaptada;
4. Identificar onde as práticas inclusivas ocorrem no *wushu* do Brasil;
5. Analisar de que forma essas práticas inclusivas identificadas ocorrem nas aulas de *wushu* no Brasil;
6. Apresentar sugestões de como a prática do *wushu* deve ser desenvolvida com pessoas com deficiência no Brasil. No sentido de alcançar o objetivo específico apresentado, se faz necessário o atendimento das questões abaixo:
 - O que fazer para possibilitar o acesso à prática do *wushu* por pessoas com deficiência?
 - Como fazer para que a prática do *wushu* adaptado seja adequada às pessoas com deficiência?
 - Quais são as pessoas e deficiências possíveis de serem incluídas na prática do *wushu* adaptado?

Os objetivos apresentados acima são fundamentais no sentido de consolidar as bases necessárias para o entendimento de como a modificação do contexto da arte marcial chinesa, em nível mundial, e especificamente no Brasil, possibilita a prática dessa modalidade por pessoas com deficiência, além da construção de sugestões para a realização dessa prática. Essa modificação diz respeito às mudanças culturais vividas por seus praticantes, por suas práticas e por suas tradições durante o processo de difusão dos *wushu* no mundo, através do movimento migratório de mestres chineses predominantemente após a década de 1950.

Este estudo se justifica pelo fato de as artes marciais terem ganhado enorme espaço na dimensão esportiva brasileira, e, ainda, porque há poucos estudos sobre o *wushu* publicados no Brasil, especialmente na área da educação física, mais especificamente em educação física adaptada. De acordo com um levantamento preliminar dos dados disponíveis no Banco de Teses da CAPES em 2010, há apenas 16 trabalhos sobre o tema e apenas quatro deles são na área da educação física. Desses trabalhos, nenhum aborda a educação física adaptada vinculada à arte marcial chinesa. No campo literário, em sua maioria, são obras traduzidas de livros editados em países do hemisfério norte. Poucas são as obras publicadas no Brasil que foram escritas em solo nacional a partir das experiências aqui vividas. Correia e Franchini (2010) ratificam estes dados, quando apresentam em seu estudo uma carência de publicações sobre as lutas no Brasil. Desta forma, pesquisas desenvolvidas sobre o tema vêm preencher uma lacuna na área da educação física adaptada e que posteriormente poderá servir de base para a realização de outros estudos sobre o *wushu* adaptado e, inclusive, para outras artes marciais.

O estudo está dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo apresenta a metodologia utilizada para a realização do estudo. No segundo capítulo são apresentados os aspectos históricos do *wushu*, seu desenvolvimento e suas características para a prática. O terceiro, trata da deficiência, do esporte adaptado e dos sistemas de classificação para a prática dos esportes adaptados. No quarto, são apresentados aspectos sobre a prática do *wushu* adaptado no Brasil, seus contextos e dilemas. No quinto capítulo são apresentados aspectos importantes para a prática do *wushu* por pessoas com deficiência, além das sugestões para a realização dessa prática para pessoas com diferentes e peculiares condições. E por fim, são apresentadas as considerações finais, com a demonstração das conclusões, do alcance do estudo e sugestões para posteriores estudos.

CAPÍTULO I - METODOLOGIA

O presente estudo, de característica qualitativa, se dividirá em duas etapas distintas. A primeira se caracterizará pelo foco exploratório do número de praticantes de *wushu* no Brasil, da ocorrência da prática do *wushu* por pessoas com alguma deficiência e de como essa possibilidade de prática é percebida por praticantes, professores e mestres. A segunda será centrada na construção de sugestões para a prática do *wushu* por pessoas com deficiência.

Para executar a tarefa da primeira etapa proposta, são fundamentais as aplicações de questionários exploratórios e de entrevistas com os principais atores do *wushu* no Brasil e com alguns informantes de elite na China. De acordo com Thompson (2002), no que se refere às entrevistas, a busca de confirmação em outras fontes deve ser realizada para que os dados coletados tenham fidedignidade e consistência interna. A procura de confirmação em outras fontes empresta às fontes orais uma consistência irrefutável. Minayo (2004) corrobora com essa afirmação apresentando o método de Triangulação para a verificação da fidedignidade dos dados coletados em entrevistas nas pesquisas qualitativas. Esse método foi utilizado para a confrontação dos dados coletados nas entrevistas, utilizando-se a comparação entre as entrevistas e os dados coletados no questionário do censo e do questionário exploratório sobre o *wushu* adaptado no Brasil.

Sobre a importância das entrevistas, Booth, Colomb e Williams (2005) afirmam que algumas informações só foram conseguidas com as pessoas, pois não estão em livros ou em outros documentos. Thompson (2002, p.137) concorda com isso quando afirma que “a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história”. Tendo em vista a escassez de fontes literárias, as entrevistas serão de vital importância para a realização do estudo e a constituição de um *corpus* de dados significativos para atender as demandas dos objetivos apresentados anteriormente.

As fontes documentais se apresentam de duas formas. Primeiro para a confirmação do que é posto nas entrevistas, segundo como forma complementar para análise qualitativa dos fatos, conforme afirma Thompson (2002). Desta maneira, os resultados dos questionários, serão fonte de dados para dar consistência às entrevistas. Para Bauer e Gaskel (2002, p. 56), “imagens, textos e entrevistas individuais e com grupos focais podem ter a ver com partes do mesmo projeto de pesquisa; mas devem, contudo, ser separados em *corpora* diferentes para comparação”. Deste

modo, as interações entre os tipos diferentes de dados servem ao propósito fim do estudo, validando as diversas informações colhidas no processo da pesquisa e fornecendo uma análise consistente dos fatos.

Ainda para a primeira etapa da pesquisa, entrevistas semiestruturadas foram aplicadas aos informantes que participam do ensino do *wushu* no Brasil na atualidade e em sua fase de esportivização, no sentido de colher dados para se alcançar os objetivos 2, 3, 4 e 5 apresentados anteriormente. Para a realização das entrevistas, foi solicitada autorização formal à Confederação Brasileira de Kungfu Wushu (CBKW), através de documento elaborado para esse fim, conforme apresentado no Anexo I. Ainda foi solicitada a CBKW indicação de possíveis informantes para participarem do estudo que na perspectiva da instituição fossem relevantes para o *wushu* em nível nacional e internacional. Esses informantes foram convidados a participar da pesquisa de forma voluntária, aos quais foi esclarecido que poderiam retirar as suas contribuições ao estudo a qualquer momento, além de terem seus nomes preservados, caso quisessem. Na perspectiva de Becker (1997), por participarem da mesma rede de relações de forma direta ou indireta, neste caso a CBKW, os informantes conferem aos dados uma significativa representatividade no universo do *wushu* esportivo pesquisado.

A todos os informantes, que participaram do estudo de forma voluntária, foi apresentado o termo de livre consentimento para sua assinatura, com a explicação detalhada sobre os objetivos da pesquisa, sua importância, como os dados fornecidos serão utilizados e que não existem riscos previsíveis da sua participação, permitindo assim que as informações prestadas por eles sejam utilizadas na pesquisa em acordo com o que é posto na Resolução CEP nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Cabe ainda ressaltar que não houve participação de grupos vulneráveis. No Apêndice I é apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido. A todos os informantes voluntários, será garantida a não divulgação de suas identidades, caso assim desejassem, objetivando com isso a diminuição de possíveis desconfortos causados pela exposição de suas informações. Todas as entrevistas foram realizadas pelo pesquisador responsável, o que garante a confidencialidade dos dados obtidos. É relevante ressaltar que o presente estudo foi encaminhado ao Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, recebendo parecer favorável sob o número 753/2010, CAAE: 0587.0.146.000-10, como apresentado no Anexo II.

Inicialmente foi aplicado um questionário (Apêndice II) para levantar o número de

praticantes de *wushu* no Brasil. O questionário, composto por questões fechadas sobre o número de professores, instrutores, atletas e praticantes de *wushu* existentes nos estados, foi enviado via E-mail para os presidentes das 21 federações filiadas à Confederação Brasileira de *Kungfu Wushu*, no primeiro semestre de 2011. Procedeu-se uma análise descritiva sobre o número desses praticantes, dividindo-os por estados respondentes.

Seguindo-se ao levantamento do número de praticantes de *wushu* no Brasil, foi novamente enviado por E-mail aos presidentes dessas mesmas 21 federações, um questionário para quantificar a ocorrência de praticantes com alguma deficiência, sejam estes filiados ou não às federações. O questionário (Apêndice III) é composto de perguntas fechadas para a quantificação de praticantes que se enquadram nas quatro principais deficiências reconhecidas pela literatura, a saber: visual, auditiva, motora e intelectual.

Após a obtenção das informações acima, procedeu-se a seleção dos informantes a serem entrevistados a partir das indicações realizadas pela direção da CBKW. Os critérios de seleção estabelecidos foram: apenas os professores com mais de 20 anos de prática no *wushu* seriam entrevistados, e que todos deveriam estar direta ou indiretamente ligados à CBKW, por meio de uma linha hierárquica direta entre suas associações e federações estaduais. Esse último critério se estabeleceu pelo caráter oficial esportivo que a CBKW possui, enquanto entidade vinculada ao Comitê Olímpico Brasileiro. As entrevistas se constituíram como fontes primárias de dados - o roteiro de entrevista está apresentado no Apêndice IV. As entrevistas visaram coletar dados sobre as práticas do *wushu* para pessoas com deficiência, suas perspectivas sobre o ensino e atividades para essas pessoas e práticas inclusivas quando houver.

Praticantes de *wushu* com deficiência também poderiam ser entrevistados. Estes foram indicados pelos professores entrevistados, a partir do conhecimento da sua existência e localização. Além da indicação dos professores, esses praticantes ainda deveriam atender ao critério de seleção de praticarem o *wushu* há pelo menos um ano. As transcrições de todas as entrevistas – de professores e de praticantes - estão apresentadas no Apêndice V.

O tamanho da amostra para as entrevistas foi definido pelo princípio da Saturação Teórica, que afirma que quando os dados fornecidos pelos informantes começam a se repetir, e quando novos entrevistados não apresentam adicionais contribuições, significa que há uma saturação das informações coletadas. Isso indica que não há a necessidade de se incluir novos informantes à amostra.

Segundo Fontanella, Ricas e Turato (2008), os primeiros autores a apresentarem o

conceito de Saturação Teórica foram Glasser e Strauss, em 1967. Porém, esse conceito metodológico das ciências sociais aplicado à área da saúde que tem por objetivo delimitar o número amostral de um estudo qualitativo, está longamente descrito em Fontanella, Ricas e Turato (2008) e em Fontanella et al. (2011). Becker (1997) também apresenta uma forma similar de delimitação do número amostral em pesquisas qualitativas, porém com o nome de Bola de Neve.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial, individualmente com os professores identificados neste estudo como informantes. Com os praticantes com deficiência visual, houve a necessidade de se utilizar a técnica de Grupo Focal (MORGAN, 1997), pois a dificuldade logística de entrevista-los individualmente colocou-se como fator determinante para o uso desta forma de coleta de dados. A entrevista com um praticante com deficiência física foi realizada de forma individual.

Apesar da apresentação de dados coletados através dos questionários no formato de tabelas e quadros, o que confere uma característica quantitativa, as análises desses dados são predominantemente qualitativas, dando viés metodológico do estudo.

Para a análise das entrevistas foi utilizado o método de análise do conteúdo de Bardin (2011). A fidedignidade dos dados coletados nas entrevistas foi verificada através do método de Triangulação apresentado por Minayo (2004), onde houve uma comparação entre os dados das entrevistas coletadas e os dados dos questionários exploratórios.

Os dados coletados nas entrevistas serviram de base para as reflexões que possibilitaram a construção das sugestões para a prática do *wushu* por pessoas com diferentes e peculiares condições. Isso se deve ao escasso material literário que se encontra disponível acerca do *wushu*, principalmente no Brasil. O que se tem publicado em língua portuguesa, são alguns artigos que dão conta de treinamento, fisiologia do treinamento, biomecânica e benefícios da prática, o que para este estudo se tornou inócuo quanto fonte de referência para a proposta do trabalho.

Em relação aos livros publicados sobre o tema, o que se pode verificar são traduções, predominantemente do inglês, de obras escritas nos Estados Unidos da América, e que não abordam questões pertinentes a esta pesquisa, pois essas obras têm ênfase no ensino de técnicas padronizadas e não na discussão teórica ou metodológica do ensino do *wushu* para pessoas com deficiência. Por outro lado, a literatura escrita no Brasil sobre o *wushu* se apresenta, em sua maioria, como manuais técnicos e livretos de banca de jornal, publicados por editoras de pouca

representatividade acadêmica e com conteúdo que não permite uma análise mais aprofundada sobre a modalidade e questões pertinentes à pesquisa. De algum conteúdo significativo, há cinco obras publicadas no Brasil: uma sobre o *wushu* e a coreografia criativa vinculada à dança de Andraus (2010), uma sobre o *wushu* aplicado à educação física escolar de Lima (2000), outro sobre *wushu* no modelo de manual de Chan e Veiga (1995), dois sobre *Taijiquan*¹, um de Wu (1998) e outro de Wu (1987) que também abordam questões sobre a prática e temas culturais superficiais.

No que se refere a dissertações e teses, após uma busca no banco de teses da CAPES, realizada no segundo semestre de 2010, pode-se identificar 13 dissertações e três teses que versavam sobre o tema *wushu*. Entretanto, apenas quatro dissertações são na área da educação física. Os demais trabalhos se dividem em áreas como Educação (3), Ciências da religião (1), Psiquiatria e Psicologia médica (1), Gerontologia (1), Saúde na comunidade (1), Educação, Administração e Comunicação (1), Engenharia biomédica (2), Psicologia da saúde (1) e Patologia (1). Para essa verificação da produção acadêmica em nível de pós-graduação sobre o tema desta pesquisa, utilizou-se as palavras-chave ‘*kungfu*’, ‘*kung fu*’, ‘*tai chi chuan*’, ‘*taijiquan*’, ‘*kuoshu*’ e ‘*wushu*’, para a busca no Banco de Teses da CAPES, pois são termos correlatos às artes marciais chinesas e por consequência vinculados diretamente ao foco do estudo. Esses termos foram também os utilizados no estudo de Gutiérrez, García e Molina (2011) para se relacionar com as artes marciais chinesas. Desse modo, a escassez de fontes literárias que contribuam significativamente para o trabalho imprime a necessidade de se recorrer às entrevistas com os atores que participaram diretamente do processo alvo da pesquisa em questão.

A partir das análises dos dados, são apresentadas sugestões para a prática do *wushu* por pessoas com deficiência. A literatura de apoio inicial para a proposta dessas sugestões será Gorla (2008), Gorgatti e Costa (2008), Castro (2005) e Winnick (2004).

Essas sugestões para a prática se apoiaram, ainda, na análise dos sistemas de classificações médicas e esportivas atualmente utilizadas nos esportes paralímpicos, disponíveis na literatura consultada, além das confederações e federações correlatas. A análise de trabalhos já realizados com modalidades similares ao *wushu* também serviram de fundamento para essa construção.

¹ Aqui se utilizará o termo *Taijiquan* em lugar de *Taichichuan*. Esse último mais popular, entretanto o primeiro é o termo oficial, utilizado pela Republica Popular da China.

CAPÍTULO II - WUSHU (KUNG FU): ORIGEM, DESENVOLVIMENTO E CARACTERÍSTICAS

Este capítulo pretende apresentar três aspectos das artes marciais chinesa: a origem histórica, o seu desenvolvimento e as suas características. Tanto a origem quanto o seu desenvolvimento serão apresentados de forma cronológica. As características serão descritas de forma categorizada, destacando-se as diferentes funções e classificações.

As artes marciais fazem parte da cultura corporal do homem desde a antiguidade. Pode-se identificá-las nas mais diversas sociedades, dos sistemas mais simples aos altamente sofisticados e complexos. São encontradas desde as Américas, como é o caso do *Huka-Huka* na região do rio Xingú, em território brasileiro, até nas florestas da Indonésia, localizadas entre a Ásia e a Oceania, como o *Pentjak Silat* de influência indiana. É nessa diversidade cultural do homem que encontramos o *wushu* (武术), com sua extensa história de desenvolvimento ao longo da evolução do povo chinês.

A arte marcial chinesa ou o *wushu* teve sua origem em tempos remotos, na época do Imperador Amarelo (*Huangdi*), no momento em que o povo chinês inicia a construção de sua história civilizada (BIAN, 2010). Mas para contextualizar esse período histórico é necessário voltar no tempo até o momento em que o homem faz a sua transição de nômade (caçadores e coletores) para a condição de agricultor.

2.1 O início

No período entre 30 mil e 40 mil anos atrás, o homem já estava plenamente estabelecido na África, Ásia e Europa. Este homem, na perspectiva de Ridley (2006, p.571) era os “humanos anatomicamente modernos”, assim como nós. Na perspectiva da Evolução do Homem, o grande salto evolutivo foi no período em que o homem iniciou a transição de nômade para agricultor. Esse processo gradual se originou há 10 mil anos, nas terras férteis entre os rios Tigre e Eufrates, berço da civilização humana, segundo afirma Dawkins (2009). Ainda de acordo com este autor, a revolução agrícola ocorreu provavelmente em locais independentes, como nas margens do rio Nilo ou nas do rio Amarelo (*Huanghe*) na China. E é nesse local que começa a história do *wushu*.

Para Dawkins (2009, p.46), “a transição do nomadismo da vida de caçadores-coletores para um estilo de vida agrícola sedentário pode representar a primeira vez que as pessoas tiveram um conceito de lar”. Isso suscitou a necessidade de proteger esse lar, pelos agricultores sedentários, dos ainda caçadores-coletores, pois a revolução agrícola não havia atingido a todos ao mesmo tempo. Esse processo de transição, que Montenegro (1974) chama de ‘neolitização’, favoreceu também a criação do urbanismo, da legislação, da escrita, da hierarquização da família e da sociedade, além do desenvolvimento de cultos comunitários. Ou seja, auxiliou no desenvolvimento de valores técnicos, artísticos e éticos da sociedade atual. Os bens começaram a ser produzidos, armazenados e comercializados.

Esse desenvolvimento humano é localizado por Montenegro (1974) em dois locais específicos na China, um no vale do rio Amarelo e outro nas zonas circundantes ao norte e ao sul deste rio. É, às margens do rio Amarelo, no período Neolítico (4000 a.C. - 1700 a.C.), que nasce a civilização chinesa e posteriormente a primeira dinastia, conhecida como *Xia* (夏). Este posicionamento é reforçado por Roberts (1999), quando afirma que a dinastia *Xia* foi fundada no ano de 2205 a.C. nas margens do rio Amarelo, perto de *Luoyang*. Neste contexto cronológico e geográfico ocorreram os fatos que desencadearam origem do *wushu*.

2.2 A origem do primeiro sistema de *wushu* com mãos desarmadas

No norte da China, nas planícies ao longo do rio Amarelo, existiam diversos grupos sociais primitivos que subsistiam da caça, da pesca e de atividades agrícolas rudimentares. Segundo Montenegro (1974), é nesta região que se encontram achados arqueológicos significativos do período Neolítico (4000 - 1700 a.C.) da história da China. Foram achados artefatos como vasos, urnas funerárias e potes de cerâmica da cultura *Yangshao*. Outras duas culturas se mostravam presentes nessa região durante o mesmo período, eram elas: a *Longshan* (龙山) e a *Xiaotun* (小屯). Os utensílios descobertos demonstram que três grupos distintos iniciavam a organização de suas próprias culturas e desenhavam o início dos períodos dinásticos da China.

De acordo com Chung (1997), por volta do ano 2698 a.C., viviam nessa região quatro grupos sociais que se organizavam como clãs que eram chamados de *Xia*, *Jiang*, *Li* e *Yi*. As disputas por terras, locais de caça e de pesca eram constantes entre estes grupos. Neste momento,

não havia uma tribo dominante, até que um homem chamado *Xuanyuan* (轩辕) se tornou o líder do clã *Xia* e os liderou contra o clã dos *Jiang*, que tinha como seu líder *Yandi*, levando-os à vitória. *Xuanyuan* seria conhecido mais tarde como *Huangdi* (黄帝), o Imperador Amarelo.

Após a vitória sobre os *Jiang*, *Xuanyuan* estabeleceu uma aliança entre os clãs *Yi* e *Jiang*, objetivando combater o clã *Li*, composto por nove tribos lideradas por *Chiyou* (蚩尤), o ‘Homem do Sul’. Nessa época as armas utilizadas eram feitas de pedras cortantes de pequeno porte, além da utilização de arremesso de pedras contra os inimigos e algumas lanças usadas para caça.

Zhoulu, nome antigo da região de *Fanshan*, localizada na atual província de *Hebei* (河北), foi o local onde ocorreu a derradeira batalha entre as forças do clã *Li* de *Chiyou* e as forças da aliança estabelecida por *Xuanyuan*. Os guerreiros do exército de *Chiyou* usavam capacetes com chifres de animais para que durante as lutas pudessem atacar seus inimigos com golpes de cabeça, ferindo-os. Usavam ainda as armas comuns da época, tais como porretes de madeira, machados de pedras e as próprias pedras que eram arremessadas sobre o inimigo. As técnicas usadas com os capacetes de chifres eram, naquele tempo, um avanço tecnológico no que se refere às estratégias de combate, o que dava vantagem ao grupo de *Chiyou*. Analisando as técnicas dos chifres utilizadas por *Chiyou*, *Xuanyuan* organizou um sistema de treino entre os guerreiros da aliança para que pudessem se defender dos ataques dos capacetes com chifres, melhorando a possibilidade de contra-ataques com as lanças de madeira criadas por ele.

Ainda segundo relatos de Chung (1997), um dos vinte cinco filhos de *Xuanyuan*, chamado de *Hui*, criou o arco e a flexa de bambú, que também foram usados nesta guerra histórica. Com as técnicas treinadas pelos guerreiros de *Xuanyuan* contra os ‘chifres’ de *Chiyou*, a soberania mudou de lado. Na montanha *Li*, *Xuanyuan* finalmente venceu os guerreiros do clã *Li*, pondo fim à vida de *Chiyou*. Após sua morte, vários sobreviventes do clã *Li* seguiram o líder chamado *Kuafu*, comandante do exército de *Chiyou*. Este líder os comandou para uma região no sul da China, atualmente conhecida como a província de *Guizhou* (贵州). Esta região é povoada pela etnia *Miao* (苗族), descendentes diretos das nove tribos de *Li*, da região de *Zhoulu*.

Após essa vitória histórica, os clãs do norte elegeram *Xuanyuan* como líder de todas as tribos e lhes deram o título de *Huangdi*, o Imperador Amarelo. Ele foi responsável pela promoção do casamento entre tribos diferentes para desenvolver uma etnia mais homogênea,

dando origem, assim, à etnia *Han*. Ele promoveu diversas melhorias no modo de vida do seu povo, iniciando pela fundação da capital da nova Nação em *Youxiong*, atualmente conhecida como *Xinzheng* (新郑) na província de *Henan* (河南).

Apesar das várias reformas promovidas por *Huangdi*, um dos fatos mais importantes para as artes marciais chinesas foi a instituição dos jogos comemorativos da vitória de *Zhuolu*. Nestes jogos, os competidores demonstravam as técnicas de luta entre dois guerreiros vestidos de capacetes com chifres, teatralizando a batalha histórica. Nesta luta demonstrativa, ambos os guerreiros deveriam atacar-se com o objetivo de lhe perfurar com os chifres, lembrando os soldados de *Chiyou*, e deveriam se desvencilhar dos golpes e derrubar o adversário. O festival comemorativo se tornou tradição da cultura da região, perdurando por vários séculos. Na afirmativa de Wu, Li e Yu (1992), essas performances teatrais evoluíram até se tornarem a técnica conhecida atualmente como *Shuaijiao* (摔角), que significa, literalmente, “chifrar e derrubar”.

Li e Du (1991) afirmam que os soldados da época utilizavam jogos de luta para seu treinamento. Esses jogos rudimentares eram também chamados de danças, que pertenciam a um grupo denominado “danças dos cem animais”. Existiam dois tipos de jogos ou danças para treinamento militar: na primeira, se utilizavam escudos e machados para o combate entre dois oponentes e, na segunda, os combatentes usavam capacetes com chifres de touro ou de cervo, com o objetivo de ferir seu oponente mediante o ataque com a cabeça.

2.3 O desenvolvimento do *wushu* na China

A partir do festival comemorativo criado por *Huangdi* para lembrar a batalha contra *Chiyou*, novas técnicas se desenvolveram para impedir que os chifres produzissem ferimentos graves ou fatais. Movimentações de pernas e braços foram introduzidas no treinamento dos competidores, dando início às primeiras formas de luta desarmadas na China, denominadas de *Quanfa* (拳法). O *Quanfa* ou “posturas de mãos” deu origem aos *taolu*² (套路), e são as estruturas que organizam os repertórios de técnicas dos diversos estilos de *wushu* praticados na China. As novas técnicas introduzidas para um confronto mais eficiente e visando evitar graves lesões, são

² São sequências coreografadas de defesa e ataque ensinadas e treinadas que caracterizam e diferenciam as diversas escolas e estilos de *wushu* na antiguidade e também na atualidade.

organizados pelos princípios chamados de *Ti* (踢 – técnicas de chutar ou golpear com os membros inferiores), *Da* (打- técnicas de socar ou golpear com membros superiores), *Shuai* (摔 – técnicas de derrubar) e *Na* (拿 – técnicas de imobilizar). Esses princípios agrupam e classificam as diversas técnicas dos repertórios dos diferentes estilos de *wushu*. Formando a base da arte marcial chinesa que conhecemos hoje.

Durante a Era do Bronze, que compreendeu de 1700 a 500 a.C., e a do Ferro, de 500 a 221 a.C., as técnicas que foram treinadas pelo exército de *Huangdi* continuaram sendo praticadas em exibições durante os festivais e nos treinamentos militares dos exércitos, como preparação para as batalhas. Durante esse período, essas técnicas eram conhecidas como *Jiaodi* (角抵), que significa ‘atingir com chifre’. Segundo Li e Du (1991) além das técnicas de luta desarmadas, surgem nesse período as armas feitas de bronze, como as facas curtas e longas, lanças e machados o que impulsionam o treinamento e o desenvolvimento de técnicas para usá-las em combate. O *wushu* se desenvolve unicamente com caráter marcial, de uso exclusivo militar, com objetivo de subjugar o inimigo.

Três dinastias marcaram a Era do Bronze: a dinastia *Shang* (1766 – 1025 a.C.), a dinastia *Zhou* Ocidental (1025 – 770 a.C.) e a dinastia *Zhou* Oriental (770 – 441 a.C.). Mas para Li e Du (1991) foi durante o período que compreendeu 770 a.C. a 221 a.C. que o *wushu* dá um salto tecnológico e técnico com a utilização do cavalo para combate, tanto se montando sobre ele como utilizando-o para puxar charretes. Esse novo elemento forçou o aprimoramento das técnicas e dos treinamentos além da criação de novas armas. Neste mesmo período, as técnicas de mãos desarmadas também floresceram e, conseqüentemente, muitos métodos de defesa e de ataque foram desenvolvidos (LI; DU, 1991).

A Era do Ferro foi dominada apenas por uma extensão da *Zhou* (441 – 221 a.C.), conhecida como Reinos Combatentes. O fato é que durante a Era do Bronze e do Ferro, havia diversas tribos e os conflitos eram constantes em uma China ainda dividida. Porém, durante o último período da dinastia *Zhou* (441 – 221 a.C.), as lutas tomavam uma dimensão histórica maior, de acordo com Wu, Li e Yu (1992). As tribos passaram a objetivar a unificação da Nação, a transformação social e finalmente a transformação econômica. Nessa época, chamada de China Feudal, o território já se prolongava: ao sul até as margens sul do rio *Yangtse*, ao norte até próximo a atual Península Coreana e a leste, até a nascente do rio *Wei*. Esta extensão de terra era

dividida em vinte quatro feudos. Os nobres feudais estavam ligados ao Imperador pela obrigação do serviço militar e, por esse meio era possível conquistar mais terras para suas famílias, além de prestígio junto à nobreza e ao soberano. Desta forma, os nobres se dedicavam aos treinamentos militares que incluíam tiro com arco, montar a cavalo, técnicas com armas, tais como lanças e espadas, e ainda combate corpo a corpo com as técnicas do *Jiaodi*. Além disso, o *wushu* era introduzido como conteúdo comum em todos os grupos militares desses diversos feudos (WU; LI; YU, 1992).

Esses treinamentos eram fundamentais para a performance em batalha, pois se derrotado nela, a perda do *status* conquistado, terras e finanças e, possivelmente, uma morte terrível, por imolação ou decapitação, seria o castigo resultante, o que era muito comum na época, de acordo com Montenegro (1974). O povo também possuía obrigações com o serviço militar, pois cada família deveria disponibilizar um dos membros para o exército, onde este receberia treinamento para se tornar soldado e servir sob o comando dos nobres.

A dinastia *Qin* (221 – 206 a.C.) foi fundada pelo Imperador *Qinshi Huangdi* (秦始皇帝), dando início ao governo militar que unificou a China. Com seu exército bem treinado e equipado com armamentos modernos, fez incursões aos feudos devastando todas as fortificações, derrubando todas as muralhas e dizimando os exércitos de seus opositores. Ele acabou com os regionalismos por meio do deslocamento de grande número de súditos de suas áreas nativas para novas regiões onde deveriam viver. Extinguiu o feudalismo e implantou uma nova forma administrativa, organizando seu império em trinta e seis regiões administradas cada uma por um governante civil, um militar e um superintendente. Todo o povo foi desarmado, o metal das armas foi fundido e transformado em magníficas estátuas. Promoveu, ainda, a primeira grande queima de livros e escritos da história da China, tentando extinguir a diversidade cultural, além de promover a miscigenação entre as várias etnias. Como parte de sua estratégia para governar a China, iniciou a construção da Grande Muralha como forma de delimitar as fronteiras de suas conquistas. Todos os críticos de seu governo foram perseguidos, banidos do reino ou condenados à morte. Esses críticos eram, em sua maioria, dissidentes confucionistas que quando capturados tinham seus livros queimados também. Durante o império *Qin* o treino militar era considerado uma prioridade e a prática do *wushu* era conteúdo obrigatório. Foi durante esse período que competições de *wushu* foram largamente promovidas com o desenvolvimento de regras, participação de árbitros e de roupas protetoras (LI; DU, 1991).

A severa administração no novo estado por ele fundado provocou ódio e revolta, e com isso ocorreram várias tentativas de assassiná-lo. Por fim, foi morto por seus inimigos. Após sua morte, uma série de revoltas promovidas pelos descendentes dos nobres dos seis reinos guerreiros findou com o seu legado e um de seus sucessores foi obrigado a cometer suicídio.

Com os conflitos entre os principais reinos que compunham o império de *Qinshi Huangdi*, uma nova configuração política estava se formando. Esses conflitos duraram cerca de cinco anos, até que *Liubang* (刘邦) conquistou a vitória e se tornou *Hangaozu* (汉高祖), ou seja, o primeiro imperador da dinastia *Han* (206 a.C – 220 d.C.). Segundo Qian (1993), famoso historiador chinês, a era dos *Han* foi de grande importância para as artes, com o desenvolvimento da cerâmica, da literatura, com a descoberta do papel, das ciências, com a primeira *Assembleia Científica*, celebrada no ano 4 d.C. Também foi tempo de expansão territorial, inclusive invadindo e anexando os territórios do norte do Vietnã e o norte da Coreia. O desenvolvimento militar foi notório nesse período, com a criação de muitas armas para fortificar seu exército, variados treinamentos militares foram elaborados e implementados para melhor preparar os soldados, incluindo-se a prática do *wushu*. É durante a dinastia *Han* que a primeira definição de artes marciais foi cunhada e que segundo Henning (1981), é o método ou a técnica praticada com as mãos e os pés, facilitando também o uso de armas para a obtenção da vitória, tanto nas ações de defesa quanto de ataque.

Durante a dinastia *Han*, a prática do *taolu* e as competições esportivas envolvendo o *wushu* se tornaram mais frequentes. Aqui, os termos esporte e competições esportivas, são utilizados devido ao seu surgimento na literatura consultada. Entende-se que existem perspectivas diferentes sobre a concepção de esporte; uma delas entende que o esporte sempre existiu (GUTTMANN, 2004) e outras entendem que o esporte surgiu na Era Moderna. É importante ressaltar que o foco, neste momento, não é o de discutir esses conceitos, mas apenas o de refletir sobre como alguns autores usam o termo vinculado ao *wushu*.

Segundo Li e Du (1991), durante as competições organizadas pelo império, centenas de pessoas vinham das regiões vizinhas para a capital, percorrendo até 150 km de distância, somente para assistir as disputas. Isso indica o início de um pensamento esportivo voltado para o desenvolvimento das técnicas e seleção de novos soldados, além de mostra-se como entretenimento para o povo. Segundo Li e Du (1991) o rápido desenvolvimento do uso de cavalaria para batalhas impulsionou a criação e a evolução das técnicas usando armas de corte,

tais como as espadas.

Ainda para Li e Du (1991), o período histórico compreendido pelos Três Reinos (220-265) e pelas dinastias *Jin* (265-420) e a do Sul e do Norte (420-589) não influenciaram no desenvolvimento do *wushu* de forma expressiva. Esse momento é chamado por Roberts (1999, p.40) de “o período da divisão”, onde a desordem social imperou e o estado de guerra era onipresente. Entretanto, apesar das guerras ao qual o povo chinês foi submetido, o Budismo e o Taoísmo consolidaram suas raízes como sistemas religiosos adotados pelo povo e com apoio de alguns governantes locais. Esse fato inicia um processo que posteriormente vai culminar com a introdução de aspectos religiosos e filosóficos em diversos estilos de *wushu*. Após esse momento histórico conturbado, que durou do ano de 220 até o de 589, o *wushu* ganha novo impulso durante as dinastias *Sui* (589-618) e *Tang* (618-907).

De acordo com Roberts (1999), durante a dinastia *Sui* (589-618) tem-se o início de uma nova unificação da China. Essa unificação incluiu a reorganização das leis, com a manutenção das tradições legais dos diferentes grupos sociais, mas com modificações profundas, principalmente no que se refere às punições cruéis de crimes comuns, a desmilitarização do povo e o confisco de todas as armas em poder da população. Deste modo, pode-se verificar que, com o desarme do cidadão comum, as técnicas de mãos nuas ganharam nova motivação para seu desenvolvimento entre os civis. Também, deste modo, as ferramentas agrícolas e cotidianas passaram a compor o arsenal popular das técnicas de *wushu*.

Durante a dinastia *Tang* (618-907) um sistema de exames para selecionar oficiais militares foi implantado. Para Li e Du (1991) esses exames buscavam selecionar indivíduos talentosos no *wushu* para ocupar cargos oficiais. Este fato incentivou a prática do *wushu* tornando-o muito popular na sociedade chinesa. Esse período incrementou a prática dos *taolus* com espadas e destacou muitos mestres de *wushu*, como o poeta *Li Bai*, o general *Pei Min* e duas mulheres chamadas *Gongsun* e *Li Shi'er*. Deste modo a prática do *wushu* se desenvolveu rapidamente durante esta dinastia. Segundo Li e Du (1991) novas técnicas e *taolus* foram desenvolvidos, incluindo o uso de lanças, espadas, facões, alabardas, porretes e bastões. As técnicas de luta desarmada também se desenvolveram com a mesma intensidade.

Sobre o processo de seleção de oficiais militares durante a dinastia *Tang* (618-907), Henning (1981) afirma que faziam parte dos conteúdos desses exames, testes escritos que incluíam passagens dos textos militares clássicos, bem como tiro com arco sobre cavalo e a pé,

além das técnicas de *wushu*. Henning (1981) destaca a seriedade de como eram realizadas as provas e o como era difícil ser aprovado. Este modelo de exame perdurou por outras dinastias, sendo utilizado até o início do século XX.

Durante a dinastia *Tang*, o Budismo ganhou grande prestígio entre os chineses e divesos mosteiros e templos foram construídos, como afirma Roberts (1999). Neste período, um mosteiro budista se torna muito famoso pelo *wushu* praticado dentro de seus muros: o de *Shaolin* (少林), que, segundo Aguiar (2009), foi construído em 495 d.C. nos arredores da cidade de *Luoyang* (洛阳), na província de *Henan* (河南). Apesar de ter sido fundado durante a dinastia do Sul e do Norte (420-589), foi durante a dinastia *Tang* que surgiram as primeiras evidências da prática de *wushu* pelos monges que lá residiam. O fato de se identificar práticas de *wushu* em *Shaolin* e em *Wudang* (武当)³, são importantes para destacar a introdução de aspectos religiosos e filosóficos no cotidiano do *wushu*. Este acontecimento marca uma modificação de perspectiva na prática do *wushu*, que até então tinha o caráter predominantemente militar. Para Chow e Spangler (1982) o advento do Taoísmo e do Budismo durante a dinastia *Tang* marcou profundamente o desenvolvimento do *wushu*, principalmente fora dos círculos militares, devido à modificação das funções de sua prática. O Budismo incluiu as técnicas meditativas e a ética no sentido da preservação de todos os seres e valorização da vida. O Taoísmo introduziu o pensamento cosmológico e a busca do equilíbrio entre as forças naturais *yin* (阴) e *yang* (阳)⁴, o que favorece uma vida mais harmônica entre o homem e a natureza, além do homem com seu meio social.

Para Shahar (2008) o mosteiro de *Shaolin* realizou significativas contribuições para o desenvolvimento do *wushu*, principalmente sintetizando aspectos militares, terapêuticos e religiosos em seus métodos de treinamento. Isso cria um diferencial importante frente aos demais sistemas de *wushu* desenvolvidos até então. Apesar de contraditório ao pensamento budista de não-violência, os monges de *Shaolin*, durante sua história, serviram a diversos imperadores como grupo militar especial.

Segundo Roberts (1999), após a queda da dinastia *Tang*, a China experimentou um

³ *Wudang* é um complexo composto de diversos mosteiros taoístas construídos na montanha de mesmo nome, de onde se atribui a origem de diversos estilos reconhecidos de *wushu*. Alguns autores consideram que *wudang* e *shaolin* são escolas que nutrem inimizades entre si, mas isso não é confirmado na literatura consultada.

⁴ *Yin* e *Yang* são forças reconhecidas pelo pensamento chinês que estão presentes em toda a natureza. Devem estar em equilíbrio, pois quando não estão, promovem distúrbios sociais e doenças. O princípio *Yin* e *Yang* é largamente usado no estudo da acupuntura e das terapias orientais.

novo período de desunião, que se chamou “As Cinco Dinastias e os Dez Reinos” e durou de 907 a 960. Neste tempo, a China se dividiu em duas grandes porções, a do Norte governada por cinco dinastias sucessivas e a do Sul, que se dividiu em dez reinos menores. Nesta época, o *wushu* pouco se desenvolveu, não havendo notas relevantes identificadas na literatura consultada sobre fatos de destaque acerca das artes marciais chinesas.

Durante a dinastia *Song* (960-1279), de acordo com Li e Du (1991), diversas sociedades civis foram fundadas com objetivo de praticar o *wushu*. Sociedades de tiro com arco, de tiro com besta, de prática com bastões e de *shuaijiao*. Em diversas cidades, nas ruas mais movimentadas, grupos se dividiam e se apresentavam em performances de luta com os pés e mãos (*sanda*), *shuaijiao*, bastões, jogos com porretes e exibições de tiro com arco, de *taolu* com espadas, facões e lanças. O *wushu* se tornava entretenimento para o povo, além de treino para a defesa pessoal.

Apesar da grande difusão das artes marciais entre o povo, durante a dinastia *Song*, o treino militar baseado no *wushu* estava cada vez mais sistematizado, como afirmam Wu, Li e Yu (1992). Um exemplo desse fato foi o exército treinado pelo general *Yue Fei* (1103-1142), que utilizava as armas do *wushu* como base do treinamento de seus soldados para aumentar o desempenho e a efetividade em combate. Seu exército ficou conhecido como “o bravo e formidável exército da família *Yue*”. Henning (2006) afirma que quando *Yue Fei* se tornou general, utilizou os conhecimentos de *wushu* de *Zhou Tong*, seu professor, para treinar a sua tropa e com isso renovou suas técnicas e disciplina. *Yue Fei* se tornou famoso como o Guerreiro Patriótico por defender seu povo contra os *Manchus*. Sua fama se tornou tão grande que diversos estilos de *wushu* atribuíram a sua criação a *Yue Fei*.

Percebe-se que durante a dinastia *Song* há um grande desenvolvimento do *wushu*, tanto na sistematização dos treinamentos militares, quanto na popularização de sua prática entre a população civil. Esse desenvolvimento seguiu na direção da defesa pessoal, do treinamento militar e do entretenimento. Porém, no fim da dinastia *Song*, como afirmam Theeboom e Knop (1997), o *wushu* na perspectiva militar perde sua força com a introdução das armas de fogo no treinamento e uso das tropas. Mesmo com essa perda de prestígio, o *wushu* continuou fazendo parte da rotina de treinamento do regimento de soldados, mas agora em uma perspectiva de manutenção da saúde e da forma física, além do treinamento de combate.

Com a ascensão da dinastia *Yuan* (1271-1368), os governantes mongóis proibiram a

prática das artes marciais pelo povo. Essa dinastia foi marcada pelo domínio da Mongólia sobre o território chinês, além das terras mais a oeste que fazem fronteira com a Europa e ao nordeste até a Coreia. Foi um período de grande conturbação social e dominação estrangeira. O *wushu*, nessa época, ficou relegado à prática em locais escondidos, sobrevivendo no interior das sociedades secretas, como afirmam Theeboom e Knop (1997). Neste momento, o mistério, as lendas e as histórias de poderes sobrenaturais foram ganhando força, dando ao *wushu* um caráter místico. Essas sociedades tinham propósito religioso e político e por isso deram um cunho diferenciado à prática do *wushu*, que passou a ter fins políticos, filosóficos e culturais, como resistência à invasão estrangeira.

Os mongóis eram povos nômades, que se organizavam em tribos e por terem esse estilo de vida, promoviam o treinamento marcial a todos os homens da aldeia. Esses treinamentos eram alvo de demonstração durante as festividades tribais, em competições promovidas entre os guerreiros, onde as técnicas utilizadas eram o tiro com arco, a corrida a cavalo e a luta corpo a corpo, chamada de *Bokh*, e que possuía os mesmos princípios do *shuaijiao*. Consistia em um participante derrubar o oponente usando qualquer parte do corpo. O contato com essa poderosa nação guerreira fez com que os treinamentos militares na China se intensificassem e técnicas legadas às populações comuns fossem resgatadas e novamente incorporadas. Este fato permitiu aos chineses aprenderem novas maneiras de treinar, além de outras técnicas que poderiam melhorar ainda mais o *wushu* já praticado na época.

Em 1368 o nono sucessor de *Kublai Khan*, foi expulso da China e enviado por *Zhu Yuanzhang* (朱元璋) de volta às estepes da Mongólia, onde fundou a dinastia *Ming* (1368-1644). Durante a Era *Ming*, a cultura foi renovada, as artes obtiveram uma nova perspectiva, a indústria da porcelana se expandiu, os mercadores chineses exploraram todo o oceano Índico, chegando até a África com as viagens do famoso explorador chinês *Zheng He* (郑和). O exército também foi estendido ao número de um milhão de soldados. É durante esse movimento de expansão comercial e cultural que as artes marciais chinesas conquistaram grande desenvolvimento e foram também levadas para fora das fronteiras chinesas.

De acordo com Li e Du (1991), durante a dinastia *Ming*, o *wushu* obteve uma gradual e consistente cristalização em diferentes escolas. Trabalhos teóricos acerca de técnicas de combate armado e desarmado foram sistematicamente produzidos. Novas técnicas, métodos de luta e nomes de movimentos foram criados nesta época. A luta desarmada foi fundamentada

como um importante elemento do *wushu*, e que baseava todas as técnicas de combate, tanto para iniciantes como para praticantes avançados.

Para Filipiak (2010) outro aspecto importante ocorrido durante a dinastia *Ming* é que houve uma migração de mestres da zona rural para as cidades e com isso, a prática do *wushu* começa a ser desenvolvida nos grandes centros urbanos. Esse novo contexto imprimiu a necessidade de que algumas formas de treinamento tivessem que ser modificadas, adaptando-se aos novos praticantes. Esse movimento se estendeu durante toda a dinastia *Qing* e em posteriores épocas, sempre motivado pela busca de melhores condições de vida pelos mestres de *wushu*.

No início do ano de 1600, um líder tribal chamado *Nurhachu* (努哈赤) formou o Estado nômade *Manchu*, unindo quatro facções e em 1616 transformou as quatro em oito bandeiras ou facções sob o mesmo comando, criando assim uma nova e poderosa força militar. Em 1634 *Huang Taiji* (皇太极), líder *Manchu*, recebeu o grande selo do imperador *Yuan* das mãos de *Ejei*, filho do último dos grandes *Khan*. Este fato criou a condição necessária para o povo *Manchu* para que em 1636 fosse fundado a dinastia *Qing* ou a dinastia *Manchu*.

Durante a dinastia *Qing* (1644-1911), as sociedades secretas continuaram a se difundir em um movimento de resistência cultural à invasão estrangeira, dado que os *Manchus* eram considerados assim pelos chineses. Para Theeboom e Knop (1997), essas sociedades não só promoviam a prática do *wushu*, como criavam mitos através das histórias contadas em suas reuniões, no sentido de conferir poderes extraordinários aos seus praticantes. Poderes de cura da prática do *wushu* por eles ensinados eram também destacados por essas histórias. Tanto por questões políticas quanto por ser proibida a prática do *wushu* pelo povo, as sociedades secretas se fortaleceram enormemente na sociedade chinesa. Neste período a prática do *wushu* ganhou características de mistério que lhes deram, além dos benefícios comuns, a fama de que quem treinasse *wushu* nessa ou naquela sociedade ganharia poderes sobrenaturais. De qualquer modo, a prática do *wushu* no interior dessas sociedades serviu para preservarem as suas características tradicionais que as diferenciavam entre esses grupos sociais.

É nesse contexto que surge o sentimento *antimanchu* de resistência da cultura chinesa contra tudo que lhe era exterior. Dessa forma surgiu o simbolismo do Interno e do Externo, caracterizando a escola *Shaolin*, de orientação budista, como sendo externa, e a escola de *Wudang*, de orientação taoísta, como interna. Segundo Henning (1981), surge aí o simbolismo

sobre as escolas internas e externas de *wushu*. O autor não concorda com a ideia do senso comum de que essa separação é em função da energia interna que circula, ou da força muscular predominante; o que há, segundo ele, é o simbolismo que cada uma delas representa quanto à origem chinesa e à origem estrangeira. O senso comum acabou por estereotipar as escolas e estilos diversos de *wushu*, tornando o interno como característica de ênfase no treino do *Qi*⁵ e o externo com ênfase no treino baseado em potência muscular. Nesse caso, o caráter político se misturou ao místico, criando esse conceito que é reproduzido até os dias de hoje.

Mesmo sendo proibida a prática do *wushu* pela população civil, muitos mestres acabaram sendo empregados pelo governo para ensinar suas práticas. Segundo Filipiak (2010), *Yang Luchan* (1799-1872) e *Sun Lutang* (1861-1933) foram exemplos desse movimento de profissionalização do *wushu*.

Ainda durante a dinastia *Qing*, muitas escolas oficiais de *wushu* foram criadas no sentido de se formar soldados para servir ao império. Uma delas é o *Shanpuying* (善扑营). Segundo Weng (1984), nesse tempo, o governo mantinha um centro de treinamento chamado *Shanpuying* que significa “o batalhão dos que dominam a técnica de derrubar” e chegava a ter mais de 200 participantes. O imperador ainda promovia encontros com povos além da Grande Muralha, como forma de boas relações diplomáticas com os governos estrangeiros. Nesses encontros ocorriam disputas entre lutadores de *Shuaijiao* das várias regiões visitadas. Mas as lutas mais comentadas eram a do time oficial do governo, com lutadores da Mongólia, pois eles sempre foram exímios combatentes de *Shuaijiao*. Os membros de *Shanpuying* praticavam rotineiramente técnicas de *Shuaijiao*, hipismo, tiro com arco e técnicas com facão (刀术). Só poderiam ingressar aqueles que pertencessem à etnia *Manchu* e seus membros eram automaticamente considerados como candidatos à Guarda Imperial.

Com a adoção das armas de fogo pelas tropas, *Shanpuying* foi perdendo a sua importância como escola de treinamento de soldados. Em uma reforma das Forças Armadas no ano de 1905, foi decidido que vários batalhões tradicionais seriam gradualmente desativados. No entanto, *Shanpuying* foi poupado desta reforma, mas foi perdendo prestígio social aos poucos, apesar de manter a tradição do treinamento de alto nível.

⁵ *Qi* significa energia vital, energia interna ou vapor; é a energia que está presente na natureza e que quando treinada através de métodos sistematizados de respiração e concentração, pode promover a saúde e o bem estar físico e mental.

No final do período *Qing* houve uma grande migração de chineses para diversos locais, fugindo do caos que se estabelecia na época. Como afirmam Theeboom e Knop (1997) cerca de 200 mil chineses emigraram da província de *Guangdong* (广东), no sul da China para a América do Norte entre 1848 a 1900, alguns deles levando na sua bagagem cultural as técnicas de *wushu*, que posteriormente foram ensinadas fora das fronteiras de seu país natal.

Com a queda do sistema imperial em 1911, promovidas por uma série de movimentos sociais a favor de reformas e com a subida ao poder de um governo nacionalista liderado por *Sun Yat-sen*, foi fundada a República da China (1911-1949). Com o fim da dinastia *Qing* o patrocínio dos lutadores profissionais de *Shuaijiao* foi suspenso e muitos deles fundaram suas próprias escolas para ministrar aulas à população, enquanto outros foram ganhar a vida nas ruas ou em outras regiões da China, o que culminou na larga disseminação dessa arte.

Esses lutadores ex-participantes do *Shanpuying* foram de grande importância para a preservação do *Shuaijiao* durante a primeira metade do século XX. Alguns deles passaram a atuar como técnicos de *Shuaijiao*, mas uma boa parte começou a viver de “rodas de demonstração” em *Nanjing* (南京), *Tianjin* (天津), *Baoding* (保定) e principalmente em *Beijing* (北京). Desta forma, o *wushu* ganhou as ruas e a popularização se iniciou novamente.

Durante a República da China (1911-1949), a prática do *wushu* significou o fortalecimento do povo chinês, de acordo com Li e Du (1991). Essa pode ter sido a época higienista e nacionalista do *wushu* na China, uma vez que a prática do *wushu*, significou a resistência aos estrangeiros e à derrubada do esteriótipo criado durante a dinastia *Qing* (1644-1911), em que os chineses eram chamados de ‘os doentes da Ásia’. Esse movimento nacionalista inspirou diversos mestres de *wushu* a participarem de ações patrióticas e isso motivou o povo, chamando ainda a atenção do poder público.

Em 1919, foi fundada pelo grande mestre de *wushu* *Huo Yuanjia* (霍元甲), a Associação Superior de *Wushu*, também conhecida como *Jingwu Hui* (精武会) ou Associação da Essência Marcial. Para Li e Du (1991), essa Associação foi tão bem sucedida que inspirou o governo nacionalista a criar diversas outras associações, seguindo o modelo da criada por *Huo Yuanjia*.

Na perspectiva de Filipiak (2010), no período que compreendeu de 1918 a 1932, diversas intuições, públicas e privadas, foram criadas para promover o *wushu* em suas mais

várias formas. Filipiak (2010) identificou em seu estudo, 16 associações criadas nesse período e as organizou em cinco categorias, a saber:

1. Organizações de pesquisa e promoção do *wushu*
 - Centro para estudos do *wushu* – *Shanghai*, 1918;
 - Centro para pesquisa do *wushu* – *Shanghai*, 1923;
 - Sociedade para pesquisa da arte marcial chinesa – *Beijing*, 1922.
2. Organizações para a prática atlética do *wushu*
 - Primeiro campo de treinamento esportivo público e departamento nacional de *wushu* em *Shanghai* – *Shanghai*, 1918;
 - Centro de prática atlética de *wushu* de *Beijing* – *Beijing*, 1918.
3. Organizações para a promoção do *wushu* e de conceitos morais
 - Centro de pesquisas da moral e do *wushu* de *Tianjin* – *Tianjin*, 1923;
 - Centro para a moralidade marcial;
 - Centro para pesquisa da justiça no *wushu* – *Beijing*, 1932.
4. Organizações para a promoção de estilos particulares de *wushu*
 - Associação *Wudang Taijiquan* – *Shanghai*, 1926;
 - Associação para pesquisa do estilo Louva-a-Deus de *wushu* – *Shanghai*, 1926;
 - Centro do estilo Cinco Tigres de *Shaolin* de *Beijing* – *Beijing*;
 - Associação de *Taijiquan* e *Xingyiquan* – *Beijing*, 1930;
 - Associação do estilo *Zhirouquan* de *wushu* – *Shanghai*, 1926.
5. Organizações de *wushu* com suporte Nacional
 - Associação das novas formas de artes marciais chinesas – *Beijing*, 1923;
 - Associação para uso do *wushu* para fortalecer a China – *Beijing*, 1923;
 - Associação das artes marciais chinesas – *Beijing*, 1923.

A essa lista, Henning (1981) acrescenta a fundação da Academia Central de *Wushu*, em *Nanjing*, em 1928, que recebeu total apoio do Governo Nacionalista e visava centralizar todo o desenvolvimento e difusão do *wushu* na China. Esta instituição reuniu diversos mestres renomados do país, unindo estilos do Norte e do Sul em um mesmo lugar de prática. De acordo com Filipiak (2010), grandes mestres como *Wang Ziping* (王子平) (1881-1973), *Sun Lutang* (孙禄堂) (1861-1933), *Li Jinglin* (李景林) (1885-1931) e *Zhu Guozhen* (1904-1950) foram convocados pelo governo para lecionar na Academia Central de *Nanjing*. Ainda segundo Filipiak

(2010), o governo chinês estava fortemente envolvido em promover o *wushu*, tanto que criou o time nacional de artes marciais. Em 1936, esse time realizou demonstrações em Singapura, Malásia e em outros países do leste asiático. Também neste ano, o time nacional foi enviado para realizar uma demonstração especial durante os Jogos Olímpicos da Alemanha. Realizou em seguida uma demonstração adicional na cidade de Frankfurt, no dia 20 de agosto de 1936.

Mesmo com a iniciativa do governo de fundar a Academia Central de *wushu* de *Nanjing* e dos esforços para unir as diversas escolas da modalidade sob o mesmo ‘teto’ político-cultural, pode-se observar que há uma polarização do movimento de organização do *wushu* na China, demonstrando que já havia nessa época uma divisão de forças políticas se estabelecendo. Ao Norte, especificamente em *Beijing*, e mais ao Sul em *Shanghai*. Baseando-se em Roberts (1999) essa divisão pode ser ilustrada pela migração do *Guomindang*, centro do governo nacionalista, para cidade de *Guangzhou* (广州), na província de *Guangdong*, em 1913 e posteriormente a criação do grupo de estudos sobre o marxismo em 1920 na Universidade de *Beijing* (norte da China). Durante o ano de 1920 também foi criado o Partido Comunista, com sede em *Beijing*. Roberts (1999) ainda afirma que de 1928 a 1937 o *Guomindang* estabeleceu-se em *Nanjing*, tornando-a a capital do sul e passou a considerar o grupo dominante em *Beijing* como os líderes da região norte da China. Estes fatos demonstram claramente a divisão política vivida pelo povo chinês durante o período da República da China.

Todavia, mesmo vivendo um estado de separação entre o Norte e o Sul, o *wushu* alcançou muito prestígio entre os dois lados. Nesse período, o *wushu* foi introduzido nas escolas de ensino regular, tanto no ensino básico, quanto no superior. Filipiak (2010) comenta sobre o Guia para a Educação, escrito pelo ex-presidente *Yuan Shikai* em 1915, onde ele destaca a importância do *wushu* para os chineses e cita a necessidade de suporte para o desenvolvimento das artes marciais chinesas. De acordo com Theeboom e Knop (1997), ainda em 1915, o governo chinês determinou a inclusão do *wushu* nas aulas de educação física escolar. Neste mesmo ano, a Conferência Nacional de Educação advoga para que o *wushu* seja inserido como conteúdo curricular nas escolas e universidades, abrangendo os conteúdos práticos do *wushu* e a sua história, personagens famosos e sua cultura. Em 1917 a Universidade Normal de *Beijing* foi fundada e o *wushu* fazia parte dos conteúdos para formação de professores que atuariam no sistema educacional chinês. Os futuros professores tinham lições de *Taijiquan* e *Tuishou* duas vezes por semana. No ano seguinte, a Conferência Nacional de Educação iniciou os debates para

a formação de um esporte específico para o povo chinês.

Nas palavras de Filipiak (2010), a inclusão do *wushu* no sistema escolar chinês demandou adaptações e para isso novos métodos de ensino tiveram que ser desenvolvidos, deixando de lado a ênfase nas técnicas usadas para batalhas. Nesse sentido, *Ma Liang* (马良), general do exército que servia na cidade de *Jinan* (济南), na província de *Shandong* (山东), criou um sistema chamado de “a nova arte marcial chinesa”, que combinava técnicas de projeção, golpes com as mãos e com os pés, técnicas de espada e bastão. O objetivo era ensinar este sistema aos soldados, aos policiais e aos professores, sendo introduzido na Universidade Normal de *Beijing* em 1917. O início do *wushu* nas escolas e universidades, promovido pelo governo da República da China, representou uma quebra na tradição de um sistema de ensino que já havia se cristalizado por 2000 anos.

O sistema de ensino ganhou características militaristas, principalmente pela influência da Alemanha e do Japão, o que se caracterizou ainda mais pela inclusão de novas modalidades de atividade física e de esportes, tais como a ginástica alemã, o judô e a luta livre nas lições de esporte escolar. Entretanto, a partir de 1919 o povo começou a perceber os efeitos da participação da Alemanha na 1ª Grande Guerra e iniciou um movimento que reivindicava a desmilitarização das aulas de educação física (FILIPIAK, 2010).

Para Roberts (1999), a mudança entre o governo da República da China de *Chiang Kaishek* e o governo comunista de *Mao Zedong* iniciou-se em 1937 com a guerra Sino-Japonesa e também com a guerra civil chinesa. O governo nacionalista se envolveu em duas frentes de batalha, uma contra os japoneses que ocupavam a Manchúria e outra contra os comunistas de *Mao Zedong* que dominavam o Norte da China. Ele não conseguiu sustentar o poder, apesar da guerra contra os japoneses ter sido vencida. Sucumbiu às forças comunistas que o forçaram a se refugiar em Taiwan, de onde continuou a governar, mas apenas a pequena ilha. Neste ponto, os comunistas assumem o poder em 1949 e fundam a República Popular da China, sob a liderança de *Mao Zedong*.

O novo governo de ideologia comunista promoveu profundas mudanças na sociedade chinesa, incluindo-se nelas o *wushu*. Para Li e Du (1991), a partir da fundação da República Popular da China em 1949, o *wushu* recebeu especial atenção para a sua manutenção e desenvolvimento, como parte do patrimônio da cultura chinesa. Diversas associações de *wushu*, de todos os níveis, foram criadas para promover e direcionar seu crescimento. Em 1953 foi

realizado o primeiro encontro nacional de *wushu*, onde ocorreram diversas competições e demonstrações. A consequência desse encontro foi que muitos mestres e praticantes entraram em contato, promovendo a troca de experiências e de ideias, o que alavancou o seu desenvolvimento. Seguindo-se a isso, importantes pesquisas foram conduzidas, no sentido de se explorar os diversos estilos de *wushu*. Também em 1953 a Faculdade de Medicina de *Beijing* desenvolveu uma pesquisa para o reconhecimento dos efeitos da prática do *wushu*. Nestes estudos, foram identificados os valores terapêuticos da prática do *Taijiquan* para idosos, com doenças crônicas e agudas.

Segundo Li e Du (1991), essa nova perspectiva do *wushu* na China de *Mao Zedong* atingiu também o sistema educacional, pois ele foi reintroduzido na educação básica e superior, como conteúdo curricular das aulas de educação física e em diversas faculdades foi oferecido como curso de graduação. Nesse momento, o *wushu* alcançou uma larga popularidade entre o povo. Diversas associações esportivas com ênfase no *wushu* foram criadas, em várias localidades. Pelas manhãs, a prática do *wushu* passou a ser vista cotidianamente em parques e praças de toda a China. Para Theeboom e Knop (1997), a década de 1950 foi caracterizada pela popularização da prática do *wushu* para o povo, como forma de interação social, sem destaque para a sua forma competitiva.

Entretanto, em 1952, foi fundada a Comissão Governamental de Cultura Física e Esportes, que iniciou o processo de padronização das formas de *wushu*, dando início à organização do chamado *wushu* moderno. Esta forma de *wushu* enfatizava a performance atlética, acrobática e teatralizada. Henning (1981) afirma que esse processo de padronização e criação de novos *taolu* como o *Changquan* (punho longo) e o *Taijiquan* de 24 movimentos, foi realizado no período de 1953 a 1965. Essa iniciativa se constituiu como a primeira fase de um projeto maior: o de transformar o *wushu* em esporte olímpico.

No início da década de 1960, quinze países foram visitados por grupos chineses de *wushu*, que fizeram apresentações demonstrativas no sentido de divulgar o esporte nacional chinês. De acordo com Li e Du (1991), o time nacional de *wushu* da China visitou os Estados Unidos da América (EUA) em 1974 e 1980 para apresentações de divulgação da modalidade. Essas visitas tornaram o *wushu* extremamente popular na América do Norte e na Europa. Este movimento de divulgação do *wushu* promovido pelo governo chinês fez com que o interesse por essa modalidade crescesse de forma exponencial, dando início a um processo profundo da sua

esportivização.

Diversos interessados, de vários países, viajaram para a China com o objetivo de aprender a arte marcial chinesa. Entre 1975 e 1982 mais de mil estrangeiros haviam sido ensinados no Clube Internacional de *Beijing*, em suas classes de *Taijiquan* e no Instituto de Cultura Física de *Beijing*. Durante a década de 1980, diversos praticantes do Japão, do EUA, do Canadá e de diversos países europeus viajaram para a China com o objetivo de aprender *wushu*. Isso promoveu largamente a modalidade nesses países. Em 1981 foi fundada a Liga de Kung Fu das Seis Nações, composta pela Suíça, Itália, França, Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental e Espanha.

Em setembro de 1982 foi realizado na cidade de *Nanjing* o Primeiro Campeonato Demonstrativo Amistoso de *Wushu*, organizado em conjunto pelo Instituto de *Wushu* da Província de *Jiangsu* e pela Associação Nacional de *Wushu* dos Estados Unidos da América. Este evento ajudou a promover o *wushu* fora das fronteiras chinesas, com a confraternização de diversos países e com a troca de experiências (LI, DU, 1991). Obviamente que as demonstrações e organizações para a prática do *wushu* não foram as únicas responsáveis pela difusão dessa arte marcial. Segundo Theeboom e Knop (1997), os filmes de artes marciais tiveram papel fundamental nessa divulgação. Filmes da indústria cinematográfica de Hong Kong, da década de 1970, com o ator Bruce Lee, e da série de Tv Kung Fu, com o ator David Carradine, foram fundamentais para a disseminação do esporte. Entretanto, de acordo com Kennedy e Guo (2005), esses filmes causaram um efeito perverso, pois contribuíram para a reprodução das lendas e mitos vinculados ao *wushu* também no ocidente.

Paralelo a esse movimento de esportivização que se iniciou durante as décadas de 1960 e 1970, houve um fortalecimento da implementação do *wushu* como conteúdo do sistema educacional. Segundo Filipiak (2010), o governo fortaleceu a expansão do *wushu* nas escolas iniciando a introdução de departamentos de *wushu* em diversas instituições esportivas e de ensino. Em 1983 foi criado, enfim, o primeiro departamento de *wushu* no Instituto de Esportes de *Beijing*. A cidade de *Beijing* foi a primeira nesse processo, seguida das cidades de *Shanghai*, *Wuhan* e *Chengdu*. O resultado disso é que diversos estudos sobre o *wushu* foram desenvolvidos nas perspectivas históricas, teóricas e filosóficas das artes marciais. Esse movimento científico incentivou a criação de novos cursos de graduação na área, além de cursos de pós-graduação, de formação técnica, à distância.

O início dos estudos científicos encontraram grandes obstáculos, segundo Filipiak (2010), pois a tradição oral prevaleceu até muito pouco tempo, reproduzindo lendas e mitos. Folclores acerca de homens que flutuavam, andavam sobre muros e até voavam, sobre a existência de mestres imortais, homens à prova de balas e armas secretas, foi um grande entrave para o começo de estudos de caráter científico. Apesar da transmissão oral fazer parte do aspecto cultural de vários povos e de ser um lugar de coleta de dados significativos para o historiador, como alerta Thompson (2002), também é considerado como uma área com armadilhas para o pesquisador desavisado ou ingênuo, que muitas vezes pode levar a caminhos sem saída.

Um dos primeiros documentos com características mais confiáveis foi escrito durante a dinastia *Ming* (1368-1644). Este documento era um manual militar que, segundo Filipiak (2010), descrevia aspectos técnicos e históricos sobre o *wushu*. Porém, a situação de escassez de materiais confiáveis sobre o *wushu* começou a se reverter no início do século XX com a publicação de diversas obras como por exemplo, os livros de *Sun Lutang* e de *Chen Weiming*. Com a mudança gradual da perspectiva oral e popular da transmissão do *wushu* para o foco esportivo, educacional e acadêmico, um número expressivo de obras foram sendo produzidas à medida que o *wushu* ocupava os espaços nos clubes, nas escolas, nas universidades e caía no interesse de povos de outras culturas.

Porém, de acordo com Kennedy e Guo (2005), a grande quantidade de livros publicados no período da República da China (1911-1949), continha outros inúmeros não confiáveis, muitos dos quais reforçavam os estereótipos de superpoderes que alguns mestres de *wushu* supostamente possuíam. O fato de tais mitos serem reproduzidos ainda no século XX pode ser explicado pela, ainda influente, cultura das sociedades secretas, no que se referia ao *wushu*. Segundo Kennedy e Guo (2005), 90% das publicações dessa época eram de baixa qualidade, que se caracterizavam pela ausência de rigor metodológico, pela criação de histórias exageradas e que atribuíam a criação de estilos de *wushu* à personalidades lendárias. Nesta época, o autor mais respeitado era *Tang Hao* (1897-1959), com a publicação de diversas obras que versavam sobre a história do *wushu* e de aspectos técnicos de vários estilos famosos.

A década de 1980 se caracterizou pelo período de expansão da prática, da pesquisa e da esportivização do *wushu*. Segundo Theeboom e Knop (1997), diversos festivais foram promovidos, integrando as escolas ‘antigas’ que mantinham as tradições, com o *wushu* moderno, com enfoque na performance competitiva. Houve também um crescimento significativo de pesquisas sobre os componentes internos da prática do *wushu* (*Qigong* - 气功) e no ano de 1981

foi fundada a Sociedade de Pesquisa Científica de *Qigong* da China. Apesar do caráter educacional do *wushu* e de seus aspectos históricos relevantes, os seus antigos estilos ganharam menos apoio governamental durante esse período, tornando difícil a manutenção dos mestres dessa arte e de suas escolas. O maior suporte governamental era direcionado para o *wushu* moderno e sua divulgação (THEEBOOM, KNOP, 1997).

Paralelamente ao trabalho desenvolvido pela República Popular da China, o Governo que se estabeleceu na ilha de Taiwan, assumindo o nome de República da China, também promoveu o *wushu* em seus moldes. Para tal, criou a *International Kuoshu Federation* (ICKF). O termo *Kuoshu* (国术) faz alusão ao nome utilizado na época da República da China (1911-1949), quando o *wushu* era assim chamado para designar ‘Arte Nacional’. A ICKF foi fundada em 1978 com o objetivo de difundir o *wushu* em nível internacional. Entretanto, frente ao desenvolvimento do trabalho realizado pela República Popular da China, através de suas instituições internacionais, o objetivo do governo de Taiwan ficou secundarizado no contexto esportivo mundial.

O processo de esportivização do *wushu* continuou evoluindo, e em 1990 as competições de combate foram reintroduzidas em eventos oficiais. Esses combates, segundo Theeboom e Knop (1997), haviam sido banidos da prática esportiva devido ao seu caráter violento. Porém, com a implantação de regras regulatórias e limitativas das ações dos atletas, o *Sanda* (散打) retornou as competições sob a forma de modalidade esportiva do *wushu*. Em 3 de outubro de 1990, foi fundada a *International Wushu Federation* (IWUF), sediada em *Beijing*, e com o objetivo de organizar o *wushu* em nível mundial. Em 12 de dezembro de 1991 foi realizado o primeiro campeonato mundial de *wushu*, constituído por 23 categorias, sendo nove de luta apenas para homens e 14 categorias de *taolu*, sete para homens e sete para mulheres. Esses campeonatos mundiais foram organizados para ocorrerem a cada dois anos e preferencialmente em países diferentes, para que a divulgação da modalidade fosse mais ampla. Até o momento, foram realizados 12 campeonatos mundiais, além de um evento realizado durante os Jogos Olímpicos de *Beijing* em 2008, apresentando o *wushu* como modalidade demonstrativa. Em 20 de junho de 1999 foi emitida uma resolução do Comitê Olímpico Internacional aceitando a IWUF como membro. Atualmente, a IWUF conta com 144 países filiados, representantes dos cinco continentes, sendo 33 da África, 22 das Américas, 38 da Ásia, 46 da Europa e 5 da Oceânia.

2.4 Funções, características e classificações do *wushu*

2.4.1 Funções do *wushu*

Com a perda da importância militar do *wushu*, a partir da invenção e introdução das armas de fogo no treinamento dos exércitos e nas batalhas, houve uma transformação de suas funções para o povo chinês, o que posteriormente também atingiu aos praticantes de outras nacionalidades. As novas possibilidades da prática do *wushu* se apresentaram no sentido da socialização, da promoção da saúde, do lazer e do esporte, como indicam Antunes e Moura (2010) sobre a prática do *wushu* no Brasil por exemplo. Algumas dessas perspectivas não são propriamente novas, pois coexistiam junto aos encargos militares de tempos mais antigos. O entretenimento e o esporte são as atividades mais antigas depois da função militar, no entanto, eram secundárias, por serem mais utilizadas por soldados e pelos exércitos. Porém, as novas funcionalidades, ou as que se destacam na atualidade se constituem em saúde, socialização, integração cultural, esporte e lazer.

Para Yu (1991) a prática do *wushu* se aplica em duas grandes áreas: a dos esportes de combate e a da promoção da saúde, sendo combinado com exercício físico e um estilo de vida saudável. Desta forma, o *wushu* se estabelece como um meio de manutenção da saúde com grande espectro. Ainda de acordo com Yu (1991), um grande número de estudos científicos têm explorado os efeitos desta modalidade sobre a saúde de seus adeptos. Os dados encontrados nessas pesquisas demonstram um efeito direto da prática do *wushu* com o estado de saúde de seus praticantes.

Reforçando as afirmativas de Yu (1991) sobre os benefícios da prática do *wushu*, Tsang et al. (2008) apontam os seus efeitos como sendo a melhora do condicionamento aeróbio, o aumento da força muscular e da densidade óssea, a diminuição de massa gorda em mulheres praticantes, além do controle e amenização de quadro agudo de estresse. A obesidade também ganha um grande auxiliar no processo de perda de peso e manutenção da composição corporal adequada. O fortalecimento muscular geral também é um efeito benéfico da prática por proporcionar a diminuição da incidência de quedas que resultam em fraturas e complicações da saúde.

No estudo de Thorton, Sykes e Tang (2004) encontramos suporte para as afirmações

de Yu (1991) e Tsang et al. (2008) de que a prática do *wushu* promove a saúde e o controle da pressão arterial. Segundo Thorton, Sykes e Tang (2004) as pressões sistólica e diastólica apresentam queda, após um período de frequente treino de *wushu*. Neste estudo os autores testaram um grupo de 40 mulheres de meia idade que foi submetido a um programa de treinamento de *Taijiquan* de 36 sessões e que posteriormente tiveram seus resultados comparados com um grupo controle. Uma queda significativa da pressão arterial foi encontrada no grupo que praticou o *Taijiquan*.

Segundo Wu, Li e Yu (1992) as funções da prática do *wushu* podem ser assim classificadas: cultivo da moral, defesa pessoal, auxílio no tratamento de doenças, promoção da saúde, desenvolvimento artístico e cognitivo. O cultivo da moral está ligado ao cultivo das boas maneiras e de uma conduta correta. Esse foco ajuda o equilíbrio psicológico do praticante. O caráter e a etiqueta são conteúdos indispensáveis no ensino do *wushu*. A defesa pessoal inclui uma diversidade de exercícios com e sem armas, o que podem auxiliar no treinamento de forças militares e policiais.

O auxílio no tratamento de doenças é baseado no ajuste e controle respiratório, mental e psicológico. Alguns exercícios de *wushu* auxiliam na reabilitação de doenças crônicas, favorecendo o fortalecimento do sistema imunológico. A promoção da saúde é realizada através da prática constante dos exercícios básicos de *wushu*, que incluem alongamentos, exercícios de força isométricos e dinâmicos, saltos e exercícios coordenativos, além da memorização necessária das sequências de exercícios. O desenvolvimento artístico pode ser percebido através das performances dos *taolu*, pois estes têm que ser realizados com beleza estética definida para cada série de exercícios. A expressão corporal se constitui como um elemento indispensável para essa prática com mãos nuas ou com implementos (armas).

O desenvolvimento cognitivo se relaciona com a necessidade de memorização das sequências, além de se pensar em soluções corporais em determinadas rotinas de movimento. As possibilidades apresentadas durante a prática do combate requer um aprimoramento do raciocínio lógico e rápido. Além disso, o efeito da prática sobre o sistema nervoso periférico e central promove um estímulo de grande intensidade e, auxiliando assim na melhora do aspecto cognitivo.

De acordo com Li e Du (1991) a prática do *wushu* tem funções adicionais as militares, que enfaticamente dominavam sua prática até o século XIX. Para esses autores as funções do *wushu* englobam a promoção da saúde, a defesa pessoal, a beleza estética e a virtude.

A promoção da saúde é entendida como a manutenção da condição de equilíbrio físico e psíquico. Os autores citam a capacidade de controlar a frequência cardíaca, a pressão arterial, o relaxamento muscular e o desenvolvimento do sistema cardio-respiratório, como componentes para a manutenção da boa saúde. A função de defesa pessoal se estabelece pela própria história do desenvolvimento do *wushu*, que inicialmente serviu amplamente nos campos de batalha.

Atualmente o *wushu* se estabelece como um eficiente método de treinamento para defesa pessoal, além de ajudar a desenvolver as habilidades naturais do homem e a equilibrar as funções mentais e corporais. A beleza estética é manifestada através da prática dos *taolu*, que requerem correta postura, autocontrole, compostura, espírito e alegria. Essas características promovem o aspecto artístico da prática do *wushu*, transformando-o em *Wuyi* (武艺). Historicamente o *wushu* está relacionado a aspectos artísticos, como a dança e a música. Segundo Li e Du (1991), no início da dinastia *Zhou* (1025-221) a dança era utilizada como estimulante nas vésperas das batalhas. Durante a dinastia *Tang* (618-907) a dança, a literatura e a pintura tiveram vínculos estreitos com o *wushu*. No que se refere à Virtude, o *wushu* enfatiza o autocontrole e o bom caráter. Os autores afirmam que essa virtude marcial é composta por exercícios de autorrestrrição, não uso das habilidades marciais para sua própria glorificação ou para oprimir os mais fracos. A virtude marcial deve observar a justiça, o destemor frente à brutalidade, a modéstia e o espírito de cooperação.

De acordo com Wu, Li e Yu (1992), o ensino e a prática do *wushu* atende as demandas sociais por educar seus membros para o convívio social baseado na ética e nos conceitos morais. A ética marcial construída a partir do desenvolvimento milenar do *wushu* é composta por sete valores, a saber: (i) respeito à vida humana e às leis naturais, desta forma protegendo a vida de todos os seres e a natureza; (ii) ênfase nos princípios morais que se estabelecem no equilíbrio das relações entre os homens e a sociedade; (iii) ênfase na conduta moral e nas boas maneiras, que é entendida como o senso de justiça, diligência, honestidade e trabalho duro; (iv) respeito aos professores e cuidados com os outros é considerado como o segredo da amizade verdadeira entre os homens; (v) modéstia e tolerância desenvolvem a capacidade de refrear a arrogância, o autoritarismo e ostentação; (vi) ausência de rancores pessoais é o valor que trata também de tolerância, para não gerar rancores em outras pessoas, molestando-as; e (vii) persistência e perseverança é o valor que enfatiza o esforço e a firmeza na realização das tarefas da vida.

Para a IWUF (2008), a prática do *wushu* favorece o desenvolvimento da moral e da cortesia. A conduta moral, a ética e a padronização do comportamento nas relações sociais é a tônica dos valores inerentes ao ensino desta modalidade. A saudação do ‘punho e palma’⁶, cumprimento tradicional realizado entre praticantes de *wushu*, é um exemplo dessa equanimidade e cordialidade entre os homens.

2.4.2 Características do *wushu*

De modo geral, o *wushu* é composto por técnicas variadas que incluem *Wuqi* (武器) uso de armas, *Ti* (踢) técnicas de membros inferiores, *Da* (打) técnicas de membros superiores, *Na* (拿) técnicas de imobilização, *Shuai* (摔) técnicas de projeção ou de queda e *Qi* (气) técnicas respiratórias para o desenvolvimento da energia vital.

As características do *wushu* estão ligadas a sua prática, ao objetivo e como ela se dá. A prática pode ser realizada em grupo, solo, com ou sem armas, e ainda pode ser praticada no formato de combates. Quanto aos objetivos de sua realização, pode ser entendida como entretenimento, saúde, lazer, esporte, defesa pessoal e como instrumento de treinamento militar ou policial. A prática do *wushu* é realizada de cinco formas: *taolu* (套路) com ou sem armas, *tuishou* (推手), *sanda* (散打), *shuaijiao* (摔跤) e *qigong* (气功). O *taolu* requer o aprendizado de sequências de movimentos de defesa e ataque em uma luta com oponentes imaginários. Nas escolas de *wushu* é o início do aprendizado, pois as demais práticas dependem do repertório de movimentos contidos nos *taolu*. O *tuishou* é uma luta combinada entre duas ou mais pessoas, onde os movimentos de ataque e defesa são previamente estabelecidos e conhecidos por todos os participantes da prática. É a fase que antecede ao *sanda*, que é a luta propriamente dita. É realizada por dois oponentes que se enfrentam e utilizam as técnicas que aprenderam até o momento. Pode ser executada com ou sem proteções, e ainda com ou sem armas. O *qigong* é a prática voltada ao desenvolvimento da ‘energia vital’, baseada na execução de exercícios respiratórios específicos. Pode ser praticada dentro ou fora da prática do *taolu*.

Na prática do *taolu*, uma característica marcante, e que define muitas vezes o estilo

⁶ É a contraposição do punho direito fechado na palma da mão esquerda, chamada de *Jingli* (敬礼).

praticado, é a postura das mãos durante a sua execução. De maneira genérica, as mãos assumem duas posturas diferentes: ou a mão está totalmente fechada ou está totalmente aberta. A primeira é conhecida como *quan* (拳) a segunda é *zhang* (掌). Essas duas posturas básicas assumem variações dependendo do estilo praticado. As variações, segundo Lai e Klingborg (1999), podem ser punho vertical (日拳 - *riquan*) punho horizontal (月拳 - *yuequan*), garra de tigre (虎爪 - *huzhao*) e bico de garça (鹤嘴 - *hezui*). Esses exemplos não esgotam as variedades de posturas existentes, para tal se faz necessária uma apresentação detalhada de vários estilos de *wushu*, o que não se constitui foco deste capítulo.

Não há um local determinado para o desenvolvimento de sua prática, podendo ser realizada em ginásios, salas de atividades físicas, escolas, universidades, parques, no campo, pátios ou mesmo dentro de casa. Essa flexibilidade para o treinamento confere ao *wushu* muitas possibilidades para a sua realização, tornando-a acessível a toda a população, de diferentes idades, gênero ou estrato sócio-econômico. Em tempos antigos, as características do *wushu* estavam relacionadas a grupos sociais específicos. Existia *wushu* para o povo, para os soldados, para os oficiais, para os religiosos e para os imperadores, todos com características diferentes e específicas para cada grupo social.

O uso de implementos ou armas também é uma característica do marcante *wushu*. Há uma grande diversidade de armas utilizadas na prática do *wushu*: armas longas, médias, curtas, duplas e articuladas, armas de metal, de madeira ou feitas com os dois materiais conjugados. De acordo com Wu, Li e Yu (1992), as armas usadas pelos mestres de *wushu* são originadas das antigas armas militares que serviram nos campos de batalha. A variedade de armas demonstra a criatividade do Homem frente aos contextos que lhes são apresentados. Ainda segundo os autores, a lista de armas utilizadas no *wushu* inclui as seguintes: bastão (棍 - *gun*), facão (刀 - *dao*), espada (劍 - *jian*), lança (枪 - *qian*), lança meia-lua (戟 - *ji*), machado longo (钺 - *yue*), ganchos (勾 - *gou*), tridentes (叉 - *cha*), chicote (鞭 - *bian*), massa (铜 - *zong*), martelo (锤 - *chui*) e martelo-meteoro (流星锤 - *liuxingchui*). Qiu (2006) caracteriza as armas como antigas e modernas. As antigas são compostas de 14 tipos, listadas a seguir: lança meia-lua (戟 - *ji*), Lança cobra (矛 - *mao*), tridentes (叉 - *cha*), lança-acha (戈 - *ge*), machado longo (钺 - *yue*), besta (弩 - *nu*), chicote (鞭 - *bian*), massa (铜 - *zong*), estrepe (铁疾藜 - *tiejili*), machado (斧 - *fu*), bastão de

metal (戛 - *shu*), martelo (锤 - *chui*), faca (短刀 - *duandao*) e arco e flexa (弓 - *gong*). As armas modernas são de 21 tipos, são elas: bastão (棍 - *gun*), o facão (刀 - *dao*), a espada (剑 - *jian*), lança (枪 - *qian*), faca longa (双手带 - *shuangshoudai*), kuandao (大刀 - *dadao*), bastão vassoura (长梢子 - *changshaozi*), caneta (峨嵋刺 - *emeici*), bastão de três partes (三节棍 - *sanjiegun*), punhal duplo (双匕首 - *shuangbishou*), espada dupla (双剑 - *shuangjian*), martelo-meteoro (流星锤 - *liuxingchui*), bastão de duas partes (两节棍 - *liangjiegun*), espada longa (长穗剑 - *changsuijian*), ganchos duplos (双勾 - *shuanggou*), lança dupla (双枪 - *shuangqian*), dardo (绳镖 - *shengbiao*), corrente (九节鞭 - *jiujielian*), facão duplo (双刀 - *shuangdao*), bengala (拐子 - *guaizi*) e escudo (牌盾 - *dunpai*).

As armas básicas presentes na maioria dos sistemas de *wushu* são: o bastão (棍), o facão (刀), a espada (剑) e a lança (枪). São consideradas por Wu, Li e Yu (1992), como as quatro principais, onde cada uma possui uma característica específica que determina o padrão de movimentos e respectivas exigências motoras. O bastão, também conhecido como ‘o pai de todas as armas’, é de fácil confecção e manuseio. Usa movimentos rápidos para realizar trajetórias circulares de média e longa amplitude, combinando movimentos rápidos e leves com fortes e firmes. O facão é amplamente utilizada em diversos sistemas de *wushu*, é também conhecida como ‘o marechal das armas’. Pode ter várias características de acordo com o seu tamanho e formato. A sua prática requer força e velocidade tanto nos movimentos de defesa quanto nos de ataque. Sua força é comparada com a ‘força do tigre’. A prática com a espada requer vivacidade, agilidade, elegância, fluidez e movimentação natural. Requer ainda grande flexibilidade e seus movimentos são muito variados, comparados são comparados com o voo de uma fênix; a espada é conhecida, ainda, como ‘o cavaleiro de todas as armas’, sendo a mais antiga das armas feitas de metal. Chamada de ‘o rei das armas’, a lança se caracteriza por movimentos corporais flexíveis, leves, rápidos e firmes, além de agilidade no trabalho de pés. É comparado a ‘um dragão em voo’.

2.4.3 Classificações do *wushu*

De acordo com Kennedy e Guo (2005) o *wushu* é comumente classificado segundo três critérios gerais, que são: Interno ou Externo; Norte ou Sul; e *Shaolin* ou *Wudang*. A

classificação Interno ou Externo causa grandes controvérsias e debates na atualidade. Essa classificação também pode adotar os termos ‘estilos suaves’ e estilos duros’ como seus sinônimos e que lhes confere amplitude de significados. Porém, essa distinção está baseada na concepção de desenvolvimento da força interna ou da força externa no sentido de se trabalhar com o *Qi* ou não. Ou se a estratégia de combate é defensiva ou ofensiva, sendo os estilos internos focados nas estratégias defensivas e os externos nas ofensivas. Essa classificação separa os estilos *Xingyiquan*, *Baguazhang* e *Taijiquan* como os três mais significativos sistemas internos e estilos como *Hung Gar*, *Huaquan* e *Shaolinquan* como exemplos de sistemas externos. Para Kennedy e Guo (2005) essa dicotomia é um problema para a classificação do *wushu*, e não se sustenta, pois praticantes de *Xingyiquan* utilizam força muscular explosiva, e estratégias ofensivas durante os treinos e os combates, assim como praticantes de *Hung Gar* utilizam técnicas de desenvolvimento do *qi*, como, por exemplo, Camisa de Ferro.

Outra vertente que explica o nascimento dessa classificação é apresentada por Henning (1981). Segundo este autor, a classificação interno e externo nasceu dentro das sociedades secretas florescentes, principalmente durante a dinastia *Qing* (1644-1911). Essas sociedades estabeleceram um movimento nacionalista e de defesa da cultura chinesa da invasão estrangeira. Para isso elegeram o Budismo, e tudo o que estivesse ligado a ele, como cultura invasora, externa às tradições da China, enquanto o Taoísmo caracterizava-se como a cultura verdadeiramente local, interna, de “dentro de casa”. Desta forma, os termos *Waijia* (外家) e *Neijia* (内家) incorporaram, respectivamente, o significado simbólico de estrangeiro e nativo. *Waijia* literalmente representa o “lado externo da casa”, ou “também escola externa”; já a palavra *Neijia* significa “dentro de casa” ou “escola interna”. Essa diferenciação serviu durante muito tempo para fortalecer o sentimento nacionalista e de repulsa a tudo que era estrangeiro, mas com o tempo passou a classificar os estilos de *wushu* segundo o uso do *qi*, ou seja, da energia vital. As escolas externas enfatizam mais a explosão muscular, a força e a velocidade e as internas valorizam a circulação do *qi*, da suavidade e da flexibilidade.

Para Kennedy e Guo (2005) essa classificação foi primeiramente usada no final da dinastia *Qing* (1644-1911) e fortemente durante a República Popular da China (1911-1949). Atualmente é usada para separar os sistemas *Taijiquan* (太极拳), *Xingyiquan* (形意拳) e *Baguazhang* (八卦掌) nas competições oficiais organizadas tanto pela IWUF como por outras

entidades de caráter internacional.

Norte ou Sul, para Kennedy e Guo (2005), é a classificação dos sistemas de *wushu* baseada na localização geográfica e na topografia. A frase ‘pernas do norte, punhos do sul’ dá a dimensão dessa classificação estereotipada onde os estilos do norte da China dão ênfase às técnicas de pernas e os do sul enfatizam as técnicas de mãos. Baseia-se na topografia, onde o norte é montanhoso e força seus moradores a andar a pé e a cavalo, fortalecendo assim as pernas; já o sul, sendo pantanoso e com grandes redes de rios, riachos e córregos, impõe aos seus moradores o deslocamento por barcos, fortalecendo assim os braços por consequência da necessidade de remar.

Kennedy e Guo (2005) apresentam dois problemas para a aceitação dessa classificação como regra geral. O primeiro é que existem exceções a essa regras, pois diversos estilos do norte da China não enfatizam predominantemente as técnicas de chutes, o que se contrapõe aos estilos do sul, que têm trabalhos de pernas muito bem estruturados. O segundo problema, é que os praticantes dos estilos do norte não aceitam que seus estilos tenham técnicas leves ou fracas de mãos e os praticantes dos estilos do sul não aceitam que suas técnicas de chutes sejam inferiores aos do norte. Portanto, embora exista a necessidade de classificação para efeito de estudo e compreensão do *wushu*, é preciso ter claro que por melhor que seja esta ordem, será apenas didática e não conseguirá dar conta da diversidade de perspectivas da arte marcial chinesa.

Outra perspectiva sobre essa classificação é entendê-la como a localização geográfica da origem do sistema de *wushu*, que surge a partir de um comportamento histórico de cisão geopolítica da China. A maioria dos grandes conflitos de poder na neste país se deu entre as regiões norte e sul. Essa polarização histórica cristalizou a diferença cultural dentro da própria China e conseqüentemente, gerou uma divisão geo-cultural entre os sistemas de *wushu*, que se consolidou como uma possível classificação. Essa divisão é norteada pelo rio *Yangtze*, e pode ser verificada com frequência na exclamação ‘abaixo do *Yangtze*’ (sul) ou ‘acima do *Yangtze*’ (norte).

A classificação *Shaolin* ou *Wudang*, também pode ser entendida como uma classificação sob as bases filosóficas do budismo ou do taoísmo. *Shaolin* é um conhecido mosteiro budista localizado na província de *Henan*, perto da cidade de *Luoyang*, construído na base das montanhas *Song* (嵩山) e fundado em 495 d.C. *Wudang* é uma montanha, localizada a

noroeste da província de *Hubei* (河北), que abriga diversos templos taoístas, famosos pelo *wushu*, pelas técnicas de meditação e pela medicina tradicional chinesa.

O *wushu* de *Shaolin* é reconhecidamente baseado no budismo e o *Wudang* se estrutura a partir do pensamento taoísta. Basicamente, o *wushu* taoísta foi desenvolvido por religiosos que viveram na região de *Wudang*. Segundo Kennedy e Guo (2005), os três maiores estilos taoístas são o *Baguazhang*, o *Xingyiquan* e o *Taijiquan* e que pertencem ao grupo classificado como sistemas de *Wudang*. Entretanto, nenhum deles foi criado na região de *Wudang*, o que confere complexidade a essa classificação em sua essência. Por outro lado, os estilos classificados como de *Shaolin* devem ter sido criados pelos monges que habitam o mosteiro com o mesmo nome, ou influenciados pelo pensamento budista característico desse local. Kennedy e Guo (2005) apontam que essa classificação foi utilizada pela primeira vez na Academia Nacional de Guoshu, em 1920, com o objetivo de se criar uma ampla categoria para englobar a maioria dos sistemas de *wushu* da época. Porém, as excessões existentes nesses princípios colocam em xeque essa tentativa de se agrupar em dois grandes grupos. Entretanto essa classificação ainda é usada por diversos autores para explicar questões relacionadas aos sistemas internos e externos e o uso do *qi*.

Para Wu, Li e Yu (1992), o *wushu* pode ser classificado em categorias menores, como prática solo, rotinas, prática em grupo, armas, luta combinada, combate e *qigong*. O *wushu* atualmente se divide em Moderno e Tradicional. O *wushu* Tradicional é composto por todas as manifestações das artes marciais criadas em território chinês ao longo de sua história e que fazem parte da cultura desse povo. O *wushu* Moderno foi desenvolvido a partir do estabelecimento da República Popular da China, em 1949, com objetivo de padronizar as práticas com fins para a saúde, a educação e o esporte.

No que tange ao *wushu* Tradicional, Li e Du (1991) listam os principais sistemas reconhecidos e mais praticados na China, agrupados pela classificação Sul e Norte: Sistemas do Sul – *Yongchunquan* (咏春拳), *Hongjiaquan* (洪家拳), *Liujiacquan* (刘家拳), *Caijiacquan* (蔡家拳), *Lijiaquan* (李家拳), *Mojiacquan* (莫家拳), *Huheshuangxin Quan* (虎鹤双形拳), *Xiaquan* (侠拳), *Hakkaquan*⁷ (客家拳), *Fojiaquan* (佛家拳), *Baimeiquan* (白眉拳), *Rouquan* (柔拳), *Kunlunquan*

⁷ *Hakkaquan* é o termo mais conhecido para esse sistema que também tem o nome de *Kejiacquan* na transliteração em Pinyin.

(昆仑拳), *Kongmenquan* (孔门拳), *Lianshouquan* (连手拳), *Diaojia jiao* (刁家教), *Yuejiaquan* (岳家拳) e *Songjia Jiao* (宋家教). Sistemas do Norte – *Shaolinquan* (少林拳), *Changquan* (长拳), *Taijiquan* (太极拳), *Fanziquan* (翻子拳), *Xingyiquan* (形意拳), *Baguazhang* (八卦掌), *Bajiquan* (八卦拳), *Liuhequan* (六合拳), *Huaquan* (华拳), *Chuojiao* (戳脚), *Tantui* (弹腿 ou 潭腿), *Mianquan* (绵拳), *Mizongquan*⁸ (迷踪拳), *Taizu Chang Quan* (太祖长拳), *Houquan* (猴拳), *Paoquan* (炮拳), *Tongbiquan*⁹ (通臂拳) e *Chaquan* (查拳).

Wu, Li e Yu (1992) adicionam a lista os sistemas: *Piguaquan* (劈挂拳), *Sanhuang Paochui* (三皇炮捶), *Hongquan* (红拳), *Yingzhaoquan* (鹰爪拳), *Tanglangquan* (螳螂拳), *Ditangquan* (地堂拳), *Hequan* (鹤拳), *Luohanquan* (罗汉拳), *Yiquan* (意拳), *Lanshoumen* (拦手门 ou 拦手拳), *Ziranmen* (自然门), *Changjiaquan* (长家拳) e *Duanquan* (短拳). Pode-se ainda adicionar aos sistemas do Sul e do Norte alguns outros, tais como: Sul - *Meishanquan* (梅山拳), *Dishuquanfa* (地术犬法), *Shequan* (蛇拳), *Wuzuquan* (五祖拳), *Yuquan* (鱼泉) e *Chuanquan* (船拳); Norte - *Wushouquan* (五手拳), *Tangpingquan* (汤瓶拳), *Bamenquan* (八门拳), *Meihuaquan* (梅花拳), *Liuhequan* (六和拳), *Bafaquan* (八法拳), *Hongquan* (洪拳), *Huaquan* (花拳), *Wudangquan* (武当拳) e *Huaquan* (滑拳). Outros ainda que possuem classificação difusa podem ser incluídos, são eles: *Xinyiquan* (心意拳), *Xinyi Liuhequan* (心意六合拳) e *Emeiquan* (峨眉拳).

No sentido de desenvolver o *wushu* Moderno, o governo chinês promoveu um trabalho de organização e padronização desta modalidade, até então praticadas pelo povo. Apesar de serem reconhecidos mais de 100 sistemas de *wushu* na China, Li e Du (1991) afirmam que a construção do *wushu* Moderno se baseou em alguns desses antigos e tradicionais sistemas, como, por exemplo, o *Huaquan* (华拳), o *Chaquan* (查拳) e o *Taijiquan* (太极拳). Esse trabalho resultou em um *wushu* competitivo, vigoroso e estético, com pretensões olímpicas, pois é uma prerrogativa da IWUF e do governo chinês incluir o *wushu* como modalidade nos jogos olímpicos. A classificação atual do *wushu*, utilizada pela IWUF, está dividida em *Wushu Taolu*, *Wushu Sanda* e *Wushu Tradicional* (IWUF, 2008).

⁸ Também conhecido como *Yanqingquan* (燕青拳).

⁹ Pode ser escrito de outra forma: *Tongbeiquan* (通背拳).

Dentro dessa classificação de caráter esportivo, existe a divisão geral por modalidades. Essa divisão se apresenta da seguinte forma:

- *Wushu Taolu* (武术套路)
 - *Changquan* (长拳) – Punho Longo ou Punho do Norte;
 - *Nanquan* (南拳) – Punho do Sul;
 - *Taijiquan* (太极拳);
 - *Jianshu* (剑术) – Espada;
 - *Daoshu* (刀术) – Facão;
 - *Qiangshu* (枪术) - Lança;
 - *Gunshu* (棍术) - Bastão;
 - *Taijijian* (太极剑) - Espada de Taiji;
 - *Nandao* (南刀) – Facão do Sul;
 - *Nangun* (南棍) – Bastão do Sul;
 - *Duilian* (对练) – Eventos em duplas com e sem armas; e
 - *Jiti* (集体) – Eventos em grupo.
- *Wushu Sanda* (散打) - Combate
- *Wushu Tradicional* (传统武术)
 - *Waijia* (外家) - Estilos Externos
 - Mãos Livres;
 - Armas;
 - Apresentação em grupo; e
 - Luta Combinada.
 - *Neijia* (内家) - Estilos Internos
 - Mãos Livres;
 - Armas;
 - Apresentação em grupo; e
 - Luta Combinada.

Na perspectiva do esporte existe ainda a modalidade de combate chamada de *Shuaijiao* (摔跤), que possui o objetivo de lançar o oponente ao chão com técnicas de projeção, similares ao judô, ao sumô e à luta greco-romana. Essa modalidade tem sua organização e regulação fora da esfera da IWUF até o momento, apesar de ser um estilo de *wushu* considerado como o mais antigo a ser criado na China. Para competições segue as regras da *Chinese Wrestling Association* com sede em Beijing, na China.

CAPÍTULO III - DEFICIÊNCIA, ESPORTE ADAPTADO E CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

O presente capítulo pretende apresentar as deficiências mais comuns, bem como uma aproximação do esporte adaptado e suas modalidades atuais e ainda, uma descrição dos sistemas de classificação funcional utilizados para nortear a prática dos esportes adaptados.

3.1 Deficiência

Antes de explorarmos as deficiências, especificamente na esfera conceitual, é necessário que se tenha uma aproximação com alguns conceitos que norteiam as relações das pessoas que apresentam diferentes e peculiares condições, com a sociedade onde estão inseridas. Esses conceitos são: impedimentos orgânicos e desvantagens sociais.

Para Batista e Enumo (2000) impedimento ou disfunção são entendidos como deficiências sensoriais, como a cegueira e a surdez, assim como outras de fundo neurológico ou físico-motores.

As concepções organicistas enfatizam a irreversibilidade dessas disfunções, o que favorece a um pensamento, ou prognóstico extremamente pessimista em relação à pessoa com tais impedimentos ou disfunções. Vygotsky (2008) apresenta a noção de consequência secundária e terciária, em contraposição à concepção organicista.

Essas consequências se desdobram além da disfunção primária e devem ser entendidas para uma melhor abordagem da questão. Barbotte et al. (2001), apresentam a definição de deficiência, proposto pela *World Health Organization* (WHO), em 1980, classificado em três conceitos distintos, porém relacionados: *Impairment* (deficiência), *Disability* (incapacidade) e *Handicap* (desvantagem).

- Deficiência é qualquer perda ou anomalia, temporária ou permanente, de uma estrutura corporal ou função, seja psicológica ou fisiológica. Uma deficiência é um distúrbio que afeta as funções mentais ou sensoriais, dos órgãos internos, da cabeça, do tronco ou dos membros.
- Incapacidade é a restrição ou incapacidade de realizar uma atividade de maneira,

ou dentro de uma faixa, considerada normal para um ser humano. Em sua maioria isso se dá em consequência de uma deficiência.

- Desvantagem é o resultado de uma deficiência ou incapacidade que limita ou impede o cumprimento de um ou vários papéis considerados normais dentro de uma sociedade, dependendo da idade, do sexo e de fatores sócio-culturais.

Nota-se, portanto, que Deficiência e Incapacidade relacionam-se às questões “anatomo-fisiológicas”, enquanto Desvantagem relaciona-se às questões “sócio-culturais”.

Para Amaral (1996 apud BATISTA, ENUMO, 2000, p. 98), essa classificação proposta foi um avanço para o estudo da deficiência e seus desdobramentos. Com isso, também concordam Amiralian et al. (2000), quando afirmam que essa classificação se torna um referencial unificado para a área da saúde e “estabelece, com objetividade, abrangência e hierarquia de intensidades, uma escala de deficiências com níveis de dependência, limitação e seus respectivos códigos [...]”.

A deficiência é um fenômeno global que se distribui em dois subfenômenos: deficiência primária, que engloba os subconceitos de ‘deficiência’ e ‘incapacidade’. deficiência secundária está relacionada ao subconceito ‘desvantagem’. Como exemplos, têm-se o olho lesado (deficiência) e o não ver (incapacidade). A deficiência secundária tem efeitos impeditivos para o pleno desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos, pois cria barreiras atitudinais, como preconceitos, estereótipos e estigmas.

De acordo com a *World Health Organization* (WHO, 2011), deficiência é um termo “guarda-chuva” que engloba limitações de atividades e restrições à participação. A deficiência é ainda a relação entre o indivíduo e a sua condição de saúde e entre o pessoal e as condições ambientais.

Desta forma, o educador, seja ele físico ou não, deve agir no sentido de impedir o surgimento da deficiência secundária e, conseqüentemente, o desenvolvimento da desvantagem social. O primeiro movimento para que isso aconteça, é o domínio dos conceitos e características das pessoas que apresentam diferentes e peculiares condições. O conhecimento da distribuição geográfica e quantitativa desta situação é a primeira ação que se deve ter. No Brasil, esses dados são disponibilizados em sites de órgãos governamentais, como é o exemplo do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No censo demográfico realizado por este órgão no ano de 2010, foram obtidos dados sobre a distribuição e os tipos de deficiências que ocorrem na população brasileira. Identificou-se que 23,91% dos mais de 190 milhões de brasileiros, possuem alguma deficiência (IBGE, 2010).

O IBGE (2010) classifica as deficiências em quatro categorias, a saber: Deficiência Visual, Deficiência Auditiva, Deficiência Motora e Deficiência Mental/Intelectual. Para fins desse estudo, se assumirá a nomenclatura usada por Gorgatti e Costa (2008) para Deficiência Intelectual no lugar de Deficiência Mental/Intelectual apresentada pelo IBGE (2010), mantendo-se as demais. Os dados apresentados pelo Instituto, demonstram o status da questão da deficiência no Brasil. A seguir, esses dados são apresentados em três tabelas confeccionadas a partir da síntese das informações contidas no Censo Demográfico 2010 deste órgão. A primeira tabela, apresenta a distribuição da ocorrência dos quatro tipos de deficiência pesquisados no Censo. A segunda apresenta a ocorrência dessas deficiências agrupadas por região e a terceira, demonstra os números de pessoas com alguma deficiência, distribuídos por região do país.

Tabela 1: Ocorrência dos quatro tipos de deficiência no Brasil

Tipo de deficiência	Ocorrência	
	N	(%)*
Visual	35.774.392	58,29
Motora	13.265.599	21,61
Auditiva	9.717.318	15,83
Intelectual	2.611.536	4,27
Total	61.368.845	100

(*) percentual calculado a partir da relação do número de ocorrências da deficiência específica com total de ocorrências de deficiências no Brasil. Aqui há a soma de mais de uma deficiência por indivíduo, são as deficiências múltiplas. Fonte: IBGE (2010).

Os dados acima demonstram que a deficiência visual se destaca significativamente em relação às demais, detendo 58,29% das ocorrências no Brasil, tendo mais que o dobro da segunda colocada, que é a motora, com 21,61%. A deficiência auditiva aparece em terceiro lugar, com 15,83% e em quarto, está a intelectual, com 4,27%. Na metodologia do IBGE (2010) foram usados três níveis de comprometimento da deficiência a serem indicados pelo informante: “Não consegue de modo algum”, “Grande dificuldade” e “Alguma dificuldade”. Dessa forma, criaram-

se três categorias dentro das deficiências, com exceção da intelectual que não foi separada em níveis de comprometimento.

Tendo em vista que em muitos casos a percepção da deficiência está enviesada por fatores externos, tais como as secundárias ou a desvantagem, apontada por Barbotte et al. (2001), que aprofundam a sensação do acometimento, o informante pode ter dado uma informação imprecisa, ficando embotada pelo que se percebe e não pelo que realmente se tem, em termos de deficiência ou impedimento.

Assim sendo, na deficiência visual, por exemplo, muitas respostas apontadas pelo referido Censo podem não se relacionar com os conceitos que elegem, quer para fins educacionais ou esportivos, quer para médicos/legais uma pessoa com limitações visuais dentro dos padrões clínicos ou funcionais. Deste modo, pode-se levantar a hipótese de que tais respostas abordaram apenas uma percepção da deficiência em um parâmetro secundário e com conhecimento restrito sobre as possibilidades e potencialidades daquelas pessoas.

Tabela 2: Ocorrência das quatro deficiências por região do Brasil

Tipo de Deficiência	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-oeste
	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
Visual	61,28	64,53	58,26	55,14	60,97
Motora	19,79	23,67	21,92	23,19	19,7
Auditiva	15,14	7,04	15,53	17,14	15,22
Intelectual	3,77	4,74	4,27	4,51	4,09

Fonte: IBGE (2010)

Aqui se pode relacionar a quantidade da população em cada região com o número verificado das quatro deficiências. A constatação deste resultado ser maior na região sudeste do que na região sul é esperado, pois a primeira possui uma população muito mais numerosa do que a segunda. O mesmo se observa entre as demais regiões, pois quanto menor a população, proporcionalmente menor será a ocorrência das deficiências. Entretanto, o nordeste se comporta de forma diferente, como se pode observar na Tabela 3, a seguir.

Tabela 3: Número de pessoas com alguma deficiência por região do Brasil

Região	População	(%)^a	Pessoas com alguma deficiência	(%)^b
Sudeste	80.364.410	42,12	18.506.974	40,57
Nordeste	53.081.950	27,83	14.133.713	30,98
Sul	27.386.891	14,36	6.164.158	13,51
Norte	15.864.454	8,32	3.655.568	8,01
Centro-oeste	14.058.094	7,37	3.163.497	6,93
Total	190.755.799	100	45.623.910	100

(a) percentual calculado a partir da relação da população da região com a população total do Brasil.

(b) percentual relativo às pessoas com deficiências nas regiões em relação ao total de pessoas com deficiência no Brasil. Fonte: IBGE (2010).

Pode-se notar na Tabela 3, que o nordeste apresenta maior percentual relativo à ocorrência de deficiências, quando comparado com a sua representatividade na população total do Brasil. Neste sentido, as demais regiões brasileiras apresentam um percentual menor em comparação à representatividade populacional no Brasil. O caso do nordeste é diferente dos demais, carecendo de uma análise mais acurada para a verificação dos possíveis motivos dessa diferença, pois se trata da região com a segunda maior população do Brasil e também a segunda maior população com alguma deficiência entre as demais regiões.

Independente da região do Brasil, a ocorrência de deficiência se mantém nas mesmas proporções, sendo a mais comum a visual, seguida da motora, da auditiva e da intelectual. Deste modo, o entendimento das suas características se apresenta necessário para a compreensão desse fenômeno e a possibilidade de oferta de atividade física, componentes da cultura corporal de movimento, desde que sejam adequadas a cada tipo de caso, usando como base suas características específicas. Assim, serão apresentadas a seguir as características individuais, e gerais, dessas deficiências.

3.1.1 Deficiência Visual

A deficiência visual representa atualmente 58,29% das ocorrências de limitações registradas no Brasil (IBGE, 2010). Tais dados podem não corresponder ao mesmo nível conceitual elaborado pelos autores a seguir, tendo em vista a relação entre o conhecimento dos entrevistados sobre a classificação visual e a real condição de desvantagem e potencialidade dessas pessoas frente aos conceitos primário e secundário que envolvem a deficiência. Para

Munster e Almeida (2008, p.29) “a deficiência visual é caracterizada pela perda parcial ou total da capacidade visual, em ambos os olhos, levando o indivíduo a uma limitação em seu desempenho habitual”. E em relação à avaliação para se determinar o nível da deficiência, os autores indicam que “deve ser realizada após a melhor correção óptica ou cirúrgica” (MUNSTER, ALMEIDA, 2008, p.29).

Pode-se apresentar ainda outro conceito de deficiência visual trabalhado por Gorgatti, Teixeira e Vanícola (2008, p.399), onde “a deficiência visual pode ser definida como uma limitação na visão que, mesmo com correção, afeta negativamente o desempenho de uma criança durante a sua educação”. Entretanto o conceito desses autores se apresenta limitante no sentido de que a educação se dá ao longo da vida adulta também. Para fins desse estudo, se adotará o conceito de Munster e Almeida (2008).

A avaliação do nível de comprometimento na deficiência visual se baseia no *Guide For The Evaluation Of Visual Impairment*. Este guia foi elaborado a partir da classificação da Organização Mundial da Saúde, em 1999 (MUNSTER, ALMEIDA, 2008) e leva em consideração quatro aspectos para o estudo do funcionamento visual. Dois aspectos são relativos ao órgão visual e os outros dois se relacionam à pessoa. Eles se apresentam da seguinte forma, segundo Munster e Almeida (2008):

- Órgão visual
 - Mudança estrutural ou anatômica (*disorder, injury*)
 - Mudança funcional no nível do órgão (*impairment*)
- Pessoa
 - Alteração das habilidades do indivíduo (*disability*)
 - Consequências econômicas e sociais (*handcap*)

A deficiência visual pode afetar uma ou mais funções da visão. Essas funções estão assim divididas (MUNSTER, ALMEIDA, 2008, p. 32-33):

- Acuidade visual - Pode ser definida como a capacidade de distinguir detalhes. Esta é tomada a partir da relação entre o tamanho do objeto e a distância onde está situado.
- Campo visual - É a amplitude de estímulos que uma pessoa pode perceber, sendo o campo normal cerca de 180°. Existem patologias que reduzem essa amplitude a menos de 20°. O campo visual monocular se estende aproximadamente em 100° lateralmente, 60°

medialmente, 60° superiormente e 75° inferiormente.

- Binocularidade - É a capacidade de fusão da imagem proveniente de ambos os olhos em convergência ideal, que proporciona a noção de profundidade. É a percepção da relação entre os diferentes objetos e sua posição no espaço.
- Sensibilidade à luz - É a capacidade de adaptação frente à variação da intensidade da luminosidade.
- Sensibilidade ao contraste - É a distinção de pequenas diferenças na luminosidade de superfícies adjacentes.
- Visão para cores - É a distinção de diferentes tons e nuances das cores.

Carvalho et al. (2002, p.14) apresentam de forma mais simples, as funções da visão, que se dividem em três: Acuidade visual, Campo visual e Adaptação à luz e ao escuro.

- Acuidade visual – refere-se à distância a que um determinado objeto pode ser visto.
- Campo visual – A visão periférica é medida pelo campo visual. É a função dos bastonetes, que são as células da retina periférica especializadas em visão noturna. Os limites do campo visual normal são aproximadamente: 60 graus superiormente, 76 inferiormente, 100 graus temporalmente (à direita, quando fixa com o olho direito, e à esquerda, quando fixa o olho esquerdo) e 60 graus nasalmente (à esquerda, quando fixa o olho direito, e à direita, quando fixo o olho esquerdo).
- Adaptação à luz e ao escuro – Não apresentam uma definição em sua obra.

Dentro da avaliação da deficiência visual temos quatro tipos de classificação que segundo Munster e Almeida (2008, p. 36), são a legal ou jurídica, a clínica ou médica, a educacional e a esportiva. Sendo assim:

[...] legais, para efeito de elegibilidade em programas de assistência e obtenção de recursos junto à previdência social; clínicos, para o diagnóstico, tratamento e acompanhamento médico especializados; educacionais, relacionado aos recursos necessários ao processo ensino-aprendizagem; e esportivo, como critério de divisão em diferentes categorias para competições e participações em eventos esportivos.

Para efeito do presente estudo, as classificações educacionais e esportivas são mais significativas. A classificação educacional baseia-se na necessidade dos alunos e são relacionadas às suas condições, que segundo Munster e Almeida (2008), são: pessoa com baixa visão e pessoa

cega. A pessoa com baixa visão é aquela que possui dificuldades em realizar tarefas, mesmo com uso de lentes corretivas. A pessoa cega é aquela em que a percepção da luz, é insuficiente para adquirir conhecimento por meio da visão, mesmo que essa percepção o auxilie na orientação e no deslocamento.

A classificação esportiva foi desenvolvida inicialmente pela *United States Association for Blind Athletes* (USABA) e atualizada pela *International Blind Sports Federation* (IBSA). É composta de três categorias que separam o nível de comprometimento da deficiência visual. Utiliza a letra 'b', que quer dizer *blind* (cego, em inglês), conjugada com os números 1, 2 e 3. Deste modo, tem-se a classificação B1, B2 e B3 (MUNSTER; ALMEIDA, 2008), onde:

- B1 – Desde a inexistência de percepção luminosa em ambos os olhos até a percepção luminosa, mas com incapacidade para reconhecer a forma de uma mão a qualquer distância ou direção (p.39).
- B2 – Desde a capacidade para reconhecer a forma de uma mão até a acuidade visual de 2/60 metros e ou campo visual inferior a 5° (p.39).
- B3 – Acuidade visual entre 2/60 e 6/60 metros, ou um campo visual entre 5° e 20° (p.40).

As causas mais conhecidas da deficiência visual podem ser as congênitas ou as adquiridas dependendo de sua etiologia. Na lista a seguir algumas dão origem diretamente à deficiência visual e outras não necessariamente. São causas relacionadas à deficiência visual, direta ou indiretamente: albinismo, anisometropia, astigmatismo, catarata, conjuntivite, descolamento da retina, diabetes, erros de refração, estrabismo, glaucoma, hipermetropia, miopia, moscas volantes, presbiopia, retinoblastoma, retinopatia da prematuridade, retinose pigmentar, rubéola, sífilis, traumatismos oculares, toxoplasmose e uveítes.

Indivíduos com deficiência visual têm condições de se inserir na cultura corporal de movimento como as demais pessoas, desde que para isso as atividades sejam adaptadas em suas regras, condições de acesso e tenham materiais adequados, assim como para as outras deficiências. Dentro dessa cultura corporal de movimento, se incluem as lutas, artes marciais e os esportes de combate. A prática das lutas pelas pessoas com deficiência visual já pode ser percebida nos esportes paralímpicos; como exemplo, temos o judô, que com suas regras adaptadas permitem a participação ativa desse público. Outra luta que o deficiente visual pode praticar é a capoeira, como indica Silva (2008) em sua obra. Para o autor, a capoeira propicia à pessoa com deficiência visual (cego ou com baixa visão), o exercício da cidadania, além de ser

um importante agente educacional desse indivíduo.

Acredita-se, enfim, que várias outras modalidades de lutas podem ser praticadas pelas pessoas com deficiência visual, desde que adequadas a objetivos mais amplos e não restritos ao combate entre pessoas e com as mesmas regras já pré-estabelecidas nas diferentes modalidades.

3.1.2 Deficiência Físico-Motora

Para Gorgatti e Teixeira (2008), a deficiência motora está subdividida em amputações, lesão medular e paralisia cerebral. Já Gorgatti e Costa (2008), separam em lesão medular, amputações e anomalias congênitas, e por último, distúrbios neurológicos e musculares. Ela ocorre em 21,61% das pessoas com deficiência no Brasil (IBGE, 2010).

Para Gorgatti e Böhme (2008, p.149), “as Lesões medulares podem ser definidas como condições adquiridas, resultantes de uma lesão da vértebra e/ou da estrutura neurológica que envolve a coluna vertebral”. Essa condição, invariavelmente, causa comprometimentos nas funções da medula, o que em muitos casos ocasionam paralisia em algum nível. A medula espinhal coordena as funções dos sistemas motor, sensorial e autônomo. O sistema motor é responsável pelos movimentos do corpo. O sistema sensorial é responsável pela percepção sensitiva de forma geral, como por exemplo, o tato. O sistema autônomo está relacionado à regulação da digestão, aos batimentos cardíacos, à regulação da temperatura corporal, à pressão arterial, à circulação, às funções intestinais e urinárias e sexuais.

Dependendo do grau da lesão e da altura da coluna vertebral em que se deu a lesão, áreas e funções específicas são alteradas ou prejudicadas. Para a determinação do nível de acometimento da lesão é necessário uma avaliação médica profunda. Para Gorgatti e Böhme (2008), é a partir dessa avaliação que se tem a noção do efeito real da lesão e das possibilidades de trabalho com a pessoa lesionada.

Segundo Gorgatti e Böhme (2008) a classificação da lesão medular se dá em duas perspectivas: quanto à seriedade da lesão e quanto ao acometimento neurológico. Quanto à seriedade da lesão ela pode ser Completa ou Incompleta. Quanto ao acometimento neurológico, pode ser Tetra (nível cervical) e Para (abaixo da 1ª vértebra torácica). A ‘Tetra’ pode ser Tetraplegia (completa) ou Tetraparesia (incompleta). A ‘Para’ pode ser Paraplegias (completa) ou Paraparesia (incompleta).

As lesões medulares em nível cervical, sejam elas completas ou incompletas, ocasionam perda total ou parcial das funções dos membros inferiores e superiores. As lesões abaixo da 1ª vértebra torácica levam a acometimentos dos membros inferiores e parte do tronco. De acordo com Gorgatti e Böhme (2008), as sequelas esperadas resultantes das lesões medulares são:

- Espasticidade – lesões acima de T6;
- Redução da ventilação pulmonar e infecções pulmonares – Acima de T2;
- Termoregulação;
- Úlceras (escaras);
- Incontinência urinária e distúrbios nos músculos esfinterianos;
- Distúrbios no retorno venoso e osteoporose;
- Prejuízos à sensibilidade; e
- Problemas de ajustes psicossociais.

As principais causas de lesão medular segundo Gorgatti e Böhme (2008), são: acidentes com arma de fogo, acidentes automobilísticos, mergulhos em piscinas, cachoeiras e mar (acidentes em águas rasas), acidentes durante a prática esportiva e doenças (tumores, infecções e distúrbios vasculares). Uma das causas por doença (infecção viral) mais comum é a Poliomielite, que afeta as células do corno anterior da medula espinhal, responsável pela motricidade. Acarreta paralisia flácida em um ou mais membros, não comprometendo as funções sensitivas e do sistema autônomo. Uma das formas congênitas de lesão medular é a espinha bífida, que ocorre de três formas: a mielomeningocele, a meningocele e a oculta. A mielomeningocele é a forma mais grave, pois ocasiona o extravasamento do canal medular, resultando na perda total ou parcial das funções abaixo da lesão. É a forma que mais ocorre entre a população que é acometida por esse tipo de lesão. A meningocele é similar a mielomeningocele, entretanto é menos grave, pois ocorre o extravasamento apenas da membrana que reveste o canal medular. A oculta ocorre raramente, sendo a menos graves das três; neste caso não ocorre extravasamento de material medular, apenas a má formação dos corpos vertebrais.

As amputações são uma das formas de deficiência motora, que na perspectiva de Gorgatti e Teixeira (2008, p.378), “pode ser definida como a ausência congênita ou a retirada, parcial ou total, de um ou mais membros”. Quando essa ausência é derivada de uma retirada, em

termos históricos, esteve sempre vinculada às guerras. Entretanto, na atualidade, suas causas se configuram de forma diferente, principalmente depois da descoberta da anestesia e da anti-sepsia.

As causas mais comuns que geram as amputações nos dias atuais são os problemas vasculares, com 2/3 dos casos, a diabetes (que em relação a amputações de membros inferiores tem a maior incidência), má formação congênita em crianças, infecções, traumas e neoplasia. Os tumores também tinham grande ocorrência como causas de amputações, entretanto esse número reduziu-se significativamente em função das técnicas de quimioterapia e radioterapia. As cirurgias para realização das amputações têm como objetivo não somente a retirada do membro comprometido, mas também o ganho de condições para a reabilitação e a recuperação máxima da funcionalidade da região lesada. Para isso, o cirurgião deve ter atenção para que, quando se amputar um membro, está se criando uma nova região de contato do corpo com o meio externo, chamado de coto de amputação (PEDRINELLI, TEIXEIRA, 2008).

Para isso ser possível, o nível da amputação ideal é definido como sendo o mais distal possível, assegurando a melhor distribuição das forças no Coto. Em crianças, deve-se preservar, sempre que possível, as placas de crescimento. Na realização das cirurgias de amputação, de forma geral, é sempre preferível as desarticulações em detrimento das amputações transósseas (PEDRINELLI, TEIXEIRA, 2008).

Para Pedrinelli e Teixeira (2008), os níveis de amputação dos membros superiores e inferiores são diversos, dependendo do caso e das condições da lesão. Os níveis de membros superiores são: falângicas, transcárpicas, desarticulação do punho, amputação do terço proximal do antebraço, desarticulação do cotovelo, amputação da área supracondiliana proximal, amputação do colo cirúrgico do úmero e desarticulação do ombro. Para membros inferiores, são: falângicas, transmetatarsianas, desarticulações (interfalângianas, falângianas/metatarsianas), Lisfranc/Chopart/Syme, Transtibiais, desarticulação do joelho, transfemorais, desarticulação do quadril e hemipelvectomia.

A realização da amputação de forma adequada e planejada, tendo em vista o futuro da pessoa em questão, pode proporcionar um processo de reabilitação mais curto, melhorando a sua qualidade de vida. Esses cuidados muitas vezes são tomados pensando-se no futuro e na colocação de próteses que irão dar funcionalidade ao amputado e que geralmente permitirão que eles realizem atividades físicas e esportes cotidianamente.

Em relação às anomalias congênitas, Pedrinelli e Teixeira (2008) alertam que devem

ser consideradas como síndromes e seus tratamentos devem ir além da perspectiva ortopédica. No que se refere à classificação das anomalias, Pedrinelli e Teixeira (2008, p. 205) afirmam que:

a classificação mais tradicionalmente empregada até o momento é a desenvolvida por Frantz e O’Rahilly, que se baseiam na diferenciação entre deficiência transversa (em que a extremidade proximal está relativamente preservada) e deficiência longitudinal (que afeta o membro de forma assimétrica).

Com relação a deficiência longitudinal, é classificada ainda de acordo com o segmento comprometido do membro, que são: preaxial, postaxial e central.

Segundo Pedrinelli e Teixeira (2008), a Sociedade Internacional de Próteses e Órteses (ISPO) elaborou uma classificação a partir da proposta por Frantz e O’Rahilly, utilizando a nomenclatura de proximal para distal, a localização da deformidade e se é parcial ou total. Essa classificação se torna imprescindível para o planejamento de ações terapêuticas e/ou cirurgias de amputação com o objetivo de aumentar a funcionalidade da região afetada. Ainda segundo os autores, as deformidades são divididas em:

- Ausência total ou parcial do membro devido à má formação.
- Membros com desenvolvimento incompleto por erro na diferenciação.
- Duplicação de estruturas por falha na segmentação.
- Hipertrofia segmentar.
- Hipotrofia segmentar.
- Bandas de constrição.
- Síndromes complexas.

Segundo Pedrinelli e Teixeira (2008, p.206):

As deficiências transversas [...] geralmente se comportam como amputação convencional, sendo necessária a utilização o quanto antes de órteses ou próteses para que a criança desenvolva esquemas adaptativos durante o seu desenvolvimento normal cognitivo. As deficiências longitudinais [...] são essas deformidades que necessitam, em grande parte, incluindo aqui as amputações completas ou parciais.

A complexidade das anomalias requer um planejamento das ações terapêuticas no sentido de se realizar um trabalho de reabilitação que permita à pessoa acometida, recuperar a funcionalidade da região comprometida a médio e longo prazo. Desta forma, a atividade física pode se tornar uma realidade para as pessoas com esse tipo de deficiência, e com isso a qualidade

de vida pode ser melhorada sobremaneira.

A paralisia cerebral, também conhecida como encefalopatia crônica da infância, é um distúrbio da motricidade não progressivo. Origina-se de um mau funcionamento ou de uma lesão cerebral, e manifesta-se frequentemente aos três anos de idade. É uma deficiência que altera exclusivamente o controle motor da pessoa acometida. E apresentam diferentes níveis do controle dos movimentos e da postura corporal.

De acordo com Gorgatti e Teixeira (2008, p.392):

Cerca de 85% dos casos de paralisia cerebral ocorrem por problemas originados dos períodos pré ou perinatais, como infecções maternas, uso de drogas e parto prematuro, entre outros. Já as causas pós-natais correspondem a cerca de 15% dos casos, destacando-se a meningite, os traumas e a intoxicação gasosa.

Acrescentando ainda mais causas para a paralisia cerebral, Mattos (2008, p.230) afirma que a lesão cerebral ocorre por “hemorragias, deficiência na circulação cerebral, falta de oxigenação cerebral, traumatismo, infecções, nascimento prematuro e icterícia grave neonatal”.

A diversidade de sequelas apresentadas pela paralisia cerebral é enorme, quase impossibilitando a ocorrência de dois casos idênticos. Apresentam casos de sequelas imperceptíveis a ponto de não alterar a vida cotidiana, assim com sequelas que impõem limitação quase completa, fazendo com que a pessoa acometida tenha a necessidade de auxílio constante. A classificação do grau da paralisia cerebral é dividida em leve, moderado e severo. Essa classificação se refere à limitação sofrida pela pessoa.

Quanto ao membro acometido, Gorgatti e Teixeira (2008, p.392) apresentam a classificação a seguir:

Monoplegia (paresia): acometimento total ou parcial de apenas um membro; Paraplegia (paresia): acometimento total ou parcial dos membros inferiores; Hemiplegia (paresia): acometimento total ou parcial de um lado do corpo (hemicorpo); Quadriplegia (paresia): acometimento total ou parcial dos quatro membros, de forma semelhante; Diplegia (paresia): acometimento dos quatro membros, porém com os membros inferiores visivelmente mais afetados que os superiores; Dupla hemiplegia (paresia): acometimento dos quatro membros, porém com um hemicorpo visivelmente mais afetado que o outro.

No que se refere a localização da lesão em termos neuroanatômicos, Gorgatti e Teixeira (2008, p.392) apresentam da seguinte forma:

Espástica: provocada por lesões na região piramidal, que afeta as fibras eferentes. É o tipo mais comum e caracteriza-se em geral por hipertonia da musculatura, especialmente

flexora; Atetóide: provocada por lesões na região dos gânglios de base, afetando outras fibras que não as eferentes. Provoca em geral movimentos involuntários e tónus muscular flutuante; Atáxica: provocada por lesões no cerebelo. É o tipo menos comum e caracteriza-se em geral por problemas de equilíbrio e hipotonia muscular.

As características comuns que se apresentam com relativa frequência em paralisados cerebrais são: a hiper-reflexia, os distúrbios na coordenação motora, o estrabismo, a dificuldade na fala, a dificuldade em engolir, a sialorréia, as crises convulsivas, a falta de concentração e diferentes problemas perceptivos. Assim, a prática de atividades físicas com esse grupo requer atenção para essas características de forma a se realizar um planejamento adequado a cada indivíduo.

Na esfera das artes marciais, lutas e esportes de combate, o ensino para pessoas com deficiência motora é indicado, desde que sejam feitas as adaptações necessárias para cada indivíduo, respeitando-se as suas características. Martin (2002) aponta que cadeirantes podem praticar artes marciais desde que a metodologia seja adaptada e o uso de muletas e bengalas sejam incorporados à prática. O exemplo dos praticantes de esgrima adaptada nos esportes Paralímpicos indica que a adaptação dos materiais e regras permite que o deficiente motor pratique artes marciais. Rosa, Rodrigues e Freitas (2009) citam a prática do karatê como uma possibilidade para as pessoas com deficiência motora, uma vez que as regras sejam adequadas a essa condição peculiar.

3.1.3 Deficiência Auditiva (Surdez)

Para iniciar uma aproximação com a deficiência auditiva ou surdez, deve-se destacar que ela representa 15,83% de ocorrência em pessoas que possuem alguma limitação, no Brasil. Alguns conceitos básicos também devem ser levados em consideração para o início do entendimento dessa deficiência, e que o termo mais utilizado na atualidade é surdez no lugar de deficiência auditiva. Entretanto, a literatura ainda utiliza frequentemente o termo deficiência auditiva. Para Almeida (2008, p.129), “a deficiência auditiva caracteriza-se como a perda parcial ou total da capacidade de ouvir ou perceber sinais sonoros”. Esse problema de percepção acarreta dificuldades não só na recepção da linguagem, mas também em sua produção. Desta forma, a comunicação entre pessoas se torna amplamente dificultada. Portanto, é necessária a exploração de conceitos adicionais. A Fala é uma habilidade de comunicação complexa que reflete a

evolução do pensamento. A Linguagem pode ser expressa de várias formas, sendo que a mais utilizada é a linguagem verbal.

A comunicação da pessoa com deficiência passa a ser o ponto chave para a sua participação efetiva na sociedade. Desta forma, a pessoa com deficiência auditiva possui algumas formas de comunicação, como as mãos (língua de sinais), expressões corporais e faciais. Entretanto, podem vir a falar oralmente com a ajuda de um fonoaudiólogo. A Lei nº 10.436/2002 reconhece a LIBRAS como a Língua Brasileira de Sinais (BRASIL, 2002). Começou a ser desenvolvida em 1857 com a fundação do Instituto Nacional dos Surdos (INES). A leitura labial, durante muito tempo, foi a única forma de comunicação. É a habilidade de ler, através dos movimentos labiais, o que um interlocutor está comunicando.

A audição tem um papel importante assim como os demais sentidos. Segundo Almeida (2008, p.132), para o homem:

A audição, além da função básica de proporcionar aos indivíduos a possibilidade de receber e de interpretar sons externos, representa para o ser humano algo muito mais importante. [...] proporciona para o indivíduo um campo de 360°.

Em contraponto, a visão fornece ao homem a percepção de 180°, o que faz a audição se destacar em termos de percepção espacial. Isso é reforçado pela outra função da audição, a de estimar a distância e a direção aproximadas dos estímulos sonoros.

A classificação da deficiência auditiva se dá de dois tipos, segundo Almeida (2008): a Surdez condutiva e a Surdez sensorio-neural. A Surdez condutiva é aquela em que se reduz a intensidade do som alcançado pelo ouvido interno (problemas no ouvido externo ou médio). A Surdez sensorio-neural ou da percepção, é causada por problemas no ouvido interno e/ou no nervo auditivo. Almeida (2008) ainda indica uma terceira possível classificação como sendo a que se refere à época do aparecimento da deficiência. São as que ocorrem antes do início do aprendizado da linguagem (Pré-lingual) e após a aprendizagem da linguagem (Pós-lingual). Outro tipo de deficiência auditiva é apontado por Teixeira, Vanícola e Gorgatti (2008) como sendo a auditiva mista, que é uma conjugação da deficiência auditiva condutiva e da auditiva sensorio-neural.

A audição é avaliada pela medição da percepção sonora em decibéis (dB). As perdas auditivas são medidas por uma escala em dB, onde a perda de zero dB significa audição normal e perdas acima de 30 dB são significativas indicando o uso de prótese para compensar a ausência.

A escala classifica a perda em Leve, Moderada, Severa e Profunda. A perda Leve se apresenta na faixa entre 15 a 30 dB, a Moderada entre 31 a 60 dB, a severa de 61 até 90 dB e a Profunda acima de 90 dB (ALMEIDA, 2008).

Para Almeida (2008), as causas da deficiência auditiva podem aparecer em três fases da vida do indivíduo acometido: na fase pré-natal (antes do nascimento), na perinatal (durante o nascimento) e na pós-natal (após o nascimento). As causas da surdez na fase pré-natal podem ser genéticas ou adquiridas. As genéticas são aplasias, síndromes e anomalias cromossômicas. As adquiridas nessa fase são infecção viral (rubéola materna), bacteriana (sífilis adquirida transplacentária), distúrbios metabólicos e medicamentosos. Na fase perinatal as causas de deficiência auditiva podem ser por traumatismo no parto, por anoxia neonatal ou por doenças adquiridas pelo canal vaginal (sífilis e/ou herpes). Já no caso das causas na fase pós-natal, podem ser de origem genética e não-genética. Quando de origem não-genética, a surdez pode ser por infecções virais ou bacterianas (sarampo, caxumba, herpes zoster ou meningite), por acidentes traumáticos ou por distúrbios metabólicos (hipotireoidismo ou diabetes).

Além dos efeitos para a comunicação, a deficiência auditiva possui outros efeitos para o indivíduo, pois compromete o equilíbrio e com isso o desenvolvimento motor. Segundo Almeida (2008, p.137), “o ouvido interno aloja os órgão sensoriais da audição e do equilíbrio que informam ao cérebro a posição da cabeça (se está se mexendo, em qual direção e com que intensidade)”. Teixeira, Vanícola e Gorgatti (2008) apresentam alguns efeitos indiretos da surdez, como a respiração mais curta, alteração na marcha, dificuldade de movimentação e imaturidade social.

Dentro dos resultados positivos encontrados por Martin (2002) em seu estudo com praticantes de artes marciais com alguma deficiência, a melhora da respiração, do andar, do equilíbrio e da autoestima foram itens indicados pelos informantes como sendo muito significativos. Deste modo, as lutas se tornam uma importante ferramenta para o combate aos efeitos indiretos da deficiência auditiva. Com relação à participação das pessoas com deficiência auditiva nos Jogos Paralímpicos de Verão, nota-se que, por opção, estas preferem se organizar em eventos específicos para tal grupo, com exceção daqueles que são surdo-cegos e são praticantes de judô. De forma geral, nota-se que não há impedimentos ou dificuldades maiores para as pessoas com deficiência auditiva praticarem atividades motoras e esportivas.

3.1.4 Deficiência Intelectual

Segundo o IBGE (2010), a deficiência intelectual é a que se apresenta menos representativa entre as demais com cerca de 4,27% das ocorrências em pessoas com alguma limitação. De acordo com Gimenez (2008, p.78), ela “corresponde a um funcionamento intelectual significativamente abaixo da média. Essa deficiência também se caracteriza por uma inadequação da conduta adaptativa e pode se manifestar até os 18 anos”. Gorgatti e Teixeira (2008, p.365) utilizam o termo deficiência mental (termo comumente utilizado para a época da referida publicação, mas que no decorrer de nosso texto, será substituído por deficiência intelectual, conforme é adotado atualmente) e o definem como sendo:

[...] uma condição caracterizada por um prejuízo intelectual significativo, caracterizado por níveis de inteligência abaixo da média esperada para faixa etária. [...] o déficit deve ter se manifestado durante o período de desenvolvimento do indivíduo (até os 18 anos de vida, em média) e gerar prejuízo em pelo menos duas de dez habilidades consideradas fundamentais no cotidiano e para uma boa adaptação social.

As dez habilidades citadas por Gorgatti e Teixeira (2008, p. 365) são: “comunicação, cuidados pessoais, desempenho familiar, habilidades sociais, independência na locomoção, saúde, segurança, desempenho escolar, desempenho no lazer e desempenho no trabalho”.

A deficiência intelectual, segundo Gimenez (2008), pode ser classificada a partir da aplicação de um número variado de testes, como por exemplo, o teste *Stanford Binet Test* e o *Weschler Intelligent Scale*. De acordo com o autor, a classificação da deficiência intelectual se baseia também nas capacidades e limitações do indivíduo. A escala apresentada por Gimenez (2008) é composta de cinco níveis, o profundo, o severo, o moderado, o leve e o limítrofe. Utilizando-se o *Stanford Binet Test* a escala se apresenta da seguinte forma: profundo (QI Binet \leq 19); severo (QI Binet = 20 até 35); moderado (QI Binet = 36 até 51); leve (QI Binet = 55 até 69); e limítrofe (QI Binet = 68 até 84). Em relação ao comportamento adaptativo, a escala apresenta as seguintes características: profundo (com raras exceções, estado vegetativo); severo (aprende tarefas relacionadas a cuidados pessoais, de forma pormenorizada e o trabalho predominantemente em casa); moderado (admite treinamento para tarefas de rotina e cuidados pessoais); leve (diferenças perceptíveis após os seis anos de idade predominantemente. Indivíduo educável); e limítrofe (a aprendizagem é lenta, em geral é emocionalmente normal).

Gorgatti e Teixeira (2008, p.367) afirmam que as pessoas com deficiência intelectual

apresentam algumas características em comum. Indicam que:

A primeira delas refere-se aos possíveis atrasos no desenvolvimento motor, evidenciados mais pelas restrições das capacidades motoras coordenativas (equilíbrio, tempo de reação, agilidade, coordenação motora geral e ritmo, entre outras) [...] Ainda do ponto de vista motor, a deficiência mental pode vir associada a condições físicas limitantes diversas, que trazem consigo características como hipotonia muscular, espasticidade ou obesidade crônica. [...] dificuldade na aquisição de um controle satisfatório da postura. [...] Uma segunda característica possível de ser verificada é a instabilidade emocional, manifestada por reações de insegurança, apego extremado ou agressividade. [...] Por último, no âmbito cognitivo, [...] apresentam déficits mais evidentes nas operações intelectuais que exigem raciocínios lógicos ou abstratos.

Para Gimenez (2008), três características do domínio cognitivo são comuns entre as pessoas com deficiência intelectual, que são os problemas de atenção e apatia para aprender, os problemas de linguagem e comunicação e os problemas de compreensão de conceitos.

Essas características identificadas de forma recorrente em pessoas com deficiência intelectual permitem um planejamento de ações que contemplem de forma ampla essas condições, no sentido de estimulá-las de forma adequada para o seu desenvolvimento.

As causas da deficiência intelectual, segundo Gimenez (2008), podem ser divididas em três fases da vida do indivíduo: causas pré-natais, causas perinatais e causas pós-natais. Como causas pré-natais têm-se Infecções (rubéola, malária, caxumba, toxoplasmose, herpes e sífilis, álcool, drogas, intoxicações e radiação, hidrocefalia e macrocefalia, Microcefalia, alterações na distribuição cromossômica: x-frágil (síndrome de Martin-Bell) e síndrome de Down, e anormalidade genéticas que afetam o metabolismo. Nas causas perinatais podem-se citar a anoxia e a hipoxia. E nas causas pós-natais são citadas as moléstias desmielizantes (sarampo e caxumba), Radiações e medicamentos, privação econômica e privação familiar e cultural.

Para Gimenez (2008), algumas recomendações devem ser observadas para atuar junto à pessoa com deficiência intelectual, sendo a identificação do nível cognitivo do indivíduo e a análise detalhada do contexto onde se realizará a intervenção, as mais importantes.

De modo geral, pessoas com diferentes e peculiares condições para a prática de atividade física e especificamente as lutas, se beneficiam com o treino contínuo e planejado da modalidade escolhida. Martin (2002) afirma que a prática das lutas por pessoas com alguma deficiência é indicada, pois favorece o desenvolvimento de diversos aspectos, sejam eles físicos ou emocionais. O autor pesquisou praticantes de *taekwondo*, *karate*, *wushu* e *taijiquan*, com deficiências físicas, sensoriais ou cognitivas, e identificou que aulas mistas entre pessoas com e

sem deficiência são aconselháveis, desde que ajustes sejam feitos na metodologia e em materiais de prática. Afirma também que a prática das artes marciais interfere positivamente nas limitações funcionais, na autoestima e na qualidade de vida dos praticantes. Outros resultados foram apontados pelos informantes, como tendo melhora significativa em vários aspectos, tais como: a respiração, o equilíbrio, a mobilidade, a força, a flexibilidade, a concentração, o andar, o sentar, o levantar, a pressão arterial e a conscientização do ambiente.

O que se deve destacar é que a prática das artes marciais por pessoas que apresentam diferentes e peculiares condições, assim como com qualquer praticante, deve ser conduzida respeitando-se essas características individuais. Cada deficiência tem uma ou mais possibilidades de prática, portanto, segundo Gomes (2008) a prática das artes marciais deve estar adequada ao tipo de deficiência apresentada pelo indivíduo e os métodos de treinamento também devem ser ajustados de acordo com cada caso.

3.2 Esporte para pessoas com deficiência

Para Gorgatti e Gorgatti (2008, p.544):

O esporte adaptado pode ser definido como o esporte modificado ou especialmente criado para ir ao encontro das necessidades únicas de indivíduos com algum tipo de deficiência. Ele pode ser realizado de forma integrada, em que indivíduos com e sem deficiência praticam e competem juntos, ou de forma segregada, em que as pessoas com deficiência praticam e competem separadamente daquelas sem deficiência.

Esse esporte adaptado iniciou a sua construção com o objetivo geral de integração e reabilitação da pessoa com deficiência, porém seus benefícios mais amplos começaram a se destacar e ampliar as suas possibilidades de prática.

Segundo Costa e Sousa (2004), o Clube dos Paraplégicos em São Paulo e o Clube do Otimismo no Rio de Janeiro marcaram, em 1958, o início do desenvolvimento do esporte adaptado no Brasil. Neste tempo o foco era a pessoa com deficiência física. Esse fato coincide com as primeiras preocupações da educação física com esse público, entretanto a perspectiva médica era a que predominava nesse movimento após a fase militarista que se destacava até então. Essa nova maneira de pensar na educação física voltada para pessoa com deficiência, surgiu sobre a influência de dois movimentos anteriores que surgiram após a II Grande Guerra Mundial. O primeiro aconteceu na Inglaterra, na cidade de Aylesbury, capitaneado pelo Dr.

Ludwig Guttmann, com fins médicos e de reabilitação física e funcional. O segundo, com caráter esportivo, surgiu nos Estados Unidos da América, com foco na participação esportiva e inclusão social. Essas duas correntes se mesclaram ao longo da história, compartilhando objetivos comuns que se pautaram não apenas no aspecto médico-terapêutico, mas também nos objetivos esportivos, de inserção social e de competição de alto rendimento (COSTA; SOUSA, 2004).

De acordo com Costa e Sousa (2004), apesar do enfoque médico do trabalho de Guttmann, ele possuía um sonho ainda maior: o de realizar jogos, com caráter olímpico, para pessoas com deficiência. Esse sonho se realizou em 1960, em Roma, com o acontecimento dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville, imediatamente após as Olimpíadas deste ano e utilizando as mesmas instalações dos Jogos Olímpicos, “[...] surgindo assim os Jogos Paraolímpicos, com a denominação de Olimpíadas dos Portadores de Deficiência” (COSTA, SOUSA, 2004, p.31).

Em 1964 no Japão, o termo paraolímpico começou a ser utilizado durante os Jogos de Tóquio. As modalidades desenvolvidas são as que coincidem com os Jogos Olímpicos tradicionais, com as devidas adaptações para a participação das pessoas com deficiência. Desde os Jogos de Seul, em 1988, os Jogos Paralímpicos ocorrem no mesmo local que as Olimpíadas, deixando de ser um evento paralelo. Em 2000, a Paralimpíada passou a fazer parte do caderno de encargos, tornando-se obrigatória a sua organização pelos países que pretendem organizar os Jogos Olímpicos. Deste modo, para Costa e Sousa (2004) os Jogos Paralímpicos passaram a ser o segundo maior evento esportivo mundial em número de dias de duração e participantes.

Assim, os esportes adaptados, sejam eles paraolímpicos ou não, ganharam projeção mundial e maior aceitação da sociedade e das pessoas com diferentes e peculiares condições. Criam condições e demandas para as adaptações de novas modalidades e a criação de outras com o objetivo de favorecer a prática de pessoas com alguma deficiência, seja na perspectiva do alto rendimento, ou da promoção da saúde e qualidade de vida. Para Costa e Sousa (2004) o caráter integracionista ainda não está completamente vigente, apesar dos esforços no sentido da participação de todos. Não há ainda a efetiva integração entre pessoas com e sem deficiência. Entretanto, para Marques et al. (2009) o esporte para os indivíduos com diferentes e peculiares condições para a prática está em franca expansão.

De acordo com Marques et al. (2009), a dimensão da inclusão social surge com o esporte contemporâneo, após profundas mudanças sofridas pelo esporte moderno, impostas pela

mercantilização da sociedade e de suas práticas. Essa nova perspectiva que surge com a adoção de regras mais rígidas e controles das condutas durante as práticas esportivas, o que possibilita a participação de pessoas com as mais diferentes características. É nesse contexto que o esporte adaptado surge e ganha força, pois permite que a diferença participe e conviva nessa sociedade multicultural que se apresenta na contemporaneidade.

Esse esporte adaptado que surge das transformações do esporte moderno, se apresenta de diversas formas na atualidade, sendo que o paralímpico se destaca no sentido de apresentar maior visibilidade (MARQUES et al., 2009). Entretanto, outras atividades adaptadas surgem como possibilidade de promover o acesso à prática de pessoas com alguma deficiência, como por exemplo, as artes marciais, pois o alto rendimento nem sempre se constitui como objetivo de todos.

Para Gorgatti e Gorgatti (2008) a prática do esporte adaptado proporciona à pessoa com diferentes e peculiares condições, a melhora geral da aptidão física, aumento da independência e da autoconfiança, melhora do autoconceito e da autoestima. Deste modo, seja um esporte paralímpico ou não, os benefícios se estabelecem como um dos principais motivos para a sua ampliação e criação de novas possibilidades de práticas e modalidades. Para efeitos, os esportes adaptados podem ser divididos em quatro categorias, a saber: esportes para pessoas com deficiência visual (cegos ou com baixa visão); esportes para pessoas com deficiência auditiva; esportes para pessoas com deficiência motora; e esportes para pessoas com deficiência intelectual (GORGATTI; GORGATTI, 2008).

Os esportes adaptados às pessoas com deficiência visual são organizados, de forma geral, por três entidades: a *International Blind Sports Federation* (IBSA) e a *International Paralympic Committee* (IPC), em nível internacional, e a Confederação Brasileira de Desportos para Deficientes Visuais (CBDV), no nacional. Participam das competições em esportes para pessoas com deficiência visual, atletas com no máximo 6/60 metros de acuidade visual ou 20º de campo visual no melhor dos olhos. No Brasil, os esportes administrados pela CBDV são: atletismo, natação, futebol de cinco, *powerlifting*, *goalball*, xadrez e judô. A essas são somadas as modalidades paralímpicas como o hipismo, o ciclismo e as de inverno. Com exceção do *goalball*, que foi especialmente desenvolvido para pessoas cegas, os demais esportes sofreram algumas

alterações nas regras e materiais para permitir a prática por esses indivíduos. No caso do judô a principal modificação da regra é que os atletas já iniciam o combate fazendo a pegada no quimono e quando eles perdem o contato, a luta é interrompida (GORGATTI, GORGATTI, 2008).

De acordo com Gorgatti e Gorgatti (2008), os esportes adaptados para pessoas com deficiência auditiva sofrem pouca alteração em suas regras e materiais. Por isso, as entidades organizadoras das modalidades esportivas para pessoas com deficiência auditiva desenvolvem suas atividades de forma separada, como é o caso dos Jogos Mundiais para Surdos. As modalidades praticadas nesses jogos são: basquetebol, badminton, ciclismo, luta, futebol, tiro, natação, handebol, tênis de mesa, tênis de campo, voleibol, atletismo e polo aquático, além dos esportes de inverno. As diferenças necessárias à adaptação das regras são tão pequenas que segundo Gorgatti e Gorgatti (2008, p.550) “[...] é comum encontrarmos atletas surdos participando de competições esportivas convencionais, inclusive internacionais”.

Em nível de Brasil, a Entidade organizadora dos esportes para surdos é a Confederação Brasileira de Desportos para Surdos (CBDS) e em nível internacional é a *International Committee of Sport for Deaf* (CISS). Para participar dos eventos organizados por essas Entidades é necessário que o pretendente tenha comprometimento auditivo de pelo menos 55 decibéis. Adicionalmente, na área das artes marciais, a CISS organiza eventos de *judo*, *karate*, *taekwondô*, *wrestling freestyle* e *wrestling greco-romano*. Para a realização do trabalho esportivo com pessoas surdas é necessário o aprimoramento da linguagem de sinais, tanto pelos técnicos e professores, quanto pelos praticantes e seus acompanhantes, pois o ponto de grande dificuldade é a comunicação entre os envolvidos nesta modalidade.

No que se refere aos esportes adaptados às pessoas com deficiência motora, Gorgatti e Gorgatti (2008, p.552) afirmam que as entidades organizadoras, tanto em nível nacional, quanto internacional, dividem em quatro grupos distintos os atletas com deficiência motora, são eles: “atletas em cadeiras de rodas (com lesão medular, sequela de poliomielite e amputações de membros inferiores), atletas com amputação, com paralisia cerebral e *Les Autres*”. Apesar da organização dessas entidades se darem de forma separada e distinta, todos participam dos Jogos Paralímpicos. Dependendo do comprometimento motor imposto pela deficiência, o atleta pode

participar de um tipo específico de modalidade, onde há, em cada uma, um sistema de classificação que visa o impedimento de diferenças que favoreçam um ou outro participante nas competições.

No Brasil, as modalidades mais praticadas são o atletismo, o tiro com arco, a bocha, o basquetebol em cadeiras de rodas, o ciclismo, a equitação, a esgrima, o futebol para atletas com paralisia cerebral, o futebol para amputados, o halterofilismo, o hipismo, o iatismo, a natação, o rúgbi em cadeiras de rodas, o tênis de campo, o tênis de mesa, o tiro e o voleibol. Apesar de atualmente a esgrima ser considerada um jogo, ela é fomentada pelos princípios condicionais que a caracterizam como uma luta de longa distância (GOMES, 2008) e, inclusive, se destaca como uma modalidade que tem influência das artes marciais.

Os esportes adaptados para pessoas com deficiência intelectual, são administrados em nível internacional por duas entidades, a *International Sports Federation for Person with Intellectual Disability* (INAS-FID) e a *Special Olympics International*. (SOI). Gorgatti e Gorgatti (2008) afirmam que os atletas com deficiência intelectual foram excluídos dos Jogos Paralímpicos. Essa exclusão ocorreu entre Atlanta-1996 e Pequim-2008 (sendo que em Pequim já houve provas de exibição) e a sua classificação, por ser muito complexa e passível de erros, vem sendo rigorosamente estudada. Os atletas com deficiência intelectual participam também do evento “*Special Olympics*”. No Brasil, a *Special Olympics Brasil* é um grupo formado em 2002 para organizar e administrar as modalidades para deficientes intelectuais no país, e é reconhecida pela SOI. Dentre os esportes administrados por esta Entidade, o judô é o representante das artes marciais. Entretanto o boxe, a esgrima e o karatê não são aceitos. Os atletas que competem na *Special Olympics* são classificados pelo nível das habilidades que possuem e não pelo grau de deficiência, e são agrupados nas competições de acordo com sua performance esportiva, idade e sexo.

Para Gorgatti e Gorgatti (2008), a prática do esporte por pessoas com diferentes e peculiares condições, além da dimensão competitiva, proporciona diversos benefícios para o praticante, dentre eles se destacam: a melhora da autoestima, expansão do autoconhecimento, aumento da independência e da autoconfiança, melhora do relacionamento social e desenvolvimento do autoconceito. Gravito (2007) concorda com isso, quando afirma que a

competência física e a autoestima têm avaliações positivas com os praticantes de esportes que apresentem deficiência motora e intelectual. Em relação ao deficiente motor, Labronici et al. (2000) afirmam que o esporte pode ser um ótimo instrumento de integração social e auxilia na adaptação às condições limitantes de sua deficiência. Scherer, Rodrigues e Fernandes (2011) corroboram com essa idéia central e afirmam que a prática de esportes por pessoas com deficiência visual, auxilia no desenvolvimento de uma locomoção mais segura e independente. Percebe-se então que este hábito favorece, em diversos aspectos, os indivíduos com diferentes e peculiares condições, incluindo-se nesse contexto, as artes marciais, lutas e esportes de combate como possibilidades dessa prática cotidiana.

3.3 Sistemas de classificação para a prática esportiva

Os sistemas de classificação têm como objetivo primordial a promoção do princípio da igualdade de condições para as disputas competitivas, culminando no afastamento de resultados injustos ao final das competições. Para isso, utilizam o agrupamento de indivíduos em categorias organizadas por comprometimento apresentado (MARQUES et al., 2009). Esses sistemas de classificação são largamente utilizados com vistas ao esporte adaptado de alto rendimento, entretanto propiciam também uma prática melhor orientada e mais equânime na dimensão do lazer, da saúde e da educação.

Atualmente existem dois sistemas de classificação utilizados na prática esportiva, o funcional (que também possui elementos básicos clínicos) e o médico (que não possui parâmetros de avaliação voltados para uma classificação funcional). O sistema de classificação funcional se baseia na avaliação de uma ou mais funções, além de habilidades específicas de cada modalidade esportiva. O sistema médico de classificação identifica o nível mínimo da deficiência, sem julgar a capacidade funcional. Ambos os tipos de classificação podem ser utilizados para avaliar o atleta, de forma isolada ou combinadas. Tudo isso no sentido de tornar as competições mais justas em seus resultados. A necessidade de tornar sempre justas as disputas implica em uma constante reavaliação dos sistemas de classificação e, conseqüentemente, no reagrupamento de categorias competitivas. A classificação dos atletas para competições implica na construção e

organização de classes que definem o nível de comprometimento, gerado pelas deficiências, aos atletas durante as disputas (MARQUES et al., 2009).

Essas classes são especificadas de acordo com a modalidade competitiva e suas regras previamente estabelecidas. Para que o atleta seja classificado em uma classe específica do esporte em que deseja participar, uma série de avaliações, são realizadas, podendo-se incluir avaliações físicas, técnicas e médicas, além do desempenho esportivo, que pode usado durante a competição como avaliação classificatória. As classes dentro das modalidades esportivas são representadas por um número, que em geral são precedidos por uma letra que tem um significado específico, como por exemplo ‘S’ para *swimming* (natação) ou ‘B’ para *blind* (cego) (MARQUES et al., 2009).

A classificação da deficiência é um ponto de partida para que o agrupamento do atleta em classes, nos esportes desejados, seja possível. Luz, Oliveira e Silva (2009) apresentam algumas categorias comumente utilizadas como princípio para classificar os atletas em suas modalidades. Essas classificações são apresentadas a seguir no formato de quadros.

Quadro 1: Classificação funcional para deficiência física – amputações (membros superiores e inferiores).

Classificação do tipo de amputação	Descrição
A1	Amputação das pernas abaixo, acima ou através da articulação do joelho. Utiliza-se cadeira de rodas para competições.
A2	Amputação de uma perna abaixo, acima ou através da articulação do joelho. Utiliza-se cadeira de rodas para competições.
A3	Amputação das pernas abaixo, acima ou através da articulação do joelho. Utiliza-se prótese para competições.
A4	Amputação de uma perna abaixo, acima ou através da articulação do joelho. Utiliza-se prótese para competições.
A5	Amputação dos braços, acima ou através do cotovelo.
	Amputação dos braços, abaixo do cotovelo, mas através ou acima do punho.
	Amputação, acima do cotovelo, de um braço.
	Amputação, abaixo do cotovelo, de um braço, mas através ou acima do punho.
	Combina amputações de membros inferiores e superiores. Utiliza cadeira de rodas para competição.

Fonte: Luz, Oliveira e Silva (2009, p.41).

Quadro 2: Classificação funcional para deficiência física – lesão medular (classificação utilizada no basquetebol)

Classificação	Nível da lesão
Classe I	Acima da vértebra T7
Classe II	Da vértebra T8 até L1
Classe III	Da vértebra L2 até L5
Classe IV	Da vértebra S1 até S2

Fonte: Luz, Oliveira e Silva (2009, p.42).

Quadro 3: Classificação funcional para atletas com paralisia cerebral (PC) - baseado no manual da *Cerebral Palsy International Sports & Recreation Association 1997-2000*

Classificação	Descrição
PC1	Tetraplégico: utiliza cadeira de rodas elétricas para locomoção ou é dependente de auxílio; tem severo comprometimento dos quatro membros, aparentando controle de tronco ruim e pouca ou quase nenhuma força nos membros superiores.
PC2	Tetraplégico: envolvimento severo a moderado dos quatro membros e do tronco; pouca força funcional e controle da parte superior do corpo; consegue mover a cadeira de rodas manualmente, porém com lentidão, podendo impulsioná-la com os pés.
PC3	Tetraplégico leve: boa força funcional e controle moderado dos membros superiores; possui quase toda a força do lado dominante; pode impulsionar a cadeira de rodas com um ou dois braços, mas ainda com certa lentidão.
PC4	Diplegia: envolvimento moderado a severo dos membros inferiores; membros superiores com mínimos problemas de controle e de força funcional; utiliza cadeira de rodas na vida diária e nas atividades esportivas de forma independente.
PC5	Diplegia moderada ou hemiplegia grave: anda com ou sem muletas; tem boa força funcional e problemas mínimos de controle nos membros superiores; compete em pé.
PC6	Tetraplégico atetóide: envolvimento severo a moderado do tronco e dos quatro membros; anda com auxílio de muletas ou andador; pode utilizar adaptações nas provas de pista de atletismo.
PC7	Tetraplégico leve e hemiplegia de moderada a mínima: boa capacidade funcional no lado não afetado; deambula sem auxílio.
PC8	Deficiência mínima ou hemiplegia leve ou monoplegia: problemas de coordenação mínimos; bom equilíbrio; é capaz de correr e saltar.

Fonte: Mattos (2008, p.236).

Quadro 4: Classificação esportiva do deficiente visual

Classificação	Descrição
B1	Cego total ou com alguma percepção luminosa que não possibilita reconhecer a forma.
B2	Pessoa com percepção de vulto.
B3	Baixa visão, pessoa com definição de imagem.

Fonte: Luz, Oliveira e Silva (2009, p.45).

Quadro 5: Classificação de deficiência intelectual e síndrome de Down

Classificação	Descrição
Classe 1	Realiza tarefas com boa autonomia, sem ajuda de outras pessoas.
Classe 2	Realiza tarefas com pouca ou razoável autonomia; necessita de ajuda.
Classe 3	Não realiza tarefas sozinho; necessita de ajuda e faz uso de cadeira de rodas.

Fonte: Luz, Oliveira e Silva (2009, p.45).

Esses exemplos de classificações apresentados por Luz, Oliveira e Silva (2009) e Matos (2008) são alguns dentre outros utilizados para se categorizar os atletas com diferentes e peculiares condições para a prática esportiva. Cada modalidade tem a sua organização e categorização para que os atletas sejam classificados e categorizados no sentido de tornar justas as disputas. Dentro dos Jogos Paralímpicos, as lutas também possuem essa metodologia, sendo o judô e a esgrima os representantes desse processo.

No judô, o sistema de classificação usado se baseia no médico, onde são utilizados os códigos B1, B2 e B3 para eleger os atletas para as competições. Entretanto, eles não sofrem distinções (GORGATTI, GORGATTI, 2008), pois todos os que possuem deficiência visual competem entre si, independente da classificação (B1, B2, ou B3) destacando-se apenas, para os atletas B1 uma identificação no quimono feita através de círculos vermelhos colocados nos ombros e um círculo azul nas costas caso o competidor também possua deficiência auditiva, além da visual. Já a esgrima utiliza cadeiras de rodas fixas em uma pista de 4 metros de comprimento, tendo o atleta, apenas a mobilidade do corpo em cima da cadeira, não podendo movê-la. São agrupados em classes que obedecem as características expostas no quadro 6, que são identificadas através de testes específicos para esse fim, ou seja, na esgrima, diferente do judô, preconiza-se a classificação funcional para avaliação dos atletas.

Quadro 6: Classificação de atletas para competições de esgrima em cadeiras de rodas

Classificação	Descrição
Classe 1A	Atletas sem equilíbrio sentado, que têm limitações no braço armado, não possuem extensão eficiente do cotovelo na horizontal e não possuem função residual da mão, o que torna necessário fixar a arma com uma bandagem. Tal classe é comparável à antiga ISMGF 1A, ou tetraplégicos com lesões espinhais no nível da C5/C6.
Classe 1B	Atletas sem equilíbrio sentado e com limitações no braço armado. Extensão de cotovelo funcional, sem flexão funcional dos dedos. A arma precisa ser fixada com bandagem. Comparável ao nível completo de tetraplegia no nível da C7/C8 ou lesão incompleta superior.
Classe 2	Atletas com completo equilíbrio sentado e braço armado normal, com paraplegia do tipo T1/T9 ou tetraplegia incompleta com sequelas mínimas no braço armado e bom equilíbrio sentado.
Classe 3	Atletas com bom equilíbrio sentado, sem apoio de pernas e braço armado normal, como paraplégicos da T10 à L2. Atletas tanto com pequenos resquícios de amputação abaixo do joelho ou lesões incompletas abaixo da T10 ou deficiências comparáveis podem ser incluídos nesta classe, desde que as pernas ajudem na manutenção do equilíbrio sentado.
Classe 4	Atletas com um bom equilíbrio sentado e com apoio dos membros inferiores e braço armado normal, como lesões abaixo da L4 ou deficiências comparáveis.

Fonte: IWASF (2011).

Em outras organizações e eventos, as pessoas com diferentes e peculiares condições, também são contempladas com as artes marciais, como é o caso do judô na *Special Olympics Games*; o judô, o karatê, o *taekwondô*, o *wrestling freestyle* e o *wrestling greco-romano* organizados pela *International Committee of Sport for Deaf* (CISS); e de forma isolada algumas iniciativas da prática das artes marciais com esse público são realizadas, como o *taijiquan* para pessoas com deficiência motora (GUO; ZANG, 2010); o *parataekwondo* para atletas com limitações físico-motora (PATATAS, 2012); o karatê para pessoas deficientes físico-motores (ROSA; RODRIGUES; FREITAS, 2009); de forma ampla, Gomes (2008) propõe a possibilidade do ensino das lutas para os indivíduos com limitações desde que os métodos de ensino sejam adequados para cada tipo de deficiência e que estejam descentralizados das especificidades de cada modalidade em caráter introdutório. No que se refere às classificações, a *Special Olympics Games* propõe a classificação para o judô de acordo com o nível de habilidade, como é exposto no quadro a seguir.

Quadro 7: Classificação do nível de habilidade para atletas de judô da *Special Olympics Games*

Classificação de habilidade	Descrição
Nível I	Um atleta que pode praticar, treinar e competir com outros atletas do mesmo nível de forma independente. Pode desempenhar na faixa de 80 a 100% as técnicas individuais prescritas nos testes. Tem boa compreensão do significado do objetivo da competição.
Nível II	Um atleta que pode praticar, treinar e competir de forma atenuada com outros atletas do mesmo nível de forma independente. Pode desempenhar na faixa de 60 a 80% as técnicas individuais prescritas nos testes. Tem compreensão do significado do objetivo da competição.
Nível III	Um atleta que pode lidar com o treinamento com outros do mesmo nível, mas tem que competir em condições especiais e com adversários da mesma categoria. Pode desempenhar na faixa de 50 a 60% as técnicas individuais prescritas nos testes. Este atleta entende a maioria das regras e dos objetivos da competição.
Nível IV	Um atleta que tem que treinar e competir em condições especiais. Necessita de orientação durante a competição, mas entende a maioria das regras e objetivos. Tem desempenho entre 40 e 50% das técnicas individuais prescritas nos testes. Deve realizar a disputa em sua maioria com técnicas de solo (<i>ne-waza</i>) por razões de segurança.
Nível V	Um atleta que só pode treinar e competir de forma especial, necessitando de cuidados durante a prática. Precisa de muita orientação durante a competição, que deve ser bem ajustada a sua condição. Tem desempenho de 30% ou menos das técnicas individuais prescritas nos testes. Deve realizar a competição sempre com técnicas de solo (<i>ne-waza</i>) por razões de segurança.

Fonte: Special Olympics Inc. (2011).

A *International Committee of Sport for Deaf* (CISS) organiza eventos esportivos para pessoas com deficiência auditiva. Dentro das modalidades de artes marciais promovidas por esta entidade, estão o judô, o karatê, o *taekwondô*, o *wrestling freestyle* e o *wrestling greco-romano*. O critério para elegibilidade de atletas para competir nessa modalidade é que estes devem ter perda de no mínimo 55 decibéis da audição no melhor ouvido (CISS, 2009). Para a organização das categorias esportivas, cada arte marcial segue as regras das suas respectivas federações internacionais. O judô segue as da *International Judo Federation*, o karatê segue as normas da *World Karate Federation*, o taekwondo se orienta pela da *World Taekwondo Federation*, e finalmente o *wrestling freestyle* e o *wrestling greco-romano* seguem as normas da *Fédération Internationale Des Luttes Associées*.

O empenho dessas entidades de nível internacional e de suas filiadas nacionais demonstra a possibilidade do trabalho com as artes marciais junto às pessoas com diferentes e peculiares condições para a prática esportiva. Seja no alto rendimento ou para a saúde e o lazer, a

prática das artes marciais por pessoas com deficiência se torna cada vez mais uma possibilidade concreta, desde que para isso as devidas adaptações de regras, de materiais, de metodologias, de organização de conteúdos e de classificações sejam desenvolvidas e promovidas amplamente. Serão necessários ainda, estudos de possíveis classificações relacionando as diferentes modalidades e técnicas existentes com as características de cada deficiência, mas também com as potencialidades dos praticantes.

CAPÍTULO IV - WUSHU ADAPTADO NO BRASIL: CONTEXTOS E DILEMAS

Neste capítulo, são apresentados os dados encontrados no campo, oriundos da aplicação dos questionários exploratórios, das entrevistas e dos documentos analisados. Inicialmente é apresentado o levantamento da prática do *wushu* por pessoas com diferentes e peculiares condições no Brasil, e em seguida, as análises dos resultados das entrevistas com 22 sujeitos, entre professores e alguns praticantes de *wushu*, que possuem alguma deficiência.

4.1 Wushu adaptado no Brasil: o contexto atual

Segundo Hong (2003), a partir de 1949, a China passou por profundas mudanças políticas, culturais e sociais. Essas mudanças, que atingiram profundamente o esporte, também influenciaram o *wushu*, que sofreu alterações no sentido de se tornar um esporte popular, e que pudesse promover a inclusão e, além disso, também tentar se transformar em um esporte olímpico.

No sentido de ampliar as possibilidades de prática do *wushu* e em especial o direcionado para pessoas com deficiência, algumas iniciativas sistematizadas foram desenvolvidas na China e em outros países. Um exemplo dessa sistematização é o *taijiquan* aplicado às pessoas cadeirantes. Este método, apresentado por Guo e Zang (2010), relata a aplicação deste esporte para pessoas com deficiência físico-motora que utilizam cadeiras de rodas para se locomoverem. Essa modalidade foi apresentada formalmente na abertura dos Jogos Paralímpicos de Beijing em 2008, na condição de esporte-demonstração (GUO; ZANG, 2010). No contexto dessas novas possibilidades de prática do *wushu*, o Brasil também apresenta ocorrência dessas adaptações, como pode se verificar nos dados que seguem.

Apesar de o *wushu* ter sido introduzido no Brasil no final da década de 1950, quando se deu a formação da primeira turma de ocidentais ensinados por professores chineses, a sua organização formal como modalidade esportiva ocorreu em 1992, com a fundação da CBKW, como afirma o informante 8. Inicialmente fundada por três federações estaduais, hoje conta com 21 federações filiadas. O quadro a seguir, apresenta os dados coletados sobre o número de praticantes de *wushu* no Brasil, entretanto, 5 federações se recusaram a fornecer as informações solicitadas no momento da coleta, o que confere aos dados aspectos parciais no que se refere aos

números reais. Pode-se especular que o não comprometimento ou participação de processos de pesquisa acadêmica que contemplem a modalidade da qual são gestores, indique uma não valoração desse aspecto. Os motivos disso podem ser a pouca ou até mesmo nenhuma formação acadêmica, o descompromisso com o desenvolvimento da modalidade em nível mais alto do que as que eles conseguem perceber e o principal foco ser o alto rendimento. Assim, pessoas com deficiência não se constituem assunto de interesse ou, ainda, haver um desinteresse por questões que fogem das estâncias estaduais, que extrapolam para o nível nacional. Ainda assim, esses números possibilitam uma percepção da representatividade quantitativa do *wushu* no Brasil.

Quadro 8: Número de praticantes de *wushu* no Brasil informado pelas federações estaduais.

Estados	Nº de atletas**	Nº de instrutores**	Nº de professores**	Nº estimado de praticantes*
SP	1075	79	214	6134
RJ	164	33	22	2600
PR	242	15	18	2500
MG	426	7	21	1700
CE	446	17	8	1500
SC	25	0	10	1500
RS	91	4	20	1200
PE	30	5	3	1000
PB	218	17	4	700
GO	141	4	5	500
RO	172	8	5	450
AL	316	6	10	410
AC	136	2	10	400
MS	115	2	2	400
MT	40	28	14	185
PI	78	3	0	140
Totais	3133	230	345	21319

(*) Estimativa fornecida pelos presidentes das federações estaduais que incluem praticantes federados e não federados. (**) Praticantes federados.

Segundo dados de 2006, existem 230 mil praticantes de *wushu* no Brasil, entre filiados e não filiados às federações estaduais (BLASER; SILVA; MARRERA, 2006). Entretanto, dados levantados neste estudo indicam a existência de cerca de 21 mil praticantes no Brasil, podendo-se especular que existem alguns não percebidos pelas federações participantes da pesquisa, pois há indivíduos e grupos que não estão envolvidos com as práticas organizadas e esportivas com as quais as federações estão familiarizadas. Outro dado que reforça essa especulação é a existência de outras federações, ligas e confederações que não estão ligadas ao

Comitê Olímpico Brasileiro, a exemplo da CBKW, e essas foram excluídas da amostra. No caso dos dados apresentados por Blaser, Silva e Marreira (2006) é evidente a falta de rigor metodológico, e, portanto, científico na aquisição desses dados. Não houve, à época, a realização de um censo pelos autores, nem por órgãos oficiais do *wushu*. Desta forma, as informações apresentadas pelos autores são especulativas e mal estimadas frente à diversidade de condições que os estados têm desenvolver em suas localidades.

A representatividade internacional da CBKW se estabelece como filiada à *International Wushu Federation* e à *Pan American Wushu Federation*. Em nível nacional, a CBKW desenvolve o *wushu* como modalidade esportiva de alto rendimento e a divulga intensamente como sendo benéfica para a saúde e para promoção do lazer. Nessa perspectiva, o esporte é desenvolvido no Brasil em diferentes aspectos, e um deles é o das pessoas com diferentes e peculiares condições para a prática. Os dados coletados junto às federações filiadas se constituíram como um norteador da percepção da ocorrência, no país, de praticantes de *wushu* que apresentam alguma deficiência. Das 21 federações estaduais filiadas à CBKW, 12 delas constatarem a prática do *wushu* por pessoas com alguma deficiência. Essa informação significativa indica que em 57,1% dos estados onde se desenvolve essa arte marcial, há a situação acima descrita.

Os 49 praticantes de *wushu* com alguma deficiência, encontrados no Brasil pela pesquisa, caracterizaram-se predominantemente da seguinte forma: 40,9% com deficiência física, 30,6% com deficiência auditiva, 22,4% com deficiência intelectual e 6,1% com deficiência visual. Segundo os dados apresentados no Quadro 8, essas pessoas representam 0,23% do total de praticantes de *wushu* estimados no Brasil hoje. Comparando-se a relação entre a população brasileira e o percentual de pessoas com alguma deficiência, pode-se perceber que ainda há um grande espaço para o crescimento deste esporte para pessoas com deficiência, visto que 23,9% dos brasileiros possuem algum tipo de limitação, segundo IBGE (2010).

Quando os dados são separados pelo número de praticantes com deficiência entre filiados e não-filiados, têm-se as seguintes informações, conforme a Tabela 4.

Tabela 4: Praticantes de *wushu* com deficiência no Brasil segundo a filiação em federações estaduais

Deficiências	Ocorrência			
	Filiados	Não-Filiados	Totais	(%)
Deficiência Física	11	09	20	40,9
Deficiência Auditiva	07	08	15	30,6
Deficiência Intelectual	06	05	11	22,4
Deficiência Visual	01	02	03	6,1
Totais	25	24	49	100

A distribuição das ocorrências de praticantes de *wushu* com alguma deficiência em relação ao gênero é apresentada na Tabela 5.

Tabela 5: Distribuição de ocorrência de praticantes de *wushu* com deficiência de acordo com o gênero

Deficiências	Ocorrência	
	Homens	Mulheres
Deficiência Física	15	05
Deficiência Auditiva	08	07
Deficiência Intelectual	08	03
Deficiência Visual	03	0
Totais	34	15

A Tabela 5 mostra a prevalência de homens com deficiência praticando *wushu* (69,4%) e as mulheres representando a minoria, com 30,6%. A apresentação desses dados indica que mesmo dentro da prática do *wushu* para deficientes, é possível ainda verificar uma modificação do estereótipo de que as artes marciais são um território masculino. Assim, além do avanço sobre o preconceito e a deficiência, aqui há a possibilidade da prática sem exclusão por gênero. As antigas tradições preconizavam a performance e a padronização, que excluía pessoas com diferentes e peculiares condições e também as mulheres. Os dados indicam que a modificação dessas tradições permite, atualmente, a participação dessas pessoas que outrora nem pensariam em se aproximar.

Em relação à distribuição das ocorrências pelas unidades federativas do Brasil, os dados apontaram uma distribuição heterogênea, como é apresentado a seguir na Tabela 6. Esse panorama é similar ao descrito pela Tabela 3.

Tabela 6: Distribuição das ocorrências de praticantes de *wushu* com deficiência pelas unidades federativas do Brasil

Deficiência	Ocorrência por Estado											
	CE	RO	AC	SP	RS	RJ	GO	MS	ES	PB	PA	PR
Deficiência Física	6	3	3	1	1	1	2	2	0	0	1	0
Deficiência Auditiva	3	3	5	1	0	1	0	0	1	0	0	1
Deficiência Intelectual	2	1	0	3	1	1	0	0	1	2	0	0
Deficiência Visual	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Totais	12	8	8	5	3	3	2	2	2	2	1	1

Segundo a Tabela 6, os estados que mais apresentaram ocorrências de praticantes de *wushu* que possuem alguma deficiência foram: o Ceará (CE), com 24,5%, Rondônia (RO) e Acre (AC) com 16,3%, São Paulo (SP), com 10,2%, seguidos pelo Rio Grande do Sul (RS) e Rio de Janeiro (RJ), ambos com 6,1%. Na quinta colocação vêm os estados Goiás (GO), Mato Grosso do Sul (MS), Espírito Santo (ES) e Paraíba (PB), Cada um com 4,1%. Em última colocação ficaram os estados do Pará (PA) e Paraná (PR), ambos com 2,0%. O que chama a atenção é que o estado de São Paulo possui o maior contingente de praticantes de *wushu*, entretanto é o 4º colocado nesta pesquisa. Além disso, há o fato do estado do Ceará ser o 5º colocado em número de praticantes, ainda que seja o primeiro em ocorrência de praticantes com deficiência.

Talvez haja, por parte dos dirigentes do *wushu* de São Paulo, um descaso com a questão da prática por pessoas com deficiência, ou ainda, que, os métodos de comunicação entre professores e federação estadual não sejam adequados para contemplar esse tipo de prática.

Os dados indicam que a prática do *wushu* por pessoas com deficiência ocorre em alguns estados do Brasil, o que representa 57,1% dos 21 estados que possuem federações oficiais deste esporte. Essas informações são identificadas a partir dos dados fornecidos pelos presidentes das entidades oficiais organizadoras da modalidade em seus estados de origem. Esses órgãos, conhecidos por federações, pertencem a um sistema esportivo coordenado pela CBKW, reconhecida pelo Governo Federal e vinculada ao Comitê Olímpico Brasileiro. Desta forma, os dados são de caráter oficial em nível nacional.

Os dados apontam ainda para a prevalência da prática do *wushu* por pessoas com

deficiência física, seguido pelas com deficiência auditiva e intelectual e, por último, aquelas com limitações visuais. Segundo o Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), 23,9% da população brasileira possuem alguma deficiência, sendo que destas, há a ocorrência de 58,3% da visual, 21,6% da física, 15,8% da auditiva e apenas 4,3% da intelectual. Deve-se ter atenção para possíveis distorções nos dados apresentados pelo IBGE (2010), pois a caracterização de deficiência utilizada por essa instituição não são as mesmas usadas pelos órgãos de classificação funcional ou médica, aplicadas para as práticas esportivas. Portanto, os dados do IBGE (2010) foram citados apenas com o enfoque ilustrativo.

Pode-se perceber uma inversão relacionada à ocorrência da deficiência no Brasil e da prática do *wushu*, pois apesar da deficiência visual ter maior incidência no Brasil, as pessoas com essa limitação são as que menos praticam a modalidade. A deficiência física possui a segunda maior ocorrência de casos no Brasil, entretanto, com relação à prática do *wushu*, eles ocupam o primeiro lugar, de acordo com os dados aferidos nas federações estaduais. Já os deficientes auditivos ficam em terceiro nas estatísticas brasileiras, porém, ocupam a segunda posição no que se refere à prática da modalidade. Para o IBGE (2010), os deficientes intelectuais são os que apresentam menor incidência de casos no país, o que é reforçado pelos dados obtidos das federações que apontam que esses praticantes ocupam a última posição nas ocorrências.

A tabela 7 apresenta os números de pessoas com deficiência que são professores de *wushu* e que atuam junto às federações estaduais.

Tabela 7: Ocorrência de professores de *wushu* com alguma deficiência

Deficiência	Total de praticantes com deficiência	Professores com alguma deficiência n (%)
Deficiência Física	20	1 (0,5)
Deficiência Auditiva	15	1 (0,7)
Deficiência Visual	3	1 (33,3)
Deficiência Intelectual	11	-
Total	49	3 (6,1)

Como se pode perceber, 6,1% dos praticantes de *wushu* apresentados nos dados, são professores atuantes em suas federações de origem. Não foi encontrada a ocorrência de professores com deficiência intelectual, o que pode ser explicado pela grande quantidade de

conteúdos teóricos e práticos que este profissional deve dominar, o que é dificultado pela própria deficiência, no sentido do aprendizado extenso, da organização dos conteúdos e no planejamento das ações de ensino. A identificação de professores de *wushu* com deficiência é surpreendente porque de modo geral a sua formação nesse esporte leva alguns anos de prática constante e dedicada. E tendo em vista os obstáculos ao acesso e ainda, a existência comum de preconceito contra as pessoas com deficiência, pode-se deduzir que eles conseguiram êxito em uma jornada extensa e difícil. Esses exemplos podem inspirar outros praticantes atestando a possibilidade da realização integral da prática de suas modalidades.

A partir dos dados acima apresentados é perceptível que a prática do *wushu* por pessoas com diferentes e peculiares condições, apesar da identificação da significativa ocorrência, é ainda um campo inexplorado, visto o número expressivo de pessoas deficientes na população brasileira. Entretanto, para que isso seja uma realidade, para que a oferta dessa modalidade cresça, no sentido de acompanhar a demanda possível da população em questão, são necessárias algumas ações que ainda não são visíveis do ponto de vista quantitativo, sem é claro, desfavorecer os aspectos qualitativos dessa mesma oferta.

4.2 Dilemas do wushu adaptado no Brasil: a perspectiva dos principais atores

Para manter a identidade e a privacidade dos 22 entrevistados, eles serão identificados pela palavra “Informante”, seguida de números sequenciais (“Informante 1”, “Informante 15”). O perfil geral de cada um será apresentado, para que se compreenda um pouco as características das pessoas selecionadas. Dos 22 informantes, 17 são professores, dos quais um é deficiente físico, e cinco são praticantes com deficiência. Dos cinco, um apresenta amputação de membro superior e quatro apresentam deficiência visual. Vale ressaltar que os relatos dos participantes dessas pesquisas foram transcritos conforme a fala de cada um, mantendo-se, portanto, todas as suas características, seja devido à oralidade, seja pela dificuldade que alguns indivíduos apresentam com o idioma.

4.2.1 Perfil dos informantes

Informante 1 - Homem, 70 anos de idade, nascido em Shangxi, China, formado em

medicina tradicional chinesa, pratica *wushu* há 60 anos. Chegou ao Brasil em 1988 e começou a ensinar em 1990, na cidade de São Paulo.

Informante 2 - Mulher, de 47 anos e pratica *wushu* há 23. Nasceu em São Paulo, onde treina e mora. Atleta, membro da seleção brasileira de *wushu*.

Informante 3 - Homem, tem 27 anos, professor de educação física, formado na Universidade de Huhan. Trabalha com educação física escolar e também leciona *taekwondo* na escola, para crianças de 6 a 12 anos na cidade de *Beijing*, China. Treina *shuaijiao* desde a infância, sendo um dos instrutores da escola do mestre Li Baoru e do mestre Ma Jianguo, no Centro Esportivo do distrito de *Xuanwu*.

Informante 4 – Homem, tem 55 anos, é mestre de *shuaijiao* e também professor de *taekwondo*. Treina *shuaijiao* desde a infância com o mestre Li Baouru em *Beijing*, China. Fez parte do primeiro grupo de chineses que foram para a Coréia aprender o *taekwondo* para implantá-lo em *Beijing*, na década de 1990. É, atualmente, membro da associação de *Xuanwu*, professor de *shuaijiao* do Centro Esportivo do distrito de *Xuanwu*, árbitro nacional de *shuaijiao* e *taekwondo*.

Informante 5 - Homem, 35 anos de idade, pratica *wushu* há 27. Professor universitário, ensina *wushu* há 19 anos. Foi diretor da Confederação Brasileira de *Kungfu Wushu* durante sete anos.

Informante 6 - Homem, engenheiro mecânico, tem 58 anos e pratica *wushu shaolin* norte há 40. É mestre de *wushu* formado na Academia Sino-Brasileira e reside em *Beijing* há 20 anos. Ocupou o cargo de diretor na CBKW.

Informante 7 - Homem, 78 anos de idade, é um dos mestres de *wushu* mais antigos no Brasil. Começou a lecionar em São Paulo em 1959. É membro fundador da Federação Paulista de *Kungfu* e da Confederação Brasileira de *Kungfu Wushu*. Praticante de *wushu* há 73 anos.

Informante 8 - Homem, 55 anos de idade, é praticante de *wushu* desde a década de 1970. Foi presidente da Confederação Brasileira de *Kungfu Wushu*. Empresário e engenheiro.

Informante 9 - Homem, brasileiro, descendente de chineses, 34 anos, é professor de *kungfu* e praticante há 26 anos, formado em direito é empresário na cidade de Valinhos, São Paulo.

Informante 10 - Mulher, 51 anos, professora de *wushu* formada na escola do Grão-mestre Chan Kowk Wai. Leciona há mais de 20 anos e desenvolve um trabalho com deficientes

visuais, patrocinada por uma instituição financeira, há 13 anos.

Informante 11 - Homem, 38 anos de idade, praticante de *wushu* há 23. Professor de educação física, bacharel em Treinamento Esportivo e professor de *wushu*. Empresário, leciona a modalidade há 20 anos.

Informante 12 - Homem, 38 anos de idade, praticante de *wushu* há 20, engenheiro civil, pós-graduado em Geotécnica. É professor e leciona *wushu* há 12 anos.

Informante 13 - Homem, 37 anos, é professor de educação física com experiência de 25 anos de prática, sendo 15 de ensino do *wushu*.

Informante 14 - Homem, 67 anos, engenheiro, treina *wushu* há 40 anos. Treinou com os dois mestres chineses mais antigos do Brasil. Leciona há 30 anos.

Informante 15 - Homem, 34 anos de idade, tem graduação em educação física, mestrado em filosofia, é praticante de *wushu* há mais de 22 anos, foi diretor da Federação de *Kungfu Wushu* do Estado de Minas Gerais. Atualmente leciona em uma universidade na cidade de Belo Horizonte.

Informante 16 - Homem, 50 anos de idade, praticante de *wushu* há 32. Leciona *wushu* tradicional e *taijiquan*. Diretor da Federação de *Kungfu Wushu* do Ceará.

Informante 17 - Homem, 55 anos e pratica *wushu* há 39. É deficiente físico e professor de *wushu*. Tem o ensino médio como maior formação acadêmica.

Informante 18 - Homem, 70 anos de idade deficiente visual total. Aposentado, membro da Associação de Cegos de Florianópolis, praticante de *taijiquan* há 5 anos.

Informante 19 - Mulher, 55 anos de idade, deficiente visual com baixa visão. Aposentada, membro da Associação de Cegos de Florianópolis, praticante de *taijiquan* há 5 anos.

Informante 20 - Homem, 52 anos de idade, deficiente visual com baixa visão. Aposentado, membro da Associação de Cegos de Florianópolis, praticante de *taijiquan* há 4 anos.

Informante 21 - Homem, 78 anos de idade, deficiente visual total. Aposentado, membro da Associação de Cegos de Florianópolis, praticante de *taijiquan* há 4 anos.

Informante 22 - Homem, atleta de *wushu* tradicional do Rio de Janeiro e atleta da seleção estadual. Tem 47 anos e é praticante de *wushu* há 7. Possui amputação do braço direito.

Com as entrevistas fornecidas pelos professores (informantes de 1 a 17) puderam-se verificar informações que se referem a: percepção da pessoa com deficiência nas antigas tradições do *wushu*, percepção da pessoa com deficiência no *wushu* contemporâneo, percepção

sobre o ensino do *wushu* adaptado dos professores e mestres de *wushu* e ainda, práticas inclusivas da modalidade no Brasil. Dos professores informantes, sete tiveram ou têm experiências de ensino desse esporte para pessoas com deficiência e 10 não tiveram nenhuma experiência de ensino para esse público.

4.2.2 A pessoa com deficiência nas antigas tradições do *wushu*

Ao longo da história do desenvolvimento do *wushu*, a pessoa com deficiência nunca figurou em uma posição de destaque. Alguns informantes apontam para essa afirmativa quando indicam o desconhecimento dessa prática na China antiga, ou mesmo a não possibilidade da prática por essas pessoas. Há relatos que mostram a possibilidade de prática em apenas algumas situações específicas: “*Antes não tem gente treina assim. Só quando treina muito tempo antes e depois fica cego ou surdo pode continua*” (informante 1) e outros que confirmam a resistência da aceitação de uma pessoa deficiente física como aluno: “*É muito difícil. Quando pessoa assim quer treinar, mestre não aceita. Mestre não ensina*” (informante 1). “*Não é comum*” (informante 3).

Já o informante 6, afirma que o *wushu* pouco se desenvolveu para a pessoa com deficiência, apenas casos pontuais em famílias de praticantes ou algum estilo de *wushu* específico. Ele afirma que: “*algumas técnicas, ou katis voltados para deficientes físicos, como é o caso do Hung Gar, com um kati de um braço só e do Shaolin norte com um kati de muleta e facão*” (informante 6). No que se refere ao atendimento a pessoas com deficiência por escolas de *wushu*, outro informante aponta para a impossibilidade de atendimento desse público antes de 1949, período anterior à fundação da República Popular da China, do ponto de vista da infraestrutura e da capacitação de profissionais para isso, como afirma dizendo:

Penso que seria completamente impossível. A falta de infraestrutura chinesa determinado pela má administração centenária na dinastia Qing me leva a acreditar que os centros de artes marciais não seriam desenvolvidos o suficiente para conseguirem algo assim (informante 9).

Outro entrevistado corrobora com o depoimento acima, dizendo que: “*antigamente,*

na China não havia a possibilidade de ensinar pessoas com deficiência, pois eles eram vistos como pessoas incompletas, incapazes, porém alguns poucos casos poderiam ser identificados, mas muito raros” (informante 7).

No que se refere ao motivo pelo qual o deficiente não praticava *wushu*, o informante 1 acrescenta que eles não eram completos do ponto de vista físico e sensorial: *“porque quando treina artes marciais precisa de 4 membros e cinco sentidos. Precisa tudo certo, tudo normal. Precisa wuquan (5 sentidos). Precisa tudo certo. Quando falta, mestre não ensinar”* (informante 1).

Pode-se perceber que na antiga China a pessoa com deficiência era excluída da possibilidade de praticar o *wushu*, seja pela falta de infraestrutura e professores capacitados, seja pelo preconceito de que a pessoa com deficiência não era completa, capaz de aprender e desenvolver corretamente o que lhe era ensinado, ou ainda pela perspectiva de rendimento e do foco no combate que havia anteriormente naquele país. A função das artes marciais chinesas era de preparo para a guerra, não havendo espaço para a inclusão de praticantes que não tivessem essa perspectiva (THEEBOOM; KNOP, 1997; BIAN, 2010).

4.2.3 A pessoa com deficiência no *wushu* contemporâneo

Para a maioria dos informantes (91%), a pessoa com deficiência é compreendida como aquela que tem condições diferenciadas para a realização das diversas atividades cotidianas. Outros entendimentos apontam para a concepção de que são incapazes, incompletas e que necessitam de atenção especial. Essa percepção de incapacidade e incompletude remete às concepções da antiguidade e que, ainda em tempos modernos, se mantém como um conceito usado no sentido de classificar a pessoa com peculiares e diferentes condições e impossibilitadas de participar de forma plena de atividades comuns (PEDRINELLI, VERENGUER, 2008).

Um dos informantes aponta explicitamente para essa percepção quando afirma que: *“precisa tudo certo. Quando falta, mestre não ensina”* (informante 1). Esse ‘tudo certo’ se refere ao funcionamento completo do homem padrão, sem que nenhuma das partes seja deficiente ou que tenham características diferentes da maioria. Apesar da participação de quatro chineses nesta

pesquisa, apenas este último se posicionou de forma mais afastada da tendência dos demais sobre o tema analisado. Para esses informantes, a percepção sobre a pessoa com deficiência vai ao encontro à perspectiva apresentada por Pedrinelli e Verenguer (2008) que as consideram como sendo aquela que apresentam diferentes e peculiares condições para a prática, e neste caso, para a prática do *wushu*, ou, do *wushu* adaptado.

Quando se analisa a fala dos informantes sobre como percebem a pessoa com deficiência, a afirmativa ‘pessoas com condições diferentes’ é a que mais surge. Isso demonstra um entendimento mais atualizado que se coaduna com as perspectivas da literatura vigente. Apesar de muitos deles não terem formação em educação física ou proximidade com a temática da atividade motora adaptada, seus discursos são coerentes com o que é atualmente apresentado pela comunidade acadêmica, o que de certa forma é surpreendente.

Kasum, Strašo e Nastasić-Stosković (2011), Guo e Zang (2010), Robertson (1991), Madorsky (1990) e Pandavela et al. (1986), entendem a pessoa com deficiência, como aquela que é capaz de aprender e desempenhar uma função, a qual lhe é ensinada de forma adequada, e portanto, perfeitamente apta a desempenhar um papel social. Vale destacar que esses autores desenvolveram seus trabalhos na perspectiva das artes marciais para pessoas com deficiência, e isso imprime um aspecto de compreensão das artes marciais não mais em sua funcionalidade original, mas em um panorama diverso de sua origem. Essa afirmativa pode ser ainda reforçada pelo DVD didático, com o título *Wheelchair form*, produzido pela Associação Chinesa de *Wushu* em 2009, sobre a prática do *taijiquan* para pessoas que usam cadeira de rodas. Este fato indica que a própria China começa a pensar na possibilidade da prática do *wushu* para pessoas com deficiência.

4.2.4 As percepções do ensino do *wushu* adaptado pelos professores e mestres de *wushu*

Para se discutir essas percepções, é necessário entender, primeiramente, como o *wushu*, o *wushu adaptado* e o ensino dessas modalidades, voltado às pessoas com deficiência, é percebido pelos informantes. Os informantes compreendem o *wushu* de várias maneiras: como sendo predominantemente uma atividade física, em seguida, um esporte, depois um sistema de

defesa pessoal e por último uma prática para o desenvolvimento do espírito, conforme a Tabela a seguir.

Tabela 8: Percepções dos informantes sobre o *wushu*

Percepção sobre o <i>wushu</i>	Ocorrência n (%)
Atividade física	17 (39,5)
Esporte	14 (32,6)
Defesa pessoal	9 (21,0)
Desenvolvimento espiritual	2 (4,6)
Luta	1 (2,3)
Total	43 (100)

Entender as artes marciais chinesas, as coloca dentro da percepção das novas funcionalidades que essas práticas possuem na atualidade, como foi anteriormente destacado. Dentro dessas novas funcionalidades, a dimensão esportiva também se faz notar com muita significância entre os informantes. Para Elias (1992a), as artes marciais passam por um processo civilizatório que permite novos usos e a inserção de novos praticantes, com distintas características e objetivos, e essa é a característica principal do esporte moderno. Porém, deve-se ter em perspectiva que os informantes pertencem a organizações esportivas, o que pode influenciar suas percepções sobre o *wushu* na atualidade. A dimensão da defesa pessoal está mais próxima das primeiras funções das artes marciais, mas aqui ela já ocupa uma posição secundária, deixando clara a modificação da funcionalidade que o processo civilizatório impõe.

O desenvolvimento espiritual é percebido somente por dois informantes, um chinês e outro brasileiro (informante 1 e 14, respectivamente). Isso indica apenas uma percepção individualizada, não sendo uma visão frequente entre os informantes. A percepção de luta apresentada por um informante se confunde com a questão da defesa pessoal, mas segundo ele pode ainda ser entendida como o confronto comum realizado entre lutadores do *wushu* na China, como desafio para o estabelecimento de quem era o melhor de sua vila, cidade ou província, ou ainda, como desavença, briga. Nesse sentido, ele afirma que: “*como luta chama Yinti tuili. Yinti é esse quando alguém quer briga com você, ou rouba você. Esse precisa luta. Tuili é quando alguém quer luta com você para ver quem é melhor. Esse Tuili*” (informante 1).

Quanto à percepção do *wushu* adaptado, os informantes apresentaram seis respostas sintéticas sobre o tema, como apresentado na Tabela 9 a seguir.

Tabela 9: Percepção dos informantes sobre o *wushu* adaptado

Percepção sobre o <i>wushu</i> adaptado	Ocorrência n (%)
Existe pouco conhecimento sobre a modalidade	5 (29,4)
Pouco conhecido e desenvolvido	5 (29,4)
Pouco conhecido	3 (17,6)
Pouco desenvolvido	2 (11,8)
Uma possibilidade de prática	1 (5,9)
É ginástica ou uma atividade física, não é uma arte marcial	1 (5,9)
Total	17 (100)

Quando os entrevistados indicam que há pouco conhecimento sobre a prática do *wushu* adaptado, se referem ao fato de que não existem informações sobre a prática, seja na esfera científica, seja em outros formatos, confirmando que há uma carência de informações para o próprio desenvolvimento dessa prática. A literatura consultada aponta para essa carência de estudos sobre artes marciais para pessoas com deficiência (KASUM; STRAŠO; NASTASIĆ-STOSKOVIĆ, 2011). A maioria dos estudos encontrados sobre esse tema está no idioma inglês e não são de fácil acesso. Por não terem caráter propositivo para a realização da prática, concentram-se mais em levantamentos de ocorrência e relatos de experiências.

Quando eles falam que o esporte é ‘pouco conhecido e desenvolvido’, referem-se a não divulgação e que existem poucos trabalhos práticos desenvolvidos com esse público. Quando consideram que é ‘uma possibilidade de prática’ o que se percebe é que não pensaram nisso anteriormente, porém quando confrontados com essa questão, apresentam uma posição aberta para refletir. A posição de que o *wushu* adaptado ‘é uma ginástica ou atividade física, não é uma arte marcial’ indica uma postura restrita em relação à prática, pois Robertson (1991), Madorsky (1990), Zijdel (1992), Rosa, Rodrigues e Freitas (2009), Hussain e Pendse (2012), Woodward (2009) e Terry (2006) entendem que a prática das artes marciais atende também a dimensão da defesa pessoal na atualidade.

4.2.5 As práticas inclusivas do *wushu* no Brasil

Outra questão que surge e se impõe como fundamental, é como os professores entendem a realização do ensino do *wushu* para pessoas com deficiência. Alguns informantes nunca tiveram experiências com este público, outros tiveram e dois deles trabalham diretamente com pessoas deficientes no ensino do *wushu*. Na Tabela a seguir são apresentadas essas ocorrências, vividas ou não pelos informantes.

Tabela 10: Experiência no ensino do *wushu* para deficientes

Experiência	Ocorrência n (%)
Nunca ensinou para pessoas deficientes	10 (58,8)
Já ensinou anteriormente	4 (23,5)
Ensina ocasionalmente	1 (5,9)
Ensina regularmente	2 (11,8)
Total	17 (100)

Dos 10 informantes que nunca ensinaram *wushu* a uma pessoa com deficiência, apenas um deles (informante 1) entende não haver possibilidade de trabalhar com esse público. Os demais têm a compreensão de que o ensino é possível, apesar de não terem tido experiência direta com este público.

No que se refere ao que é necessário para que a realização do ensino do *wushu* para pessoas com deficiência seja bem sucedida, os informantes expõem diversos elementos que são apresentados a seguir, na Tabela 11.

Tabela 11: Elementos necessários para o ensino do *wushu* para pessoas com deficiência

Elementos necessários	Ocorrência n (%)
Professores competentes e especialmente formados para trabalhar com esse público	10 (35,7)
Adaptação dos métodos de ensino adequados às diferentes deficiências	9 (32,1)
Adaptação dos conteúdos adequados às diferentes deficiências	5 (17,8)
Desenvolvimento de estudos científicos	1 (3,6)
Envolvimento do médico responsável pelo praticante no planejamento de ensino	1 (3,6)
Envolvimento da família no processo de ensino	1 (3,6)
Participação do poder público no aumento da oferta e capacitação de professores	1 (3,6)
Total	28 (100)

Como se pode perceber, o maior peso do sucesso do ensino do *wushu* para pessoas com deficiência recaiu sobre a qualidade da formação dos professores (35,7%), da adaptação do ensino (32,1%) e da adaptação dos conteúdos (17,8%). Os demais itens alcançaram 3,6% de ocorrência cada um.

A percepção de que os professores devem ter uma formação adequada para trabalhar com atividade física voltada às pessoas com deficiência é apoiado por Ferreira (2009), Gorgatti et al. (2004) e Jerônimo (2006). Winnick (2004) ainda complementa que as atividades físicas e

esportes adaptados devem ser conduzidos e supervisionados por profissionais especializados. A questão da formação especializada e das competências necessárias para a atuação com este público é, portanto, entendida como prioritária e fundamental para a realização do ensino do *wushu*. Porém, neste campo, isso não se estabelece como realidade. Na fala de um dos informantes percebe-se o quadro atual da formação destes profissionais:

O ciclo de formação dos professores de kungfu no Brasil é falho, não forma adequadamente os futuros professores. Os professores se formam dentro de academias que têm professores com baixa formação. [...] Acho que a formação de professores capacitados é a grande questão. É urgente e necessário (informante 8).

Outro informante complementa esse argumento:

Certamente, a adaptação que sugere uma revisão da formação de professores... porque a concepção de educação não pode ser aquela que sugere que o sujeito seja vítima. Penso que antes mesmo da adaptação, a concepção de educação precisa ser repensada no wushu (informante 5).

Ainda sobre professores, Robertson (1991) expõe as características que devem ter, ressaltando que para ensinar pessoas com deficiência, este profissional necessita de conhecimento prévio sobre as dificuldades enfrentadas em cada tipo de deficiência. Deve ter habilidade para entender as informações transmitidas por seus alunos, mesmo aqueles que tenham dificuldades de se comunicar. Não deve ter medo de perguntar que método de ensino eles acham mais confortável e não deve presumir que eles sejam incapazes de aprender. Além disso, o professor deve incentivar a habilidade de aprender, ouvir e adaptar para seu crescimento e não deixar que o foco recaia sobre a deficiência.

A adaptação do ensino e dos conteúdos são também pontos que receberam destaque dos informantes. Nesse sentido, Winnick (2004) afirma que a adaptação objetiva atender às demandas especiais de indivíduos nessas condições. Aponta ainda a necessidade de se adaptar objetivos, atividades e métodos de ensino. Quanto a isso, alguns informantes apontam a questão da seguinte forma: “É só uma questão de adaptar as coisas. O jeito de ensinar. E o nível de cobrança. A atenção também tem que ser diferente, pois a deficiência exige uma postura diferente” (informante 2), “Tem que mudar o jeito de ensinar. Tem que ajustar o método e o conteúdo também. Tem que mudar para dar certo. As exigências também tem que ser diferentes. Não pode ser igual ao que é hoje” (informante 3), “O professor tem que ter paciência. E precisa

achar um jeito de ensinar” (informante 7), e *“Dependendo da pessoa você tem que adaptar”* (informante 17).

As experiências de ensino relatadas pelos informantes foram com pessoas com deficiência visual, motora, auditiva e intelectual. Entretanto, a maioria delas foi realizada de forma individualizada segundo as demandas que se apresentavam no momento. Casos de turmas regulares, organizadas, exclusivamente de deficientes não foram comuns, tendo apenas uma ocorrência com deficientes visuais na cidade de Florianópolis, em Santa Catarina. Os demais foram de ensino individual, mesmo que inseridos em turmas mistas.

Os casos de intervenção individualizada ou não especializada, puderam ser identificados nas falas de alguns informantes que ensinaram para deficientes, como nos relatos dos informantes 5, 7, 11, 15, 16 e 17. O informante 5 ensinou para um deficiente visual e um motor. Ele relata essa experiência da seguinte forma:

Foi uma situação muito interessante. Ele era mais velho e com muita experiência de vida e queria praticar para melhorar a saúde em sentido amplo. O trabalho foi um grande desafio. Primeiro porque eu não tinha conhecimento específico para ensinar um deficiente visual, então, as estratégias utilizadas foram pensadas em razão das necessidades que eu tinha e muito do que fiz foi por intuição. [...] O alongamento era fácil, porque ele conseguia acompanhar o que eu dizia. O aquecimento já não era tão simples, dado que ele dependia do mediador para conseguir, por exemplo, correr. Eu corria segurando sua mão. Aos poucos ele foi se acostumando com o espaço da escola e passou a conseguir correr sozinho. As técnicas eram ensinadas com ênfase às aplicações, dado que ele conseguia, pela experiência (tato), saber o que deveríamos fazer. Quanto menos abstrato o comando, tanto maior a eficácia do exercício. [...] Ele aprendeu kati também, mas eu enfatizava, ao menos no início, exercícios em duplas (informante 5).

Quanto a aluna com deficiência motora, ele relata:

Ela mancava e andava de bengala. Para treinar, era um desafio deixar a bengala. Inicialmente ela queria aprender a se defender, então, preparei algumas aulas particulares com conteúdos de Qin Na. Ela era muito ativa e suas ações eram firmes e até perigosas. Ela me jogava no chão sem dó e que percebi que era aquele o caminho. Aos poucos, procurei conduzi-la às aulas de tradicional também. Ela aprendeu o conteúdo da primeira graduação praticamente completo, mas, parou de treinar por razões familiares. Ela treinava e levava também o filho e o marido. [...] Houve uma certa adaptação, se posso dizer que se trata de adaptação, quando em algumas aulas do início fazíamos os movimentos sentados (informante 5).

O informante 7 relata sua experiência com uma pessoa deficiente motor:

Tem pessoa doente, teve tumor na cabeça. Fez cirurgia e tirou. Fica cadeira de rodas, começa treinar respiração. Primeira respiração. Ele melhora, antes não podia levantar cadeira. Com tempo ele fica em pé, melhora muito. Mais contente, mais forte (informante 7).

Outro informante relata a sua experiência no ensino do *wushu* para diferentes pessoas com as quatro deficiências mais comuns, visual, auditiva, motora e intelectual. Sobre a deficiência visual ele fala:

Por dois anos tivemos um aluno em nossa academia treinando em aulas particulares, eu dei algumas aulas e acompanhei seu desenvolvimento. Além disso, temos alguns alunos com deficiências parciais de visão, que encontram limitações ao realizarem atividades sem óculos ou lentes de contato (informante 11).

Com deficiência auditiva ele diz:

Temos casos semelhantes em nossa academia, na qual, conhecendo a deficiência auditiva do aluno, temos que passar as instruções em som mais alto ou do lado capacitado a ouvir. Atualmente, temos um aluno com surdez total, que treina em conjunto com todos os alunos, passamos as informações por gestos ou de frente, de modo a facilitar sua leitura labial (informante 11).

Em relação ao aluno com deficiência motora, ele conta que:

Também alunos com limitações motoras decorridas de acidentes e lesões por esforço repetitivo (LER). [...] Os treinos acontecem mediante autorização e acompanhamento médico. No caso de menores de idade, fazemos entrevistas com os pais para conhecer melhor suas necessidades: Lembro de casos: espinha bífida, hemiplegia, má formação congênita e paresia (informante 11).

E por último, alunos com deficiência intelectual:

Temos alunos limítrofes, com idade mental atrasada, que treinam normalmente com outros alunos. Tomamos cuidados em relação à didática de ensino, como linguagem adaptada sua idade mental. Também casos de autismo e hiperatividade (informante 11).

O informante 15 relata sua experiência com um aluno com deficiência motora:

Isso foi uns anos atrás. Trabalhei com ele na Associação Mineira de Paraplégicos (não sei a condição atual da associação). Ele me procurou a partir do contato com o meu professor de kungfu [...] que na época, estava começando um trabalho na referida associação. O aluno gosta muito de artes marciais. Foi o primeiro ponto importante. Primeiramente, foi uma experiência agradável, nova e enriquecedora. Fiz um tipo de entrevista preliminar com ele para saber um pouco da história e das condições dele. Também conversei com os pais, embora já fosse adulto. Ele tinha já um histórico com

outras modalidades, se não me engano com o boxe e caratê. Conversamos e definimos que iríamos direcionar as aulas para a dimensão da defesa pessoal, mas também faríamos experiências com formas adaptadas - katis. Retirei ou reinterpretei técnicas presentes no kungfu tradicional, nos katis, para as movimentações dos braços e um pouco do tronco e cabeça. As técnicas foram pensadas a partir de ataques que ele poderia sofrer vindos de cima para baixo, pelos lados, pela frente (diretamente no rosto) etc... Exercícios tradicionais chineses de respiração também puderam ser aproveitados. Fizemos a experiência de reestruturar o primeiro kati para a movimentação com a cadeira. Se me lembro bem, ele executava inclusive com variação dos lados. Os movimentos dos braços alternavam com giros da cadeira. Além disso, pensamos em algumas técnicas contra facas etc. Outra parte das aulas correspondia a alguns alongamentos e exercícios de movimentação com a cadeira. Movimentações de velocidade, giros rápidos etc. Era como se fosse parte da 'preparação física'. Eventualmente, alguns exercícios de força para os braços. Posso dizer, com certeza que, no caso deste aluno os movimentos, katis, eram bastante apreciados por ele. Acho isso importante; o aluno gostar do que está fazendo e ver sentido principalmente em relação às aplicações (informante 15).

O relato do informante 16 sobre a sua vivência diz que:

[...] já tive um aluno com poliomielite, um membro comprometido. Ele treinou durante seis meses, sem nenhum direcionamento diferenciado, pois o mesmo já era adulto e insistia em fazer o mesmo treino que os outros alunos. [...] tive um aluno surdo, que também não exigiu nenhum cuidado especial, apenas a comunicação com ele era diferenciada (informante 16).

E o informante 17 conta a sua experiência de ensino e de aprendizagem:

Eu treinei normal, não tive nenhuma regalia. Tinha algumas coisas que tive que adaptar, mas o meu professor não fez nada. Até hoje eu tenho que adaptar, pois a perna não sobe muito. Eu tive que adaptar os treinamentos, alguns movimentos em algumas formas, que eu não conseguia fazer, eu adaptava... substituía o movimento por algum que eu poderia fazer para dar continuidade aos movimentos sem atrapalhar. Quanto aos meus alunos eu tinha que adaptar o ensino. Mas treinava normal. Junto com todos. Treinavam como todos. Adaptava o ensino em função da minha deficiência e também em relação a deles. A adaptação também não era muito extensa. Era pequena. O cego tinha que pegar na mão e os movimentos tinha que ser feitos bem próximo dele, pois ele só enxergava vultos. Pegava na mão e fazia o movimento mais ou menos. E ele seguia (informante 17).

Nos casos anteriores, todas as práticas de ensino foram desenvolvidas a partir do contexto apresentado e de uma avaliação individual da pessoa e de suas limitações frente ao aprendizado do *wushu*. De forma empírica, o ensino desta modalidade se realizou, de certa forma, com algum sucesso; entretanto em alguns relatos não é possível identificar uma estratégia clara

de ensino, mas evidentemente um método de tentativa e erro na dimensão prática. Não foi dito por esses informantes, que houve uma busca de recursos, sejam teóricos ou práticos, para alcançarem as suas metas de ensino para pessoas com deficiência. Em alguns casos, há a predominância do método *'follow me'*, ou seja, o professor demonstra e o aluno segue, em uma perspectiva antiga, como ele aprendeu com o seu antigo professor. Não são apresentadas modificações ou adaptações significativas, dignas de destaque, para o ensino desse público.

No caso de Florianópolis, os alunos que compõem a turma são todos deficientes visuais, membros da Associação de Cegos de Florianópolis. Esse projeto é realizado há 13 anos e atualmente é financiado por uma instituição financeira. A informante 10 relata essa longa experiência com deficientes visuais:

Este ano faz 13 anos desse trabalho. No início fui perguntar ao mestre Chan se podia começar esse trabalho e se ele poderia me ajudar. Ele respondeu que ele não tinha experiência nisso, nunca havia ensinado para uma pessoa com deficiência, mas que eu teria condições de realizar esse trabalho. E isso me deixou livre para que eu produzisse o material para esse processo. E foi assim que eu comecei. Primeiro eu observei a demanda, a partir da demanda eu comecei a criar o método. Depois da criação do método, eu fui aplicar, experimentalmente. Depois que eu vi o resultado do experimento é que fui aplicar em toda a turma. No início eu trabalhei com três indivíduos, mas fui desenvolvendo o método a partir da demanda deles. A demanda que era a questão da ansiedade, do colocar o pé firme no chão, do andar com a bengala, do andar trêmulo, que era o que eles me demandavam. Hoje a demanda já é outra, mas naquela época foi o primeiro obstáculo que eles me relataram. E isso foi que me fez desenvolver o método, mas eu não tinha onde pesquisar. Então eu acabei desenvolvendo um método próprio de ensinar (informante 10).

Em relação às aulas mistas, entre deficientes e não deficientes ela diz que:

Eu acho que pode ser feito de maneira... para socializar. Nesse caso os videntes serviriam de apoio, para estabelecer relações entre quem enxerga e quem não enxerga. Mas metodologicamente, eu não consigo achar um meio. O que acontece... O que eu uso é o silêncio do ambiente, então as pessoas, o mínimo de conversa ou de ação, já distrai. Então, eu uso a oralidade e o toque para fazer esse trabalho. Então, se eu usar uma turma mista, pode ser que seja uma festa, não seja um trabalho propriamente dito. Pode ser um meio de você confraternizar. O que eu acho bem importante. Eu acho que esse trabalho é um trabalho de inclusão, de inclusão do deficiente, mas em termos metodológicos é difícil de fazer esse trabalho. Gostaria de experimentar mais vezes, mas as experiências que fiz não foram muito proveitosas (informante 10).

Nessa experiência, algumas questões devem ser observadas. A primeira é a falta de

estudos sobre o tema, para que seja usado como suporte na construção de um método de ensino e de seleção de conteúdos. Se estudos sobre as artes marciais comuns são reduzidos, como diz Correia e Franchini (2010), na área das lutas para pessoas com deficiência é ainda mais escasso. Outro ponto é a organização das turmas com alunos em condições similares, pois isso facilita a dinâmica do ensino e da aprendizagem, como é o caso de Florianópolis. Assim, estudos sobre metodologias de ensino e seleção de conteúdos vinculados às diferentes deficiências ainda necessitam ser realizados.

No programa ‘*Kungfu* para Cegos’ apresentado na TVSentidos (2010), é apresentado um projeto, realizado no Instituto de Cegos Padre Chico, na cidade de São Paulo e foi desenvolvido e direcionado para alunos com deficiência visual que frequentavam regularmente o Instituto. As aulas eram ministradas por um professor de *wushu* e estudante de educação física da Universidade Metodista e eram desenvolvidas a partir de atividades como brincadeiras, treinos de golpes e movimentos de baixa complexidade, exercícios em duplas de ataque e defesa, além de técnicas de meditação. O ensino era baseado na fala e no toque que o professor realizava nos alunos, com o objetivo de ensinar-lhes os movimentos. O foco do trabalho era desenvolver nos alunos a cooperação, o comportamento, a disciplina, a percepção espacial, a socialização, as aptidões físicas, a capacidade intelectual e a concentração.

Por certo, essas são apenas algumas experiências realizadas no ensino de deficientes no Brasil, pois a coleta de dados possui limitações no que se refere à amplitude de todos os praticantes de *wushu* no Brasil. Entretanto, já é possível perceber a existência de demanda para essa prática e que há muito a se fazer no aspecto de ensino desta modalidade para esse público.

No relato de todos os informantes, observa-se que a falta de métodos científicos, já comprovados para o ensino do *wushu*, e especificamente do *wushu* para pessoas com diferentes e peculiares condições para a prática, impõem o uso dos antigos modos de instrução, e ressalta ainda o sistema de tentativa e erro no ensino para deficientes. Essa condição precisa ser superada, com mais estudos sobre o tema, concomitante com a formação especializada desses profissionais, no sentido de instrumentalizá-los para trabalhar com esse público de forma profissional e competente.

CAPÍTULO V - SUGESTÕES PARA A PRÁTICA DO WUSHU ADAPTADO

Neste capítulo, serão apresentados os aspectos resultantes da prática das artes marciais por pessoas com deficiência, as mudanças de funcionalidade apresentadas pelas artes marciais na atualidade, que permitiram a participação deste público e sugestões para a prática do *wushu*. A ocorrência da prática desta modalidade no Brasil, por pessoas que possuem algum tipo de limitação, conforme apresentado no capítulo anterior, demonstra a modificação dos usos das artes marciais chinesas, apontando para uma modificação das antigas tradições, criação de novas funcionalidades e de novas apropriações dessa prática antiga. Essas modificações podem ser percebidas mais adiante, nas interlocuções com Elias (1992a, 1992b) e Bourdieu (2004).

5.1 A prática de pessoas com deficiência: as novas funcionalidades das artes marciais

A esportivização das artes marciais é um processo moderno que possibilita outros usos dessas práticas corporais antigas. Essa esportivização se contextualiza historicamente no que Elias (1992a) conceitua como processo civilizatório, e no seu entendimento do que é esporte.

Para Elias (1992a), o esporte é uma palavra originária do inglês *sport* que significa “passatempo”. Já a palavra desporto, do inglês *disport*, significa “o passatempo que envolve esforço físico”. Nessa perspectiva, o desporto serviu para o entretenimento das pessoas, além de proporcionar um gasto energético que os apaziguava. Podia ser entendido com esse sentido o futebol, as corridas a cavalo, o boxe, a luta, o tênis e a caça à raposa. Esse conceito que se originou na Inglaterra, espalhou-se por outros países na medida em que se desenvolviam socialmente e economicamente. Esse processo que permitia o desporto se desenvolver é entendido por Elias (1992a) como o processo civilizador que todas as nações sofrem, em sua medida e intensidades diversas.

A transformação das várias atividades humanas de passatempo ou de jogos em desportos se realizou dentro de um processo civilizatório da sociedade em que estavam inseridos. Elias (1992a) indica que se deve ter atenção para o fato de, apesar de algumas características similares entre os jogos da antiguidade e os modernos, o que os diferenciam são os contextos históricos e sociais, além do nível de tolerância à violência a que se permitem. Em relação a isso Elias (1992a, p.195) afirma que:

Na antiguidade, as regras do costume para acontecimentos atléticos «duros», como o pugilismo e a luta, admitiam um grau de violência bastante mais elevado do que aquele que era admitido pelas regras do tipo de provas correspondentes no desporto.

Para Elias (1992a), a tolerância à violência era muito maior na antiguidade do que na vida moderna. Deste modo, o contraste entre os níveis de violência das duas épocas veio influenciado pela organização dos Estados contemporâneos. “A monopolização relativamente firme, estável e impessoal e o controle dos meios de violência é um dos traços centrais dos Estados-nações contemporâneos” (ELIAS, 1992a, p.196).

Elias (1992a) usa o exemplo da luta para demonstrar essa mudança no nível de tolerância à violência, vinculada ao maior nível de organização e controle do Estado sobre o comportamento de seus cidadãos, por meio da regulamentação da modalidade ao longo do tempo. Esse processo se desenvolveu desde os jogos olímpicos da antiguidade até os dias atuais do desporto moderno. Ressalta também, que uma das principais funções da prática da luta era a preparação para a guerra. Para exemplificar a diferença entre as atividades na antiguidade e na contemporaneidade, utiliza o boxe praticado na Grécia antiga e o boxe inglês, cada um com um *ethos* diferente: o inglês com caráter mais desportivo, na concepção inglesa da palavra e o outro mais militarizado, com objetivos de preparação para a guerra.

Em relação às lutas, Bourdieu (2004) afirma que a pacificação delas passa pela relação do corpo com o corpo, de forma solitária. Nesse sentido menciona que:

Essa relação com o corpo é solitária com toda a relação com o mundo: as práticas distintas são também aquelas que asseguram a relação mais distanciada com o adversário, são também mais estetizadas, na medida em que, nelas, a violência está mais eufemizada, e a forma e as formalidades prevalecem sobre a força e a função (BOURDIEU, 2004, p.209).

Deste modo, Elias (1992a, p.211) aponta para os elementos determinantes do processo civilizador do esporte como sendo:

Em resumo, o nível variável de civilização nas competições de jogo mantém-se incompreensível se não for relacionado, pelo menos, com o nível geral de violência socialmente permitida, com o nível da organização do controlo da violência e com a correspondente formação da consciência em causa.

Elias (1992b) afirma que as regras e o seu controle rígido tiveram papel fundamental

na construção do desporto moderno e de sua organização. Isso se deveu ao processo de industrialização, urbanização e padronização dos comportamentos sociais, que foi imposto pelos Estados-Nação.

A diminuição do estado de guerra entre as nações e o estabelecimento de comércio entre eles impuseram um maior controle da conduta social, de forma imposta pela cultura estabelecida e fiscalizada pelo Estado. Quanto a isso, Elias (1992b, p.255) afirma que:

A pacificação e a comercialização entre eles contribuiu e exigiu maior regularidade na conduta pessoal, e não só nos seus assuntos profissionais. Esta tendência no sentido de uma maior regularidade na conduta da vida não era somente sustentada por formas de controlo externas, mas, também, por autodomínios socialmente determinados.

Essa mudança no comportamento social possibilitou a diminuição e até a extinção da violência em determinados desportos. O foco em vencer a todo custo, aos poucos, migrou para a vivência da excitação da participação. Quanto a isso, Elias (1992b, p.256) destaca:

A mudança de ênfase, do desejo de vencer um confronto para a aspiração à vivência da agradável excitação prolongada do confronto, era a esse respeito bastante significativa. Num estágio posterior encontrou a sua expressão no bem conhecido ethos dos desportos, de acordo com o qual não era a vitória, mas o próprio jogo, que interessava.

E é nesse processo de controle e de pacificação da violência das artes marciais que a possibilidade de novas funções para a prática se estabelecem, incluindo a direcionada para pessoas com deficiência.

Essas novas possibilidades de prática permitiram diversos usos e leituras das artes marciais. Cada grupo social começou a se apropriar livremente de modalidades que entendiam ser prazerosas ou úteis para seus membros. Isso se constitui em um efeito de apropriação que Bourdieu (2004) descreve como a possibilidade de variadas leituras, de usos e de valoração que se apresentam de acordo com o contexto onde está inserida a prática. A modificação das estruturas das práticas se dá de acordo com os contextos históricos e seus atores. A isso, Bourdieu (2004) chama especificamente de efeito de apropriação social. O que a cada momento, em diferentes realidades, a prática de uma modalidade esteja marcada pela objetividade do grupo que se apropria dela, dando sentido próprio, muitas vezes distante da dimensão técnica que a constituiu.

Assim, a distribuição das diferentes práticas esportivas resulta do estabelecimento de uma relação entre dois espaços homólogos, um espaço das práticas possíveis, a oferta, e um espaço das disposições a serem praticadas, a procura [...] (BOURDIEU, 2004, p.214).

Sendo assim, a mesma modalidade esportiva pode se apresentar, em termos de prática, de diferentes formas, mesmo contrariando as suas funções originais. Bourdieu (2004, p.214) ainda afirma que:

[...] do mesmo modo, uma prática esportiva que, em sua definição técnica, “intrínseca”, sempre apresenta uma grande elasticidade, logo, oferece uma grande disponibilidade para usos totalmente diferentes, até opostos; também pode mudar de sentido.

Assim, a apropriação das práticas marciais por pessoas com diferentes e peculiares condições possibilita novas leituras e novos usos, no sentido diverso ao original das antigas artes marciais. Alguns autores apontam para essas novas possibilidades, como Arida et al. (2010), Hussain e Pedersen (2012), Fong, Tsang e Ng (2012), Conant et al. (2008), Robertson (1991), Pandavela et al. (1986), Zijdel (1992), Martin (2002), Kasum, Strašo e Nastasić-Stosković (2011), Madorsky (1990), Rosa, Rodrigues e Freitas (2009), Woodward (2009) e Terry (2006).

O *wushu*, não difere das demais modalidades marciais. Antunes e Moura (2010) apontam para essas novas possibilidades de práticas, sendo assim, o seu uso por pessoas com deficiência é perfeitamente possível e relevante no contexto social atual. Corroborando com a afirmativa de Antunes e Moura (2010), outros autores apontam para esta questão (TSANG et al., 2008; GUO; ZANG, 2010; CHEN et al., 2012).

Entretanto, para que a prática do *wushu* seja viável para esse público, faz-se necessária uma série de adaptações de conteúdos, de metodologias de ensino e de cuidados com os praticantes, sempre sendo vinculado ao tipo de deficiência apresentado. Duarte e Santos (2003) afirmam que para a pessoa com deficiência, a adaptação é fundamental, portanto este processo deve ser levado em consideração, tendo sempre em vista que cada pessoa é diferente e que as deficiências têm implicações e características variadas sobre essas pessoas.

Sobre a adaptação dos conteúdos e métodos de ensino, vale relembrar o que é apresentado pelos informantes e demonstrado na Tabela 11. Os entrevistados destacaram a ‘adaptação dos métodos de ensino adequados às diferentes deficiências’ com 32,1% de ocorrência e a ‘adaptação dos conteúdos adequados às diferentes deficiências’ com 17,8%. Isso

atesta a preocupação com a questão da adaptação. Zidjel (1992) destaca a necessidade de ajustes nas técnicas e nos meios de ensinar, assim como ressaltam Padavela et al. (1986), Guo e Zang (2010), Terry (2006), Chen et al. (2012) e Tsang et al. (2008). Portanto, relacionar o tipo de prática com a deficiência de forma a atender às possibilidades de realização, deve ser o foco do professor que se engaja no ensino para esse público.

Outra questão que merece destaque nesse novo contexto de funcionalidade das artes marciais é que, primeiramente, a proposta de ensino do *wushu* para pessoas com deficiência, deve estar centrado na ruptura dos obstáculos sociais que a deficiência impõe. Deve perseguir a diminuição do *handicap* ou das desvantagens sociais, pois esse é o maior custo para o indivíduo que possui diferentes e peculiares condições. Essa abordagem da prática é destacada por Batista e Enumo (2000) que classificam o *handicap* como sendo uma deficiência secundária e a relacionam principalmente com aspectos sociais como preconceito, estereótipos e estigmas. É nesse campo que talvez o *wushu* possa ter o seu maior impacto. Assim, a adequação dos conteúdos e procedimentos de ensino deve ter especial atenção das pessoas diretamente envolvidas no processo de ensino-aprendizagem. O aspecto mais técnico e até de alto rendimento não devem ser prioritários inicialmente. Não que essas perspectivas não devam ser levadas em consideração, mas não devem nortear o trabalho em seus primeiros momentos ou torná-lo exclusivista por desempenho. O foco introdutório da abordagem do ensino do *wushu* deve contemplar a superação das barreiras impostas pela desvantagem social.

5.2 Efeitos da prática das artes marciais: o que falam a literatura e os praticantes

A ocorrência da prática do *wushu* no Brasil por pessoas com alguma deficiência é um indicador de que as artes marciais podem ser praticadas por esse público, desde que os programas sejam adaptados para atender às diferentes demandas. Isso é apoiado por Kasum, Strašo e Nastasić-Stosković (2011) que afirmam que os esportes de combate podem ser praticados por pessoas com deficiência se forem feitas pequenas adaptações nas regras e nos equipamentos a serem utilizados.

No aspecto dos benefícios percebidos dessa prática, Kasum, Strašo e Nastasić-Stosković (2011) afirmam que a prática das artes marciais por pessoas com alguma deficiência promove a sensação de melhora da energia, das capacidades mentais e da concentração,

diminuindo ainda a depressão e o estresse. Já para Martin (2002), estes aspectos propiciam melhoras nas limitações funcionais, na autoestima e na qualidade de vida. Indicam ainda o desenvolvimento do equilíbrio, da força e da concentração em pessoas deficientes praticantes.

Zijdel (1992) aponta que a prática das artes marciais desenvolve a força física e mental, melhora a autoestima e o conhecimento sobre o próprio corpo e, finalmente, ensina a amar o corpo que a pessoa deficiente possui. Essa possibilidade mostra que as modificações das antigas tradições marciais, possibilitam novos objetivos dessa prática. Mas será que as antigas funções das artes marciais desapareceriam na mesma proporção em que novas funcionalidades surgem extinguindo-se a primeira em detrimentos das adaptações para atender as novas demandas?

Pandavela et al. (1986) apontam para a melhora do equilíbrio, diminuição das dores preexistentes e melhora da respiração. Os autores afirmam que as artes marciais desenvolvem, ainda, a socialização no ambiente das práticas e fora dele. A socialização é uma característica geral das artes marciais, pois a coesão dos grupos marciais sempre foi necessária para o alcance de objetivos comuns de defesa do grupo ou ataque e conquista de outros. Robertson (1991) afirma que o treino de rotinas (*kata, taolu ou pomse*) promove diversos benefícios ao praticante de artes marciais com deficiência. Entre esses benefícios estão o autocontrole físico e mental, melhora da qualidade do sono e da concentração, a melhora do controle respiratório.

O surgimento das formas ou rotinas (*kata, taolu ou pomse*) se deu em função da necessidade de se armazenar as técnicas desenvolvidas pelo seu grupo criador, para que as próximas gerações de praticantes tivessem acesso a esses conteúdos. Cada forma imprime ao grupo social específico, uma identidade particular, sendo, portanto uma função adicional dessa prática. Nesse sentido, as rotinas atualmente teriam outra função para as pessoas com deficiência, a de possibilitar o treinamento. Essa perda de função identitária poderia representar o fim da coesão dos grupos, ou uma nova maneira de entendimento das técnicas, não mais como possibilidade de defesa pessoal, ou do grupo a qual está vinculado?

Efeitos da prática também são identificados por Conant et al. (2008) quando dizem que um programa de treinamento de karatê influencia positivamente crianças com epilepsia no que se refere ao autoconceito e a promoção da qualidade de vida.

Arida et al. (2010) afirmam que a prática do judô auxilia e atenua alguns problemas psicossociais de indivíduos com epilepsia. Para Hussain e Pedsen (2012), este esporte também

promove o autorespeito e a autoconfiança em indivíduos com deficiência visual. Em relação a crianças com epilepsia, Conant et al. (2008) indicam que a prática das artes marciais aumentam a autoestima intelectual e a confiança social, diminuindo o estresse familiar.

Fong, Tsang e Ng (2012) apontam para o desenvolvimento do controle do equilíbrio em crianças com desordens no desenvolvimento motor com o treinamento de *taekwondo*. O estudo indica o uso dessa prática como terapêutica para essa população.

Para Guo e Zang (2010), a prática das artes marciais, inclusive o *taijiquan*, promove as habilidades funcionais e as condições gerais da saúde de pessoas com deficiência. O estudo de Chen et al. (2012) aponta para o desenvolvimento da propriocepção do joelho e melhora do equilíbrio em indivíduos deficientes visuais após 13 semanas de prática de *taijiquan*.

Nos achados de Tsang et al. (2008) encontra-se a perspectiva de que a prática constante do *wushu* atua como prevenção e tratamento de algumas condições de desequilíbrio na saúde.

Os informantes participantes do estudo relatam efeitos na mesma direção que a literatura apresenta, conforme o relato a seguir: “[...] *daí eu vejo que eu sou muito ansioso e nervoso, então eu vou lá, daí eu fico menos estressado, fico mais calmo [...] está fazendo bem para minha saúde, desentorta, desestressa, é uma coisa muito boa para mim*” (informante 20).

[...] eu estava bem travada, e agora eu estou mais leve, mais suave. Porque a gente respira melhor, fica mais suave [...] Eu tinha muita ansiedade, muita tosse nervosa, ficava pensando no dia-a-dia, no amanhã, e não fazia nada para desestressar, teve uma época que foi o fundo do poço. Ai agora me sinto mais leve, mais disposta, na hora de levantar de manhã fica mais fácil. Fiquei mais calma. Fiquei mais ágil para andar na rua. Hoje caio menos. (informante 19).

“*E quando chego em casa, vou fazer os exercícios, onde tiver eu faço os exercícios. Antes de dormir eu também faço [...] Então a minha vida melhorou mais por isso aí, antes só ficava pensando bobagem, agora não! Hoje eu estou mais calmo*” (informante 18).

Depois que eu comecei a fazer as aulas com a professora aí, ficou 100%, uma pessoa na minha idade não pode deixar de ir, eu melhorei muito, chego em casa durmo bem, fico bem. Só tenho o problema de tomar remédio para pressão. Mas eu me sinto muito bem, melhorei muito. Eu senti que melhorei muito (informante 21).

“*Quem me convidou foram uns amigos e colegas, então eu fui para experimentar. E estou até hoje, e não penso em parar. Já estou há quatro anos, e não vou parar. Porque os*

benefícios são muitos na minha vida” (informante 18). Outro informante aponta para a aceitação social e um sentido de importância quando diz:

As dificuldades que eu senti foram as de qualquer aluno. E não senti preconceito, seja por parte dos professores ou dos alunos. [...] nestes anos tive contato com alguns professores e mestres e todos sempre foram bastante receptivos, alguns até me procuram e parabenizam, quando em campeonatos (informante 22).

Percebe-se aqui nos relatos que a prática da *taijiquan* para esses informantes deficientes visuais teve um impacto significativo no bem estar geral, na vida social, na autoestima, na melhora do equilíbrio, na qualidade do sono e na diminuição da ansiedade. Essa percepção corrobora com o que é encontrado na literatura que versa sobre essa temática.

Desta forma, a prática do *wushu* por pessoas com alguma deficiência no Brasil, além de demonstrar que é um campo possível e ainda pouco explorado, favorece aos praticantes condições de melhora da qualidade de vida e de sua saúde de modo amplo e prolongado.

5.3 Sugestões para a prática do *wushu* por pessoas com deficiência

Apresentar sugestões para a prática de algo tão novo quanto o *wushu* para pessoas com deficiência não é uma tarefa simples. Entretanto, destaca-se inicialmente a perspectiva de superação dos efeitos do *handicap*, da desvantagem social. Assim, demonstra-se que é possível quebrar essa barreira social, porém, a prática tem limites que devem ser observados como que algumas práticas apresentam riscos, por isso, privilegia-se a sugestão dessas ou daquelas modalidades, dependendo do caso. A possibilidade de pessoas com diferentes e peculiares condições poderem praticar o *wushu* é um avanço, porém, existem limites para a sua prática.

Os informantes do estudo apresentaram suas percepções sobre o perfil de pessoas com deficiência que poderiam praticar o *wushu* e ainda, que modalidades específicas. Como já se pôde observar anteriormente, nesse estudo, o *wushu* possui algumas diferenças internas de possibilidades de prática. Assim, pode-se pensar que também se podem diferenciar as práticas de acordo com as deficiências apresentadas pelos alunos.

A Tabela a seguir apresenta a percepção dos informantes sobre a possibilidade da prática do *wushu* e as deficiências possíveis de serem incluídas nessa modalidade.

Tabela 12: Possibilidade de prática do wushu relacionada ao tipo de deficiência

Deficiências possíveis dentro da prática do <i>wushu</i>	Ocorrência n (%)
Todas	11 (61,0)
Visual, Motora e Auditiva	2 (11,0)
Auditiva ou Motora	1 (5,6)
Motora e Visual	1 (5,6)
Motora de membros superiores	1 (5,6)
Nenhuma	1 (5,6)
Total	17 (100)

As respostas que consideram que todas as deficiências podem ser inseridas em um programa de *wushu* foram maioria, entretanto, algumas variantes surgiram nesses relatos. “Qualquer deficiência, depende do jeito de ensinar” (informante 7), “Todas, dependendo do grau de comprometimento. E é claro, da formação do professor” (informante 8), “Todas, mas sempre dependendo do grau ou intensidade das condições da pessoa” (informante 9), “Todas, mas depende do grau de comprometimento e da modalidade a ser praticada” (informante 10), “Todas, desde que com o apoio da família, supervisão médica e orientação de um professor competente” (informante 11), “Todas, dependendo da capacitação do professor e da adaptação da modalidade” (informante 12), “Todas, depende da deficiência e da adaptação” (informante 17).

Durante as entrevistas os informantes manifestaram o seu conhecimento sobre a ocorrência do *wushu* no Brasil e quais as modalidades se relacionavam com as diferentes deficiências, no sentido da possibilidade da prática. A análise dessas entrevistas, e desses elementos específicos possibilitou a construção da tabela abaixo. Nela, os informantes apresentam a relação entre os tipos de deficiências e as modalidades de *wushu* passíveis de serem praticadas pelas pessoas com deficiência.

Tabela 13: Relação entre o tipo de deficiência e a modalidade de prática possível no *wushu*.

Deficiência	<i>Taolu</i> Mãos Livres	<i>Taolu</i> com Armas	<i>Sanda</i>	<i>Tuishou</i>	<i>Shuaijiao</i>	<i>Qigong</i>	Totais
Visual	8	8	3	6	8	7	40
Motora	13	13	9	7	5	8	55
Auditiva	9	9	6	7	7	6	44
Intelectual	6	6	2	2	2	4	22
Totais	36	36	20	22	22	25	161

O *taolu* de mãos livre e com armas são as sequências de movimentos de defesa e ataque em uma luta com oponentes imaginários, sejam com mãos livres ou vazias, seja com as diferentes armas do *wushu*. O *sanda* é a luta propriamente dita, utilizando equipamentos de proteção como capacetes, luvas e protetores torácicos, bucais e genitais. O *tuishou* é uma luta combinada entre duas ou mais pessoas, onde os movimentos de ataque e defesa são previamente estabelecidos e conhecidos por todos participantes da prática. O *shuaijiao* é uma luta que objetiva derrubar o oponente com técnicas de projeções e imobilizações. O *qigong* é a prática voltada ao desenvolvimento da ‘energia vital’ baseado na execução de exercícios respiratórios específicos.

A prática de *taolu* mãos livres (22,4%) e *taolu* com armas (22,4%) são as modalidades que os informantes mais entendem como adequadas para pessoas com deficiência, tendo em segundo lugar as práticas respiratórias do *qigong* (15,5%), em terceiro ficaram empatados o *tuishou* (13,7%) e *shuaijiao* (13,7%), e por último o *sanda* (12,4%). A tendência da preferência pela prática de *taolu* para deficientes pode ser reforçada pelo trabalho desenvolvido em Florianópolis pela informante 10 há 13 anos, onde deficientes visuais praticam *taijiquan*, essa possibilidade é confirmada pelo estudo de Chen et al. (2012). Apesar de a literatura consultada afirmar a possibilidade da prática para defesa pessoal, aqui as modalidades que preconizam algum contato direto entre oponentes ficaram secundarizadas. Há a identificação de praticantes com deficiência motora participando de competições e atividades de combates como o *sanda* ou *shuaijiao*. Podemos verificar isso na fala de alguns informantes: “*Sim a aplicação e lutas também. Tenho a 1ª graduação de sanda e shuai Jiao*” (informante 22).

Eu apenas o vi em alguns campeonatos. Ele tinha deficiência física, ausência de um dos braços, não me lembro se esquerdo ou direito. Ele competia em sanshou e tinha êxito. Era um atleta muito 'resolvido', no sentido de não ser vítima, de não ser um coitadinho [...] Ele ganhou de alguns atletas experientes. Mas, não me lembro o ano. Talvez perto de 2000 (informante 5).

Devido ao escasso número de estudos sobre o *wushu* para pessoas com deficiência, pode-se consultar outros estudos no sentido de realizar aproximações nos aspectos técnicos por similaridades. O *taolu* se aproxima do *kata* do karatê e do judô e do *pomse* do *taekwondo*, ou seja, se assemelham as formas no conceito de Gomes (2008, p.50) como sendo “Combinações de elementos e técnicas tradicionais, que expressam a essência dos movimentos das lutas, arranjados numa sequência pré-estabelecida, podendo ser executada na presença de adversários reais ou

imaginários”.

O *sanda* ou *sanshou* se aproxima do combate do karatê e do *taekwondo*, mas também do *muaythai*. O *shuaijiao* tem proximidade com o judô, o *aikido* e a luta greco-romana nas técnicas de projeção, de derrubar o oponente. E por fim, a capoeira se aproxima do wushu nos aspectos do *taolu* e do combate. O *tuishou* e o *qigong* não apresentam similaridades facilmente identificáveis com outras práticas marciais. Assim, identificar estudos que contemplem a prática dessas modalidades por pessoas com deficiência, possibilita aproximações da realização da prática do *wushu* para pessoas com as mesmas deficiências contempladas nesses trabalhos.

Assim, diversos estudos apontam para a possibilidade da prática de diversas modalidades por diferentes pessoas com peculiares condições. Zijdel (1992) aponta para a possibilidade de prática do *aikido* e do karatê por pessoas cadeirantes. Robertson (1991) indica o treino de *kata* para deficientes físicos e paralisados cerebrais. Carvalho (2003) sugere a prática da capoeira por pessoas com deficiência auditiva, assim como Silva (2008) e Matos e Menezes (2012) afirmam que a capoeira deve ser praticada por pessoas com deficiência visual. Kasum, Strašo e Nastasić-Stosković (2011) recomendam a prática de *taijiquan*, *wushu*, *taekwondo*, *aikido* e *qigong* para pessoas com diferentes deficiências, mas predominantemente para cadeirantes e deficientes visuais. Porém, inclui em modalidades como o *taijiquan* e o *qigong* especificamente para pessoa com deficiência intelectual.

Chen et al. (2012) recomendam o *taijiquan* para pessoas deficientes visuais. Arida et al. (2010) sugerem o treino do judô para pessoas com epilepsia. Para crianças com epilepsia, Conant et al. (2008) indicam a prática do karatê. Terry (2006) não faz distinções entre deficiências e a prática das artes marciais, considerando que todas as pessoas podem praticar. Fong, Tsang e Ng (2012) selecionam o *taekwondo* para pessoas com deficiência motora. Patatas (2012) recomenda o *taekwondo* para amputados de membros superiores.

Os estudos apresentados acima indicam diversas possibilidades de práticas das artes marciais por pessoas com diferentes deficiências. O que se destaca é a adaptação e a correta relação entre modalidade e deficiência. Porém, para Loovis (2004), a prática da luta requer força, equilíbrio, flexibilidade e coordenação, caso a pessoa com deficiência apresente essas características, a participação na modalidade é recomendada. No entanto, essa abordagem está centrada apenas na perspectiva competitiva, mas no foco da superação do *handicap*, ou das desvantagens sociais, essa abordagem deve ser secundarizada. A prevalência da participação deve

estar centrada na adaptação para a prática, independente da deficiência e destacada da eficiência técnica.

Serão apresentadas sugestões para a prática do *wushu* por pessoas com deficiência. Essas sugestões, sintetizadas nos quadros a seguir, foram construídas baseadas na literatura consultada no presente estudo, além dos relatos dos informantes sobre esse tipo de prática no Brasil. Deve-se ter em perspectiva que essas propostas não são impositivas, nem definitivas, cabendo ao profissional que trabalha com este público, decidir quais as práticas mais adequadas para seus alunos e quais métodos de ensino serão adotados para esse fim.

5.3.1 Sugestões para a prática do *wushu* por pessoas com deficiência visual

Como se verificou nos relatos dos informantes e na literatura especializada, diferentes deficiências possuem possibilidades diversas de participação nas múltiplas modalidades das artes marciais. E para o *wushu* isso também se constitui como fato. Para as pessoas com deficiência, a prática é viável, desde que se respeitem as características da deficiência e as diferentes modalidades do *wushu*. No quadro abaixo, são apresentadas as principais formas deste esporte e as indicações para a sua prática por pessoas com deficiência visual.

Quadro 9: Indicação das modalidades para a prática do *wushu* para deficientes visuais

Grau de deficiência visual ¹⁰	Modalidade indicada					
	<i>Taolu</i> Mãos Livres	<i>Taolu</i> com Armas	<i>Sanda</i>	<i>Tuishou</i>	<i>Shuaijiao</i>	<i>Qigong</i>
B1	☺	☺	☹	☺	☹	☺
B2	☺	☺	☹	☺	☹	☺
B3	☺	☺	☹	☺	☹	☺

Legendas: ☺ - Indicada. ☹ - Indicada com restrições. ☹ - Não indicada.

As classificações esportivas para a deficiência visual se baseiam no grau da deficiência categorizada como B1, B2 e B3. Assim têm-se B1 - Cego total ou com alguma percepção luminosa que não possibilita reconhecer a forma. B2 - Pessoa com percepção de vulto. B3 - Baixa visão, pessoa com definição de imagem, mas com acuidade e campo, visual, fora dos

¹⁰ Muster e Almeida (2008) e Luz, Oliveira e Silva (2009).

padrões de normalidade.

Segundo o quadro anterior, as modalidades indicadas e sem restrições para todos os graus de deficiência visual são o *taolu* de mãos livres, o *taolu* com armas, o *tuishou* e o *qigong*. A prática do *shuaijiao* para essas pessoas requer cuidados, a exemplo do judô que inicia sua prática em dupla, sempre com o contato de ambos os praticantes. Logo, a prática do *shuaijiao*, quando em dupla, deve se iniciar com contato físico estabelecido. Quando esse contato se perder, deve-se interromper a atividade, reestabelecer o contato e reiniciar a prática. O *sanda* se estabelece como uma modalidade não indicada para deficientes visuais, pois os golpes são desferidos com braços e pernas em uma velocidade de difícil percepção para essas pessoas. Mesmo quando a limitação é caracterizada como B3, os golpes desferidos na lateral do corpo podem não ser percebidos, o que se constitui em risco para os praticantes. Para todas as modalidades devem-se instituir sinais sonoros e táteis para indicar início, fim, ou qualquer outra informação importante que oriente os alunos durante a prática do *wushu*.

Para Munster e Almeida (2008), alguns cuidados devem ser tomados para o desenvolvimento de atividades com pessoas com deficiência visual. A forma de comunicação é a primeira delas, uma vez que o profissional deve se dirigir a elas sempre pelo nome. As instruções devem ser de duas formas, auditiva e tátil. Deve-se falar com o aluno e em situações específicas deve-se tocá-lo. Essa forma de comunicação é indicada também por Gorgatti, Teixeira e Vanícola (2008). A segurança em relação ao espaço onde se desenvolve a prática do *wushu* para este público é prioritária, assim como em qualquer outra atividade física. Deixar o local de prática limpo e livre de obstáculos é importante. Outra questão é que o aluno deve ser estimulado a conhecer o espaço e o seu entorno, além de todos os equipamentos e caminhos a serem percorridos dentro e fora do ambiente de prática. Esses cuidados são fundamentais para dar maior segurança ao indivíduo, evitando acidentes e proporcionando um aprendizado mais tranquilo.

Mesmo que se desenvolva um trabalho com uma turma exclusiva de alunos com deficiência visual, deve-se ter em mente que todos eles passaram por processos educacionais distintos e, por isso, podem apresentar necessidades diferentes entre eles. Assim, ter atenção para essas necessidades e atendê-las na medida de viabilizar a sua prática também se constitui como uma estratégia importante. Por vezes, o uso de acompanhamento individualizado pode ser necessário, principalmente no início da prática. Tais cuidados devem ser observados em turmas mistas ou homogêneas.

5.3.2 Sugestões para a prática do *wushu* por pessoas com deficiência físico-motora

A seguir, são apresentadas as indicações para a prática do *wushu* para pessoas com deficiência motora, sintetizadas nos Quadros 9, 10 e 11. No Quadro 9, são apresentadas as indicações para a prática de pessoas com amputações. Nela, separaram-se os amputados de membros superiores, inferiores e amputações combinadas, pois em cada situação as possibilidades de prática se mostram de forma diferente. Uns necessitam de uso de prótese outros o uso de cadeiras de rodas. Essas particularidades possibilitam práticas diferentes e modalidades distintas.

Quadro 10: Indicação das modalidades para a prática do *wushu* para amputados.

Tipo da amputação ¹¹	Modalidade indicada					
	<i>Taolu</i> Mãos Livres	<i>Taolu</i> com Armas	<i>Sanda</i>	<i>Tuishou</i>	<i>Shuaijiao</i>	<i>Qigong</i>
Membros inferiores	A1	☺	☺	☹	☹	☺
	A2	☺	☺	☹	☹	☺
Membros superiores	A3	☹	☹	☹	☹	☺
	A4	☹	☹	☹	☹	☺
	A5	☹	☹	☹	☹	☺

Legendas: ☺ - Indicada. ☹ - Indicada com restrições. ☹ - Não indicada.

Para o melhor entendimento das amputações e seus tipos indicados no Quadro 10, apresentam-se aqui as características de cada uma delas. A1 - amputação das pernas abaixo, acima ou através da articulação do joelho, utiliza cadeira de rodas para prática; amputação de uma perna abaixo, acima ou através da articulação do joelho, utiliza cadeira de rodas para prática. A2 - amputação das pernas abaixo, acima ou através da articulação do joelho, utiliza prótese para prática; amputação de uma perna abaixo, acima ou através da articulação do joelho, utiliza prótese para prática. A3 - amputação dos braços acima ou através do cotovelo; amputação dos

¹¹ Adaptado de Luz, Oliveira e Silva (2009).

braços abaixo do cotovelo, mas através ou acima do punho. A4 - amputação de um braço acima do cotovelo; amputação de um braço abaixo do cotovelo, mas através ou acima do punho. A5 - combina amputações de membros inferiores e superiores. Utiliza cadeira de rodas para a prática.

Para amputados classificados como A1, o *taolu* de mãos livres, o *taolu* com armas e o *qigong* são altamente indicados. O *sanda* pode ser praticado com restrições, pois o uso das pernas não é possível, sendo, portanto centrado nos golpes de braço. O *tuishou* e *shuaijiao*, não são indicados, pois ambas as modalidades necessitam do uso das pernas para a sua realização. Para pessoas classificadas como A2, o *taolu* (ambas as modalidades) e o *qigong* são recomendados. O *sanda* e *tuishou* podem ser praticados com algumas restrições, dependendo do tipo da prótese utilizada para a prática. Ela deve fornecer condição suficiente para a movimentação e recuperação de equilíbrio rapidamente. As amputações unilaterais são as que mais viabilizam a prática dessas duas modalidades. O *shuaijiao*, para esse público, não é indicado por exigir equilíbrio mais consistente e pelo próprio objetivo da prática, que consiste em lançar o oponente ao chão.

Em relação aos amputados de membros superiores, a sugestão para classificados em A3 é, preferencialmente, a de treinar *qigong*. As práticas do *taolu* de mão livres, do *sanda* e do *tuishou* devem ser realizadas com restrições. Para o *taolu* de mão livres, é necessário adaptar as formas para o grau da amputação e enfatizar os golpes de pernas. Para o *sanda*, devem-se adaptar equipamentos e o treino, priorizando os golpes de pernas. O *tuishou*, é direcionado especialmente para as amputações abaixo do cotovelo, para que se possam realizar adequadamente empurrões com os membros superiores. O *taolu* com armas e *shuaijiao* não são indicados, pois no primeiro há a impossibilidade de se segurar as armas e no segundo, não há como se fazer as pegadas que são fundamentais para a prática.

Para pessoas com amputação classificadas como A4, o *qigong* continua muito indicado, porém, as demais modalidades podem ser praticadas com restrições de adaptação das técnicas para apenas um dos braços e técnicas realizadas com o lado direito devem ser mudadas para o lado esquerdo quando a amputações for do lado oposto. Para amputados classificados como A5, há a indicação para a prática do *qigong*.

Já o *taolu* (mãos livres e com armas) e o *sanda* devem ser adaptados de acordo com o tipo de combinação de amputações. O *shuaijiao* e o *tuishou* não são recomendados da mesma maneira que a maioria das deficiências, necessitando de uma grande adaptação das tarefas que

norteiam tal especificidade, no caso desse tipo de amputação, porque o amputado usa cadeira de rodas para se locomover, o que não possibilita uma prática adequada se não estiver toda adaptada.

As adaptações a serem feitas para atender a amputados são definidas pelas condições do aluno, pelo tipo da amputação, pelo grau de comprometimento motor, pela experiência prática anterior e pelo seu nível de interesse em relação à modalidade escolhida (PORRETA, 2004). Quando houver o uso de próteses, deve-se observá-las e verificar o tipo para que se façam as adaptações da prática de forma adequada. Alongamentos e fortalecimentos das musculaturas remanescentes nos membros amputados devem ter especial atenção no sentido de não possibilitar a atrofia dessa musculatura. Pessoas com amputações, que utilizam próteses ou cadeiras de rodas para se locomoverem podem se cansar com facilidade durante a realização de uma atividade física. Deste modo, é necessária a adaptação das aulas tendo essa característica em perspectiva.

Quadro 11: Indicação das modalidades para a prática do *wushu* para lesionados medulares

Grau da lesão medular ¹²	Modalidade indicada					
	<i>Taolu</i> Mãos Livres	<i>Taolu</i> com Armas	<i>Sanda</i>	<i>Tuishou</i>	<i>Shuaijiao</i>	<i>Qigong</i>
Classe I	☺	☺	☹	☹	☹	☺
Classe II	☺	☺	☺	☹	☹	☺
Classe III	☺	☺	☺	☹	☹	☺
Classe IV	☺	☺	☺	☹	☹	☺

Legendas: ☺ - Indicada. ☺ - Indicada com restrições. ☹ - Não indicada.

A classe I se refere às lesões medulares que atingiram as vértebras acima de T7. A classe II engloba lesões entre as vértebras T8 e L1. A classe III, lesões entre as vértebras L2 e L5. E a classe IV, compreende lesões entre as vértebras S1 e S2. Além de saber o nível da lesão para colocá-lo dentro de uma das classes acima, deve-se conhecer quais são os músculos que ainda estão funcionais, qual o nível da força desses músculos e quais movimentos são capazes de fazer. Essas informações são importantes antes de se iniciar a prática da modalidade selecionada.

Quanto mais baixa for a lesão, melhores são as condições que o indivíduo terá. De forma geral, a prática de *tuishou* e *shuaijiao* não é recomendada para lesionados medulares. O *sanda* não é sugerido para lesionados classe I.

O *taolu* de mãos livres apresenta restrições para todas as classes. Mesmo para

¹² Adaptado de Luz, Oliveira e Silva (2009).

lesionados no nível de S1, os movimentos bruscos devem ser evitados, portanto, a prática deve ser adaptada de modo a respeitar as limitações de cada nível de lesão. Para a classe I, recomenda-se para pessoas com lesão no nível de C7. As restrições para as demais classes estão centradas nas questões da fisiologia de termo regulação, da mobilidade de tronco e dos membros, e do equilíbrio.

A prática do *taolu* com armas é indicada a partir da classe I quando a lesão for ao nível de T6 para baixo. Neste ponto, o mecanismo de prensão com os dedos e as mãos está mais forte, possibilitando o manuseio das armas curtas e médias com maior eficiência. As demais restrições para todas as classes acompanham as já apresentadas para a prática de *taolu* de mão livres.

O *sanda* não é recomendado para lesionados medulares que se encontram na classe I, pois as lesões acima de T7 imprimem condições desfavoráveis para a mobilidade de tronco e para o equilíbrio. Para as demais classes, a prática pode ser realizada com restrições similares as da prática do *taolu*.

A prática do *qigong* é recomendada para a maioria das classes, apenas com restrições para a classe I. Essas restrições se concentram em pessoas com lesões acima de T1, pois lesões altas têm comprometimentos fisiológicos expressivos, além de limitações musculares maiores. Os exercícios de *qigong* para esse grupo devem estar focados em respirações mais contemplativas, compreendidos pelos exercícios estáticos.

Uma boa avaliação deve ser feita antes de iniciar a prática. O cuidado mais central com os lesionados medulares deve recair sobre o aspecto da regulação térmica. Essa função fisiológica é muito prejudicada nesse público, podendo acarretar sérias complicações de saúde para o praticante. Assim, as atividades devem ser planejadas em lugares com temperatura adequada e promover o controle da temperatura sistematicamente, além de planejar a intensidade e as sessões de modo a facilitar o monitoramento desse aspecto.

Outras questões como a espasticidade muscular, redução da ventilação pulmonar, úlceras ou escaras de contato, incontinência urinária, distúrbios esfinterianos, distúrbios no retorno venoso, osteoporose e diminuição da sensibilidade, devem ser observadas pelos profissionais durante a prática e sempre que identificadas, o professor deve comunicar aos responsáveis ou auxiliares do aluno para que providências sejam tomadas (GORGATTI; BÖHME, 2008). A suspensão da prática por tempo necessário para que a ocorrência seja

averiguada é a primeira providência que o professor deve tomar.

Quadro 12: Indicação das modalidades para a prática do *wushu* para paralisados cerebrais

Classificação da paralisia cerebral ¹³	Modalidade indicada					
	<i>Taolu</i> Mãos Livres	<i>Taolu</i> com Armas	<i>Sanda</i>	<i>Tuishou</i>	<i>Shuaijiao</i>	<i>Qigong</i>
PC1	☹	☹	☹	☹	☹	☹
PC2	☹	☹	☹	☹	☹	☹
PC3	☹	☹	☹	☹	☹	☹
PC4	☺	☹	☹	☹	☹	☹
PC5	☺	☹	☹	☹	☹	☹
PC6	☹	☹	☹	☹	☹	☹
PC7	☺	☺	☹	☹	☹	☹
PC8	☺	☺	☺	☺	☺	☺

Legendas: ☺ - Indicada. ☹ - Indicada com restrições. ☹ - Não indicada.

As pessoas, classificadas com os códigos apresentados nessa tabela, possuem as seguintes características: PC1 – Tetraplégico - uso de cadeira de rodas motorizadas para locomoção ou dependente de auxílio e tem severo comprometimento dos quatro membros, aparentando controle de tronco ruim e pouca ou quase nenhuma força nos membros superiores; PC2 - Tetraplégico - envolvimento severo a moderado dos quatro membros e do tronco, pouca força funcional e controle da parte superior do corpo, move a cadeira de rodas manualmente, porém com lentidão e pode impulsionar a cadeira de rodas com os pés; PC3 - Tetraplégico leve - boa força funcional e controle moderado de membros superiores, possui quase toda a força do lado dominante e pode mover a cadeira de rodas com um ou dois braços, mas com certa lentidão; PC4 – Diplegia - comprometimento moderado a severo dos membros inferiores, membros superiores com pequenos problemas funcionais de controle e força, uso de cadeira de rodas no cotidiano e nas atividades esportivas autonomamente; PC5 - Diplegia moderada ou hemiplegia grave - anda com ou sem muletas, tem boa força funcional e pequenos problemas de controle nos membros superiores, e desenvolve atividades em pé; PC6 - Tetraplégico atetóide - envolvimento severo a moderado do tronco e dos quatro membros e anda com auxílio de muletas ou andador; PC7 - Tetraplégico leve e hemiplegia de moderada a mínima - boa capacidade funcional no lado não afetado e deambula sem auxílio; PC8 - Deficiência mínima ou hemiplegia leve ou

¹³ Adaptado de Mattos (2008).

monoplegia - problemas de coordenação mínimos, bom equilíbrio e é capaz de correr e saltar.

O *qigong* é recomendado para todas as classificações de PC, porém com algumas restrições. Deve ser observada a condição do aluno no quesito mobilidade e força funcional. Deste modo, a seleção da técnica de *qigong* apropriada para cada caso pode ser feita de forma coerente à situação do praticante.

O *taolu* de mãos livres é recomendado com restrições para os alunos com características de PC4, PC5, PC7 e PC8. Para as demais classificações, a prática não é recomendada. As restrições devem atender às particularidades dos alunos. Para os PC4, a prática adaptada para a cadeira de rodas deve ser preconizada. As atividades para os PC5 não devem ter muitos deslocamentos bruscos e com muitas sequências de passos rápidos. Os PC7, requerem cuidados com a postura em pé, pois o equilíbrio ainda não é sólido. Para os PC8 é preciso ter cuidado com os movimentos bruscos e mudanças repentinas de direção.

O *taolu* com armas é indicado com restrições para os PC5, PC7 e PC8. Para os PC5 deve-se ter atenção para o nível de comprometimento da coordenação motora de membros superiores na manipulação das armas, que devem ser ajustadas apenas para o lado não afetado. Devem-se diminuir os amplos deslocamentos. Já para PC8, deve-se adaptar o uso da arma para o lado menos comprometido. Em todos os casos, o uso de armas que demandam a manipulação de ambas as mãos, simultaneamente, deve ser evitado ou, então, acompanhar o nível de comprometimento para possíveis adaptações.

Para o *sanda*, *tuishou* e *shuaijiao*, apenas os PC8 podem praticar, porém com algumas restrições, além da atenção voltada para a capacidade de preensão, tempo de resposta muscular e coordenação para realização de movimentos de defesa principalmente. As pessoas nas demais classificações não devem iniciar nestas modalidades.

Os profissionais que trabalham com esse público devem ter atenção para as diversas particularidades dessa deficiência. Há exageros e persistência em reflexos corporais. O estrabismo ocorre com muita frequência, o que pode trazer transtornos para a percepção visual durante a prática e interferir diretamente no *sanda* e no *shuaijiao*. Podem ser presentes, também, crises convulsivas. Dados esses pontos e as adaptações corretas para a prática, o trabalho com paralisados cerebrais poderá alcançar grande êxito.

5.3.3 Sugestões para a prática do *wushu* por pessoas com deficiência auditiva (surdez)

A questão principal com o trabalho com deficientes auditivos é a comunicação. Alguns usam a leitura labial e utilizam a Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS), o que demanda dos profissionais o conhecimento dessas linguagens e de formas corretas de se comunicar com esses deficientes.

Outras questões que devem ser levadas em consideração são as implicações motoras e o equilíbrio, que são influenciados pelo ouvido interno. Este órgão possui sensores que informam ao cérebro a posição da cabeça e isso é fundamental para a realização de diferentes ações motoras, além de ser importante para a manutenção e recuperação do equilíbrio (ALMEIDA, 2008).

Quadro 13: Indicação das modalidades para a prática do *wushu* para deficientes auditivos (surdos)

Grau da deficiência auditiva ¹⁴	Modalidade indicada					
	<i>Taolu</i> Mãos Livres	<i>Taolu</i> com Armas	<i>Sanda</i>	<i>Tuishou</i>	<i>Shuaijiao</i>	<i>Qigong</i>
Leve (15 a 30 dB)	☺	☺	☹	☺	☹	☺
Moderada (31 a 60 dB)	☺	☺	☹	☺	☹	☺
Severa (61 a 90 dB)	☺	☺	☹	☺	☹	☺
Profunda (> 90 dB)	☺	☺	☹	☺	☹	☺

Legendas: ☺ - Indicada. ☹ - Indicada com restrições. ☹ - Não indicada.

Para todas as modalidades de *wushu*, a prática por pessoas com deficiência auditiva é recomendada. Porém, para o *sanda* e o *shuaijiao*, há restrições no sentido de se conhecer o grau de comprometimento do equilíbrio que acomete o aluno a ser trabalhado. Assim, as atividades dessas modalidades devem ser adaptadas no que se refere à intensidade e às técnicas envolvidas.

Para o desenvolvimento do *wushu* para pessoas com deficiência auditiva, deve-se ter cuidado com o ambiente da prática, que deve ser livre de excesso de ruídos, pois alguns deles têm audição residual ou utilizam próteses para ouvir. O professor deve sempre se dirigir ao aluno

¹⁴ Escala de perda de Almeida (2008).

frontalmente, olhando para ele, porque alguns fazem leitura labial e essa é a forma que eles se comunicam. É imperioso que os profissionais que vierem a trabalhar com alunos que possuem esta limitação aprendam LIBRAS. Assim, a amplitude quantitativa e qualitativa do atendimento desse público é aumentada. Podem-se criar sinais específicos para descrever ou nomear técnicas a serem aprendidas e treinadas. Deste modo, a prática do *wushu* se faz possível para pessoas com deficiência auditiva.

5.3.4 Sugestões para a prática do *wushu* por pessoas com deficiência intelectual

Para se trabalhar com pessoas com deficiência intelectual, o profissional deve ter em perspectiva algumas características comuns desse público. Dentre elas, Gorgatti e Teixeira (2008) destacam: o atraso no desenvolvimento motor, predominantemente nas capacidades coordenativas (equilíbrio, tempo de reação, agilidade, coordenação motora geral, ritmo, entre outras), a deficiência do controle adequado da postura, a instabilidade emocional, a insegurança, o apego exagerado, a agressividade excessiva, as dificuldades em raciocínios lógicos e abstratos. A adequada avaliação das características presentes no aluno facilitará as adaptações necessárias para uma prática adequada e prazerosa. O quadro abaixo apresenta sugestões para a prática do *wushu* para pessoas com deficiência intelectual.

Quadro 14: Indicação das modalidades para a prática do *wushu* para deficientes intelectuais

Grau da deficiência intelectual ¹⁵	Modalidade indicada					
	<i>Taolu</i> Mãos Livres	<i>Taolu</i> com Armas	<i>Sanda</i>	<i>Tuishou</i>	<i>Shuaijiao</i>	<i>Qigong</i>
Limítrofe	☺	☺	☹	☹	☹	☺
Leve	☹	☹	☹	☹	☹	☹
Moderado	☹	☹	☹	☹	☹	☹
Severo	☹	☹	☹	☹	☹	☹
Profundo	☹	☹	☹	☹	☹	☹

Legendas: ☺ - Indicada. ☹ - Indicada com restrições. ☹ - Não indicada.

Para Gimenez (2008), as características adaptativas das pessoas com deficiência

¹⁵ Gimenez (2008).

intelectual são assim caracterizadas: Limítrofe - a aprendizagem é lenta, em geral é emocionalmente normal; Leve - diferenças perceptíveis após os seis anos de idade predominantemente. Indivíduo educável; Moderado - admite treinamento para tarefas de rotina e cuidados pessoais; Severo - aprende tarefas relacionadas a cuidados pessoais, de forma pormenorizada e o trabalho predominantemente em casa; Profundo - com raras exceções, estado vegetativo.

Para indivíduos classificados como Limítrofes, a prática do *wushu* é indicada em todas as suas modalidades. Porém, no *sanda*, *tuishou* e *shuaijiao* existem restrições para esses indivíduos, pois as atividades de contato podem influenciar na alteração emocional do praticante. A observação do comportamento e uma boa relação entre os participantes da atividade pode ser uma estratégia para minimizar efeitos emocionais indesejados.

Aos classificados como Leve, não é recomendada a prática das modalidades de combate, como o *sanda*, *tuishou* e *shuaijiao*, pois há a possibilidade de exacerbar as características de agressividade desse indivíduo, além de aumentar a possibilidade de instabilidade emocional relacionada aos colegas de turma e ao professor. As demais modalidades podem ser praticadas, porém com restrições que se concentram nas questões da relação com os outros praticantes e níveis de exigência do aprendizado.

Os indivíduos classificados como Moderado e Severo têm a prática do *wushu* restrita ao *qigong*; as demais modalidades não são recomendadas para esses indivíduos. A prática do *qigong* deve estar restrita a poucos movimentos, não tendo como meta principal a aprendizagem de sistemas completos, mas de exercícios individualizados. Tanto o ensino quanto a prática do *qigong* para os classificados como Severo, devem ser realizadas em casa. Aos indivíduos classificados como Profundo, nenhuma das modalidades é recomendada, pois a sua condição é muito limitada para a prática de atividade física.

De modo geral, pessoas com deficiência intelectual possuem características que requerem uma adaptação não só dos conteúdos, mas também na relação entre professor e aluno, e aluno com outros alunos. Os níveis de exigência sobre a aprendizagem devem ser minimizados, pois o seu ritmo de aprendizagem é naturalmente mais lento. Para indivíduos com síndrome de Down, devem ser considerados os problemas ligamentares, de equilíbrio e cardíacos que esses indivíduos apresentam, e precisam de atenção para a adaptação das atividades, bem como das intensidades exigidas.

5.3.5 Observações complementares sobre a prática do *wushu* por pessoas com diferentes e peculiares condições.

Antes de se iniciar o trabalho com pessoas com deficiência, alguns pontos devem ser observados, tais como: solicitar avaliação funcional e de saúde antes da seleção da modalidade a ser praticada, requisitar ou realizar avaliações motoras para a correta orientação para a modalidade e sempre trabalhar em interação com profissionais da saúde, médicos, fisioterapeutas e enfermeiros (PORRETA, 2004).

Quando trabalhar com pessoas que necessitem de cadeira de rodas para realizar a atividade, é necessário que antes da prática específica se faça um programa para melhorar o desempenho com a cadeira. A movimentação necessária para realizar a prática deve, antes de tudo, ser desenvolvida sem a especialização do movimento. Essa atenção inicial potencializa o aprendizado dos deslocamentos específicos das modalidades selecionadas (GORGATTI; BÖHME, 2008).

Desenvolver atividades que condicionem o cadeirante a fazer transferências da cadeira para outros locais como, chão, outro assento ou para o sanitário, além do desenvolvimento de atividades de condicionamento físico para deslocamento e frenagem da cadeira são fundamentais para a promoção da autonomia do cadeirante (GORGATTI; BÖHME, 2008).

As avaliações da aprendizagem devem estar adequadas às características e possibilidades dos alunos envolvidos na atividade. O ambiente de prática deve estar adequado, livre de obstáculos e de elementos que ponham em risco a segurança dos alunos, considerando sempre o local de prática e os acessos a ele. Este aspecto deve ser levado em consideração, pois para a maioria das pessoas com deficiência é o grande obstáculo para a realização de atividades físicas. Lembrando ainda que a adaptação de conteúdos e métodos de ensino é o grande desafio para professores que desenvolverão a prática do *wushu* para pessoas com diferentes e peculiares condições. Um quadro consolidado com todas as sugestões para a prática do *wushu* por pessoas com deficiência está no Apêndice VI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da atividade física e do esporte para pessoas com diferentes e peculiares condições vem se desenvolvendo desde o fim da Segunda Grande Guerra. Nesse percurso histórico, diversas modalidades foram adaptadas e criadas, de modo a atender as diferentes pessoas e suas diversas particularidades. Esse processo pode ser percebido nas palavras de Elias (1992), como a esportivização das práticas corporais como parte do processo civilizador, e em Bourdieu (2004), como efeito de apropriação. Essa transformação do uso das práticas para novas possibilidades de usos também se dá para as artes marciais, inclusive para o *wushu*. E é nesse sentido que as mudanças das antigas tradições desta modalidade possibilitam que pessoas com deficiências a pratiquem.

Entretanto, essas novas funcionalidades requerem avanços sobre os *status* já consolidados da cultura acerca da deficiência, que impõem ao *wushu* novos desafios para a sua adaptação a essas emergentes demandas. Assim, a tarefa de se identificar esses desafios se estabeleceu como foco do presente estudo. Nesse sentido, foram analisadas as percepções sobre as pessoas com deficiência nas antigas tradições das artes marciais chinesas; as percepções pedagógicas sobre a prática do *wushu* para pessoas com diferentes e peculiares condições; as práticas inclusivas do *wushu* adaptado no Brasil; e por fim apresenta-se neste estudo, a partir das análises e entrevistas, sugestões para a prática do *wushu* por pessoas com deficiência no Brasil.

Na perspectiva da prática do *wushu* por pessoas com diferentes e peculiares condições, pode-se verificar que em mais da metade das federações filiadas à CBKW há a ocorrência desta atividade. Assim, a prática do *wushu* por pessoas com deficiência é um fato observável e significativo indicando a possibilidade de realização da modalidade por pessoas com as diferentes e principais deficiências registradas no Brasil, como as sensoriais (visual e auditiva) as físico-motoras e a intelectual. Deste grupo, porém, as que mais buscam o esporte são aquelas que apresentam limitações físico-motoras.

Outro aspecto identificado nesta pesquisa, foi a presença de mulheres que possuem alguma limitação, contrariando o estereótipo ou o ‘mito’ de que as artes marciais são exclusividade masculina. Isso aponta para a possibilidade de participação nas atividades marciais, independente dos impedimentos de cada indivíduo, sejam eles na perspectiva do *handicap*, sejam em questões vinculadas ao preconceito (também cultural em relação à prática esportiva de

algumas modalidades) por gênero, e que, neste caso, se constitui como possibilidade de avanço sobre essas duas questões, simultaneamente.

Apesar da região sudeste ser a que possui maior população de habitantes no Brasil, são as regiões norte e nordeste que apresentam maior ocorrência de praticantes de *wushu* que possuem alguma deficiência. Pode-se especular que um dos motivos desse fato é que as entidades promotoras do esporte na região sudeste não vêm dispensando atenção adequada a essa possibilidade de prática; já as entidades do nordeste estão à frente nessa fronteira de ruptura com o preconceito. A região sudeste recebeu os primeiros imigrantes chineses que lecionaram o *wushu* no Brasil, entretanto, é justamente nessa região que parece estar, ainda, um foco de resistência a essa prática, no sentido das afirmativas do informante 1 (apresentadas capítulo III desta pesquisa), quando fala sobre a impossibilidade de pessoas com deficiência treinarem *wushu*.

A prática constante e continuada, além de proporcionar melhorias em aspectos da saúde e da qualidade de vida, possibilita também que pessoas com deficiência se tornem professores, e ampliem a prática deste esporte por pessoas com deficiência, seja pelo aumento da oferta para esse público, seja pelo exemplo dado pelos que enfrentaram as adversidades e conseguiram lecionar nessas modalidades.

Entretanto, é possível afirmar que, mesmo havendo a ocorrência da prática do *wushu* por pessoas com deficiência, há ainda uma lacuna a ser preenchida, pois a demanda pela atividade física, esporte e lazer por pessoas com deficiência cresce significativamente, seja pela diminuição do preconceito, seja pelo aumento de possibilidades de prática. E é nesse sentido que as artes marciais estão presentes no contexto internacional e também no Brasil.

Nas antigas tradições do *wushu*, a pessoa com deficiência era percebida como incapaz, incompleta e inadequada para a prática dessa modalidade. Assim como em outras culturas, por muito tempo, o sujeito com limitações não era considerado útil e funcional, pois era percebido como inapto a exercer uma posição ou função social, sendo, de acordo com esta concepção, um problema para a sociedade. Essa percepção também se sentia na prática do *wushu*. Porém, com o surgimento das novas funcionalidades das artes marciais, fruto da modificação dessas antigas tradições, há a possibilidade de entendimento da pessoa com deficiência em uma nova perspectiva e, conseqüentemente, a inclusão desse público no seio da prática, pois já não há o objetivo exclusivo da preparação para a guerra, para o alto desempenho e da padronização

estética.

Assim, a pessoa com diferente e peculiar condição, no *wushu* contemporâneo, é percebida como sendo diferente, como todos são, porque possui diversas características que lhes são peculiares, particulares, igualmente como todas as outras. Porém, são as que necessitam de atenção diferenciada para a realização da prática do *wushu*, para que sua aprendizagem se dê de forma adequada e adaptada à sua particularidade, à sua deficiência. Essa nova apreensão da realidade do indivíduo com limitação, descolada das percepções existentes nas antigas tradições das artes marciais, o vê capacitado para exercer uma função social, para ocupar uma posição na sociedade, de forma produtiva e eficaz em seu contexto de prática.

O entendimento sobre o ensino do *wushu* para pessoas com deficiência pode ser apresentado como uma atividade física predominante. Entretanto, a percepção da possibilidade da prática na dimensão esportiva e ainda, como forma de defesa pessoal é evidente. Essas dimensões podem e devem ser desenvolvidas, separadas ou simultaneamente, entre pessoas com diferentes e peculiares condições. A perspectiva do aprimoramento espiritual ou mental, também se apresenta como uma vertente da modalidade. Essa concepção de desenvolvimento não se vincula a uma abordagem religiosa, mas aos conceitos do pensamento oriental vinculado às artes marciais. Entretanto, a prática do *wushu* por pessoas com deficiência é pouco conhecida e desenvolvida no Brasil. Mesmo em nível internacional, existe uma quantidade insuficiente de investigações sobre o tema, o que aponta uma lacuna significativa para futuros estudos vinculada às artes marciais e pessoas com deficiência, e ainda, especificamente, para o *wushu* adaptado seja no Brasil ou no exterior.

Todas as práticas identificadas no país, ocorrem de acordo com a demanda do momento, sem um planejamento prévio ou pesquisas que norteiem as ações de ensino. A maioria das atividades é desenvolvida com perspectiva individual, sejam com aulas para uma única pessoa, separadamente dos demais alunos, ou para uma pessoa inserida em um grupo regular. As estratégias de ensino são pensadas com o aluno com deficiência na frente do professor. São adaptadas a partir da percepção das condições apresentadas pelo aluno. Essas ações são realizadas por tentativa e erro. Se a ação não funciona no momento, outra tentativa é feita, mas em direção diferente. Esse processo empírico, sem método adequado, acarreta a não permanência do aluno na prática. Poucos são os casos em que os aprendizes continuaram nas aulas ou formaram-se instrutores das modalidades escolhidas.

Esse fato impõe a necessidade de estudos e de planejamento das ações pedagógicas vinculadas as diferentes deficiências apresentadas pelos alunos interessados na prática das artes marciais. Instrutores/Professores formados adequadamente para o ensino desses conteúdos para pessoas com deficiência, além da adaptação desses conteúdos e dos métodos de ensino, são uma prerrogativa para o trabalho adequado com esse público. Portanto, a formação dos professores, a adaptação dos métodos de ensino e dos conteúdos de acordo com as características de cada deficiência, são elementos fundamentais para o bom desenvolvimento do ensino das artes marciais para pessoas com deficiência.

O efeito da prática das artes marciais por pessoas com deficiência é percebido como benéfico para a saúde, qualidade de vida e autoestima. Os resultados são positivos para praticantes de *wushu* e podem ser divididos em aspectos psicológicos, físicos e sociais. No aspecto psicológico, os resultados apontam para a melhoria da autoestima, da autoimagem, da concentração, do autoconhecimento, do controle mental, da autoconfiança e do autoconceito, diminuindo ainda as condições de depressão e estresse. No aspecto físico, os dados indicam a possibilidade da melhora do controle da respiração, da propriocepção, do equilíbrio, das limitações funcionais, do autocontrole físico, da qualidade do sono e da força muscular. Nos aspectos sociais, pode-se verificar a melhora da socialização, da noção de pertencimento grupal, da confiança social, da construção de uma identidade social e da intensificação da vida social.

A grande questão a ser focada com a prática das artes marciais para pessoas com deficiência é o *handicap*. Essa desvantagem de cunho social deve ser combatida, sendo importante fornecer condições para o desenvolvimento adequado das atividades em que indivíduos com esta característica se envolvem. Assim, as sugestões para a prática do *wushu* devem adequar-se de acordo com as particularidades de cada um. As sugestões aqui apresentadas não são definitivas ou impositivas, ficando a cargo do professor adotá-las ou não, pois diferentes condições e contextos podem surgir. O importante é favorecer a prática e diminuir o *handicap* que atinge aqueles que possuem diferentes e peculiares características.

Para pessoas com deficiência visual é indicada a prática do *taolu* de mãos livres, *taolu* com armas, *tuishou* e *qigong*. O *shuaijiao* também é apropriado, porém, com algumas restrições, tal como abordado no capítulo IV. O *sanda* não é o mais adequado nestes casos. O *wushu* praticado por pessoas com deficiência físico-motora é dividido em três tipos: amputados, lesionados medulares e paralisados cerebrais. Para cada um deles há diferentes sugestões de

prática.

Para amputados, recomenda-se irrestritamente o *qigong*. Para amputados de membros inferiores indica-se o *taolu* de mãos livres e com armas. Já o *sanda*, apresenta restrições. O *tuishou* e o *shuaijiao* não são recomendados. Para amputados de membros superiores, há a possibilidade de prática, porém, com restrições de todas as modalidades condicionadas ao grau da amputação. Para amputados múltiplos, de membros inferiores e superiores, o *tuishou* e *shuaijiao* não são apropriados; já o *taolu* de mãos livres, *taolu* com armas e o *sanda*, possuem limitações para os portadores desta condição. Com relação à prática do *wushu* por pessoas com lesão medular, a maioria das modalidades apresenta restrições, tais como o *tuishou* e o *shuaijiao*, que não são recomendados para essas situações. Para os paralisados cerebrais, a prática do *wushu* é a que mais revelou restrições em sua realização. Nesses casos deve-se avaliar individualmente cada caso em relação ao grau da paralisia cerebral.

Dentre as deficiências apresentadas neste estudo, indivíduos com limitações auditivas possuem mais possibilidades de prática, pois as adaptações a serem realizadas estão centradas prioritariamente na questão da comunicação, indicando assim que os professores tenham conhecimento e domínio de LIBRAS. O *sanda* e o *shuaijiao* apresentam restrições mais específicas, pois o contato é frequente, o que demanda cuidados com as adaptações dos sinais e comandos nessas modalidades.

Para as pessoas com deficiência intelectual, deve-se ter atenção ao grau de comprometimento que condição impõe, dependendo do nível, há a possibilidade de prática ou não. Nessa deficiência as restrições e não indicações são muitas, devendo o professor estar atento a cada caso, bem como aos seus respectivos graus de comprometimento. Assim, a avaliação das condições individuais é mais adequada para direcionar a prática. As pessoas classificadas como limítrofes são as que mais têm possibilidades de prática, sendo o *qigong* o que apresenta menos restrições entre as modalidades de *wushu*.

Antes da pessoa com deficiência iniciar a prática do *wushu*, algumas questões devem ser observadas. É necessária uma avaliação física, médica e funcional do futuro praticante, de modo que o planejamento das atividades seja adequado. Para os cadeirantes, o trabalho de condicionamento para o uso da cadeira deve ser prioritário. Deslocamentos, frenagem, saída, entrada e transferências da cadeira para outros locais, além da capacidade de mantê-la em movimento durante o período necessário à prática, devem ser desenvolvidos. As avaliações da

aprendizagem devem ser adequadas às condições de cada um, nunca baseadas em critérios pré-estabelecidos para praticantes com diferentes condições. Deve-se ainda preparar o ambiente de modo que a acessibilidade e a segurança sejam adequadas. Por último, a adaptação dos materiais utilizados na prática, dos conteúdos e dos métodos de ensino deve ser prioritária para esta situação.

Assim, estudos, no sentido de se desenvolverem estratégias de ensino para pessoas com diferentes deficiências, podem ser desenvolvidos. Como o *wushu* tem similaridade com diversas artes marciais, o apresentado aqui pode ser transposto e servir de ponto de partida para o desenvolvimento de estudos em modalidades distintas, no sentido de promover para pessoas com diferentes e peculiares condições a sua prática. Assim como o *taolu* se assemelha ao *kata* (karate e judô) e *poomse* (*taekwondo*), o *sanshou* ao *kumite* (karate) e ao *derion* (*taekwondo*), e o *shuaijiao* ao *kumite* ou *futari* (*aikido*) e ao *randori* (judô), o *wushu*, de forma geral, também é semelhante a outras modalidades marciais não citadas aqui. Deste modo, este estudo se coloca em posição inicial para o desenvolvimento de investigações sobre a temática das artes marciais adaptadas, seja pela semelhança entre modalidades, seja pelo uso de estratégias metodológicas utilizadas nessa pesquisa.

Certamente, muitos estudos ainda serão desenvolvidos sobre a temática arte marcial e pessoas com deficiência, pois a lacuna é evidente. Mas investigações sobre métodos de ensino e seleção de conteúdos vinculados às diferentes deficiências se tornam urgentes, considerando as demandas que se apresentam na atualidade das artes marciais. Essa situação se aplica, devido às mudanças nas antigas tradições marciais que atualmente permitem a inclusão de novas funções, objetivos e diferentes praticantes. Portanto, de que modo as modificações das antigas tradições do *wushu* possibilitam a prática por pessoas com diferentes e peculiares condições? Para responder a essa pergunta, deve-se ter em perspectiva a superação dos desafios atuais do *handicap*, do preconceito, do desenvolvimento de novos métodos de ensino, da correta seleção de conteúdos, da adequada orientação para a prática, relacionando grau de deficiência e modalidade, e por último, da específica formação de professores para ensinar o *wushu* a esse público.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. O. Literatura wushia, budismo, marcialidade e ascese: da arte da guerra à historiografia sobre o mosteiro de shaolin. Londrina: **Antítese**, v.2, n.4, p.599-619, jul-dez. 2009. Disponível em: www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses Acesso em: 10 nov. 2010.
- ALMEIDA, A. C. P. G. Atividade física e deficiência auditiva. In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Org.). **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 2. ed. Barueri, SP: Phorte, 2008.
- AMIRALIAN, M. L. T. et al. Conceituando deficiência. **Rev Saúde Pública**. v.34, n.1, p.97-103, 2000.
- ANDRAUS, M. B. M. **Kungfu / wushu: luta e arte**. São Paulo: Annablume, 2010.
- ANTUNES, M. M.; MOURA, D. L. A identificação dos estilos de ensino dos professores das artes marciais chinesas (wushu) no Brasil. **Pensar a Prática**. Goiânia, v.13, n.3, p.1-18, set/dez, 2010.
- ARIDA, R. M.; VIEIRA, D. E. B.; CAVALHEIRO, E. A.; SCORZA, F. A. Judo: ippon scored against epilepsy. **Epilepsy and Behavior**. v.17, n.136, 2010.
- BARBOTTE, E. et al. Prevalence of impairments, disabilities, handicaps and quality of life in the general population: a review of recent literature. **Bulletin of the World Health Organization**. v.79. n.11, 2001.
- BATISTA, C. G.; ENUMO, S. R. F. Desenvolvimento humano e impedimentos de origem orgânica: o caso da deficiência visual. In: NOVO, H. A.; MENANDRO, M. C. S. (Org.). **Olhares diversos: estudando o desenvolvimento humano**. Vitória: UFES. Programa de Pós-Graduação em Psicologia: CAPES, PROIN, 2000.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUER, M. W. GASKEL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. 3ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BIAN, W. K. **Zhonghua wenming shihua**. Beijing, Zhongguo: Zhongguo dabai kequan shuchubanshe, 2010. 编委会. **中华文明史话**. 北京, 中国: 中国大百科全书出版社, 2010. ISBN: 978-

7-5000-8368-9.

BLASER, M. N.; SILVA, L. C. N.; MARREIRA, A. Kung Fu – Wushu. In: DACOSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. **A arte da pesquisa**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.204-220.

BRASIL. **Lei nº 10.436/2002**. De 24 de abril de 2002. Publicado no D.O.U. em 25 de abril de 2002.

BURKE, P.; HSIA, R. P. **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: UNESP, 2009.

CARVALHO, M. S. Capoeira: vendo e aprendendo com o movimento. In: HERRERO, M. M.; VERALDI, P. H.; PEDRINELLI, V. J. **Desafiando as diferenças**. São Paulo: SESC, 2003.

CARVALHO, K. M. et al. **Visão subnormal**: orientações ao professor do ensino regular. 3ed. Campinas, SP: Unicamp, 2002.

CASTRO, E. M. **Atividade física**: adaptada. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2005.

CHEN, E. W. et al. The effects of Tai Chi on balance control of elderly persons with visual impairment: a randomised clinical trial. **Age and Ageing**. v.41, p.254-259, 2012.

CHOW, D.; SPANGLER, R. **Kungfu: History, philosophy and technique**. 2ed. Burbank, USA: Unique Publications, 1982.

CHUNG, Y. N. **The founder of the Chinese race**: Yellow Emperor. Hongkong, China, 1997. Disponível em: <http://www.asiawind.com/pub/forum/fhakka/mhonarc/msg00383.html>. Acesso em: 27 ago. 2010.

CONANT, K. et al. A karate program for improving self-concept and quality of life in childhood epilepsy: Results of a pilot study. **Epilepsy & Behavior**, v.12, p.1, p.61-65, 2008.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. A produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.1, p.1-9, jan./mar. 2010.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: histórias, avanços e retrocessos em relação aos princípios de integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Rev Bras Cienc Esporte**, Campinas, v.25, n.3, p.27-42, maio 2004.

DACOSTA, L. P. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

DAWKINS, R. **A grande história da evolução**: na trilha dos nossos antepassados. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DUARTE, E.; SANTOS, T. P. Adaptação e inclusão. In: DUARTE, E.; LIMA, S. M. T. **Atividade física para pessoa com necessidades especiais: experiências e intervenções pedagógicas**. Rio de Janeiro: Ganabara Koogan, 2003. p.93-99.

ELIAS, N. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FAUSTO, B. **O crime do restaurante chinês**: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERREIRA, E. L. (Org.). **Atividade física para pessoas com deficiência física**: livro de exercícios. 2ed. Niterói: Intertexto, 2009.

FILIPIAK, K. From warriors to sportsmen: how traditional chinese martial arts adapted to modernity. **Journal of Asian Martial Arts**. v.19, n.1, 2010.

FONG, S. S. M.; TSANG, W. W. N.; NG, G. Y. F. Taekwondo training improves sensory organization and balance control in children with developmental coordination disorder: a randomized controlled trial. **Research in Developmental Disabilities**. v.33, p.85-95, 2012.

FONTENELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisa qualitativa em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**. v.24, n.1, p.17-27, jan, 2008.

FONTENELLA, B. J. B. et al. Amostragem em pesquisa qualitativa: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cad. Saúde Pública**. v.27, n.2, p.389-394, fev, 2011.

GIMENEZ, R. Atividade física e deficiência intelectual. In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Org.). **Atividade física adaptada**: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 2ed. Barueri, SP: Phorte, 2008.

GOMES, M. S. P. **Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas**: contextos e possibilidades. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

GORGATTI, M. G.; BÖHME, M. T. S. Atividade física e a lesão medular. In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Org.). **Atividade física adaptada**: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 2ed. Barueri, SP: Phorte, 2008.

GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Org.). **Atividade física adaptada**: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 2ed. Barueri, SP: Phorte, 2008.

GORGATTI, M. G.; GORGATTI, T. O esporte para pessoas com deficiência. In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Org.). **Atividade física adaptada**: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 2ed. Barueri, SP: Phorte, 2008.

GORGATTI, M. G. et al. Atitudes dos professores de educação física do ensino regular em relação a alunos portadores de deficiência. **R. bras. Ci. e Mov. Brasília**, v.12, n.2, p.63-68, junho, 2004.

GORGATTI, M. G.; TEIXEIRA, L. Deficiência mental. In: TEIXEIRA, L. **Atividade física adaptada e saúde**: da teoria à prática. Barueri, SP: Phorte, 2008.

GORGATTI, M. G.; TEIXEIRA, L. Deficiência motora. In: TEIXEIRA, L. **Atividade física adaptada e saúde**: da teoria à prática. Barueri, SP: Phorte, 2008.

GORGATTI, M. G.; TEIXEIRA, L.; VANÍCOLA, M. C. Deficiência visual. In: TEIXEIRA, L. **Atividade física adaptada e saúde**: da teoria à prática. Barueri, SP: Phorte, 2008.

GORLA, J. I. (Org.). **Educação física adaptada**: o passo a passo da avaliação. São Paulo: Phorte, 2008.

GRAVITO, N. M. G. **Auto estima e competência física percebida no desporto adaptado**: estudo exploratório em atletas com deficiência motora e deficiência intelectual. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de ciências do desporto e educação física, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2007.

GUO, Z. B.; ZANG, Y. Y. Dancing in the Wheelchair Taijiquan for people with ambulatory impairment. **Int J disabil Community Rehabil**, v.9, n.1, 2010.

GUTIÉRREZ, M. P.; GARCÍA, C. G.; MOLINA, R. E. Terminological recommendation for

improving the visibility of scientific literature on martial arts and combat sports. **Archives of Budo**. v.7, n.3, p.159-166. 2011.

GUTTMANN, A. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York Chichester, West Sussex: Columbia University Press, 2004.

HENNING, S. E. Chinese general Yu Fei: martial arts facts, tales and mysteries. **Journal of Asian Martial Arts**. v.15, n.4, 2006.

HENNING, S. E. The chinese martial arts in historical perspective. **Military affairs**. v.45, n.4, December, 1981, p.173-179. Disponível em: www.jstor.org/stable/1987462. Acesso em: 12 abr. 2011.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Orgs). **A invenção das tradições**. 6ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HONG, F. Women's sports in the People's Republic of China: body, politics and unfinished revolution. In: HARTMANN-TEWS, Ilse; PFISTER, Gertrud (org.). **Sport and Women: social issues in international perspective**. London/New York: Routledge, 2003. p.224-37.

HUSSAIN, N.; PENDSE, S. S. Judo for the blind: a new dimension. **Variorum Multi-Disciplinary e-Research Journal**. v.2, n.4, may. 2012.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 03/01/2012.

INTERNATIONAL COMMITTEE OF SPORT FOR DEAF (CISS). **General Technical Rules: Summer Deaflympics**. 2009. Disponível em: <http://www.deaflympics.com/about/index.asp?DID=526>. Acesso em: 01 fev. 2012.

INTERNATIONAL WHEELCHAIR AND AMPUTEE SPORTS FEDERATION (IWASF). **IWF rules for competition: Book 4 – classification rules**. 2011. Disponível em: <http://www.iwasf.com/iwasf/assets/File/Fencing/4%20-%20IWF%20Classification%20Rules%202011-03-20.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2012.

INTERNATIONAL WUSHU FEDERATION (IWUF). **Wushu**. Beijing: IWUF, 2008.

JERÔNIMO, J. P. **Esporte como elemento facilitador da inclusão da pessoa com paralisia cerebral severa: contribuições para a formação de professores de educação física**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Uberaba, Uberaba, MG, 2006.

KASUM, G., STRAŠO G., NASTASIĆ-STOSKOVIĆ, T. Combat sports for persons with disabilities. **Physical Culture**. v.65, n.1, p.60-69, 2011.

KENNEDY, B.; GUO, E. **Chinese martial arts training manuals: a historical survey**. Berkley: North Atlantic Books, 2005.

KUNGFU PARA CEGOS. Produção de AVAPE. Apresentado por Giovana Batistella. São Paulo: TVSentidos. 2010. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=zBEko8vA5T4>. Acesso em: 27 out. 2012.

LABRONICI, R. H. D. D. et al. Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. **Arq Neuropsiquiatr**. v.58, n.4, p.1092-1099, 2000.

LAI, H.; KLINGBORG, B. **The secrets of Northern Shaolin Kung-Fu: The history, form, and function of Pek Sil Lum**. Boston: Tuttle Publishing, 1999.

LEITE, J. R. T. **A China no Brasil: influências, marcas, ecos e sobrevivência chinesa na sociedade e na arte brasileiras**. Campinas: Unicamp, 1999.

LESSER, J. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2001.

LI, T. J.; DU, X. L. **A Guide to Chinese Martial Arts**. Beijing: Foreign Languages Press, 1991.

LOOVIS, E. M. **Atividades e esportes individuais, em dupla e de aventura**. In: WINNICK, J. P. Educação física e esportes adaptados. Barueri, SP: Manole, 2004.

LUZ, L. M. R.; OLIVEIRA, L. Z.; SILVA, F. F. Classificação das deficiências. In: GORLA, J. I.; CAMPANA, M. B.; OLIVEIRA, L. Z. (Org.). **Teste e avaliação em esporte adaptado**. São Paulo: Phorte, 2009.

MADORSKY, J. G. Self-defense for people with disability. **The Western Journal of Medicine**, v.153, n.4, October, 1990.

MARQUES, R. F. R. et al. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.23, n.4, p.365-77, out./dez. 2009.

MARTIN, R. A. **The physical and psychological benefits of martial arts training for individuals with disabilities**. Unpublished master's thesis, University of Wisconsin-Stout,

United States, 2002. Available from URL:

<http://www2.uwstout.edu/content/lib/thesis/2002/2002martinr.pdf>.

MATOS, J. B.; MENEZES, F. S. Capoeira para deficientes visuais: comparação do equilíbrio entre praticantes e não praticantes de capoeira. **Rev. Bras. Ciên. Esporte**, Florianópolis, v.34, n.1, p.81-93, jan./mar. 2012.

MATTOS, E. Atividade física nos distúrbios neurológicos e musculares. In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Org.). **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 2ed. Barueri, SP: Phorte, 2008.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

MONTENEGRO, A. **Historia de La China antigua**. Madrid: Istimo, 1974.

MORGAN, D. **Focus group as qualitative research**. Qualitative research methods series. London: Sage Publications, 1997.

MUNSTER, M. A. V. ALMEIDA, J. J. G. Atividade física e deficiência visual. In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Org.). **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 2ed. Barueri, SP: Phorte, 2008.

PANDAVELA, J. et al. Martial arts for quadriplegic. **American Journal of Physical Medicine**. v.65, n.1, p.17-29, 1986.

PATATAS, J. M. **O taekwondo como modalidade paradesportiva**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. 2012.

PEDRINELLI, A.; TEIXEIRA, W. J. Atividade física nas amputações e anomalias congênitas. In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Org.). **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 2ed. Barueri, SP: Phorte, 2008.

PESAVENTO, S. J. **História e história cultural**. 2ed. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

PORRETA, D. L. Amputações, Nanismo e Les Autres. In: WINNICK, J. P. **Educação física e esportes adaptados**. Barueri, SP: Manole, 2004.

QIAN, S. M. **Records of The Grand Historian of China**. Translated by Burton Watson. New York: Columbia University Press Book, 1993.

- QIU, B. X. **Wushu Chujie**. Shanghai: Shanghai Jiaoyu Chubanshe, 2006. 邱丕相. **武术初阶**. 上海: 上海教育出版社, 2006. ISBN: 7-5444-0446-3.
- RIDLEY, M. **Evolução**. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ROBERTS, J. A. G. **A concise history of China**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- ROBERTSON, D. **Martial arts for people with disabilities: an introduction**. London: Souvenir Press, 1991.
- ROSA, J. P. P.; RODRIGUES, D. F.; FREITAS, P. S. A prática do karatê para pessoas em cadeiras de rodas. Buenos Aires: **Lecturas Educacion Física y Deporte**, v. 14, n.133, junio, 2009.
- SCHERER, R. L.; RODRIGUES, L. A.; FERNANDES, L. L. Contribuição do goalball para a orientação e mobilidade sob a percepção dos atletas de goalball. **Pensar a Prática**. v.14, n.3, p.1-15, set./dez. 2011.
- SHAHAR, M. **The shaolin monastery: history, religion and the chinese martial arts**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2008.
- SILVA, J. A. B. **A capoeira na formação da pessoa com deficiência visual: dificuldades e perspectiva presentes na ação pedagógica**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- SPECIAL OLYMPICS Inc. **Special Olympics Summer Sports Rules: Judo**. 2011. Disponível em: http://media.specialolympics.org/soi/files/sports/sports_rules_2011/Judo_11.pdf. Acesso em: 01 fev. 2012.
- TSANG, T. W. M. et al. Health benefit os kung fu: a systematic review. **Journal of Sports Science**. v.26, n.12, p.1249-1267, 2008.
- TEIXEIRA, L.; VANÍCOLA, M. C.; GORGATTI, M. G. Deficiência auditiva. In: TEIXEIRA, L. **Atividade física adaptada e saúde: da teoria à prática**. Barueri, SP: Phorte, 2008.
- TERRY, C. M. The martial arts. **Physical Medicine and Rehabilitation Clinics of North America**. v.17, p.645-676, 2006.
- THEEBOOM, M.; KNOP, P. An analysis of the development of wushu. **International review**

for the sociology of sport. London. v.32, n.3, p.267-282, 1997.

THOMPSON, P. **A voz do passado.** 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

THORTON, E. W.; SYKES, K. S.; TANG, W. K. Health benefits of tai chi exercise: improved balance and blood pressure in middle-age women. Oxford University Press. **Health Promotion International.** v.19, n.1, 2004.

TSANG, T. W. M. et al. Health benefits of kung fu: a systematic review. **Journal of Sports Sciences.** v.26, n.12, p.1249-1267, October, 2008.

WENG, C. H. D. **Fundamentals of Shuai Chiao:** The ancient Chinese fighting art. Ohio, USA: ISCA, 1984.

WHEELCHAIR FORM: Wu-style taijiquan series. China Association of Wushu. Wu Guanyu. Beijing, China: Beauty Media Inc, 2009. 1 DVD.

WINNICK, J. P. **Educação física e esportes adaptados.** Barueri, SP: Manole, 2004.

WOODWARD, T. W. A review of the effects of martial arts practice on health. **Wisconsin Medical Journal.** v.108, n.1, p.40-43, 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Disability and health.** Fact Sheet n°352, June, 2011. Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs352/en/index.html>>. Acesso em: 02 jan. 2012.

WU, B.; LI, X. D.; YU, G. B. **Essentials of Chinese Wushu.** Beijing: Foreign Languages Press, 1992.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

YU, G. B. **Wushu exercise for life enhancement.** Beijing: Foreign Languages Press, 1991.

APÊNDICES

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO¹⁶

Eu, _____, natural da cidade _____, de nacionalidade _____, nascido em _____ de _____ de _____, portador da cédula de identidade nº _____ emitida pelo _____, residente no endereço _____

_____, estou sendo convidado a participar de um estudo denominado **AS ARTES MARCIAIS CHINEAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONTEXTOS, DILEMAS E POSSÍBILIDADES**, aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, pelo Parecer número 753/2010, CAAE: 0587.0.146.000-10, cujos objetivos e justificativas são: Apresentar proposta de como as práticas do wushu devem ser desenvolvidas de modo a atender os princípios da inclusão da pessoa com deficiência no Brasil.

A minha participação no referido estudo será no sentido de fornecer dados sobre a as tradições marciais e a prática do wushu no Brasil por pessoas com deficiência. Esses dados serão coletados por meio de entrevistas as quais me submeterei, além de fornecer fotos e documentos que possam auxiliar no desenvolvimento da pesquisa.

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais como: fornecimento de informações sobre as práticas que permitem a participação de pessoas com deficiência no wushu; fornecer propostas de intervenção para atender pessoas com deficiência na prática do wushu; apresentar como as tradições marciais do wushu se modificaram ao longo de sua história; fornecer bases teóricas para apoiar futuros estudos sobre o tema.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, podem ocorrer que possíveis fotos ou documentos fornecidos à pesquisa e que futuramente seja apresentadas no texto final do estudo possam identificar o informante.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo. Foi-me esclarecido, igualmente, que eu posso optar por métodos alternativos ,que são: entrevista via email ou por telefone.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são Marcelo Moreira Antunes, portador da cédula de identidade nº 05813365-3 expedida pelo DETRAN-RJ e com eles poderei manter contato pelos telefones (21) 24388877 ou (21) 81829736.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas conseqüências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a

¹⁶ Adaptado do exemplo de Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) fornecido pela PUCPR e disponível em: www.pucpr.br/pesquisa_cientifica/cep/documentos/tcle.doc.

natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

No entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, haverá ressarcimento na forma seguinte: através de pagamento em dinheiro referente ao valor dos gastos por meio de depósito em conta-corrente. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei.

Campinas, ___ de _____ de 20__.

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

APÊNDICE II

QUESTIONÁRIO SOBRE OS PRATICANTES DE WUSHU NOS ESTADOS FILIADOS À CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE KUNGFU WUSHU (CBKW)

O presente questionário visa conhecer o desenvolvimento do wushu nos estados que possuem federações filiadas à Confederação Brasileira de Kungfu Wushu. O preenchimento desse questionário auxiliara no desenvolvimento de pesquisas que favorecerão o conhecimento mais amplo das condições do wushu como modalidade esportiva e ainda auxiliará pesquisas científicas que comporão um suporte teórico sobre essa modalidade no Brasil. Antecipadamente agradecemos a sua participação nessa importante pesquisa.

Informações sobre o preenchimento:

Todas as questões que compõem esse instrumento dizem respeito à dados pertinentes à Federação estadual a qual é membro. Não existem perguntas subjetivas, todas elas são de caráter objetivo e quantitativo, devendo ser preenchidas, em sua maioria, com números.

As palavras ‘Ativo’ ou ‘ativa’ são usadas para definir aqueles filiados (professores, instrutores ou atletas) que se encontram com as anuidades em dia e participando ativamente das atividades da federação.

As palavras ‘Inativo’ ou ‘inativa’ são usadas para definir aqueles filiados (professores, instrutores ou atletas) que se encontram com as anuidades em atraso ou que não fazem mais parte dos quadros de filiados ativos por decisão própria.

Nome da Federação: _____.

Data de fundação da Federação		
Data de filiação à CBKW		
Número aproximado de praticantes de kungfu wushu no Estado (filiados ou não filiados):		
<u>Filiados</u>		
Número total de filiados ativos (incluindo atletas, instrutores e professores)		
	Masc	Fem
Número de instrutores ativos		
Número de professores ativos		
Número de atletas ativos		
Número de atletas inativos		
Número de instrutores inativos		
Número de professores inativos		

APÊNDICE III

QUESTIONÁRIO PARA INFORMAÇÕES SOBRE DEFICIENTES PRATICANTES DE WUSHU NO BRASIL

Apresentação

Este questionário visa colher dados sobre a atividade de pessoas com deficiência que praticam wushu no Brasil, sejam elas filiadas as federações oficiais ou não. Essas informações são importantes no sentido de gerar subsídios para futuras ações que permitam a participação desse público na prática do wushu, bem como para o fornecimento de informações a professores, instrutores, atletas e praticantes de wushu sobre as características e possibilidades de sua prática pela pessoa com deficiência.

Para iniciarmos o preenchimento desse questionário algumas informações preliminares devem ser apresentadas para que o respondente não tenha dúvidas sobre os termos aqui utilizados. Esses termos são Deficiência Visual, Deficiência Auditiva, Deficiência Intelectual e Deficiência Física.

Deficiência Visual¹⁷ – É caracterizada pela perda parcial ou total da capacidade visual, em ambos os olhos, levando o indivíduo a uma limitação em seu desempenho habitual. A simples utilização de óculos ou lentes de contato não é suficiente para caracterizar deficiência visual.

Deficiência Auditiva¹⁰ – Caracteriza-se como a perda total ou parcial da capacidade de ouvir ou perceber sinais sonoros. E interfere também na capacidade da fala e conseqüentemente na comunicação interpessoal.

Deficiência Intelectual¹⁰ – Corresponde a um funcionamento intelectual significativamente abaixo da média. Essa deficiência também se caracteriza por uma inadequação da conduta adaptativa e pode se manifestar até os 18 anos de idade.

Deficiência Física¹⁰ – Pode se entendida como a perda total ou parcial da capacidade motora, seja por lesão medular, seja por amputações de todo ou parte de membros superiores ou inferiores (braços e pernas).

Agora responda as questões que estão na próxima página informando com clareza o que é solicitado. Caso haja dúvidas entrar em contato pelo email antunes@culturachinesa.com com o professor Marcelo Antunes.

Nome da Federação: _____.

Cargo que ocupa na Federação: _____.

Questão 1: Existem atletas, instrutores ou professores de wushu com alguma deficiência visual, auditiva, intelectual ou física filiados a sua federação?

() SIM. () NÃO.

¹⁷ GORGATTI, Márcia Gregoul; COSTA, Roberto Fernandes da. (org.). **Atividade física adaptada**: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 2ed. São Paulo: Manole, 2008.

Questão 2: Se a resposta da Questão 1 for “SIM” preencha a Tabela A colocando o número correspondente de atletas, instrutores ou professores com a deficiência específica, separando-os por sexo.

TABELA A

Deficiência	HOMENS			MULHERES		
	Atletas	Instrutores	Professores	Atletas	Instrutores	Professores
Visual						
Auditiva						
Intelectual						
Física						

Questão 3: Existem praticantes de wushu em seu estado com alguma deficiência visual, auditiva, intelectual ou física, não filiados a sua federação, e que você tenha conhecimento ou ouviu falar da existência?

() SIM. () NÃO.

Questão 4: Se a resposta da Questão 3 for “SIM” preencha a Tabela B colocando o número correspondente de praticantes com a deficiência específica, separando-os por sexo ou colocando apenas o total caso não saiba o sexo do praticante com deficiência.

TABELA B

Deficiência	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Visual			
Auditiva			
Intelectual			
Física			

APÊNDICE IV

ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE AS PRÁTICAS ADAPTADAS DO WUSHU (KUNGU) NO BRASIL (QSPAUB)

O roteiro de entrevista se divide em três partes. A primeira (perguntas de 1 a 5) é a identificação dos sujeitos entrevistados (professores de kungfu). A segunda (perguntas de 6 a 9) composta das questões chaves do projeto, que dizem respeito aos objetivos do estudo. A terceira (perguntas de 10 a 13) refere-se ao aprofundamento e possibilidades entre a relação do profissional que leciona o kungfu e da área de atividade motora adaptada, ou seja, como o profissional lida com tais conhecimentos específicos.

1. Cidade e estado de residência/trabalho (com o intuito de fazer um mapeamento regional das ocorrências das ações relacionadas ao kungfu adaptado):
2. Idade:
3. Gênero (sexo):
4. Tempo de Prática no kungfu:
5. Formação acadêmica (objetiva encontrar relações com a formação em educação física):
6. Qual o seu conhecimento sobre a prática do kungfu adaptado?
7. Você tem conhecimento sobre o desenvolvimento da prática do kungfu adaptado no Brasil?
8. Caso tenha conhecimento dessa prática como ela é desenvolvida?
9. Na sua opinião é possível a prática integrada do kungfu em turmas de pessoas sem e com deficiências?
10. O que fazer para possibilitar o acesso à prática do wushu por pessoas com deficiência?
11. Como fazer para que a prática do wushu adaptado seja adequada às pessoas com deficiência?
12. Quais são as pessoas e deficiências possíveis a serem incluídas na prática do wushu adaptado?

APÊNDICE V

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

INFORMANTE 1

Homem, 70 anos de idade, nascido em Shangxi, China, formado em medicina tradicional chinesa, pratica wushu há 60 anos. Chegou ao Brasil em 1988 e começou a ensinar wushu desde 1990 na cidade de São Paulo.

Marcelo: Mestre então podemos começar? Eu posso gravar a nossa entrevista?

Informante 1: Pode. Pode gravar.

Marcelo: Quais os benefícios das artes marciais?

Informante 1: as artes marciais ajudam a tirar o fraco, assim. Se pessoa tem 35, 40 anos, depois diminui, fica fraco. Se fraco gente mexer menos. Quando mexer menos, osso tudo muda. Tem muito médico fala, tem gente velho falta cálcio, precisa tomar mais cálcio. Esse errado. Porque falta exercício. Quando você exercício esse osso tudo fica forte, se só sentado tudo esse fica fraco.

Marcelo: então eu estou gravando e filmando para não perder nada. Esse momento é muito importante e difícil de conseguir. Primeiro eu gostaria que o senhor falasse onde nasceu, de onde veio, onde chegou no Brasil?

Informante 1: Eu nasci no estado de Shanxi, neste estado tem muita arte marcial. Famoso em artes marciais. Eu nasci em aldeia, perto cidade. Lá tem muita gente treinar Tongbei. Antigamente só lá tinha Tongbei, agora outros lugares tem. Lá também famoso outro tipo de arte marcial, Hsingyi.

Marcelo: Hsingyi Quan?

Informante 1: Isso! Hsingyi também nasceu em Shangxi. Depois eu vai para Taiyuan, capital de Shangxi, trabalha e estuda. Ano 1986 trabalha em Beijing. No início trabalha em Beijing com medicina chinesa, nesse Beijing Shi tuyen tushuo, na parte que estuda só medicina chinesa, como fica melhor, mais forte. Depois 1987 foi outro medicina chinesa... como chama... mais alto... tuyen, que estuda acupuntura, eu trabalha lá. Depois 1988 chegou aqui!

Marcelo: São Paulo primeiro?

Informante 1: Sim, chegou São Paulo, depois só fica São Paulo (risos).

Marcelo: Viu Samuel, agora você sabe quando ele chegou aqui. O senhor tem quantos anos?

Informante 1: 70! É 70... é velho... (risos).

Marcelo: o senhor nasceu em 1942 então?

Informante 1: é... 1942! Era uma parte de muita guerra.

Marcelo: Nessa época Japão entra na China.

Informante 1: Sim.

Marcelo: E como era a prática do wushu na sua região, que o senhor viveu? Seu mestre, seu colegas de treino?

Informante 1: Esse artes marciais, como fala... na China tem tudo artes marciais, muitos anos. Agora tem pouco inteiro. Muito coisa tudo quebrado. Tem pouco inteiro. 160 anos atrás, ou mais. No tempo Qing.

Marcelo: Dinastia Qing?

Informante 1: Sim. Metade antes do Qing, arte marcial foi proibido. Antes na Ming, muita gente queria brigar com Qing. Nesse tempo tem muita gente forte e que queria brigar. Depois de 100 anos nunca ganhar. Depois diminuiu gente treina, depois fica mais fraco. Depois da metade de

Qing muita arte marcial tudo quebrado. Por que? Arte marcial de China muito complicado. Inteiro tem forma: Forma de Taolu – esse taolu cada família tem um tipo. Tongbei Quan tem taolu com 98 movimentos. Esse Tongbei Quan tem livro antigo que fala tem esse movimento. Depois do final de Ming fazer esse Tongbei Quan. Fazer esse Tongbei Quan tem esse (mostra fotos em um livro).

Marcelo: Tem livro antigo?

Informante 1: Isso! Antes tem tudo esse movimento velho (mostrando as fotos do livro). Agora eu guarda esse em casa. Esse chama 108 (movimentos). Dentro tem 36 chama tien kan e tem 72 chama tisa. Tien kan e Ti sa junto, 108. Normalmente não tem só 108. Mas não tem só esses movimentos. Tem muito mais. Tem 230... 236... Eu não lembra. Tem muito movimento diferente. Quando as formas tudo junto... tem mais de 500 movimentos. Esse xinquan 98, outro tem mais 67, esse tem... mais de 700 movimentos. Fora esse tem mais 36 tuanta, xitien tazou. Xitien tazou normalmente também 72. Fora esse tem mais 108 de duanda. Esse duanda chama 3 ou 5 movimentos juntos. Que que é sanda, esse é um ou dois movimentos juntos. Agora fala no sanda, esse nome errado. Normalmente sanda é treinar como usa.

Marcelo: então como chama Lutar?

Informante 1: Como luta chama Yinti tuili. Yinti é esse quando alguém quer briga com você, ou rouba você. Esse precisa luta. Tuili e quando

Marcelo: defesa pessoal.

Informante 1: Isso. Tuili é quando alguém quer luta com você para ver quem é melhor. Esse Tuili.

Marcelo: Então tem duas palavras juntas, Yinti é defesa pessoal e Tuili é desafio, disputa.

Informante 1: sim. Esse tudo briga. Importante é que arte marcial chinesa, medicina chinesa, tudo tem De, Virtude. Qualquer lugar tudo ensinar, tudo esse é importante. Por isso arte marcial de chinesa não é o que agora pensa, só lutar. Agora quase tudo não sabe o que é artes marciais de verdade. Por exemplo, agora fala campeonato de Tuishou, Tuishou não é campeonato, o que que é? Esse é exercício, exercício de quê? Exercício de como pegar gente suave. Como girar mais fácil, como parece suave, mas tem mais técnica, mais arte. Esse parte é nível alto. Esse que ganhar nível alto, esse é Shen.

Marcelo: Espírito?

Informante 1: Isso, espírito. Esse espírito não é fora, é dentro. Que que é espírito, quando eu fecha olho e você perto de mim, eu conhece você. Por exemplo, uma vez foi Sé (bairro de São Paulo capital), tem gente roubar, eu sabe, e deixa ele pega bolso, porque lá não tem dinheiro, só papel. (risos). Quando ele pega bolso e saiu, eu sabe qual lado ele saiu, eu pega ele. E pergunta, por que entra no meu bolso? Ele fala eu não peguei nada. Então por que entra no meu bolso? (risos). Eu não pega nada. Eu sei só pegou papel, esse papel de nariz. (risos).

(conta outros casos de tentativa de roubo – batedores de carteira dentro de ônibus em Beijing – e como ele saiu desses também, exemplificando o desenvolvimento do Shen).

Informante 1: Treinar suave só quer chegar nesse nível alto. Shen. Assim muita gente não conhece esse. Fala Tuishou sente (aponta para o braço) não é esse sente, sente com Shen (aponta para cabeça). Mesmo a teoria muita gente não sabe, fala errado. Esse tem Sanda, Duanda, Tuishou, Taolu, esse tudo chama artes marciais inteiro.

Marcelo: Desculpe, fale novamente esse último.

Informante 1: Esse tem Jibangong (exercícios básicos), Sanda (dois treinando ataque e defesa).

Marcelo: Como usa, no Taolu é assim, e como usa assim. Ataque e defesa.

Informante 1: um ou dois junto. Depois Duanda, esse chama 3 ou 5 movimentos juntos. Depois mais alto é Taoshou, o que é Taoshou? Chama 8 a 10 movimentos juntos. Depois tem Binfa

(estratégia), esse volta para ser treinado em luta. Binfa tianfa é como soldado se organizam para fazer guerra. No nível mais alto precisa estudar 36 estratégias, Sanshi liu Taoshou Binfa. Precisa estudar tudo certinho. (abre a pasta e retira uma tradução parcial das 36 estratégias). Até agora só ensina 6, ensina 6 a 6, cada 6 tem coisa separado.

Marcelo: dentro também tem De.

Informante 1: esse tem que ensina De, tudo tem De. Diferente de ocidental, que só pensa ataque. Arte marcial parece palavra, tem palavra, frase, texto, até livro. É como escrever. Tem família tem tudo letras, palavras. Tudo tem um significado. Uma família de artes marciais parece um livro (mostra um livro). Esse dentro tudo tem. Tem Jibangong, sanda, duanda, taosou, taolu, armas, aplicações, tudo tem. Quando algum família falso, falta, não consegue chegou. Não consegue chegou nível alto.

Marcelo: Esse 'chegou' é?

Informante 1: não consegue chegou aplicação. Esse dentro de movimentos igual letra de chinês, tudo tem significado. Por exemplo, tudo conhece esse movimento, (mostra o movimento de taichichuan) Danbien. Esse Danbien vê é mais fácil, normalmente dentro tem 3 partes diferentes, que que é esse 3 partes? Tem filme passa na TV de China, chama os pedaços de Taichi. Fala de segredo. Tem tudo famoso fala segredo. Sun, Chen, Yang, Wu, tudo famosos das 5 famílias. Mas errado. Tudo tem virtude. Não fala virtude. As 3 partes é, primeiro segurança, segundo é a seleção do melhor movimento, terceiro é o ataque. Por exemplo, cada uma família usa diferente, não é igual. Mas Danbien tem história. Esse tudo movimento de arte marcial tem história. Precisa tudo certinho. Esse Danbien começou 1300 anos antes. No início da era Tang tinha um general famoso. Ele faz guerra com outros, sempre tudo ganha. Ele usa o quê? Ele usa um arma chama Bien, tamanho cumprido, mesmo tamanho de espada. Um metro. Feito de ferro, feito assim (faz uns gestos com a mão mostrando que eram feitos gomos unidos) eram mais fino no final. Com esse arma ela ganha tudo, com uma mão defendia do outra dava uma chicotada, assim sai som, igual esse (faz o barulho com a boca). Então tudo tem história. Também tem fundamento, teoria. Antigamente tudo tinha Tao. Precisa entende esse. Esse chama caminho do universo, então precisa entende como as coisas funcionam, com cada coisa é. Também tem outro 5. 5 elementos. Cada um é um parte, precisa entende todo parte, não separado. Por isso cada forma tem 5 parte e precisa ser completo. Então assim, 5 forma junto 8 princípios, 300, assim. Dentro desse 8 princípio também tem teoria. Yin, Yang, Kan, Jou, Qi, Shi, Tai, He. Esse 8 princípios. Agora família de Chen não sabe esse. Porque primeiro filho dele treinar dessa forma, depois outro filho treinar fraco. Depois chegou netos, essa parte começou perdeu. Depois quando gente quer prender, só primeiro forma.

Essa separação de coisas é porque antigamente homem tem mais de uma mulher. Quando mais de uma, só primeira é importante. Aí todas outras só ajuda a primeira. Isso fica briga muito e separa as famílias. Daí faz outra vila, muito perto, mas treina outra coisa, não é completo. Assim muitos escolas muito quebrado, fica falta uma parte, não tem completo.

Marcelo: o senhor aprendeu Xingyi também?

Informante 1: Também, mas só quando criança.

Marcelo: Mas onde o senhor aprendeu taichi?

Informante 1: em Shanxi também. Mas agora só ensina Tungbei. Porque taichi quebrdo, não completo. Mas arte marcial é para fraco vencer mais forte. Tudo assim. Não é só taichi. Treinar arte marcial é para melhorar. Cabeça, corpo, tudo.

Marcelo: Se arte marcial é para vencer o mais forte, melhorar a cabeça e o corpo, então com é?

Informante 1: essa arte marcial é assim. Na China 1983 até 1986 fez uma pesquisa para saber quanto arte marcial tem, quanto tipo diferente tem. Eles falam que tem 132 tipos de wushu

diferente. E tem tanto diferente porque sempre quis melhorar Quando luta depois pensa como pode melhorar, por isso tem tanto diferente, macaco, bêbado, outros muitos. Tudo quer ganhar, ser melhor, mas cada um diferente, pensar diferente. Tudo tem especial, mas também tem jeito de ganhar dele. Cada um gosta de uma arma diferente, cada um de um jeito.

Marcelo: Então como era pessoa que tinha deficiência para treinar kungfu na China? Ou sem braço, ou sem perna, ou cego, ou surdo? Tinha gente assim? Podia treinar?

Informante 1: Antes não tem gente treina assim. Só quando treina muito tempo antes e depois fica cego ou surdo pode continua. Se fica cego usa ouvido, se fica surdo usa olho. Mas tem outro jeito. Espírito. Mas esse é muito difícil.

Marcelo: Então quando uma pessoa não tem braço ou perna, nunca treinou antes mas agora quer treinar, não pode?

Informante 1: É muito difícil. Quando pessoa assim quer treinar mestre não aceita. Mestre não ensina.

Marcelo: Ah! Não ensina. Por que?

Informante 1: Porque quando treina artes marciais precisa de 4 membros e cinco sentidos. Precisa tudo certo, tudo normal. Precisa wuquan (5 sentidos). Precisa tudo certo. Quando falta, mestre não ensinar. Tudo movimento tem segredo. Movimento fora e movimento dentro, tudo tem segredo. É complicado, muita coisa precisa aprender. Por isso não ensina.

Marcelo: Hoje nos EUA tem um professor de universidade que criou um taichi para pessoa em cadeira d roda, só mexe em cima, o que o senhor acha?

Informante 1: (Sorriso) só exercício... Falar de arte marcial não... Só exercício.

Marcelo: E shuaijiao para cego?

Informante 1: Só sentindo. Cabeça, precisa chegou espírito. Se não chegou... Não. Shuaijiao... Eu quando na China, um pessoa de shuaijiao vai me procurar para lutar comigo. Ele não consegue me vencer.

Marcelo: Mas agora com está a prática do wushu?

Informante 1: Agora tudo fraco, quebrado. Não tem mais completo. Em todo lugar, você pode perguntar, mestre famoso, professor universitário, tudo não sabe mais. Perdeu tudo.

Marcelo: Quando o senhor começou a ensinar no Brasil?

Informante 1: Começou em 1990.

Marcelo: Para brasileiro também ou só para chinês?

Informante 1: Tem chinês e brasileiro também.

Marcelo: e ensinou onde?

Informante 1: Começou no parque do Ibirapuera. Depois no Sumaré, lá tem um parte de grupo de japonês, em uma sala grande. Depois muda para USP, atrás da faculdade de história.

Marcelo: qualquer tipo de pessoa pode treinar? Você ensina cego?

Informante 1: Cego não.

Marcelo: Por que?

Informante 1: Esse coisa falta. Treinar artes marciais é treinar para enfrentar gente mais forte. Se falta não pode esse.

Marcelo: Para o senhor o que é o wushu tradicional?

Informante 1: esse igual cultural da China, muito fundo. Tem teoria, cultural desse movimento. Tem cultural desse nome de movimento. E história desse parte de coisa.

Marcelo: então quando não tenho, por exemplo, eu ensino shaolin e não conheço o nome dos movimentos e não sei esse tradicional?

Informante 1: Não é só nome. Precisa conhecer a história do movimento, e significado dos nomes também. Atualmente há a simplificação dos nomes, não tem história, muda tudo. Isso

perdeu.

Marcelo: Como era o nome do seu mestre.

Informante 1: Xu Fanqin (许方庆).

Marcelo: treinava onde.

Informante 1: Arte marcial pode treinar qualquer lugar. Em frente de casa, na vila. Fábrica, na rua. Qualquer lugar pode.

Marcelo: e seu mestre morreu quando?

Informante 1: ano 1983, com 77 anos (1910-1987).

Marcelo: Mestre, eu acabei. Muito obrigado. Nossa... foi uma aula de arte marcial.

Informante 1: De nada. Sempre pode vir aqui quando tem dúvida.

INFORMANTE 2

Mulher, de 47 anos, pratica wushu há 23 anos. Nascida em São Paulo onde treina e mora. Atleta, membro da seleção brasileira de wushu.

Marcelo: Como combinamos por telefone, posso gravar a nossa entrevista para o meu estudo de doutorado?

Informante 2: Claro que sim.

Marcelo: Você ministra aulas de wushu?

Informante 2: Não. Só pratico.

Marcelo: Então em sua vida como praticante você conheceu alguma pessoa que praticasse wushu e que tivesse alguma deficiência, seja ela intelectual, visual, auditiva ou motora?

Informante 2: Sim, conheço dois casos, ou tive contato com duas pessoas em diferentes situações.

Marcelo: Pode me contar como foram essas situações e que tipo de deficiência essas pessoas tinham?

Informante 2: Claro. Deixa eu me recordar um pouco... Um deles é o caso de um atleta cego que competiu em dois eventos internacionais em que eu estava presente. Um em nível Sul-americano, e outro Pan-americano. O atleta competia em formas tradicionais. Esse atleta era conduzido à área de competição por um guia que o colocava na posição de início e saía de perto, deixando-o sozinho.

Marcelo: E aí?

Informante 2: Ele realizava sua demonstração de kati sem perder o posicionamento espacial em relação à área de competição. Era impressionante a sua capacidade de realizar um *taolu* sendo cego, e ainda mais com uma arma complexa como a lança. Ele não sai da área de competição, permanecendo dentro dos limites permitidos. Impressionante.

Marcelo: E o segundo caso?

Informante 2: O segundo caso se refere a um praticante que conheceu na academia onde treinava. De acordo com as informações expostas esse praticante possuía deficiência mental. Ele tinha dificuldades de aprender os *taolu* e esquecia com facilidade o que tinha aprendido. Apesar da dificuldade de aprendizado relatada, o praticante era tratado por todos da academia com igualdade e amizade.

Marcelo: Então você acha que uma pessoa com alguma deficiência pode aprender wushu?

Informante 2: Sim. É só uma questão de adaptar as coisas. O jeito de ensinar... E o nível de cobrança... A atenção também tem que ser diferente, pois a deficiência exige uma postura diferente.

Marcelo: Temos então duas situações distintas. Uma de um deficiente visual competindo no wushu de alto rendimento, mas com adequações às regras, pois exigiu um guia que o levasse para a área de competição. A outra de um deficiente intelectual treinando na academia com os demais alunos. Nesse último caso apenas ressaltada a dificuldade no aprendizado. Estou correto?

Informante 2: Isso! É possível sim. Só que com algumas modificações com certeza. Não pode ser igual para um cego e uma pessoa que enxerga. E nos outros casos também deve ser assim. Acho que adaptar.

Marcelo: Obrigado pela entrevista. Você quer acrescentar algo.

Informante 2: Não. Obrigado por me permitir participar.

INFORMANTE 3

Homem, professor de educação física formado na universidade de Huhan. Trabalha com educação física escolar e leciona taekwondo na escola para crianças de 6 a 12 anos. Treina shuaijiao desde a infância, sendo um dos instrutores da escola do mestre Li Baoru e mestre Ma Jianguo no Centro Esportivo do distrito de Xuanwu.

Marcelo: Você permite que eu grave essa entrevista. Permite também que eu use essas informações para o meu estudo de doutorado intitulado A transformação das antigas tradições do wushu no brasil e o processo de inclusão das pessoas com deficiência?

Informante 3: Permito sim.

Marcelo: Então vamos a primeira pergunta. Você é professor de educação física e trabalha em escola com crianças de 6 a 12 anos?

Informante 3: Sim.

Marcelo: O que você ensina nas aulas de educação física?

Informante 3: ensino Taekwondo.

Marcelo: E não ensina Shuaijiao?

Informante 3: Não.

Marcelo: em sua escola não se ensina wushu?

Informante 3: Não.

Marcelo: Isso é somente em sua escola, ou em todas que o wushu não é ensinado?

Informante 3: Isso. Wushu não é mais ensinado nas escolas como antigamente que era um componente curricular obrigatório.

Marcelo: O que ensinam então?

Informante 3: Taekwondo, basquetebol, futebol, voleibol. A ginástica as vezes, mas os alunos gostam mesmo dos esportes. Atletismo também eles gostam. A própria escola incentiva o desenvolvimento dessas modalidades, pois sempre participa dos jogos escolares.

Marcelo: hoje o wushu é ensinado apenas fora da escola?

Informante 3: Não. Há centros de desenvolvimento do wushu por toda a China. E na educação formal existem as escolas técnicas, que não são muitas, e ainda os cursos superiores de wushu, um ramo da educação física aqui na China. O wushu é um dos conteúdos disciplinares dos cursos superiores e está como uma das modalidades dos jogos universitários. Mas nas escolas não tem muito mais.

Marcelo: Qual o seu conhecimento sobre a prática do kungfu adaptado, ou para pessoas com deficiência?

Informante 3: Não é comum. Não tenho conhecimento de muitos. Apenas no shuaijiao havia uma pessoa cega treinando há um tempo atrás, mas eu só tive notícia dele, não conheci. Como o meu contato é apenas na escola com educação física e com o shuaijiao aqui na academia, não tenho visto isso com muita frequência.

Marcelo: E por que você acha que isso acontece?

Informante 3: Eu acho... Eu acho que é porque não tem método para isso. Não há o interesse para ensinar wushu para pessoas assim. O pensamento no wushu é competitivo e ainda não se pensou nisso... Eu acho isso. Mas também não vejo pessoas assim procurando o shuaijiao, ou o wushu. Se tiver algum trabalho desses, é muito pequeno... Poucas pessoas mesmo.

Marcelo: Você acha que é possível ensinar wushu ou shuaijiao para essas pessoas?

Informante 3: Sim. Mas tem que mudar o jeito de ensinar. Tem que ajustar o método e o conteúdo também. Tem que mudar para dar certo. As exigências também tem que ser diferentes.

Não pode ser igual ao que é hoje.

Marcelo: Quais são as pessoas e deficiências possíveis a serem incluídas na prática do wushu adaptado?

Informante 3: Não sei responder.

Marcelo: Obrigado Gu Shen pela entrevista.

Informante 3: De nada.

INFORMANTE 4

Homem, tem 55 anos, é mestre de Shuaijiao e também professor de Taekwondo. Treina Shuaijiao desde a infância com o Mestre Li Baouru. Fez parte do primeiro grupo de chineses que foram para a Coreia aprender o taekwondo para implantá-lo em Beijing na década de 1990. É atualmente membro da associação de Xuanwu, professor de Shuaijiao do Centro Esportivo do distrito de Xuanwu, árbitro nacional de Shuaijiao e Taekwondo.

Marcelo: Mestre, o senhor permite que eu grave essa entrevista. Permite também que eu use essas informações para o meu estudo de doutorado intitulado A transformação das antigas tradições do wushu no Brasil e o processo de inclusão das pessoas com deficiência?

Informante 4: pode gravar.

Marcelo: Mestre o senhor ensina o Shuaijiao há muito tempo. E o Shuaijiao é uma arte marcial chinesa. Sendo assim muitos tipos de praticantes vem até o senhor para aprender, correto?

Informante 4: Certo.

Marcelo: O senhor já recebeu algum aluno com alguma deficiência?

Informante 4: Não. Essas pessoas não vêm procurar o Shuaijiao.

Marcelo: E por que eles não procuram?

Informante 4: Acho que já é da cultura chinesa. Arte marcial é uma prática antiga que visa à autodefesa. Agora é esporte, então poucas pessoas procuram o shuaijiao para saúde apenas. Esse tipo de pessoa tem dificuldade em aprender arte marcial.

Marcelo: Mas outras atividades têm pessoas com deficiência, como o basquete, o futebol, o voleibol, e outros esportes. Por que então essa dificuldade?

Informante 4: É por causa do método de ensino. Não tem um método desenvolvido para ensinar shuaijiao para deficiente. Precisa de um método de ensino para esse tipo de pessoa.

Marcelo: Então que tipo de pessoa com deficiência poderia aprender o shuaijiao?

Informante 4: Eu acho que... Talvez cego, porque pode começar agarrado a luta, e sempre que solta, coloca agarrado de novo... Também uma pessoa que não tenha um braço, ou parte de um braço, mas tem que ter pelo menos uma das mãos, porque consegue fazer algumas técnicas agarrando no jiaoyi... Surdo também, mas precisa de um jeito de avisar quando acaba e quando começa a luta, e outras coisas também, a comunicação é mais difícil não é só uma questão de técnica... Acho que é só. Outro tipo não pode.

Marcelo: Fale um pouco sobre o wushu ou sobre o shuaijiao especificamente na atualidade.

Informante 4: Minha mulher sabe mais de wushu do que eu, mas o que está acontecendo com o shuaijiao atualmente é parecido com o wushu. No shuaijiao tem cada vez menos pessoas treinando. É um esporte tradicional chinês que não desperta mais o interesse dos jovens. Os praticantes que existem, em sua maioria são adultos, acima de 30 anos. A nova geração não se interessa pelas coisas tradicionais.

Marcelo: Então não tem mais crianças praticando?

Informante 4: Tem sim, mas é bem menos que antigamente. Agora são as crianças que os pais treinaram é que vão treinar. Não porque elas querem, mas porque os pais querem manter a tradição. No interior da China ainda se treina mais, mas também está acabando.

Marcelo: Mas o governo não incentiva essa prática?

Informante 4: Sim, mas os jovens não querem. Eles querem coisas modernas. Esse é o interesse agora.

Marcelo: Mestre, muito obrigado por sua entrevista.

Informante 4: Não precisa agradecer.

INFORMANTE 5

Homem, 35 anos de idade, pratica wushu há 27 anos. Professor universitário. Ensina wushu há 19 anos. Foi diretor da Confederação Brasileira de Kungfu Wushu durante sete anos.

Informante 5: olá, Antunes...

Informante 5: acabei de receber um email de mais um artigo publicado.

Marcelo: oi. tá super produtivo!!! arrebitou. Parabéns.

Informante 5: sim.

Informante 5: então, quando quiser, avise que vou para outra sala, ok?

Marcelo: então vamos começar a entrevista!

Informante 5: legal

Marcelo: está pronto.

Informante 5: sim

Marcelo: como você sabe essa entrevista é para a tese.

Informante 5: sim

Marcelo: e que o objetivo é levantar dados sobre a prática do wushu por pessoas com deficiência. Mas também dados históricos sobre o wushu no Brasil.

Informante 5: sim, e você sabe que não tenho conhecimento sobre essas coisas...

Informante 5: aliás, acabei de pegar sua tese aqui...

Marcelo: (risos).

Marcelo: você sempre simples e humilde.

Informante 5: (risos).

Informante 5: que nada, tenho noção mesmo.

Marcelo: mas vamos ao que interessa.

Informante 5: ok

Marcelo: você permite que eu divulgue os dados aqui apresentados nessa entrevista?

Informante 5: sim, sem problemas.

Marcelo: você sabe que essa entrevista é voluntária e que sua identidade pode ser omitida caso queira?

Informante 5: sei

Marcelo: então concorda voluntariamente em concedê-la?

Informante 5: claro

Marcelo: então vamos a primeira pergunta:

Marcelo: quando e onde começou a treinar wushu?

Informante 5: em maio de 1985 em Franca, SP

Marcelo: desde lá não parou mais?

Informante 5: não parei.

Marcelo: quando se tornou professor, ou instrutor e iniciou a lecionar wushu?

Informante 5: a primeira autorização formal foi em 1986, como instrutor do primeiro 'estilo' que treinei, depois, em 1997 fui graduado instrutor do sistema louva-a-deus. Iniciei a lecionar, de forma não sistemática, quando cheguei em Campinas, em 1993, eu tinha alguns alunos particulares. Foi quando, igualmente, iniciei a prática do louva-a-deus. Mas, comecei mesmo, com escola, de forma sistemática, em 1996.

Marcelo: participou de competições como atleta?

Informante 5: sim

Marcelo: desde quando?

Informante 5: participei em Franca em 1988 e 1989 e só depois em 1995 até 1997. Participei de alguns eventos organizados pelo Marcelo Martinelli e Prof. Min em SP, de internos e participei recentemente (acho que foi em 2009) da seletiva regional Valinhos e Campeonato Paulista, mas só para tentar estimular os meus alunos.

Marcelo: e nesse tempo como instrutor, professor e atleta você teve alguma experiência com pessoas com alguma deficiência (intelectual, visual, auditiva ou motora)?

Informante 5: sim, tive um aluno deficiente visual.

Informante 5: como diretor da CBKW também tive contato com atletas com deficiência física, era um acreano.

Marcelo: Esse aluno com deficiência visual, como foi o trabalho com ele, quais eram o objetivo dele?

Informante 5: foi uma situação muito interessante. Ele era mais velho e com muita experiência de vida e queria praticar para melhorar a saúde em sentido amplo. O trabalho foi um grande desafio. Primeiro porque eu não tinha conhecimento específico para ensinar um deficiente visual, então, as estratégias utilizadas foram pensadas em razão das necessidades que eu tinha e muito do que fiz foi por intuição.

Informante 5: O alongamento era fácil, porque ele conseguia acompanhar o que eu dizia, o aquecimento já não era tão simples, dado que ele dependia do mediador para conseguir, por ex., correr. Eu corria segurando sua mão e tudo...

Informante 5: aos poucos ele foi se acostumando com o espaço da escola e passou a conseguir correr sozinho. As técnicas eram ensinadas com ênfase às aplicações, dado que ele conseguia pela experiência (tato) saber o que deveríamos fazer. Quanto menos abstrato o comando tanto maior a eficácia do exercício...

Marcelo: então ele não aprendia kati?

Informante 5: aprendeu também, mas eu enfatizava, ao menos no início, exercícios em duplas.

Informante 5: ele chegou a aprender uma forma básica: 8 grandes bases, do Tai Chi Ton Long, mas era preciso o mediador. Ele se esforçava e, considerando ser deficiente visual, avalio que tivemos êxito.

Marcelo: o que era esse mediador?

Informante 5: o professor. Eu

Marcelo: mas qual a mediação? Qual era a sua ação diferente das que tem com outros alunos?

Informante 5: então, era preciso ser condição da aprendizagem dele, ou seja, pegar a mão e direcionar o movimento; apertar o braço ou apenas tocar para dizer o lado etc.

Informante 5: a mediação com os demais alunos é diluída e tende a desaparecer na medida em que o aluno aprende algo. Claro que há sempre mediação nessa relação, mas, com ele, era uma situação de muita exigência.

Informante 5: o ideal seria ter um monitor só para acompanhá-lo. Felizmente tenho poucos alunos em cada aula e por isto foi possível trabalhar com ele.

Marcelo: e ele parou por quê?

Informante 5: porque a escola mudou de endereço. Até tentei contato para a continuidade, mas ele disse que teria que usar dois ônibus para chegar lá.

Marcelo: entendi. Então a adaptação foi esse direcionamento através do tato, do toque, que funcionou?

Informante 5: exato.

Informante 5: as explicações também foram fundamentais. O interessante era falar e perceber as reações dele. Era visível quando ele não entendia porque ele movimentava a cabeça.

Marcelo: interessante.

Informante 5: eu tive outra aluna que era deficiente físico.

Marcelo: Fale sobre ela e a sua experiência com ela.

Informante 5: ela mancava e andava de bengala. Para treinar, era um desafio deixar a bengala. Inicialmente ela queria aprender a se defender, então, preparei algumas aulas particulares com conteúdos de Qin Na. Ela era muito ativa e suas ações eram firmes e até perigosas. Ela me jogava no chão sem dó e que percebi que era aquele o caminho. Aos poucos, procurei conduzi-la às aulas de tradicional também. Ela aprendeu o conteúdo da primeira graduação praticamente completo, mas, parou de treinar por razões familiares. Ela treinava e levava também o filho e o marido.

Marcelo: e quais foram as adaptações que fez para ensiná-la e fazê-la deixar um pouco a bengala?

Informante 5: Desculpe, uma professora estava aqui. Agora já foi.

Marcelo: ok

Informante 5: Então, não fiz nada exceto dizer: você vai treinar sem a bengala. No início, eu ficava bem perto e até servia de ponto de equilíbrio para ela, mas, aos poucos, ela ficava sozinha.

Informante 5: para ensiná-la não foi nada diferente do que faço com os alunos regulares...

Informante 5: orientação quando ao que deve ser executado, em alguns casos eu fazia primeiro para que ela visualizasse, mas, buscava sempre evitar mostrar para que ela conseguisse abstrair.

Marcelo: então o que norteou esse trabalho foi o apoio e o incentivo, sem nenhuma adaptação no ensino?

Informante 5: praticamente isto. Houve uma certa adaptação, se posso dizer que se trata de adaptação, quando em algumas aulas do início fazíamos os movimentos sentados.

Informante 5: até para que ela conquistasse a confiança de deixar a bengala

Marcelo: isso é adaptação.

Marcelo: E como foi a experiência com o atleta do Acre? Que modalidade ele competia? Como era em relação aos demais atletas?

Informante 5: Eu apenas o vi em alguns campeonatos.. Ele tinha deficiência física (ausência de um dos braços, não me lembro se esquerdo ou direito). Ele competia em sanshou e tinha êxito. Era um atleta muito 'resolvido', no sentido de não ser vítima, de não ser um coitadinho [...] Ele ganhou de alguns atletas experientes. Mas, não me lembro o ano. Talvez perto de 2000. Acabei me lembrando de outros atletas que competiram no tradicional, qdo eu participava da CBKW, com alguma deficiência. Um caso específico foi interessante porque também se tratava de deficiente físico. Os árbitros me pediram orientação sobre como avaliar e eu falei imediatamente: da mesma forma que se avalia os demais. Os critérios são os mesmos: força, equilíbrio, bases e movimentos claros.

Informante 5: Eu pedi para que não avaliassem de forma diferente porque senão estaríamos excluindo o sujeito. Foi uma ótima experiência.

Marcelo: então você lembra de um do sanshou e um do taolu tradicional?

Informante 5: no tradicional lembro-me de mais.

Informante 5: deficiente visual.

Marcelo: fazendo taolu?

Informante 5: sim

Marcelo: e como foi? ou como foram esses que você lembra? Como foi a performance?

Informante 5: foram boas, considerando os limites. Tecnicamente movimentos soltos e sem foco, mas, ainda assim, movimentos.

Informante 5: Movimentação muito lenta, o que me parece normal também.

Marcelo: então para esses a avaliação não deveria ser diferente? Não pensando em exclusão, mas pensando em avaliação justa de acordo com as condições?

Informante 5: A avaliação é sempre diferente, para qualquer situação, mas, os critérios deveriam ser os mesmos. Sempre avaliamos o indivíduo na sua individualidade, ou seja, na sua diferença, não é mesmo?

Marcelo: (gargalhadas). No alto rendimento não é assim! Queremos medir performance e compará-las.

Informante 5: Os meus parâmetros não tem relação com o alto rendimento. Aliás, o alto rendimento deteriora as pessoas, as relações.

Marcelo: mas naquela época era alto rendimento. As competições promovidas pela CBKW focavam o alto rendimento.

Informante 5: Nem deveria haver competição no tradicional... Eles deveriam apresentar e receber um certificado do que fizeram. (risos).

Marcelo: concordo. Mas o contexto era outro.

Informante 5: sim

Marcelo: outra pergunta então. Se os movimentos desses atletas eram meio desfocados, soltos, você acha que isso se deveu ao tipo de ensino ou a limitação da própria condição? Da deficiência?

Informante 5: então, penso que as duas coisas. Mas, principalmente o ensino. Mesmo que uma pessoa tenha certa limitação, é possível ensinar o básico: 'foco', intenção...

Marcelo: então a adaptação do ensino seria a chave para o sucesso, seja competitivo ou não, para a pessoa com deficiência? No wushu?

Informante 5: certamente, a adaptação que sugere uma revisão da formação de professores. Porque a concepção de educação não pode ser aquela que sugere que o sujeito seja vítima. Penso que antes mesmo da adaptação, a concepção de educação precisa ser repensada no wushu.

Marcelo: modernizada então?

Informante 5: também. Nesse ambiente, como você sabe, não há interlocução (no geral), não há diálogo, então, o primeiro problema...

Marcelo: o ensino 'tradicional', ou seja, o ensino com a concepção 'tradicional chinesa' é uma das fronteiras a ser rompidas?

Informante 5: penso que sim. Não só para o wushu adaptado, mas para o ensino de wushu no ocidente.

Marcelo: as antigas tradições apontam para um ensino do wushu focado na militarização, na defesa pessoal apenas, em conceitos que já não se coadunam com a modernidade e com o ocidente. Essa postura que imperra o processo de ampliação de novas funções sociais para o wushu?

Informante 5: Certamente. Não temos alunos com espírito de guerra, que queiram praticar para guerra. Não temos alunos que queiram aprender a luta para valer e não temos alunos que queiram se sujeitar ao que o professor fala sem questionamento. O aluno, no geral, tem informações sobre formas de treinamento e busca, no geral, a construção da ilusão de que é um lutador. A arte marcial, no geral, serve muito bem para responder a esta necessidade de ilusão da luta, de ser um super herói, de conseguir de superar. A modernidade produziu este homem do consumo que supostamente consegue controlar a tudo... Mas, sabemos que isto não passa de alegoria.

Marcelo: Então você acha que as competições ocupam bem essa função moderna?

Informante 5: Penso que sim. As competições alimentam a ilusão do 'atleta' que representa x, seja a escola, a cidade, o estado, o país. O atleta não é ele mesmo, mas, representa sempre. É esta representação alimenta pelas competições.

Marcelo: quero saber como foi o seu processo dentro da CBKW, no sentido de organizar uma modalidade que julgamos tradicional, mas colocá-la nos moldes competitivos. Como foi esse

processo? Quando começou? E que diretrizes seguiu?

Informante 5: Em 2000 (teria que confirmar com o Nereu) foi quando assumi a diretoria (embora nunca tenha recebido qualquer documento que comprove minha passagem lá) e havia uma confusão de critérios do 'tradicional' porque a CBKW ainda seguia a Fed. de Taiwan (Kuoshu) e a IWUF. Com a decisão do Nereu de seguir apenas a IWUF, então, começamos com a discussão do que é o tradicional, o que caracteriza um sistema até que chegamos na necessidade de conhecer o que tínhamos à época. Foi assim que formulamos o instrumento para coletar dados e apresentamos os resultados após sistematização. Seguimos os parâmetros da Fed. dos USA de Wushu porque não havia nada na IWUF naquele momento. Em 2004 a IWUF começou o processo dos festivais, então, imaginávamos que viriam critérios claros e objetivos sobre o tradicional, no entanto, não foi isto que aconteceu. Houve uma espécie de adaptação de regras de avaliação do moderno para o tradicional e percebemos que o nosso trabalho no Brasil estava muito mais avançado que na própria China. Elaboramos um regulamento específico, iniciamos a contínua promoção de oficinas de arbitragem e tentamos trabalhar a partir de alguns princípios: (i) o respeito à diferença, (ii) o diálogo com as federações na busca de justificativa sobre os sistemas 'diferentes'.

Foi um trabalho bem difícil porque lidávamos com pessoas que estavam estabelecidas e a simples pergunta: quem foi o seu mestre era motivo de preocupação por parte de alguns. Nereu inseriu o tradicional no primeiro sul americano, realizado em 2007, em SP e outros países se beneficiaram com a nossa sistematização.

Marcelo: e se chegou a algum conceito ou critérios claros para a definição do que era tradicional ou não?

Informante 5: sim, chegamos a uma definição com base em três premissas, que salvo melhor juízo, deve existir até hoje. Eu teria que pegar o documento para me lembrar da sequência, mas era algo assim: (i) o professor deveria comprovar a relação com o professor dele, (ii) o estilo deveria ser chinês ou ter sido concebido por alguém que tenha vivido na China e (iii) o sistema deveria ser praticado em outros países, no mínimo na China. O Kao ajudou muito nesta parte. Dialogamos muito na lista da CBKW, com emails longos mesmo. Mas foi o Nereu quem nutria as discussões, quem fazia intervenções pontuais sobre equívocos que tínhamos. foi uma fase muito produtiva.

Marcelo: esses critérios eram válidos apenas juntos ou poderiam atender apenas um deles e já estava dentro?

Informante 5: quando escrevemos os critérios era para que fossem válidos juntos, no entanto, não houve um processo de fiscalização de como as federações fizeram para lidar com os casos específicos. No geral, aceitamos o que as federações disseram ser tradicional. Casos mais estranhos, questionávamos, mas, no geral, eram as federações as responsáveis pela aceitação ou não dos sistemas.

Marcelo: podemos então perceber que os critérios criados pela CBKW não foram seguidos a risca pelas federações, a título de se fazer política, como foi o caso do Shuaijiao?

Informante 5: certamente houve resistência. Solicitação para que flexibilizássemos e tudo.

Marcelo: então a participação em competições superou a necessidade de manutenção das tradições marciais?

Informante 5: mas eu tinha o apoio do Nereu, então, continuamos por anos na qualificação do trabalho. A arrecadação de filiados superou qualquer princípio.

Marcelo: entendo. Mas como a existência das Federações apenas se justifica pela participação no processo competitivo, esportivo, então o princípio condutor era a participação em um processo esportivo. Estou correto nesse sentido?

Informante 5: sim, claro, foi o determinante, por certo. Mas, como pano de fundo estava a arrecadação que as federações conseguem dos filiados, da mesma forma que a arrecadação que conseguem do poder público.

Marcelo: então é o mesmo processo. Seduzo as academias, associações e escolas de wushu com a possibilidade de participar de um processo de esportivização, o que incentiva a mudança de concepções a cerca do que é tradicional dentro das artes marciais. Esse processo de modernização e esportivização permitiu o uso das instituições como ferramenta de autopromoção e controle. Ou seja, um veículo de poder, em detrimento das antigas tradições que são pretendidas pelos praticantes. O que temos é um pseudo-tradicionalismo nas escolas de wushu 'Tradicional'.

Informante 5: sim, de acordo

Marcelo: Então o efeito perverso da esportivização é a relativização do que é entendido como tradicional. Visto que isso é apenas uma sombra da cultural original.

Informante 5: Aliás, a despeito da esportivização, o sentido do treinamento mudou radicalmente em algumas escolas. Há casos em que o que importa é competir e vencer, então, considerando a ausência de conhecimento dos árbitros sobre o wushu, (infelizmente havia quem atribuísse a mesma nota na avaliação para diferentes atletas, o que significa a incapacidade de ver diferenças e tínhamos empate muitas vezes), alguns professores mudavam formas buscando o padrão do wushu moderno, porque, em tese é mais competitivo.

Marcelo: a competição, a esportivização requer padronização, e isso elimina a diferença por conceito.

Informante 5: isto elimina o tradicional que é movido pela diferença e, por esta razão, minha discordância em competições nessa área.

Marcelo: concordo plenamente.

Informante 5: mas sempre fui voto vencido, como fui voto vencido que a CBKW usasse o termo gongfu no lugar de kungfu, porque, se se trata de entidade oficial, deveria se preocupar com termos oficiais. Exatamente como as universidades...

Marcelo: mas essa é uma outra questão. Também fui vencido pela necessidade de pasteurização em detrimento de conceitos básicos estruturantes. Mas enfim, continuamos trabalhando em nossas convicções. Bom Samuel, acho que é só. Exploramos dois assuntos distintos, mas relacionados.

Informante 5: pois é.

Marcelo: Podemos aprofundar essa temática em outro momento. o que me deixaria muito contente.

Informante 5: claro. Basta dizer quando. Estou à disposição.

Marcelo: agradeço a sua colaboração. Você disse que não tinha nada a dizer, mas.

Marcelo: duas horas de entrevista.

Informante 5: pois é.

Marcelo: obrigado.

Informante 5: imagina. Precisando, avise. abraço. Vou começar a ler uma certa tese.

Marcelo: ok.

Informante 5: beleza

Marcelo: abraço grande!

INFORMANTE 6

Homem, engenheiro mecânico, tem 58 anos e pratica wushu shaolin norte há 40 anos. É mestre de wushu formado na Academia Sino-brasileira e reside em Beijing há 20 anos.

Marcelo: você permite que eu grave essa entrevista. Permite também que eu use essas informações para o meu estudo de doutorado intitulado **A transformação das antigas tradições do wushu no Brasil e o processo de inclusão das pessoas com deficiência?**

Informante 6: Ok, sem problemas.

Marcelo: Então vamos começar. Mestre, me fale um pouco sobre o início do wushu competitivo no mundo e no Brasil.

Informante 6: O wushu começou a se organizar como um esporte na China desde a década de 1960. Mas só em 1986 foi uma Comissão Preparativa para organizar o wushu competitivo. Neste ano foi realizado o 2º International Invitational Wushu Championship, na cidade de Tianjin. Foi neste evento que o Brasil enviou a sua primeira delegação de wushu para uma competição internacional. Nesta ocasião, compuseram a delegação o Grão-Mestre Chan Kowk Wai, Sun Chinti, Chen Minhua, e outros. O Brasil conquistou duas medalhas de bronze, uma em facão duplo e outra em Nanquan (punho do sul). Nessa época o wushu não era organizado no Brasil ainda. Em sua maioria as organizações eram academias e associações que promoviam o ensino do wushu.

Em 1989 foi fundada a International Wushu Federation. E em 1990 foi realizado o 1º Campeonato Mundial de Wushu em Beijing, na China.

Em contrapartida Taiwan fundou em 1990 a International Chinese Kuoshu Federation (ICKF).

Em 1991 eu e Nereu (Nereu Graballos) fomos à Taipei, Taiwan fazer cursos de arbitragem e técnicos.

Em 1992 a ICKF organizou o 7º Campeonato Mundial de Kuoshu, com a participação de uma delegação brasileira, como você se lembra... você foi junto.

Marcelo: E no Brasil?

Informante 6: No Brasil... tudo começou com a Federação Paulista de Kungfu que foi fundada em 1989. Depois, em 1990 foi fundada a Confederação Brasileira de Kungfu Wushu (CBKW), que originalmente tinha o nome de Confederação Brasileira de Kungfu (CBKF). Foi fundada em São Paulo, e teve como o seu primeiro presidente o Sr. Enio Cuono.

Fizeram parte da fundação da CBKW a Federação Paulista de Kungfu, a Federação... e a Federação...

Marcelo: E em relação a pessoa com deficiência? Existem técnicas, sistemas ou métodos de ensino de wushu para essas pessoas. O que você conhece sobre isso?

Informante 6: O que me lembro de imediato é um atleta surdo que competiu na Sanda durante a década de 2010. Fora isso... deixa eu pensar... Existem algumas técnicas que focam pessoas com deficiência física, como amputados e com outros problemas motores. No estilo Hung Gar existe um kati de um braço só. O praticante tem que executar as técnicas com apenas um braço, simulando um amputado de braço. O estilo Choy Lee Fut tem katis que alternam o uso de um braço, depois o outro. Não especificamente para simular um amputado, mas para treinar uma pessoa a usar ambos os braços de maneira igual, para que se tiver um deles lesionado, possa se defender com o outro. No Shaolin Norte há um kati de Muleta com facão, que simula um deficiente físico se defendendo com o facão e também usando a muleta para defender e golpear. Nesse mesmo estilo existe um kati de espada com a mão esquerda. Segue a mesma lógica do Choy Lee Fut, treinar um braço mais fraco para o caso de necessidade.

Marcelo: E é só isso? Para os deficientes o wushu só tem essas contribuições?

Informante 6: Não. O wushu contribuiu muito para as técnicas de reabilitação e tratamento de pessoas com lesões físicas. Diversas técnicas de tratamento foram influenciadas pelo wushu. Tuina, Fitoterapia e acupuntura são técnicas que nasceram ou foram influenciadas pelas técnicas e necessidades do wushu.

Marcelo: Como está o wushu atualmente? Fiquei sabendo que ele não está mais presente nas escolas como educação física curricular, isso é verdade?

Informante 6: É verdade. Agora está restrito às associações, clubes esportivos e escolas técnicas que tem como foco formar técnicos de wushu. Dessas escolas saem técnicos em wushu nas modalidades modernas e pessoas capazes de trabalhar na polícia, exército e como segurança. É bem específico agora.

Marcelo: E o wushu tradicional, como está?

Informante 6: está em declínio. Nos tempos de hoje você só vê pessoas mais velhas treinando wushu tradicional. Pessoas acima de 35 ou 40 anos no mínimo. Os jovens estão interessados em esportes modernos, olímpicos e que aparecem muito na mídia. Há também um movimento estético crescente. Nos últimos anos... 4 ou 5 anos, começaram a aparecer academias de ginástica nos moldes ocidentais. E percebo nas pessoas uma preocupação a mais nas questões do corpo, beleza, roupas e roupas de ginástica como no Brasil. Tenho na empresa algumas funcionárias que agora, se vou viajar, me pedem para trazer cremes para o corpo e roupas de ginástica. Elas fazem academia agora também. Assim, vejo que as práticas tradicionais de atividade física da China, assim como o wushu tradicional estão cedendo espaço para as novas modalidades e novas perspectivas. Acho que isso se deve ao desenvolvimento econômico que a China vive desde a abertura na década de 1980. Os esportes olímpicos também estão ganhando muita força desde as olimpíadas de 2008. O basquete, o badminton, o taekwondo e o futebol estão na moda entre os mais jovens.

Marcelo: Muito obrigado por sua contribuição para a pesquisa.

Informante 6: Por nada, estou a disposição.

INFORMANTE 7

Homem, 78 anos de idade, é um dos mestres de wushu mais antigos no Brasil. Começou a lecionar em São Paulo em 1959. É membro fundador da Federação Paulista de Kungfu e da Confederação Brasileira de Kungfu Wushu. Praticante de wushu há 73 anos.

Marcelo: Qual o seu conhecimento sobre a prática do kungfu adaptado, ou para pessoas com deficiência?

Informante 7: Não tem muito. Pouco... Muito pouco...

Marcelo: Você tem conhecimento sobre o desenvolvimento da prática do kungfu adaptado no Brasil?

Informante 7: Tem, tem aluno que ensina. Jacqueline.

Marcelo: Na China tinha pessoa com deficiência treinando?

Informante 7: Tinha, pode treinar. Antigo tinha pessoa cego... sem braço também pode. Mas professor precisa paciência para ensina.

Marcelo: Na sua opinião é possível a prática integrada do kungfu em turmas de pessoas sem e com deficiências?

Informante 7: Sim, mas eu não faz.

Marcelo: O que fazer para possibilitar o acesso à prática do wushu por pessoas com deficiência?

Informante 7: Professor precisa aceitar aluno.

Marcelo: Como fazer para que a prática do wushu adaptado seja adequada às pessoas com deficiência?

Informante 7: Professor precisa paciência, precisa achar um jeito de ensinar.

Marcelo: Quais são as pessoas e deficiências possíveis a serem incluídas na prática do wushu adaptado?

Informante 7: Pode qualquer pessoa. Precisa ver pessoa e achar jeito melhor para ensina. Tem pessoa doente, teve tumor na cabeça. Fez cirurgia e tirou. Fica cadeira de rodas, começa treinar respiração. Primeira respiração. Ele melhora, antes não podia levanta cadeira. Com tempo ele fica em pé, melhora muito. Mais contente, mais forte.

Marcelo: Mas ele treinou o quê?

Informante 7: Esse respiração.

Marcelo: Respiração?! Essa? (demonstra um pedaço). Sentado?

Informante 7: É!

Marcelo: Então adaptou o treinamento?

Informante 7: É!

Marcelo: Nossa!!! Muito bom! Obrigado pela entrevista.

Informante 7: Não tem problema.

Marcelo: O senhor quer falar mais alguma coisa?

Informante 7: Não, já tá bom.

INFORMANTE 8

Homem, 55 anos de idade é praticante de wushu desde a década de 1970, há 35 anos. Empresário e engenheiro.

Informante 8: O ciclo de formação dos professores de kungfu no Brasil é falho, não forma adequadamente os futuros professores. Os professores se formam dentro de academias que tem professores com baixa formação.

Marcelo: Qual o seu conhecimento sobre a prática do kungfu adaptado, ou para pessoas com deficiência?

Informante 8: Não tinha. Mas eu lembro de uma pessoa com paralisia que treinava. E um sem perna.

Marcelo: Você tem conhecimento sobre o desenvolvimento da prática do kungfu adaptado no Brasil?

Informante 8: Muito pouco. Tenho muito pouco conhecimento da ocorrência desses casos.

Marcelo: Caso tenha conhecimento dessa prática como ela é desenvolvida?

Informante 8: de maneira geral o ensino era igual para todo mundo. Não tinha diferença no método entre pessoas com e sem deficiência.

Marcelo: Na sua opinião é possível a prática integrada do kungfu em turmas de pessoas sem e com deficiências?

Informante 8: Sim, acho que sim.

Marcelo: O que fazer para possibilitar o acesso à prática do wushu por pessoas com deficiência?

Informante 8: Não sei não... Acho que divulgar mais essa possibilidade para aumentar a procura desse público pelo wushu.

Marcelo: Como fazer para que a prática do wushu adaptado seja adequada às pessoas com deficiência?

Informante 8: Acho que a formação de professores capacitados é a grande questão. É urgente e necessário.

Marcelo: Quais são as pessoas e deficiências possíveis a serem incluídas na prática do wushu adaptado?

Informante 8: Todas, dependendo do grau de comprometimento.

Marcelo: Então, por hoje é só. Terminamos a entrevista. Agradeço a sua participação.

Informante 8: De nada... Se precisar é só falar.

INFORMANTE 9

Homem, brasileiro, descendente de chineses, 34 anos, é professor de kungfu e praticante há 26 anos, formado em direito é empresário na cidade de Valinhos, São Paulo.

Informante 9: como estão as coisas ai? Tudo bem?

Marcelo: tudo bem por aqui. O Nereu falou que você está sumido.

Informante 9: numa correria do caramba por causa da Associação que eu criei está dando mais certo do que eu esperava. Estou em contato direto com o governo provisório tibetano e estamos conseguindo ajudar crianças órfãs refugiadas. Por isso que eu ando sumido (risos).

Marcelo: muito boa notícia.

Informante 9: mas estou indo lá treinar com o professor, ele está bem legal. Ontem fiquei com ele lá até as 1am.

Marcelo: bom

Informante 9: ô! Mas me fala da sua pesquisa do doutorado

Marcelo: então, gostaria que você me concedesse uma entrevista para a tese. Pode ser?

Informante 9: não precisava nem perguntar (risos). o que precisa de ajuda é só falar que a gente ajuda!

Marcelo: pode responder umas perguntas agora então?

Informante 9: claro!

Marcelo: você autoriza eu usar as suas respostas na minha pesquisa?

Informante 9: : ooo loko, Antunes, nem precisa perguntar isso meu! logico!

Marcelo: então vamos lá. Cidade e estado de residência/trabalho.

Idade. Gênero (sexo). Tempo de Prática no kungfu. Formação acadêmica.

Informante 9: Valinhos, aluguel, empresário, 34 anos. Masculino. 26 anos. Direito.

Marcelo: Qual o seu conhecimento sobre a prática do kungfu adaptado? Ou seja, para deficientes?

Informante 9: Tenho acompanhado algumas matérias na internet sobre o desenvolvimento dessa modalidade dentro do kungfu. É pra colocar a minha opinião ou só pra falar estritamente o que a pergunta pede?

Marcelo: fale que quiser sobre o tema.

Informante 9: Penso que seja uma modalidade nova dentro do kungfu que vai beneficiar os deficientes da mesma maneira que o judô paraolímpico beneficia aqueles que participam dessa modalidade.

O desenvolvimento da concentração, da força de vontade, da determinação, e assim por diante, não estão restritos apenas às pessoas não são deficientes. Os valores a serem desenvolvidos por essa modalidade podem ser desenvolvidos em todos os seres humanos, sem exceção, com grandes resultados, a curto, médio e longo prazo, afetando a qualidade de vida dos praticantes para melhor.

Informante 9: A partir dos valores de vida cultivados no treinamento do kungfu para deficientes é possível melhorar a qualidade de vida - tanto psicológica como física - dos participantes, é o que indica as leituras que tenho feito na internet.

Marcelo: Você tem conhecimento sobre o desenvolvimento da prática do kungfu adaptado no Brasil?

Informante 9: Através de conversar com o professor Nereu Graballos e com o professor Marcelo Antunes, fiquei sabendo da possibilidade dessa prática a alguns anos atrás e, a partir dai, gerei um certo interesse sobre o assunto. Parece haver uma turma na Unicamp, é o que eu sei a respeito.

Marcelo: Na sua opinião é possível a prática integrada do kungfu em turmas de pessoas sem e com deficiências?

Informante 9: Penso que depende do tipo de deficiência. Por exemplo, se for deficiente visual haverá uma maior dificuldade de interação com as pessoas, etc. Mas se for deficiente auditivo, não.

Então, penso que dependerá do professor fazer a análise a formar a turma de acordo com as capacidades de cada um. A não ser que a turma fosse feita especialmente e unicamente para um tipo de específico de deficiência, o que facilitaria o planejamento e a adaptação das rotinas, dos exercícios, e assim por diante.

Então, a partir do planejamento e estruturação, seria possível a análise da integração de pessoas com e sem deficiência

Marcelo: O que fazer para possibilitar o acesso à prática do wushu por pessoas com deficiência?

Informante 9: que perguntinha fácil, hein???

Marcelo: Risos.

Informante 9: Como ainda é uma prática nova, então, parece ser importante o início nas faculdades de educação física do país. A partir do desenvolvimento de observações, pesquisas, e demais produções acadêmicas, seria possível, o investimento do governo com parcerias privadas, de maneira a divulgar a modalidade e seus benefícios já comprovados em meio acadêmico-científico.

Também o poder legislativo poderia ser envolvido nesse processo, através de leis que beneficiassem tributariamente os empresários que investissem nesse campo, de maneira a existirem incentivos fiscais para a divulgação, desenvolvimento e manutenção da prática, nos centros esportivos regionais, estaduais e federais.

Como se trata de deficientes físicos seria possível propor parcerias desde o início entre as faculdades públicas e os times de futebol, onde está a principal renda esportiva particular, afinal, a ajuda humanitária é sempre uma excelente forma de propaganda e divulgação.

Em outras palavras, os times de futebol e seus respectivos clubes poderiam ceder espaço para essa prática, e isso poderia divulgar a prática ainda mais.

Marcelo: mas não estamos falando apenas de deficientes físicos. Incluímos aí os visuais, auditivos e intelectuais.

Informante 9: ok, (risos) eu achava que era tudo a mesma coisa (risos).

Marcelo: não.

Informante 9: legal! Aprendi algo novo!

Marcelo: são condições muito diferentes.

Informante 9: beleza!

Marcelo: 11. Como fazer para que a prática do wushu adaptado seja adequada às pessoas com deficiência?

Informante 9: mas em relação a pergunta 10, por favor incluía as demais categorias que você me ensinou agora

Marcelo: ok

Informante 9: É preciso verificar as diversas condições de deficiência física, a intelectual, a auditiva e as visuais. Dependendo de cada uma delas, é preciso fazer um planejamento das atividades que melhor se adaptam a cada um deles, e quais os valores ou capacidades estão em foco no desenvolvimento requerido. Cara, cada pergunta cabeluda, pelo amor de deus!

Marcelo: Risos. Então a última. Quais são as pessoas e deficiências possíveis a serem incluídas na prática do wushu adaptado?

Informante 9: Não entendi bem a pergunta, pessoas e deficiências? Ou pessoas deficientes?

Como é que se separa a pessoa da deficiência neste caso? Além disso, as categorias de deficiência são só essas quatro que você me deu - auditiva, visual, física e intelectual? Ok, eu sei que parece óbvia a resposta a essa última, mas só por via das dúvidas.

Marcelo: são pessoas com deficiência, mas na verdade é que se é possível uma pessoa deficiente praticar wushu, e quais deficiências poderiam ser incluídas nessa prática?

Informante 9: ok, vamos lá. Mais uma fácil (risos).

Em linhas gerais, parece ser possível que qualquer pessoa deficiente pratique wushu. Claro que sempre haverá exceções na dependência do grau ou intensidade que deficiência existente afete a pessoa.

Penso que o principal obstáculo seria em relação de deficiência física que afete demais a coordenação motora. Ou a habilidade de locomoção independente ou própria da pessoa. Porém, a deficiência intelectual também poderia ser um obstáculo em dependência do quanto o intelecto da pessoa é afetada. Enfim, não é preciso apontar o óbvio para um observador científico verificar por si mesmo e adaptar, penso.

Marcelo: então se adaptar a prática e os métodos de ensino poder-se-ia ensinar o wushu para qualquer deficiente, desde que observadas as limitações do indivíduo?

Informante 9: Penso que sim. As pessoas deficientes podem se beneficiar, e muito, por praticarem wushu. Todo o conteúdo milenar da filosofia e fisiologia da cultura chinesa, de certa maneira, estão presentes dentro do wushu (entendido como a expressão da cultura e arte marcial chinesa como um todo), em suas diversas dimensões - desde o desenvolvimento do caráter virtuoso do indivíduo, passando pelo desenvolvimento das habilidades de coordenação motora, das qualidades da fisiologia do exercício e seus benefícios, chegando ao aumento de qualidade de vida, por meio da saúde e longevidade.

Marcelo: você acha que essa possibilidade de prática seria possível há 50 anos? Ou mesmo na China antes da revolução de 1949?

Informante 9: Marcelo, o grau de complexidade dessa pergunta é elevado pra caralho! Vou tomar vários cafés depois ! rrsrrsrs

Marcelo: (Risos) Estou explorando você um pouco, pois é raro poder conversar com pares no meio do kungfu.

Informante 9: Penso que seria completamente impossível. A falta de infraestrutura chinesa determinado pela má administração centenária na dinastia Qing me leva a acreditar que os centros de artes marciais não seriam desenvolvidos o suficiente para conseguirem algo assim. Somente pelo desenvolvimento do método científico, inaugurado ao longo da história do pensamento científico europeu, chegando ao Renascimento, e indo além, até a nossa ciência contemporânea, é que se torna possível algo tão complexo como o acompanhamento de pessoas deficientes dentro do contexto do wushu. Embora eu não tenha conhecimento de nenhum trabalho nesse sentido escrito na literatura chinesa histórica, mas considerando que por influencia da religiosidade - budismo, taoísmo, etc. na China durante milênios, não seria destituído de razão acreditar que trabalhos com deficientes dentro do wushu não tenham acontecido. Infelizmente, os resultados, pelo menos até onde conheço, não foram publicados para que seja possível uma fundamentação histórica documental da existência da prática de deficientes e seus resultados.

Em outras palavras, deve ter havido algo, mas nem de longe tão eficiente quanto é possível hoje. Esse algo sendo pontual e esporádico e restrito a famílias.

Marcelo: ok. Obrigado pela sua inestimável contribuição.

Marcelo: depois gostaria de conhecer o trabalho que está desenvolvendo com os tibetanos.

Informante 9: Eu quer agradeço pela oportunidade de contribuir com essa inestimável iniciativa para todos os deficientes! Fico muito feliz e orgulhoso de ter um amigo como você, que esteja tomando essa linha de trabalho, e colocando a sua energia de vida nisso! Muito legal mesmo! Desejo muito sucesso em todo esse projeto, para você e para todas as pessoas envolvidas!

INFORMANTE 10

Mulher, 51 anos, professora de wushu formada na escola do Grão-mestre Chan Kowk Wai. Leciona há mais de 20 anos e desenvolve um trabalho com deficientes visuais na cidade, patrocinada pelo Banco do Estado de Santa Catarina há 13 anos.

Marcelo: Você desenvolve um trabalho com deficientes visuais há 13 anos?

Informante 10: Isso, este ano fazem 13 anos desse trabalho. No início fui perguntar ao mestre Chan se podia começar esse trabalho e se ele poderia me ajudar. Ele respondeu que ele não tinha experiência nisso, nunca havia ensinado para uma pessoa com deficiência, mas que eu teria condições de realizar esse trabalho. E isso me deixou livre para que eu produzisse o material para esse processo. E foi assim que eu comecei. Primeiro eu observei a demanda, a partir da demanda eu comecei a criar o método. Depois da criação do método, eu fui aplicar, experimentalmente. Depois que eu vi o resultado do experimento é que fui aplicar em toda a turma. No início eu trabalhei com três indivíduos, mas fui desenvolvendo o método a partir da demanda deles. A demanda que era a questão da ansiedade, do colocar o pé firme no chão, do andar com a bengala, do andar trêmulo, que era o que eles me demandavam. Hoje a demanda já é outra, mas naquela época foi o primeiro obstáculo que eles me relataram. E isso foi que me fez desenvolver o método, mas eu não tinha onde pesquisar. Então eu acabei desenvolvendo um método próprio de ensinar.

Marcelo: E você tem conhecimento de outros trabalhos com deficiente aqui no Brasil, assim como o seu?

Informante 10: Assim como o meu trabalho não conheço, mas eu sei que tem colegas que trabalham com um deficiente, não mais de um.

Marcelo: Qual a deficiência?

Informante 10: Cegueira também.

Marcelo: De onde?

Informante 10: São Paulo.

Marcelo: Fora esse tem algum outro?

Informante 10: não conheço.

Marcelo: Na sua opinião é possível a prática integrada do kungfu em turmas de pessoas sem e com deficiências?

Informante 10: Eu acho que pode ser feito de maneira... para socializar. Nesse caso os videntes serviriam de apoio, para estabelecer relações entre quem enxerga e quem não enxerga. Mas metodologicamente, eu não vejo consigo achar um meio, porque... o que acontece... o que eu uso é o silêncio do ambiente, então as pessoas... o mínimo de conversa ou de ação, já distrai. Então eu uso a oralidade e o toque para fazer esse trabalho. Então se eu usar uma turma mista, pode ser que seja uma festa, não seja um trabalho propriamente dito. Pode ser um meio de você confraternizar. O que eu acho bem importante. Eu acho que esse trabalho, é um trabalho de inclusão, de inclusão do deficiente, mas em termos metodológicos é difícil de fazer esse trabalho. Gostaria de experimentar mais vezes, mas as experiências que fiz não foram muito proveitosas.

Marcelo: O que fazer para possibilitar o acesso à prática do wushu por pessoas com deficiência?

Informante 10: Em primeiro lugar divulgação. Divulgação de que se pode fazer e dos benefícios alcançados. Uma vez que essa divulgação é feita, por exemplo, esse trabalho que comecei há 13 anos, eles não sabiam o que era China, onde ficava, em que continente era, muito menos que existia uma luta chinesa ou uma ginástica chinesa. Então eu introduzi essas pessoas, em primeiro lugar na cultura chinesa, mas isso foi sendo feito paulatinamente. Eu penso que a divulgação da

cultura chinesa, da arte marcial chinesa e em seguida do wushu adaptado, mais pessoas seriam atingidas, o trabalho poderia ter acesso a mais pessoas.

Marcelo: Como fazer para que a prática do wushu adaptado seja adequada às pessoas com deficiência?

Informante 10: Primeiro formação profissional. Para que eu começasse esse trabalho eu tive que pesquisar e fazer todo o meu caminho sozinha. Eu penso que se tivesse mais colegas, outras pessoas que tralhassem com isso para conversar, mais materiais para pesquisar, pesquisas científicas mesmo, talvez o meu trabalho pudesse ser melhor. Poder beber da fonte, poder consultar materiais e colegas que também trabalham com isso. Uma formação adequada, saber trabalhar com esses sujeitos, ... capacitar os profissionais, fazer formação de base, acho que seria por aí. Essa é a minha resposta para essa pergunta.

Marcelo: Quais são as pessoas e deficiências possíveis a serem incluídas na prática do wushu adaptado?

Informante 10: Eu não vejo separação. Que não haja pessoas que não possam ser incluídas. Toda e qualquer pessoa que se ache... por exemplo, se tiver um comprometimento sério, que a pessoa não possa se manter erguida, ou em uma cadeira de rodas, que ela não tenha cognição, mesmo assim eu acho que se pode fazer um trabalho respiratório com essa pessoa, uma ginástica terapêutica, no qual o wushu adaptada se encaixaria perfeitamente. Eu não vejo que haja obstáculo para qualquer pessoa, pessoa com deficiência, acho que toda ela pode participar. Mas tem que estudar todo o mecanismo para que se adapte aquele processo.

Marcelo: Ok, muito obrigado, é isso.

INFORMANTE 11

Homem, 38 anos de idade, praticante de wushu há 23 anos. Professor de educação física, bacharel em Treinamento Esportivo e professor de wushu. Empresário, leciona wushu há 20 anos.

Marcelo: Qual o seu conhecimento sobre a prática do kungfu adaptado?

Informante 11: Disciplinas e práticas oferecidas pela FEF UNICAMP em seu currículo de graduação.

Desde 1992, quando comecei a atuar como auxiliar de instrução, tenho convivido e ensinado amigos e alunos portadores de deficiências.

Marcelo: Você tem conhecimento sobre o desenvolvimento da prática do kungfu adaptado no Brasil?

Informante 11: Sim, tanto nas escolas que frequentei, quanto em minha academia temos alunos portadores de deficiências.

Além disso, nos intercâmbios que realizei com outras escolas (campeonatos, treinos, demonstrações, etc) presencio ou tomo conhecimento de pessoas que possuem algum tipo de deficiência e praticam kungfu.

Marcelo: Caso tenha conhecimento dessa prática como ela é desenvolvida?

Informante 11: Separei minhas experiências em quatro categorias: Visual, Auditiva, Motora e Mental/Intelectual:

Deficiência visual

A primeira lembrança vem dos relatos que meu primeiro professor, Pedro Luiz Barbosa, fazia de suas aulas particulares para uma aluna cega. Na época, estava começando a dar aulas e estes relatos me ensinaram muito.

Por dois anos tivemos um aluno em nossa academia treinando em aulas particulares, eu dei algumas aulas e acompanhei seu desenvolvimento.

Além disso, temos alguns alunos com deficiências parciais de visão, que encontram limitações ao realizarem atividades sem óculos ou lentes de contato.

Deficiência Auditiva

Lembro de uma colega de treino, surda de um ouvido, treinava muito bem. Mas, ao participar de uma competição de luta, frustrou-se ao ser penalizada por não ouvir o apito do árbitro. O problema foi solucionado pelo mestre da academia, que capacitou o arbitro a tocá-la sempre que necessário a interrupção.

Temos casos semelhantes em nossa academia, na qual, conhecendo a deficiência auditiva do aluno, temos que passar as instruções em som mais alto ou do lado capacitado a ouvir.

Atualmente, temos um aluno com surdez total, que treina em conjunto com todos os alunos, passamos as informações por gestos ou de frente, de modo a facilitar sua leitura labial.

Também conheço um lutador surdo de Limeira – SP, campeão paulista.

Deficiência Motora

Lembro de alguns alunos que treinavam normalmente conosco. Os treinos acontecem mediante autorização e acompanhamento médico. No caso de menores de idade, fazemos entrevistas com os pais para conhecer melhor suas necessidades: Lembro de casos: espinha bífida, hemiplegia, má formação congênita e paresia.

Também alunos com limitações motoras decorridas de acidentes e lesões por esforço repetitivo (LER).

Lembro de mais dois casos:

Um lutador amputado do Acre participar do campeonato brasileiro.

O *International Chinese Martial Arts Championship 1997* do Mestre Tat-Mau Wong com uma categoria especial para deficientes físicos.

Deficiência Mental/Intelectual

Temos alunos limítrofes, com idade mental atrasada, que treinam normalmente com outros alunos. Tomamos cuidados em relação à didática de ensino, como linguagem adaptada sua idade mental. Também casos de autismo e hiperatividade.

Marcelo: Na sua opinião é possível a prática integrada do kungfu em turmas de pessoas sem e com deficiências?

Informante 11: Sim, desde que as práticas adaptadas que não coloquem em risco a segurança dos alunos.

Marcelo: O que fazer para possibilitar o acesso à prática do wushu por pessoas com deficiência?

Informante 11: Colaboração da família para conhecer melhor suas individualidades

Parceria com seu médico solicitando autorização e acompanhamento

Competência do professor, no sentido de possuir o conhecimento das limitações e capacidade para fazer as adaptações quando necessário. Sempre primando pela segurança e o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo dos alunos.

Marcelo: Como fazer para que a prática do wushu adaptado seja adequada às pessoas com deficiência?

Informante 11: Apoio da família, supervisão médica e orientação de um professor competente.

Marcelo: Quais são as pessoas e deficiências possíveis a serem incluídas na prática do wushu adaptado?

Informante 11: O wushu pode ser praticado por pessoas com deficiências visuais, motoras, auditivas e intelectuais, desde que com o apoio da família, autorização e acompanhamento médico e com um professor competente.

INFORMANTE 12

Homem, 38 anos de idade, praticante de wushu há 20 anos, Engenheiro Civil, pós-graduado em Geotécnica. É professor e leciona wushu há 12 anos.

Marcelo: Oi!

Informante 12: Oi Marcelo. tudo joia?

Marcelo: beleza. estou terminando as entrevistas para minha tese. Você pode participar?

Informante 12: posso sim. como você quer fazer?

Marcelo: por aqui mesmo. Se tiver tempo agora para responder algumas perguntas será ótimo.

Informante 12: ok

Marcelo: podemos começar então?

Informante 12: claro

Marcelo: então vamos lá. Idade, Tempo de Prática no kungfu, Formação.

Informante 12: Idade: 38. Tempo de Pratica: 20 anos Formação: Graduado em Engenharia Civil, Pós Graduado em Geotecnia (Lato Sensu). Professor Diplomado em Shaolin Norte, Shuaijiao e Sanshou

Marcelo: Qual o seu conhecimento sobre a prática do kungfu adaptado, ou para pessoas com deficiência?

Informante 12: Eu particularmente nunca dei aulas para pessoas com alguma deficiência, mas tenho colegas que já ensinaram kung fu tradicional para cadeirantes e pessoas com deficiência locomotora. Além disso, já soube de atletas deficientes que competiram em campeonatos nacionais tanto em luta quanto em rotinas.

Marcelo: quem foram os seus colegas que ensinaram para deficientes?

Informante 12: Um deles foi o Tiago Borges, também professor de Shaolin Norte, que ensinou algumas formas adaptadas além de aplicações na associação dos paraplégicos em Belo Horizonte. O outro se chama Leonardo Alexandre, e se não me engano, ensinou para aluno com deficiência locomotora. Em ambos os casos foram feitas as devidas adaptações nas formas, conforme a deficiência do aluno.

Me lembro de ter visto este aluno cadeirante realizando o 1º kati do estilo shaolin Norte (Lim Po Kim), e o mesmo realizava os movimentos de mãos, e ia movimentando a cadeira, seguindo a diagramação da forma

Marcelo: pode me passar o contato deles se você tiver?

Informante 12: sim.

Marcelo: ok. Vamos a outra pergunta. Na sua opinião é possível a prática integrada do kungfu em turmas de pessoas sem e com deficiências?

Informante 12: Acredito que sim, mas depende muito da experiência do professor. Acho inclusive que é um estímulo interessante para o deficiente, podendo ser benéfico para sua deficiência. Lembro de ter visto na sua aula no Rio um aluno com deficiência treinando junto com os demais, e me pareceu bem adaptado, mas não sei falar das dificuldades de ensino.

Marcelo: O que fazer para possibilitar o acesso à prática do wushu por pessoas com deficiência?

Informante 12: Acredito que uma boa maneira seria fazendo parcerias com instituições especializadas em determinadas deficiências, colocando o wushu como uma atividade complementar entre tantas outras que já são utilizadas nestas instituições. Se fizermos um paralelo com outras artes marciais como, por exemplo, o Judô, vemos que as artes marciais podem trazer muitos benefícios a pessoas com algum tipo de deficiência, principalmente no que se refere à auto estima.

Marcelo: Como fazer para que a prática do wushu adaptado seja adequada às pessoas com deficiência?

Informante 12: Acho que primeiramente capacitando professores de wushu, para que tenham condições de atender alunos com necessidades especiais. A partir de tal capacitação, deveria ser feito um trabalho de adaptação de cada modalidade dentro do wu shu para cada tipo de deficiência (deficiência motora, deficiência visual, auditiva, etc.). Inclusive para entender quais tipos de modalidades seriam indicadas para cada tipo de deficiência, daí um diferencial do wushu. Como o mesmo é muito diversificado, pode atender a diversos tipos de deficiências. Como exemplo, um cadeirante pode treinar rotinas adaptadas, enquanto um deficiente visual pode treinar Shuaijiao.

Marcelo: Quais são as pessoas e deficiências possíveis a serem incluídas na prática do wushu adaptado?

Informante 12: Acredito que quase todas as pessoas e tipos de deficiência, dependendo mais da capacitação do professor para lidar com aquele tipo de deficiência, e realizada a devida adaptação à modalidade.

Marcelo: ok, muito obrigado por sua colaboração.

Informante 12: ok. Precisando é só falar

INFORMANTE 13

Homem, 37 anos, é professor de educação física com experiência de 25 anos de prática, sendo 15 de ensino do wushu.

Marcelo: Qual o seu conhecimento sobre a prática do kungfu adaptado, ou para pessoas com deficiência?

Informante 13: Pouca informação. Na faculdade tivemos algumas noções gerais sobre atividade física adaptada, sendo possível aplicar esses conhecimentos dentro das práticas marciais.

- Outro contato com esse tipo de modalidade se deu no International Chinese Martial Arts Championship 1997 - San Francisco - CA - USA, quando pela primeira vez vi um cadeirante realizando uma "forma" de espada reta e demonstrações de defesa pessoal numa categoria especial.

Marcelo: Você tem conhecimento sobre o desenvolvimento da prática do kungfu adaptado no Brasil?

Informante 13: Infelizmente nunca ouvi nada a respeito, a não ser em casos isolados, como professores que adaptam suas atividades e técnicas para alunos que apresentam problemas motores ou neurológicos.

Marcelo: Caso tenha conhecimento dessa prática como ela é desenvolvida?

Informante 13: Como disse, no caso da adaptação de um conteúdo técnico a uma pessoa com algum tipo de limitação física, não necessariamente deficiência física, como evitar saltos para alunos com problemas articulares, ou luta para alunos com histórico de lesões.

Marcelo: Na sua opinião é possível a prática integrada do kungfu em turmas de pessoas sem e com deficiências?

Informante 13: Penso que sim, desde que sejam respeitados os objetivos e as capacidades dos praticantes, oferecendo-se exercícios diversificados para cada aluno ou grupo, de acordo com suas necessidades. Por exemplo, certa vez, um aluno com uma perna amputada me procurou, dizendo que, embora pratique basquete adaptado, gostaria de praticar uma arte marcial, nesse caso o kickboxing. Expliquei para ele que poderia realizar as aulas com o restante da turma, mas que ao invés de praticar a parte dos chutes realizaria exercícios mais dirigidos aos membros superiores, a exemplo do boxe.

Marcelo: O que fazer para possibilitar o acesso à prática do wushu por pessoas com deficiência?

Informante 13: Bem, primeiramente há que se realizar algum tipo de divulgação específica, talvez junto a órgãos que assistem esse público, e, em seguida conscientizar professores e alunos sobre as possibilidades de trabalho e, dependendo do caso, preparar os professores para trabalhar variações específicas para cada tipo de deficiência.

Marcelo: Como fazer para que a prática do wushu adaptado seja adequada às pessoas com deficiência?

Informante 13: Pensando no nível das academias, conscientizar professores e alunos sobre as possibilidades de adaptações na forma de trabalho.

- Já num cenário esportivo, talvez fosse interessante sistematizar modalidades de acordo com deficiência, por exemplo: formas especiais para cadeirantes, formas para amputados ou com paralisia de membros superiores, formas para atletas com deficiência visual, e luta para atletas amputados ou com paralisia de membros superiores. Embora não tenha visto, já ouvi uma história de um lutador sem um dos braços que lutava de igual para igual com seus competidores, conquistando muitas vezes vitórias dentro dos ringues.

Marcelo: Quais são as pessoas e deficiências possíveis a serem incluídas na prática do wushu

adaptado?

Informante 13: Bem, já é comum "adaptar" o wushu às crianças e idosos, promovendo sua inclusão no esporte, a despeito de suas limitações físicas...

- Quanto à prática das modalidades do wushu, penso que seria possível pensar em adaptações para deficientes visuais, para indivíduos amputados ou com paralisia de membros superiores, para cadeirantes (amputados ou não), para pessoas com deficiências motoras (como sequelas de paralisia infantil e outras), etc.

Marcelo: Obrigado pela entrevista.

Informante 13: Por nada, pode contar comigo se precisar de mais algo para pesquisa.

INFORMANTE 14

Homem, 67 anos, engenheiro, treina wushu há 40 anos. Treinou com os dois mestres chineses mais antigos do Brasil. Leciona wushu há 30 anos.

Marcelo: Oi!

Informante 14: Oi Marcelo!

Marcelo: como você está?

Informante 14: dentro do possível, bem. E você, já aqui em campinas?

Marcelo: (risos) Ainda não. Só de 15 em 15 dias para coisas do doutorado.

Informante 14: e como vai a tese?

Marcelo: na reta final. Já passei pela fase de qualificação e agora já marcaram a defesa.

Informante 14: Parabéns!

Marcelo: obrigado. Estou fechando as entrevistas. Faltam poucas para fechar tudo e começar a escrever o texto final.

Informante 14: legal

Marcelo: Em falando em entrevistas seria possível terminarmos a nossa com você respondendo agora perguntas específicas?

Informante 14: sim, mas nesse exato minuto, estou no outro telefone. Se você me der 15 minutos.

Marcelo: claro que sim. Quando se liberar é só falar.

Informante 14: Marcelo. Estou liberado.

Marcelo: ok. Estou aqui! Podemos começar?

Informante 14: sim

Marcelo: Cidade e estado de residência e trabalho? Idade? Tempo de Prática no kungfu? Formação?

Informante 14: São Paulo, idade 67 anos, fiz engenharia. Uma dúvida: o tempo de kung fu... inclui tudo o que fiz ou faço?

Marcelo: sim.

Informante 14: karatê, etc?

Marcelo: não, só kungfu.

Informante 14: treinei cerca de 4 ou 5 anos com o professor Chang..(interrompi voltei ao karatê shotokai. por uns 6 anos...nos ultimos 2, treinei simultaneamente taichi. treinei taichi desde então, até hoje deixe-me ver. desde 1968 (o taichi - a confirmar), tenho como registro de datas apenas as fotos. terei que vê-las nas fotos com o professor Chang que te enviei uma vez, ainda estou com o cabelo curto...havia ingressado na universidade o que significa que tinha uns 18 anos e treinava há mais de 1 ano com ele.

Marcelo: eu imprimir aquelas fotos e dei para o mestre Chan. Ele ficou muito contente, eu diria emocionado até.

Informante 14: em 70 eu ainda treinava simultaneamente o karate e o taichi. Daí, reconhecendo o antagonismo (naquela fase) das duas práticas, abandonei o karatê.

Marcelo: entendo. Vamos então para a próxima pergunta.

Informante 14: hoje, treino novamente um ou dois katas (katis) do karatê, o taichi, mas já numa linha mais livre, como o proposta pela Gabrielle Roth minha linha de treino hoje é compreender o que comanda o movimento essa " força" à qual deveríamos nos entregar e deixar que ela se encarregue da ação recentemente, tive oportunidade de ver, em DVDs um dos mais hábeis esgrimistas da atualidade, do Japão ele executava uma performance tipo Iai-Dô e para mim era

claro que a saída (o kamaete), o movimento inicial da sequencia era ordenado pela cabeça dele. E não por essa força que deveria fluir através dele desculpe-me. Desvio-me da sua linha de perguntas

Marcelo: (risos) Não tem problema, pois as suas perspectivas são reflexivas o suficiente para mobilizar as minhas. Então vamos com a próxima pergunta.

Qual o seu conhecimento sobre a prática do kungfu por pessoas com deficiência?

Deficiência intelectual, visual, física ou auditiva.

Informante 14: meu conhecimento é pequeno. Já tive contato (treinei com alguns). Se ele consegue interiorizar a prática e utilizar o corpo, apesar das dificuldades muito maiores para tocar essas energias interiores o desafio "sopra" a favor. Nenhum, mas nenhum mesmo dos praticantes que vi que tinham extraordinária facilidade física para a prática persistiu muito tempo nela. Todos desistiram.

Me parece que nesse início, essa superação te leva a "tocar" algo que, se fosse muito fácil, você não acessa...é curioso, mas a dificuldade faz parte da alquimia do processo. Como o objetivo é uma superação, ir além dos limites e transcender a parte física primária... Eu creio que essa experiência, conduzida por você poderia levar a conclusões muito interessantes.

Marcelo: A que você atribui essa desistência?

Informante 14: ao fato de que, ao tentar superar as limitações do "invólucro", o esforço necessário deve produzir substâncias ou elementos intangíveis que me despertam para essa dependência dele. Aqueles que têm essa facilidade e flexibilidade, não passam por esse "amálgama". É muito mais fácil ficar no deslumbramento da forma e isso cansa, mas tudo se acaba se ele tiver que fazer algo que exija um espírito de luta e estiver com dor de dente na fase inicial do treinamento, a dificuldade física, independente se limitada por problemas outros, como uma deficiência, te leva a conhecer essa relação nossa com o nosso corpo a forma como ele nos limita e a nos perguntar o que sou eu e onde estou localizado. Na cabeça? Nos olhos? Na barriga? Onde é o centro, existe um único ou ele se altera a cada momento, a cada reação minha?

Creio que essas perguntas, que de certa forma podem nos encaminhar para algo maior no kungfu, deixam de ser feitas quando você se deslumbra com a performance de certa forma, somos todos deficientes perante o desafio da proposta maravilhar-se com a facilidade com que você executa os movimentos, te prende no nível mais primário do caminho é melhor ir "faturar algum" na ópera chinesa ou no *cirque du soleil*. Não é essa a proposta, no meu entender.

A dificuldade do treinamento físico nos leva a compreender melhor as energias que nos comandam e, talvez, depois, "elegermos" as que queremos que nos acionem dessa forma, algumas deficiências poderiam, talvez, ser encaradas como uma "ajuda" e não um impedimento para a prática... Buscar transformar a desvantagem em vantagem, tratando de reconhecer como o corpo compensou isso, pois certamente, ele se fortaleceu em outro ponto.

Marcelo: Como fazer para que a prática do kungfu seja adequada às pessoas com deficiência?

Informante 14: imagino que se teria que estudar caso a caso, pois podem haver algumas, sobretudo de natureza cerebral que poderiam ser até mesmo impeditiva para um treinamento ortodoxo. O seu desafio será flexibilizar a prática e adotar um treinamento "customizado" de certa forma, trilhar o caminho inverso. Como você já tem enorme experiência é mais fácil visualizar isso caso a caso. Há que ser intuitivo e colocar em prática tudo o que se aprendeu no *toisao*. Tem que ser algo de coração para coração... Um entendimento sem ruídos, da necessidade do outro e para isso, você terá que se livrar de qualquer vestígio de ortodoxia, na minha maneira de ver quanto maior o grau da deficiência, mais mescladas estarão as energias dentro dele se há uma dificuldade de locomoção, por exemplo, para onde essa energia que normalmente seria usada para isso é canalizada? E como é liberada? Como ela afeta a parte emocional, etc.

Creio que usar a prática para proporcionar esse equilíbrio interior, balanceando as energias geradas para uso motor, emocional, sexual, intelectual, vai depender de uma profunda interatividade com o praticante, caso a caso

Marcelo: Quais são as pessoas e deficiências possíveis a serem incluídas na prática do wushu adaptado? Ou melhor, no kungfu adaptado?

Informante 14: Eu modificaria a pergunta: quais os tipos de deficiência com as quais você se sente capacitado para lidar? Certamente, as condições do mundo interior de um cego e suas necessidades são diferentes das de um tetraplégico. O "reator" interior de cada um funciona com energias diferentes. Você não irá usar a prática para formar "lutadores". Eles já são lutadores melhores que eu e você. Você vai tratar de criar harmonias internas. Eu acho que, embora você vá usar o "guarda chuva" kungfu a única coisa a que você deve se ater é ao significado dessa palavra. O restante, será ditado pela sua intuição, caso a caso, como te disse. Essa seria a minha opinião

Marcelo: mais alguma coisa sobre esse tema que você gostaria de acrescentar?

Informante 14: sim. Você está próximo de entender (ou lidar) com o verdadeiro *toisao* e praticar o boxe da sombra. Te admiro e invejo. É uma oportunidade real, no trato com cada futuro praticante desses, de você desistir de você mesmo e esvaziar-se para entendê-lo. Como o conceito de luta, no sentido físico deixará de ter sentido, creio que, na maioria das vezes, prevalecerá o desafio de se tornar cada um desses alunos. É claro que isso valeria também para alunos sem deficiências, mas aí, como é mais fácil "massificar" o treino, essas coisas ficam camufladas. No caso tratado, não há como camuflar.

Marcelo: obrigado pela entrevista e pelos elogios. Mas acho que estou muito longe disso. Apenas vejo a possibilidade de beneficiar pessoas que normalmente não são olhadas de forma atenciosa.

Mas agradeço muito as suas palavras.

Informante 14: será um grande desafio e dependendo de como você responder à ele, te levará direto às portas do inferno (no sentido legal da metáfora).

Você vai ter que deixar de ser você se tornar cada um deles para ajudá-los a vida é maior que o treino. Quando a gente está treinando, a gente inverte essa relação. Agora, de novo, a vida vai ser maior que o treino para voce. Não é esse o caminho do guerreiro?

Marcelo: o caminho do guerreiro é a própria vida.

Informante 14: é o que estou afirmando

Marcelo: o treino é só para lembrarmos da conduta que devemos ter frente à vida. E a morte.

Informante 14: Sucesso! Me conte sobre essas futuras experiências, pois me interessam muito.

Marcelo: ok, combinado. Obrigado mais uma vez.

Informante 14: abraços. Obrigado

Marcelo: abraços.

INFORMANTE 15

Homem, 34 anos de idade, tem graduação em educação física, mestrado em filosofia, é praticante de wushu há mais de 22 anos, foi diretor da Federação de kungfu wushu do estado de Minas Gerais. Atualmente leciona em uma universidade na cidade de Belo Horizonte.

Marcelo: Você pode me conceder uma entrevista para a minha tese de doutorado?

Informante 15: Claro.

Marcelo: Posso gravar a entrevista?

Informante 15: Claro que sim. Estou pronto.

Marcelo: beleza. Lá vai primeira pergunta:

Cidade e estado de residência/trabalho? Idade? Tempo de Prática no kungfu? Formação?

Informante 15: Belo Horizonte/MG - professor universitário/ Educação Física, 34 anos. 22 anos de prática do Kung-Fu. Licenciado e Bacharel em Educação Física, especialista e mestre em Filosofia. ok?

Marcelo: ok. Próxima.

Qual o seu conhecimento sobre a prática do kungfu adaptado, ou para pessoas com deficiência?

Informante 15: Não tenho informações atuais sobre a prática de Kung-Fu para pessoas com deficiência. Também não sei dizer se existe uma história a respeito de experiências passadas. Isso inclui também o desconhecimento sobre estudos técnicos e científicos específicos...

Marcelo: outra: Na sua opinião é possível a prática integrada do kungfu em turmas de pessoas sem e com deficiências?

Informante 15: Que não podem ser suprimidas mediante um planejamento único. O planejamento das aulas deverá levar em consideração as necessidades específicas.

Marcelo: Quais são as pessoas e deficiências possíveis a serem incluídas na prática do wushu adaptado?

Informante 15: Para todos os casos o que está em jogo primeiramente é a capacitação do professor em relação ao diálogo com os alunos.

Marcelo: E você, já teve experiência de ensino do wushu com alunos com deficiência?

Informante 15: Sim, fui professor de um aluno que não tinha movimento dos MMII. Ele utilizava cadeira de rodas e os movimentos dos MMSS, troco, cabeça estavam preservados.

Marcelo: como foi? O que ensinou? Qual foi a estratégia?

Informante 15: Isso foi uns anos atrás. Trabalhei com ele na Associação Mineira de Paraplégicos (não sei a condição atual da associação). Ele me procurou a partir do contato com o meu professor de Kung-Fu (Fanthun) que na época, estava começando um trabalho na referida associação.

O aluno gosta muito de artes marciais. Foi o primeiro ponto importante.

Primeiramente, foi uma experiência agradável, nova e enriquecedora.

Fiz um tipo de entrevista preliminar com ele para saber um pouco da história e das condições dele. Também conversei com os pais, embora já fosse adulto.

Ele tinha já um histórico com outras modalidades, se não me engano com o boxe e caratê.

Conversamos e definimos que iríamos direcionar as aulas para a dimensão da defesa pessoal, mas também faríamos experiências com formas adaptadas - Katis.

Retirei ou reinterpretei técnicas presentes no Kung-Fu tradicional, nos Katis, para as movimentações dos braços e um pouco do tronco e cabeça. As técnicas foram pensadas a partir de ataques que ele poderia sofrer vindos de cima para baixo, pelos lados, pela frente (diretamente

no rosto), etc...

Exercícios tradicionais chineses de respiração também puderam ser aproveitados.

Fizemos a experiência de reestruturar o primeiro kati para a movimentação com a cadeira. Se me lembro bem, ele executava inclusive com variação do lados. Os movimentos dos braços alternavam com giros da cadeira.

Além disso, pensamos em algumas técnicas contra facas, etc.

Outra parte das aulas correspondia a alguns alongamentos e exercícios de movimentação com a cadeira. Movimentações de velocidade, giros rápidos, etc. Era como se fosse parte da "preparação física". Eventualmente alguns exercícios de força para os braços.

Posso dizer, com certeza que, no caso deste aluno os movimentos, Katis eram bastante apreciados por ele. Acho isso importante; o aluno gostar do que está fazendo e ver sentido principalmente em relação às aplicações.

ok?

Marcelo: você gostaria de acrescentar algo que não abordei sobre o tema?

Informante 15: num tempo em que as propagandas tendem a dizer que as pessoas podem tudo, que todos devem a todo o momento superar seus limites como índice de moralidade. Precisamos ficar atentos a esses discursos.

Acho que é isso.

Marcelo: obrigado pela entrevista!

Agora precisamos nos encontrar para colocarmos a conversa em dia.

Informante 15: Por nada professor, disponha. Bom trabalho e se precisar posso responder novamente por email.

Sim claro

Devo ir ao Rio talvez ainda este ano.

Marcelo: enviei as perguntas por email, mas só para você ver.

Informante 15: Te aviso. Ok?

Marcelo: se quiser acrescentar algo lá, é só escrever.

Informante 15: certo

Marcelo: quando for ao Rio avise e fique lá em casa. Agora tem mais espaço para receber os amigos.

Informante 15: Muito obrigado! Joia.

Marcelo: abraço.

INFORMANTE 16

Homem, 50 anos de idade, praticante de wushu há 32 anos. Leciona wushu tradicional e taichichuan. Diretor da federação de kungfu wushu do Ceará.

Marcelo: Oi!

Informante 16: Oi Marcelo!

Marcelo: E aí! Como estão as coisas?

Informante 16: Beleza! E você?

Marcelo: na correria do final do doutorado.

Informante 16: Faz parte.

Marcelo: pode me dar aquela entrevista agora? Tem tempo?

Informante 16: Tranquilo!

Marcelo: então vamos começar, ok?

Informante 16: Certo!

Marcelo: Posso gravar a entrevista?

Informante 16: Claro.

Marcelo: Responda sua Idade? Tempo de prática no kungfu? Formação acadêmica?

Informante 16: 50 anos de idade. 32 anos de prática. Nível médio

Marcelo: Qual o seu conhecimento sobre a prática do kungfu adaptado, ou para pessoas com deficiência?

Informante 16: Teoricamente nenhum, mas já tive um aluno com poliomielite, um membro comprometido. Ele treinou durante seis meses, sem nenhum direcionamento diferenciado, pois o mesmo já era adulto e insistia em fazer o mesmo treino que os outros alunos.

Informante 16: Já tive um aluno surdo, que também não exigiu nenhum cuidado especial, apenas a comunicação com ele era diferenciada.

Marcelo: você está incluindo os alunos de Taichi também?

Informante 16: Também!

Marcelo: E você tem conhecimento sobre o desenvolvimento da prática do kungfu adaptado em outros lugares no Brasil?

Informante 16: Não tenho!

Marcelo: Na sua opinião é possível a prática integrada do kungfu em turmas de pessoas sem e com deficiências?

Informante 16: Sim, dependendo dos graus de deficiências.

Marcelo: Então, o que fazer para possibilitar o acesso à prática do wushu por pessoas com deficiência?

Informante 16: Acho fundamental que Professores de wushu sejam capacitados para o trato com pessoas deficientes, para que possam desenvolver ferramentas que possibilitem a prática especial. Acredito também na necessidade de planejamento na esfera pública para inserir atividade como wushu e outras similares em um conjunto de oportunidades para o cuidado de pessoas com algum tipo de deficiência.

Marcelo: Já que a capacitação de professores e políticas públicas são essenciais para o acesso à prática, então como fazer para que a prática do wushu adaptado seja adequada às pessoas com deficiência?

Informante 16: Acho importante que se respeite os limites de cada um, nesse caso, a prática deve ser adaptada individualmente, de acordo com as limitações de cada deficiência, explorando também os pontos fortes de cada indivíduo, enfatizando cada vez mais o lado filosófico do

wushu. Creio também que seriam muito importantes estudos científicos que permitam o desenvolvimento de uma prática segura do ponto de vista fisiológico.

Marcelo: Tendo em vistas as principais categorias de deficiência (visual, motora, auditiva e intelectual) quais são as que permitem a prática em melhores condições em sua opinião?

Informante 16: Auditiva, com certeza.

Marcelo: bom Cicero, é isso. Agradeço a sua participação.

Marcelo: Você tem mais algo que gostaria de acrescentar que eu não mencionei?

Informante 16: Por nada Marcelo, espero ter sido útil. Acredito que o desporto adaptado é uma ferramenta importante para resgatar auto estima, vitalidade, alegria, para resgatar vida.

Informante 16: Abraço!

Marcelo: grande abraço!

INFORMANTE 17

Homem, 55 anos e pratica kungfu há 39 anos. É deficiente físico. Tem o ensino médio como maior formação acadêmica.

Marcelo: Oi, há quanto tempo?

Informante 17: Sim, desde Brasília em 2011.

Marcelo: Então, lembra da pesquisa sobre o wushu adaptado nos estados. Agora estou fechando o doutorado e preciso de sua ajuda para me dar uma entrevista para essa pesquisa. Pode ser?

Informante 17: Claro Marcelo. Estamos às ordens.

Marcelo: Você autoriza a realização dessa entrevista, e o uso desse material para fins acadêmicos?

Informante 17: Claro. Sem problemas.

Marcelo: Então vamos lá. Primeira pergunta. Qual o seu conhecimento sobre a prática do kungfu adaptado, ou para pessoas com deficiência?

Informante 17: Aqui em Goiás, são 3 pessoas além de mim. Tinha um Cego, Mudo, Motor e autista. Ele nasceu com um problema no cérebro, e meu instrutor tem um problema na perna.

Marcelo: Você tem conhecimento sobre o desenvolvimento da prática do kungfu adaptado no Brasil?

Informante 17: Só conheço os daqui, em outros lugares não tenho conhecimento. No meu conhecimento só esse aqui no meu estado. Só de kungfu.

Marcelo: Caso tenha conhecimento dessa prática como ela é desenvolvida?

Informante 17: Eu treinei normal, não tive nenhuma regalia. Tinha algumas coisas que tive que adaptar, mas o meu professor não fez nada. Até hoje eu tenho que adaptar, pois a perna não sobe muito. Eu tive que adaptar os treinamentos, alguns movimentos em algumas formas, que eu não conseguia fazer, eu adaptava... substituía o movimento por algum que eu poderia fazer para dar continuidade aos movimentos sem atrapalhar.

Quanto aos meus alunos eu tinha que adaptar o ensino. Mas treinava normal. Junto com todos. Treinavam como todos. Adaptava o ensino em função da minha deficiência e também em relação a deles. A adaptação também não era muito extensa. Era pequena. O cego tinha que pegar na mão e os movimentos tinha que ser feitos bem próximo dele, pois ele só enxergava vultos. Pegava na mão e fazia o movimento mais ou menos. E ele seguia.

Marcelo: Na sua opinião é possível a prática integrada do kungfu em turmas de pessoas sem e com deficiências?

Informante 17: Eu ensinava assim. Funcionou. Todo mundo junto, sem separar. O que tinha que fazer era adaptar o ensino. Tinham dois que treinavam junto. A atenção era mais com o Cego que tínhamos que ensinar de perto, para ele ver o vulto.

Marcelo: O que fazer para possibilitar o acesso à prática do wushu por pessoas com deficiência?

Informante 17: eu acho que depende de cada pessoa. Dependendo da pessoa você tem que adaptar. Tem um aluno em cadeira de rodas que só fazia movimentos com os braços. Acha que adaptando alguns movimentos o aluno consegue fazer sim.

Marcelo: Como fazer para que a prática do wushu adaptado seja adequada às pessoas com deficiência?

Informante 17: O professor tem que ter paciência, e adaptar o movimento. Ele tem que conhecer a anatomia do movimento e conhecer o aluno, e assim adaptar o movimento de forma que o aluno possa aprender. Acho que o professor que souber adaptar os movimentos e tiver um pouco de paciência para ensinar e estudar os movimentos para fazer uma boa adaptação consegue ensinar.

Tudo sempre depende do tipo de deficiência. Trocar o lado da execução do movimento da forma, mudar o local de apoio das armas. Tem que achar uma maneira da pessoa fazer o movimento.

Marcelo: Quais são as pessoas e deficiências possíveis a serem incluídas na prática do wushu adaptado?

Informante 17: Eu acho que todo mundo pode treinar. Independente da deficiência. Porque o treinamento sempre faz bem. Então, se todos treinam juntos, ele não se sente discriminado. Mas sempre depende do tipo da deficiência e da adaptação.

Na minha experiência pessoal foi o kungfu que me melhorou. Se não fosse ele eu não seria ninguém. A cada dia fica melhor um pouco. Apesar dos machucados, é só esperar melhorar para voltar a treinar. O treino do kungfu vai depender apenas da adaptação do ensino para que a pessoa se sinta melhor, deixa a pessoa num astral melhor, se ela praticar vai se sentir uma pessoa melhor.

Marcelo: É isso. É o fim da nossa entrevista. Obrigado pela sua contribuição.

Informante 17: Eu que agradeço a oportunidade. Se precisar é só falar.

Marcelo: Você quer acrescentar mais alguma coisa que eu não tenha abordado?

Informante 17: Não, acho que falamos tudo.

Marcelo: Então, mais uma vez obrigado.

Informante 17: Por nada.

INFORMANTE 18

Homem, 70 anos de idade deficiente visual total. Aposentado, membro da associação de cegos de Florianópolis, praticante de Taichichuan há 5 anos.

INFORMANTE 19

Mulher, 55 anos de idade, deficiente visual com baixa visão. Aposentada, membro da associação de cegos de Florianópolis, praticante de Taichichuan há 5 anos.

INFORMANTE 20

Homem, 52 anos de idade, deficiente visual com baixa visão. Aposentado, membro da associação de cegos de Florianópolis, praticante de Taichichuan há 4 anos.

INFORMANTE 21

Homem, 78 anos de idade, deficiente visual total. Aposentado, membro da associação de cegos de Florianópolis, praticante de Taichichuan há 4 anos.

Marcelo: Então, posso fazer umas perguntas para vocês? E posso gravar essas perguntas para utilizar no meu estudo?

Informante 18: Sim.

Informante 19: Claro que pode.

Informante 20: Pode!

Informante 21: Sim.

Marcelo: Então vamos lá! Vocês podem falar um pouco do trabalho realizado aqui?

Informante 18: nós gostamos muito do trabalho da professora, ela é muito dedicada, então nós sempre comparecemos nas aulas.

Informante 19: Até desmarcamos compromissos para estar presente. Eu tinha um compromisso na quinta, mas desmarquei para vir à aula.

Informante 20: Eu tinha futebol, mas preferi vir aqui na aula. A professora é tão dedicada que não custa vir na aula.

Informante 21: “balança a cabeça concordando com o que é falado”.

Informante 20: Nós sofremos um problema lá na associação, que é que as pessoas falam que a professora deveria fazer uma aula mais puxada, mas eu acho que se ela fizesse isso nós não conseguiríamos. Acho que do jeito que ela faz, respeita a nossa condição, então fica bom para ela e para nós.

Marcelo: O que fez vocês tentarem o taichichuan a primeira vez e permanecerem nesse trabalho?

Informante 18: Posso começar?

Marcelo: Claro!

Informante 18: Quem me convidou foram uns amigos e colegas, então eu fui para experimentar. E estou até hoje, e não penso em parar. Já estou há quatro anos, e não vou parar. Porque os benefícios são muitos na minha vida. É isso que eu queria falar.

Informante 19: Eu fui através de outras pessoas que já faziam, eu durante três anos, passei um ano afastada, agora estou voltando, aos pouquinhos, mas estou voltando.

Informante 20: Através de um amigo e da própria professora que foi na associação e falou sobre o trabalho, e o que era, daí eu me interessei e fui para experimentar. Então eu gostei e estou até

hoje. Daí eu vejo que eu sou muito ansioso e nervoso, então eu vou lá, daí eu fico menos estressado, fico mais calmo. É muito importante para nós esse trabalho, agente precisa disso, apesar de ser um pouco leve, porque agente tem dificuldades, necessidades especiais, está sendo muito interessante o trabalho da professora.

Informante 21: E vou sempre que posso, eu estou me sentindo bem, e a professora é bem legal.

Marcelo: E qual foi a dificuldade que vocês tiveram para começar a aprender?

Informante 18: Agente não tinha prática, é... No início é dureza. Porque agente saía dali e em um momento esquecia. Às vezes ficava meditando aquele movimento, aí esquecia. Mas na continuação agente ficou maravilhosamente bem. E com uma professora dessa quem não aprender, não aprende com ninguém. Risos.

Marcelo: Senti aí uma puxada. Risos.

Informante 18: Não, não é isso, ela tem paciência.

Informante 20: Completando o que ele estava falando, na continuidade das aulas, agente vai gostando cada vez mais, é claro que no começo, como toda coisa nova, agente pensa o que será? Como é que vai ser? Mas eu sou assim, eu vou lá primeiro experimentar e ver como é depois eu digo. Mas é uma coisa interessante e importante, está fazendo bem para minha saúde, desentorta, desestressa, é uma coisa muito boa para mim.

Informante 19: Uma das dificuldades é chegar ao local de treino, pois os obstáculos são muitos, orelhão no local errado, carro estacionado na calçada, camelô na calçada, daí não temos espaços para andar. A sinalização do chão fica coberta. Outro dia eu cai no chão por causa de uma cavalete.

Informante 20: Eu sai empurrando tudo com a bengala, mas é difícil.

Informante 18: Outro dia cheguei na aula com um galo na cabeça, bati em um orelhão que estava em local errado e não sinalizado. Então é muito estressante chegar na aula.

Informante 20: E isso é fruto da falta da educação das pessoas, mas acho que isso está mudando um pouco nas pessoas.

Marcelo: O que vocês sentiram, o que vocês ganharam, o que mudou a vida de vocês ou se não modificou nada com a prática do taichichuan?

Informante 19: Modificou para mim no esporte. No esporte porque eu estava bem travada, e agora eu estou mais leve, mais suave. Porque agente respira melhor, fica mais suave. Na academia você vai e se exercita e segue em frente. No taichichuan você fica mais leve. Quando vou dormir, acabo de deitar, aí começo a respirar, então eu fico bem, mais calma. Eu tinha muita ansiedade, muita tosse nervosa, ficava pensando no dia-a-dia, no amanhã, e não fazia nada para desestressar, teve uma época que foi o fundo do poço. Aí agora me sinto mais leve, mais disposta, na hora de levantar de manhã fica mais fácil. Fiquei mais calma. Fiquei mais ágil para andar na rua. Hoje caio menos.

Informante 18: Na minha vida melhorou bastante, porque eu sou muito disciplinado. Eu fico muito parado, eu faço artesanato o dia inteiro, fico sentado o dia todo praticamente. E quando chego em casa vou fazer os exercícios, onde tiver eu faço os exercícios. Antes de dormir eu também faço. E quando é de madrugada que eu perco o sono, levanto e vou para o banheiro, para não incomodar a esposa, e faço os exercícios de respiração, então eu volto para dormir. Então a minha vida melhorou mais por isso aí, antes só ficava pensando bobagem, agora não! Hoje eu estou mais calmo.

Informante 20: Hoje melhorou muito, até o andar com a bengala melhorou. Consigo andar melhor. Faz uns 15 anos que eu estou com esse problema, a minha doença é degenerativa, e eu tinha no meu psicológico que não precisava da bengala. Mas fazem uns 8 ou 9 meses que comecei a usar a bengala, porque no fim do ano eu peguei um orelhão que quase quebrei o nariz.

Eu já estava meio assim, mas isso colaborou mais um pouco para eu começar a usar a bengala. Com as aulas da professora eu me acalmei, porque eu caía muito porque eu era muito afoito, muito estressado. Agora não, fiquei mais calmo. Se eu perder mais 30 minutos ou perder esse ônibus, não tem problema, eu pego o outro, me acalmei. Para dormir está sendo bom, está melhor. Não melhorou 100%, mas já está bem melhor.

Informante 21: Depois que eu comecei a fazer as aulas com a professora aí, ficou 100%, uma pessoa na minha idade não pode deixar de ir, eu melhorei muito, chego em casa durmo bem, fico bem. Só tenho o problema de tomar remédio para pressão. Mas eu me sinto muito bem, melhorei muito. Eu senti que melhorei muito.

Marcelo: Bom, eu agradeço muito a participação de vocês. Eu vou voltar para casa muito mais contente. Obrigado de verdade.

Informante 18: Olha nós é que agradecemos.

Informante 19: Obrigado.

Informante 20: uma salva de palmas (palmas).

INFORMANTE 22

Atleta de wushu tradicional do Rio de Janeiro e atleta da seleção estadual. É praticante de wushu há 7 anos. Tem a idade de 47 anos e possui amputação do braço direito.

Marcelo: Oi, como vai?

Informante 22: Oi Marcelo.

Marcelo: como foi o campeonato estadual, você foi bem?

Informante 22: minha equipe ficou em 2o lugar na geral, eu não pude ir.

Marcelo: opa! Muito bom. Que pena que não foi. mas vai ao brasileiro.

Informante 22: não. Muito caro. E eu não poderei participar.

Marcelo: que pena. O Ceará dificulta um pouco.

Informante 22: sim, é verdade. meu microfone do fone de ouvido n está bom. Terei de comprar outro. Poderemos marcar para amanhã. Ok?

Marcelo: se você tiver tempo poderemos fazer escrevendo mesmo, assim dá tempo de você pensar nas respostas e eu fico já com o material transcrito. O que acha?

Informante 22: ok, mas me dê 5 minutos. já volto ok?

Marcelo: ok.

Informante 22: Tô de volta.

Marcelo: ok. Você sabe que nesse tipo de pesquisa você é voluntário, participa se quiser e que sua identidade é preservada e não revelada se você não quiser.

Marcelo: Se você não quiser ser identificado é só dizer.

Informante 22: sem problema.

Marcelo: então você autoriza o uso das informações prestadas por você aqui nessa entrevista?

Informante 22: sim

Marcelo: o uso será acadêmico para fins de pesquisa. então vamos começa. você pratica wushu há quantos anos?

Informante 22: 7 anos

Marcelo: qual a sua idade?

Informante 22: faço 47 em setembro.

Marcelo: Por que começou a treinar wushu?

Informante 22: precisava de uma atividade física e sempre tive vontade de fazer kungfu.

Marcelo: pode me falar um pouco sobre a sua deficiência?

Informante 22: Em 1982, tive de amputar o braço direito com desarticulação de homoplata, devido a um osseossarcoma na junção do úmero com a omoplata.

Marcelo: entendi. E antes de praticar wushu tentou fazer outras atividades físicas?

Informante 22: fiz um pouco de academia (musculação e aeróbica), de 92 a 94, mas parei e voltei em 2003.

Marcelo: como foi o seu início na prática do wushu? Sentiu dificuldades, houve preconceito, como foi?

Informante 22: As dificuldades que eu senti foram as de qualquer aluno. E não senti preconceito, seja por parte dos professores ou dos alunos.

Marcelo: qual foi o estilo de wushu que iniciou? É o mesmo que treina hoje?

Informante 22: Garra de águia.

Marcelo: e nas aulas, houve por parte dos professores uma adaptação no método de ensino, nos conteúdos, ou qualquer tipo de adaptação para você?

Informante 22: Nos conteúdos dos Katis e aplicações, sim. e acho que no método de ensino

também.

Marcelo: você treinou a parte de aplicação e luta também?

Informante 22: Sim, aplicação e lutas tb. Tenho a 1a graduação de Sanda e Shuai Jiao.

Marcelo: muito bom. Levando em conta o seu tempo de prática e suas credenciais, você pode me falar um pouco dessas adaptações?

Informante 22: Elas são elaboradas pelo Prof. Rafael Mocarzel. Ele faz um trecho do Kati e depois faz alterações. Tem katis de arma que você segura a arma com a direita e eu sou canhoto.

Informante 22: isto implica às vezes em alterar uma passada. Mas isto sem é feito objetivando manter a marcialidade e a eficiência dos movimentos.

Marcelo: perfeito. O seu professor é o Rafael até hoje?

Informante 22: Sim.

Marcelo: Você acha que a formação acadêmica dele possibilitou esse trabalho diferenciado com você?

Informante 22: Sim.

Marcelo: então como você vê a percepção dos professores e mestres de wushu do Brasil a cerca da prática do wushu por pessoas com alguma deficiência?

Informante 22: nestes anos tive contato com alguns professores e mestres e todos sempre foram bastante receptivos, alguns até me procuram e parabenizam, quando em campeonatos.

Marcelo: então você acha que os professores são receptivos a um Wushu Adaptado?

Informante 22: Sim.

Marcelo: por que então vemos tão poucos casos como o seu?

Informante 22: não sei. Talvez porque as pessoas tendem a pensar que arte marcial é essencialmente violenta, quando não é.

Marcelo: entendo. Você conhece outros casos parecidos com o seu, ou com alguma deficiência diferente que praticam o wushu?

Informante 22: Só aqueles que eu te relatei.

Marcelo: entendi. Na sua opinião é possível a prática integrada do kungfu em turmas de pessoas sem e com deficiências?

Informante 22: Sim.

Marcelo: Visto que temos ainda poucos praticantes, o que fazer para possibilitar o acesso à prática do wushu por mais pessoas com deficiência?

Informante 22: Mais divulgação de que a prática do Wushu é segura e viável.

Marcelo: Em sua opinião quais são as pessoas e deficiências possíveis a serem incluídas na prática de um wushu adaptado?

Informante 22: Acho que todas. O que é impossível para um, pode se tornar possível para outro.

Marcelo: e você acha que todos os professores de wushu tem condições de ensinar para pessoas com deficiência?

Informante 22: Acredito que sim. O Wushu, desde o seu surgimento busca a adaptação e a eficiência. Grande parte dos estilos vem da observância dos movimentos dos animais e adapta estes movimentos para os humanos. Por que não adapta-lo para deficientes.

Marcelo: perfeito. Bom, é isso. Agradeço muito a sua participação. Seu relato enriquece a pesquisa em muito. Se for possível conversar com seu professor seria muito bom também. Mas de qualquer forma foi melhor que as minhas expectativas. Muito obrigado.

Informante 22: Ok. Estou a sua disposição. Pode identificar-me. Qualquer coisa me ligue. Boa sorte!

Marcelo: se tiver alguma foto de você praticando ou competindo que pudesse me ceder eu agradeço também.

Marcelo: e fico te devendo uma cópia do trabalho quando for finalizado. a defesa está prevista para março de 2013.

Informante 22: Ok.

Marcelo: abraço grande e mais uma vez muito obrigado.

APÊNDICE VI

Quadro consolidado das sugestões para a prática do wushu para pessoas com deficiência.

Deficiência e classificações		Modalidade indicada					
		Taolu Mãos	Taolu Armas	Sanda	Tuishou	Shuaijiao	Qigong
Grau de deficiência visual	B1	☺	☺	☹	☺	☹	☺
	B2	☺	☺	☹	☺	☹	☺
	B3	☺	☺	☹	☺	☹	☺
Tipo da amputação	Membros inferiores	A1	☺	☺	☹	☹	☹
		A2	☺	☺	☹	☹	☹
	Membros superiores	A3	☹	☹	☹	☹	☹
		A4	☹	☹	☹	☹	☹
	A5		☹	☹	☹	☹	☹
Grau da lesão medular	Classe I	☹	☹	☹	☹	☹	☹
	Classe II	☹	☹	☹	☹	☹	☹
	Classe III	☹	☹	☹	☹	☹	☹
	Classe IV	☹	☹	☹	☹	☹	☹
Classificação para paralisia cerebral	PC1	☹	☹	☹	☹	☹	☹
	PC2	☹	☹	☹	☹	☹	☹
	PC3	☹	☹	☹	☹	☹	☹
	PC4	☹	☹	☹	☹	☹	☹
	PC5	☹	☹	☹	☹	☹	☹
	PC6	☹	☹	☹	☹	☹	☹
	PC7	☹	☹	☹	☹	☹	☹
	PC8	☹	☹	☹	☹	☹	☹
Grau de perda auditiva	Leve (15 a 30 dB)	☺	☺	☹	☺	☹	☺
	Moderada (31 a 60 dB)	☺	☺	☹	☺	☹	☺
	Severa (61 a 90 dB)	☺	☺	☹	☺	☹	☺
	Profunda (> 90 dB)	☺	☺	☹	☺	☹	☺
Grau da deficiência intelectual	Limítrofe	☺	☺	☹	☹	☹	☺
	Leve	☹	☹	☹	☹	☹	☹
	Moderado	☹	☹	☹	☹	☹	☹
	Severo	☹	☹	☹	☹	☹	☹
	Profundo	☹	☹	☹	☹	☹	☹

ANEXOS

ANEXO I



Filiada à Internacional Wushu Federation
 Filiada à Panamerican Wushu Federation
 Vinculada ao Comitê Olímpico Brasileiro

Fundada em 1992 - C.N.P.J. 01.010.189/0001-66

AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA COM MEMBROS DA
 CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE KUNGFU WUSHU

巴
西
武
术
总
会

Autorizamos por meio deste documento que o Sr. Marcelo Moreira Antunes, portador da cédula de identidade número 05813365-3 expedida pelo DETRAN-RJ, residente na Avenida General Olyntho Pillar, 355, ap.503 – Barra da Tijuca – Rio de Janeiro, realize entrevistas com os Professores e Mestres de kungfu vinculados à Confederação Brasileira de Kungfu Wushu (CBKW), durante os treinos oficiais da seleção e também durante os campeonatos organizados por esta entidade, no sentido de realizar o estudo intitulado A TRANSFORMAÇÃO DAS ANTIGAS TRADIÇÕES DO WUSHU NO BRASIL E O PROCESSO DE INCLUSÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, com a finalidade de realização do curso de pós-graduação em nível de doutorado pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, pelo Parecer número 753/2010, CAAE: 0587.0.146.000-10.

Nereu Graballos

Presidente da Confederação Brasileira de Kungfu Wushu

ANEXO II



FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

www.fcm.unicamp.br/pesquisa/etica/index.html

CEP, 24/09/10
(Grupo III)

PARECER CEP: Nº 753/2010 (Este nº deve ser citado nas correspondências referente a este projeto).
CAAE: 0587.0.146.000-10

I - IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: “A TRANSFORMAÇÃO DAS ANTIGAS TRADIÇÕES DO WUSHU NO BRASIL E O PROCESSO DE INCLUSÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Marcelo Moreira Antunes

INSTITUIÇÃO: Faculdade de Educação Física/UNICAMP

APRESENTAÇÃO AO CEP: 06/08/2010

APRESENTAR RELATÓRIO EM: 24/09/11 (O formulário encontra-se no *site* acima).

II - OBJETIVOS

Descrever a pessoa com deficiência era percebida nas antigas tradições das artes marciais chinesas; descrever as concepções dos mestres e professores de artes marciais chineses acerca da modalidade adaptada; descrever as concepções dos mestres e professores de artes marciais no Brasil acerca da modalidade adaptada; identificar onde as práticas inclusas ocorrem no wushu do Brasil; descrever de que forma essas práticas inclusivas identificadas ocorrem nas aulas de artes marciais chinesas no Brasil. Apresentar proposta de como essas práticas devem ser desenvolvidas de modo a atender os princípios da inclusão da pessoa com deficiência na prática do wushu no Brasil.

III - SUMÁRIO

O estudo se dividirá em duas etapas distintas, sendo que a primeira se caracterizará pelo foco histórico e explorador, onde o autor irá entrevistar os principais atores do wushu no Brasil e alguns informantes de elite na China, assim irá confrontar os documentos existentes com as informações coletadas. Os entrevistados serão 4 mestres chineses que residem no Brasil e alunos mais representativos de dois mestres já falecidos. Também nesta primeira etapa entrevistas semi-estruturadas serão aplicadas aos informantes que participam do ensino do wushu no Brasil. Para a segunda etapa serão analisados os dados referentes às práticas utilizadas para o ensino do wushu para pessoas com deficiência que foram identificados na primeira etapa. Essa segunda análise terá por objetivo identificar as possíveis inconsistências metodológicas no ensino e nos procedimentos para a prática do wushu para pessoas com deficiências, também serão destacadas as práticas inovadoras para o ensino deste público específico. A partir daí será desenvolvido protocolos e métodos de intervenção para o ensino do wushu à pessoas com deficiência.

IV - COMENTÁRIOS DOS RELATORES

Após respostas às pendências, o projeto encontra-se adequadamente redigido e de acordo com a Resolução CNS/MS 196/96 e suas complementares, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAMP
Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126
Caixa Postal 6111
13083-887 Campinas - SP

FONE (019) 3521-8936
FAX (019) 3521-7187
cep@fcm.unicamp.br



**FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

www.fcm.unicamp.br/pesquisa/etica/index.html

V - PARECER DO CEP

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, após acatar os pareceres dos membros-relatores previamente designados para o presente caso e atendendo todos os dispositivos das Resoluções 196/96 e complementares, resolve aprovar sem restrições o Protocolo de Pesquisa, bem como ter aprovado o Termo do Consentimento Livre e Esclarecido, assim como todos os anexos incluídos na Pesquisa supracitada.

O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.

VI - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).

Pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.1.z), exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade do regime oferecido a um dos grupos de pesquisa (Item V.3.).

O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4.). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, Item III.2.e)

Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos na Resolução CNS-MS 196/96.

VII - DATA DA REUNIÃO

Homologado na VIII Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 24 de agosto de 2010.


Prof. Dr. Carlos Eduardo Steiner
PRESIDENTE do COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
FCM / UNICAMP

Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAMP
Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126
Caixa Postal 6111
13083-887 Campinas – SP

FONE (019) 3521-8936
FAX (019) 3521-7187
cep@fcm.unicamp.br